IMPÉRIO DO *pecado*



Autora best-seller

RINA KENT

IMPÉRIO DO *pecado*

RINA KENT

TRADUÇÃO
ANA CAROLINA CONSOLINI

1ª EDIÇÃO – 2024
RIO DE JANEIRO

ALLBOOK EDITORA

Todos os direitos reservados
Copyright © 2024 by AllBook Editora.

Direção Editorial: Beatriz Soares
Tradução: Ana Carolina Consolini
Preparação: Ana Paula Dias
Revisão: Diana Macedo
Capa: Rebecca Barbosa
Diagramação e produção digital: Saavedra Edições

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Os direitos morais do autor foram declarados.

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

CIP - BRASIL. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores da Livros, RJ
Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

K44i

Kent, Rina

Império do pecado [recurso eletrônico]/ Rina Kent ; tradução Ana Carolina Consolini. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Allbook, 2024

Recurso digital (Império ; 2)

Tradução de: Empire of sin

Sequência de: Império do desejo

Continua em: Império do ódio

Modo de acesso: word wide web

ISBN: 978-65-85953-21-4 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. I. Consolini, Ana Carolina. II. Título. III. Série.

24-93030

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À ALLBOOK EDITORA
contato@allbookeditora.com
HTTPS://ALLBOOKEDITORA.COM

Para meu bloqueio de escritor:
Foda-se.
Eu ganhei. Você perdeu.
Olá, querido amigo leitor!
Esse livro não é tão pesado quanto os meus outros livros, mas é cheio de angústia e embates épicos.

Império do Pecado é volume único.



SUMÁRIO

CAPA
FOLHA DE ROSTO
CRÉDITOS
PLAYLIST
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17

18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
EPÍLOGO

ALLBOOK EDITORA

PLAYLIST

“Anastasia” – Slash & Myles Kennedy & The Conspirators.
“Nothing Else Matters” – Metallica.
“Smells Like Teen Spirit” – Nirvana.
“Lonely Nights” – Scorpions.
“She’s Gone”– Steelheart.
“The Unforgiven” – Metallica.
“Turn The Page” – Metallica.
‘This I Love” – Guns N’ Roses.
“Hey You” – Pink Floyd.



1



Anastasia

Esta noite vou foder alguém. Não importa quem seja. Nem onde.

Só preciso riscá-lo da minha lista de desejos antes de desaparecer.

Boas garotas como eu, não pensam em foder ou fazer isso com um estranho. Somos ensinadas a sempre manter as pernas fechadas, o coração selado e o cérebro adormecido.

Ah, e não podemos xingar. Também não conseguimos viver.

Somos apenas um bem valioso para ser usado quando surgir a oportunidade.

Boas garotas como eu, definitivamente, não usam vestidos vermelhos provocantes que mostram mais decote do que escondem. Não temos permissão nem para comprar essas coisas.

Mas eu fiz. Secretamente. Quando ninguém estava olhando.

Estou usando agora, o vestido vermelho que vai até o meio da coxa e deixa metade das minhas costas expostas. Improvisei e usei uma corrente delicada para unir as alças na parte de trás e prender nela minha borboleta da sorte — a única coisa que minha mãe me deixou antes de também desaparecer para um lugar diferente daquele para onde irei. A cada movimento, sinto a frieza reconfortante do pingente contra minhas costas nuas. Pessoas normais odeiam o frio, mas nele encontro consolo. Provavelmente tem a ver com meus genes russos. Embora eu tenha nascido nos Estados Unidos e vivido aqui toda a minha vida, minhas origens nunca mudarão.

Não tive permissão nem para adotar o estilo de vida americano normal. Escola? Educada em casa. Diversão? Risco de segurança. Amigos? O que são?

Clubes e bares? Sim, eles não são uma opção.

Então o fato de eu estar num bar é um milagre que deveria ficar gravado na história. Chama-se Black Moon e está situado no final de uma rua secundária em Nova Jersey.

Foi preciso muito esforço para sair de casa e vir para cá, por isso minha viagem tem que trazer resultados.

A verdade é que não sou absolutamente uma especialista nessas coisas, mas fiz minha pesquisa e invadi o sistema deles para ter uma ideia das medidas de segurança e das pessoas que vêm aqui.

A julgar pelos problemas que encontrei com os firewalls, eu diria que eles são bons o suficiente.

O lugar tem um ambiente elegante e confortável que me atrai desde o momento em que entro. A decoração é preta e marrom escuro e as luzes são fracas, dando aos clientes privacidade e uma sensação de anonimato.

Perfeito para mim.

Ainda assim, sinto olhos em mim. Muitos deles. Eles estão cavando meu crânio e tentando descobrir minha verdadeira identidade — aquela que não deveria, sob nenhuma circunstância, ser revelada.

Minha mão fica úmida e eu a levanto, apoiando-a no peito para acalmar tanto o tremor quanto o batimento cardíaco.

Está tudo na sua cabeça, Ana. Não é real.

Respirando fundo, caminho pelas mesas e tento não perder a confiança que venho construindo há dias e planejada há semanas.

Eu sou uma planejadora assim. Nada acontece sem um plano.

Nem mesmo os detalhes de qual bar irei.

Como o Black Moon é um bar sofisticado, cheguei um pouco mais cedo para poder entrar rapidamente.

Subo em uma das cadeiras e sento no bar, à vista direta do barman, cujo crachá diz Simon. O cabelo encaracolado cai sobre sua testa e ele está vestindo uma camisa branca com as mangas arregaçadas para expor os antebraços. Quando ele me lança um sorriso encantador, achei a minha escolha para a noite.

Uma pequena onda de alívio me inunda. Não preciso reunir mais coragem e procurar outra pessoa.

— O que posso oferecer para você, senhorita?

— Vodka martíni. Um duplo, por favor. — Tento parecer sedutora, mas não tenho ideia se funciona. Eu realmente sou péssima nisso.

Mas não é como se eu tivesse tido muitas oportunidades antes. Esta é a minha primeira vez em um bar. Na verdade, é a primeira vez que saio de casa sozinha.

Esta noite é a primeira para tudo.

— Agora mesmo. — Ele fica ocupado e fala comigo por cima do ombro. — Você gosta da sua vodka, presumo?

— Um pouco.

Ok, isso foi uma mentira branca. Nunca pensei que me enquadraria no estereótipo de que todos os russos adoram vodka, mas quando celebramos o meu aniversário de dezoito anos, há dois anos, disseram-me que precisa beber e, desde então, recuso-me a consumir qualquer outro tipo de álcool.

Um sorriso malicioso surge nos lábios de Simon, como se ele estivesse se divertindo com o quanto eu gosto de vodka.

— Você é nova por aqui?

Merda. Merda. Ele me descobriu, não foi? Todo mundo faz. Não importa se escolhi um lugar fora do estado ou se falsifiquei minha carteira de motorista e minha idade.

Basta olhar para mim e as pessoas sabem quem eu sou e de onde vim. Nenhuma quantidade de maquiagem e vestidos vermelhos mudará o que eu sou.

Quem eu sou.

Talvez eu devesse abortar isso antes que fique muito complicado.

Talvez eu possa voltar mais cedo do que o planejado e...

Balanço minha cabeça internamente. Trabalhei tanto por essa liberdade.

Não vou desistir de tudo agora.

Então eu uso o melhor sorriso que posso oferecer enquanto olho para o barman por um breve segundo antes de cortar o contato visual.

— Por que pergunta?

— Eu simplesmente não vi você por aí, só isso.

Meus músculos relaxam quando uma respiração instável sai de mim.

Viu? Não é nada. Estou seguro aqui. Afinal, certifiquei-me de que ninguém do meu círculo viesse a este lugar.

Ele coloca o martíni na minha frente.

— Deixe-me saber se precisar de mais alguma coisa.

— Obrigada, Simon.

Ele sorri e eu sei que ele está prestes a iniciar uma conversa. Posso ver isso na tranquilidade em seus olhos e na forma como seu corpo está inclinado em minha direção.

Aprender a linguagem corporal é um dado adquirido no mundo em que vivi toda a minha vida. Posso ser insignificante no grande esquema das coisas, mas reconheço essas coisas.

Simon abre a boca para falar, mas é interrompido quando um intruso desliza para o banco ao meu lado, embora o resto das cadeiras esteja vazia.

Oh, por favor.

Levei muito planejamento para chegar a um estágio em que meu cérebro estivesse disposto a levar as coisas para o próximo nível. Não me dou bem com as pessoas por perto.

Eles têm olhos. E a maioria deles é criteriosa e crítica e está sempre disposta a me pegar.

Ok, talvez não sejam, mas não consigo racionalizar isso.

Porque sinto seus olhos novamente. Um par ou talvez dois.

E eles estão me observando. De perto. Intensamente. Como se pudessem rasgar minha fachada e espiar na concha que me cercou.

— Macallan, com gelo.

Meus dedos apertam o martíni, então esvazio metade dele de uma só vez. Aquela voz profunda e baixa com um tom calmo é a razão pela qual sinto os olhos atentos. Posso sentir no fundo do meu coração que nunca me levou a cometer erros.

É um dos guarda-costas que esqueci no meu plano? Não, isso não é possível. Eles acham que estou doente e dormindo no meu quarto, então ninguém vai me incomodar até de manhã.

Usando meu cabelo como cortina, inclino a cabeça para o lado para ver melhor. Tento não ser óbvia sobre isso, tento fingir que minhas pernas não estão tremendo e meu modo de fuga não está me obrigando a mover minha bunda e sair correndo daqui.

O homem sentado ao meu lado tem uma presença tão profunda quanto a sua

voz. Há uma qualidade enervante nele, mesmo que ele esteja apenas sentado ali.

Sua aparência física tem algo a ver com isso. Ele é bonito, surpreendentemente. Injustamente. Provavelmente o homem mais lindo que já vi — e isso inclui atores e supermodelos. Ele tem o tipo de perfeição física que faz você parar e olhar. Como se isso não bastasse, ele é alto, suas pernas parecem longas mesmo quando sentado e seus ombros são tão largos que a jaqueta de seu Armani se adapta aos seus músculos desenvolvidos.

Músculos que poderiam facilmente me dominar se ele quisesse. Eu não deveria estar pensando nessa opção. Inferno, eu deveria estar apreensiva com isso, considerando todos os homens da minha vida, mas não posso ignorar que esse homem em particular poderia e iria me dominar em um piscar de olhos.

Uma súbita onda de calor cobre minhas coxas e tenho que juntá-las para afastar a sensação. Preciso me concentrar em outra coisa, qualquer coisa que não seja o fogo líquido que não deveria estar sentindo.

Mas fui atingida por algo pior. O rosto dele.

É uma força que atinge você do nada. Há uma dureza nisso, um zumbido de eletricidade que está prestes a eletrocutar quem estiver por perto.

Um vulcão que está prestes a entrar em erupção.

Nunca achei a beleza masculina perigosa, e isso quer dizer algo, considerando quem eu sou e quem encontro diariamente.

Mas a dele é diferente. Não deveria ser perigoso, eu percebo. Sua beleza não existe para ensinar uma lição ou bater na cabeça de alguém. Ele está vestindo um terno de grife e bebendo Macallan, pelo amor de Deus, o que significa que ele é uma espécie de homem de negócios. Seu grosso relógio suíço preso no pulso deve ter custado uma pequena fortuna. É luxuoso.

Ele é luxuoso. E não de uma forma perigosa como todos os homens na minha vida.

Em vez disso, é de uma forma poderosa e organizada. Como seu uísque. Então, por que existe perigo emanando dele?

Seu cabelo é claro, mas não tão claro quanto o meu loiro platinado que é quase branco. O dele é um tanto castanho, um tanto arenoso e tem um estilo que mostra sua testa e maçãs do rosto matadoras. Ele tem um nariz reto e uma mandíbula quadrada que lhe confere um tipo de masculinidade acentuada.

Então eu encontro.

A razão pela qual o associei às pessoas da minha vida. São os olhos dele.

São esverdeados com um anel dourado, ou talvez sejam castanhos e a falta de luz está me fazendo ver o contrário. De qualquer forma, esses olhos são intensos demais para alguém que deveria ser nada mais que um empresário.

Há um fogo neles.

Um elemento calmante que parece adormecido, mas pode entrar em combustão a qualquer momento. Uma corrente que está se formando em segundo plano. Um predador que observa do lado de fora, esperando o momento certo para atacar.

E eles estão olhando de volta para mim.

Merda.

Eu rapidamente arrasto meu olhar de volta para o meu martíni e termino. Quando vejo Simon por perto, deixo escapar:

— Vodka, com gelo. Faça um duplo. Na verdade, um triplo.

A última parte é sussurrada, como se eu tivesse vergonha de beber. E talvez tenha um pouco. Comecei a noite com sofisticação e martínis, mas agora só quero minha vodka, porque algo estranho aconteceu comigo agora há pouco.

Fiz contato visual prolongado com um estranho. Um estranho. Que merda foi essa?

Talvez eu precise correr agora.

Talvez eu precise desaparecer sem executar essa parte estúpida do meu plano.

O que eu estava pensando, afinal? Eu, um caso de uma noite? Devo ter superestimado minhas habilidades.

Simon me dá um pequeno sorriso antes de ir buscar a bebida para mim. Quando ele me entrega, termino metade e olho atentamente para a outra metade.

Principalmente para me impedir de espiar o estranho ao meu lado, que está tomando um gole de sua própria bebida. Seus movimentos são suaves, muito suaves, como um leão descansando em seu trono enquanto observa os camponeses.

— Você pode assistir. Eu não me importo.

Britânico. O sotaque falado perto do meu ouvido é pecaminosamente britânico, e agora estou prestes a engasgar com a saliva porque ninguém nunca esteve tão perto de mim além da minha família.

Ninguém.

Mas em vez de fugir, eu congelo. Ou melhor, estou congelada pelo ataque repentino. Logicamente, percebo que isso não é de fato um ataque e que estou exagerando, mas meu cérebro não reconhece isso. Está preso em um estado estático e tudo que posso fazer é levantar lentamente a cabeça.

Não estou preparada para o quão impossivelmente próximo ele está, como aqueles olhos estão brilhando, mais por dentro do que por fora. E por que ele está tão perto, de novo? Ou talvez eu esteja imaginando porque meu coração está batendo na garganta.

— Com licença?

— Eu disse que você pode assistir, linda. Sou melhor de olhar do que para sua bebida.

Arrogante. Ok. Um ponto para deduzir da pontuação perfeita. Embora ele realmente não devesse ter me chamado de linda com esse sotaque ilegal dele. Poderia ter acrescentado alguns pontos que nem eu aprovo.

— Acontece que adoro minha vodka, mas obrigada pela oferta. — Pareço confiante e em meu elemento, quando estou, na verdade, abalada até os ossos pela presença dele.

Sua presença irritantemente atraente.

A parte inferior da minha barriga se contrai em intervalos curtos e aposto que não é pelo álcool.

— Isso significa que tenho que competir com a sua bebida? — Há uma qualidade única na maneira como ele fala, um pouco divertido, um pouco sedutor e tão assertivo que o odeio um pouco por isso.

Por que algumas pessoas jogam tão bem o jogo social enquanto outras, como eu, mal conseguem pronunciar as palavras?

— Por que você?

— O que você acha? Pela sua atenção. — Sua voz cai no final e meu estômago também. A sensação é tão nova que não consigo entender.

Meu pescoço e bochechas esquentam e o pingente de borboleta parece lava na minha pele.

— Você quer minha atenção?

— Entre outras coisas.

— Como?

Ele toma um gole de uísque, mas seus olhos intensos não deixam os meus muito depois de seu pomo de adão balançar ao engolir. Não consigo evitar engolir a saliva acumulada em minha boca e depois tomar um gole. Ou o álcool está me acalmando, ou há algo errado comigo, já que não consigo parar de olhar para ele.

Pela maneira como ele parece confiante em sua própria pele, ao contrário de mim, ou pela maneira como ele realiza cada ação com um controle fervilhante que sinto, mas não consigo ver.

Após terminar, o estranho britânico coloca o cotovelo na barra, o que lhe permite aproximar-se. Tão perto que sinto o cheiro de sua colônia. Uma mistura de limão, roupa limpa e almíscar masculino. Não é forte, mas é tão calmante quanto a sua presença, prendendo-me nos confinamentos das suas paredes.

O espaço entre nós se torna inexistente quando ele se vira para o lado e sua respiração roça minha orelha. É preciso tudo de mim para não entrar em modo de fuga, considerando o quanto sou especialista nisso.

Mas não esta noite. Esta noite é diferente.

— Como fazer você se contorcer. — O sussurro de suas palavras me faz estremecer. É um ataque de corpo inteiro que não consigo suprimir, apesar das minhas tentativas.

Não sei de onde encontro coragem para perguntar:

— Só isso?

— Oh, eu posso fazer muito mais. — Ele lambe a concha da minha orelha e mordo minha língua para suprimir um gemido.

Puta merda. É como se eu estivesse tomando um afrodisíaco. Um toque e eu derreto. Um toque e estou mexendo e apertando as coxas em busca de algo. O que, eu não tenho ideia.

Por ter estado escondida durante toda a minha vida, tudo parece elevado e irreal. Como se eu tivesse deixado meu próprio corpo e existido em uma realidade diferente.

Exatamente como planejei que esta noite fosse.

— Quantos anos você tem? — Sua pergunta é sensual, grave e me faz estremecer novamente.

— Vinte e três —, minto, porque ele parece ter trinta e poucos anos e não quero parecer muito jovem.

— Hum... — Há uma vibração em sua voz quando sua língua desce até o fundo da minha garganta. E, caramba, é como se ele tivesse lambido minha boceta, porque ela está molhada agora. Minha boceta, não meu pescoço.

Ok, talvez meu pescoço também, mas é meu núcleo que está pulsando por mais.

Como se soubesse exatamente o que isso faz comigo, ele passa a língua no mesmo lugar e morde.

Ah, porra.

Fecho as pernas, com medo de que ele perceba o quanto estou desesperada por isso. Quanto preciso disso antes de desaparecer.

É o meu "foda-se" para as pessoas que pretendiam usar essa parte de mim para me casar com o primeiro homem influente que bater à nossa porta.

Ele continua seu ataque à minha garganta e sua mão desliza para minhas costas, minhas costas nuas. Sua pele é semelhante ao fogo. E ele está prestes a me derreter com isso, talvez me ferir, talvez me arrastar para as profundezas do inferno.

— E-e você? — pergunto, presumindo ser isso que se espera nesse tipo de conversa.

Embora isso dificilmente pode ser chamada de conversa, agora que seus dedos estão brincando com meu pingente de borboleta e minha carne ao mesmo tempo.

— Vinte e oito.

Um arrepio percorre minha espinha e tem menos a ver com sua idade e mais com seu toque e sua voz. Sério, nenhuma voz deveria ser tão pecaminosamente atraente quanto a dele.

— É como o diabo — sussurrando e me embalando para a minha condenação.

— Qual o seu nome? — Sua respiração quente contra minha garganta e seu aperto possessivo em minhas costas enviam faíscas por todo o meu corpo.

Estou formigando, latejando e doendo por algo que nunca experimentei.

Algo que nunca pensei que fosse possível na minha vida.

— Sem… nomes —, consigo dizer com uma voz arejada que não pensei eu era capaz.

— Por quê? — Ele morde um ponto no meu pescoço e é tão forte que eu

estremeço. Já é difícil o suficiente para que eu esteja apertando minhas coxas encharcadas.

— Porque o anonimato é emocionante.

Espero que ele discuta, exija que saiba meu nome, e tenho um falso para isso, só para garantir, mas ele faz algo totalmente diferente.

Algo que faz meus dedos dos pés se curvarem e meu coração bater forte.

Ele ri, o som baixo e sinistro e tão delicioso contra meu pescoço. Quando ele se afasta, seus olhos intensos escureceram. Eles estão divertidos agora. Ou talvez seja o sadismo que estou encarando.

Normalmente, não consigo manter contato visual por mais de um segundo, mas estou presa nos dele.

Não consigo desviar o olhar.

Eu não vou.

Porque há palavras e frases nesse olhar. Um livro, talvez, e embora eu não consiga me aprofundar em todas as suas páginas e descriptografar seu código, posso pelo menos tentar.

Tentar é a primeira fase de qualquer coisa.

Mas não consigo entender o motivo da reação dele, então pergunto:

— Por que você está rindo?

— Porque acabei de tomar uma decisão, linda.

— Qual é?

— Eu vou te foder.

2



Anastasia

Quando eu era jovem, morei em uma casa cercada por uma floresta onde ninguém podia entrar ou sair. Ficava longe das outras casas e eu tinha que fazer passeios por aquela floresta com suas árvores altas e sons assustadores.

Com o tempo, parei de pensar nas árvores como ameaçadoras e as abracei. Abracei a floresta e tornei-a mística, assim como abracei o esconderijo em lugares estreitos quando mamãe me mandava ir para eles.

Eu realmente não gostava de me esconder, em parte porque sabia o que viria depois, mas principalmente porque isso me sufocava. No entanto, eu adorei a floresta. Eu adorava ter meu cabelo branco de bruxa preso em tranças, usar meu vestido rosa salpicado de purpurina e correr pelo céu verde.

Falei com as árvores e as pedras porque pensei estar num conto de fadas.

Eu pensei ser como a Wendy do Peter Pan e ninguém conseguia me encontra, me pegar ou me machucar.

Era o meu mundo e só meu. Eu estava escondida na Terra do Nunca e ninguém podia me tocar.

Eu era invencível. Até que eu não era mais.

Até que os piratas me encontraram e me levaram embora, e mamãe não pôde ir junto.

É onde moro há quinze anos, com os piratas, e esta noite é a primeira vez que consigo escapar.

Claro, não encontrei meu Peter Pan. Inferno, ele poderia muito bem ser uma versão tortuosa do Capitão Gancho. Claro, ele provavelmente não vai me deixar

ficar com meu pó de fada e vai me jogar de volta para o lugar de onde vim, mas pelo menos estou livre.

Eu sou eu.

Mesmo que seja por apenas uma noite.

E ele disse que iria me foder. Ele decidiu isso antes, quando estávamos no bar Black Moon. Não estamos lá agora. Estamos em um hotel, bem ao lado do bar. Chama-se Diamante Negro.

Esse é o tipo de diamante mais precioso e os homens com quem convivo lidam com ele, em todo o mundo. Não só é lucrativo, mas também faz com que muitos outros se curvem diante deles.

Eu me pergunto se esse estranho britânico também se curvaria. Se ele sujaria o terno Armani, bagunçaria o cabelo perfeito e perderia o relógio luxuoso para os homens da minha vida. Ou talvez ele lute contra eles.

A ideia dele em uma briga me faz estremecer com um tipo diferente de excitação. Estive em uma névoa constante e sensual desde que ele chupou minhas orelhas e pescoço e sussurrou com aquela voz quente dele.

Ah, e seu sotaque. Essa é a cereja do bolo. É por isso que tenho certeza de que ele está em uma categoria diferente da dos homens da minha vida. O sotaque deles é diferente do dele. Menos sofisticado e mais perigoso.

Embora ele também possa ser perigoso, já que conseguiu fazer o que nenhum dos homens com quem convivi jamais sonhou.

Ele conseguiu me ter. Ou ele o fará em breve.

Quando entramos no quarto, respiro fundo para dizer a ele que isso é uma coisa única, que, assim como a regra de não usar nomes, será mais emocionante se nunca mais nos vermos.

Uma loucura. Um momento.

E então acabou.

Mas não tenho chance de emitir nenhum som, exceto um suspiro. Porque no segundo que a porta se fecha, ele me gira e seu corpo me prende contra ela. Seu peito ondula contra minha coluna e há algo duro cutucando minhas costas. Não é alguma coisa. É a ereção dele, enorme e pronta, e puta merda, ela apenas se contraiu?

Meus seios se levantam contra a porta e minha respiração fica rápida e descoordenada enquanto coloco minha bochecha quente na superfície.

Como se isso não bastasse para me deixar hiperconsciente, ele enrosca os dedos em meu cabelo e empurra os longos fios para o lado, expondo minhas costas e pescoço, depois envolve minha nuca com a mão.

Ele a agarra com força de aço, não me deixando espaço para me mover, e o conhecimento disso? O fato de estar completamente à sua mercê provoca um arrepio profundo dentro de mim. É longo e desgastante e me deixa atordoada.

Eu não deveria me render a isso, certo? Com a certeza de que talvez eu não conseguisse escapar de suas garras, mesmo que quisesse.

Não está em meus genes de boa menina querer isso, mas não consigo evitar os tremores subconscientes que passam por mim.

Seus dentes encontram o lóbulo da minha orelha e ele morde. Estou bêbada com o cheiro de sua colônia, a qualidade discreta, mas mística, dela, assim como aquela floresta da minha infância.

Logicamente, eu deveria ter ficado longe dele e dele, mas não posso. Eu não vou.

Sou refém de seu aperto implacável e de sua beleza selvagem. O tipo de beleza pela qual eu não sabia que me sentia atraída até esta noite.

Ele continua lambendo o lóbulo da minha orelha, mordiscando, agredindo-o com a língua, quando sussurra:

— Agora, me diga, linda. Você acredita que é uma boa ideia ir com um estranho a um quarto de hotel e não perguntar o nome dele?

Merda.

Por favor, não me diga que ele realmente conhece minha família? Isso é uma tentativa de me atrair para uma armadilha e me expor?

Eu interrompi esses pensamentos antes que eles me ocupassem. Estou apenas sendo paranoica.

É isso. Paranoia e minha incapacidade de lidar com isso. Então eu sussurro:

— Eu gosto disso.

— Do que você gosta?

— A parte sem compromisso.

— Eu também gosto disso, mas você sabe o que eu mais gosto nisso?

— O quê? — Minha voz está muito ofegante e tem tudo a ver com o jeito que ele me segura, com a maneira como seu polegar roça meu ponto de pulsação e empurra para baixo, como se enfatizasse seu ponto, como se testasse sua teoria,

dimensionando-o.

— Que posso fazer o que quiser. — Sua voz fica rouca e está me agarrando, ou talvez sejam suas palavras.

Talvez seja uma combinação de ambos.

De qualquer forma, estou presa em um estado que nunca experimentei e, pela minha vida, não consigo decidir se isso é bom ou ruim.

Tudo o que sei é que não saber o nome dele e decidir que isso é uma coisa única me faz perder todas as minhas inibições.

— Você vai me deixar, não é, linda?

— Sim... — Paro porque não estava pensando quando concordei. Ou talvez eu não tenha pensado durante toda a noite. Quero culpar o álcool, mas a quem estou enganando? Não é a vodka que está correndo em minhas veias agora. É ele.

Tudo sobre ele.

— Bom. — Ele passa a língua na minha orelha. — Agora, me diga, você é virgem?

A pergunta repentina congela meus membros e faz meu pulso rugir e pulsar em minhas veias, bem sob seu controle.

— Por que pergunta? — Falo tão baixo que fico surpresa que ele possa me ouvir.

— Eu não transo com virgens.

— Por que não?

— Elas são um incômodo que eu não quero. Responda à pergunta. Você é?

— Não — eu sussurro e espero que ele entenda como se eu estivesse muito sobrecarregada com sensações, e não com outra coisa.

Parece que funciona, porque ele está empurrando o joelho entre minhas coxas. — Abra suas pernas.

É quase impossível fazer isso com a presença dele nas minhas costas, me possuindo, me mantendo como refém, mas consigo mexer um pouco as pernas.

Ainda segurando minha nuca com uma mão, a outra chega por baixo do meu vestido e solto um suspiro quando ele segura meu núcleo necessitado.

— Porra. Você veio pronta.

Minhas terminações nervosas pulsam com a excitação em seu tom, com o quão absolutamente pecaminoso ele parece quando é pego de surpresa.

E ele está certo, eu vim pronta e ele está tocando minha boceta nua agora. Quando tomei a decisão de abrir mão da calcinha, pensei em dar uma rapidinha e ir para casa. Esse ainda é o plano. Mas algo me diz que ele não honrará meu plano. Ele vai destruí-lo, despedaçá-lo e me dar de comer, não é? É essa intensidade dele que sinto com cada toque de sua pele na minha.

A intensidade não pode ser planejada. É por isso que eu não deveria tê-lo escolhido. Mas eu fiz, e não poderia impedir isso, mesmo que quisesse.

E uma parte profunda de mim rejeita essa opção de qualquer maneira.

— Você é talvez uma acompanhante? — Ele desliza os dedos contra minhas dobras molhadas, deixando-as mais úmidas e sensíveis. — Mas você teria dito isso se fosse, não é?

— Talvez eu esteja fazendo um trabalho *pro bono* esta noite.

Eu quis dizer isso como um soco, mas ele ri novamente. É enervante o quão charmoso ele pode ser, mesmo tendo arestas afiadas. Não deveria ser assim. Pessoas encantadoras não têm a intensidade dos homens que conheci durante toda a minha vida.

E a combinação de ambos é perigosa, até assustadora. Mas meu corpo não parece se importar com esse fato, porque quando ele enfia um dedo dentro de mim, fico na ponta dos pés, abafando um gemido.

— Essa boca espertinha... — ele diz, enfiando o dedo mais fundo.

— Sim, e não tenho medo de usá-la. — Eu tenho, mas ele não precisa saber disso.

— Isso significa que você vai engasgar com meu pau e me deixar descer por aquela linda garganta?

Eu engasgo, mas é pela minha saliva quase inexistente. Estou pensando em uma resposta quando ele enfia mais um dedo e aperta minha nuca com mais força.

Fico imóvel, com medo de me mover ou até mesmo de respirar. Puta merda. Está cheio, tão cheio que parece que irei explodir com a sensação. Já fiz isso comigo mesma antes, mas nunca me senti tão... completa.

São apenas dois dedos.

Seus dedos são tão duros e afiados quanto o próprio homem. Mas o que piora minha excitação é como ele agarra meu pescoço como se tivesse todo o direito, como ele pressiona meu pulso, controlando minha respiração instável e

entrecortada.

— Aqui vai uma dica, eu não gosto de falar —ele diz casualmente enquanto bate os dedos em mim, fazendo tesouras e cruzando-os no ritmo de minhas inspirações e expirações trêmulas.

— Q-que pena. Você... tem um...

— Parece que não estou fazendo isso com força suficiente se você ainda consegue falar. — Ele enfia outro dedo dentro e eu grito, o som perfurando o silêncio ensurdecedor do quarto do hotel.

Se eu pensava estar cheia antes, estou explodindo agora. E essa sensação, o pensamento de que ele está tão profundamente dentro de mim que estou prestes a explodir com ele, é suficiente para me fazer chegar ao orgasmo.

É selvagem e impiedoso, assim como ele, como aquela expressão em seus olhos que não consigo olhar, porque estou quebrada e não consigo fazer contato visual.

Mas não preciso olhar para sentir a onda prazerosa, para aproveitar cada segundo dela, cada detalhe minúsculo e cada estocada longa e profunda de seus dedos. Eles continuam entrando em mim, prolongando o orgasmo, tornando-o dez vezes mais selvagem.

É como se eu nunca tivesse tido um orgasmo antes. Como se meu corpo estivesse se preparando para esse tipo de orgasmo, que destrói minhas expectativas de papel e destrói meus sonhos de contos de fadas.

— Você não está falando agora, está, linda? — Há um sorriso malicioso em sua voz e isso deveria me irritar, mas estou muito bêbada com o prazer para me concentrar nisso.

— Eu posso…

— Hum... — Seus dedos escorregam e saem de mim e antes que eu possa fazer qualquer som, ele me agarra pela nuca e me arranca da porta. Eu suspiro quando ele me empurra de joelhos na frente dele.

Eu olho para ele por um segundo. É apenas um segundo, mas é o suficiente para ver a luxúria sombria em seus olhos castanhos. Essa é a cor deles, agora percebo. Em vez de serem verdes como a floresta mística da minha infância, são uma mistura da cor das árvores e da terra.

Estou distraída neles, porque ele está abrindo o zíper das calças e liberando seu pau. É aí que meu olhar selvagem está focado agora.

Seu pau grosso, venoso e muito duro. É tão duro que mudou de cor, ficando com um tom de roxo.

Uma pontada de apreensão passa por mim com o tamanho. Ele não poderia ter apenas um pau minúsculo, poderia?

Eu estava pronta para que isso não fosse satisfatório. Afinal, é apenas uma missão e não deixei minhas esperanças crescerem. Mas apenas a visão de seu pau é suficiente para me fazer sentir um formigamento novamente. Acabei de ter um orgasmo, mas meu corpo ainda exige mais dele.

Por isso.

— Você sabe o que vai acontecer agora, linda? — Há uma tensão em sua mandíbula afiada e sua mão flexiona seu comprimento como se ele estivesse invocando alguma forma de paciência.

Balanço a cabeça, ainda olhando para sua enorme ereção. Como isso pode ficar tão duro?

— Você vai tornar essa boca útil e chupar meu pau.

Minhas coxas se apertam com a imagem e eu lambo meus lábios e depois mordo minha língua para parar o que quer que esteja prestes a sair.

Eu sou uma boa menina e boas meninas não fazem sons embaraçosos.

Boas garotas também não têm casos de uma noite, mas isso é uma exceção. Minha última indulgência antes que tudo mude.

O estranho britânico enfia os dedos na parte de trás do meu cabelo e direciona seu pau para meus lábios entreabertos.

— Abra.

Em vez de fazer o que ele pede, envolvo meus lábios em sua coroa e lambo o pré-sêmen. Ele geme com isso, o que significa que ele gosta, então eu me ajoelho e tomo mais dele para dentro, afundando minhas bochechas para não arranhá-lo com os dentes.

Nunca me disseram como fazer isso, mas sou bom em combinar o pouco conhecimento que adquiri assistindo pornografia com o calor do momento. Isso é o que eu faço agora, torcendo para que ele não perceba que estou descobrindo isso enquanto prossigo.

Usando meu cabelo, ele me empurra para baixo em seu pau e todas as minhas dúvidas desaparecem. Ele está me atacando profundamente, eu acho, e não consigo evitar meu reflexo de vômito quando seu pau atinge o fundo da minha

garganta.

Eu gaguejo, engasgando com seu pau, e mesmo assim, sou incapaz de aceitá-lo completamente, incapaz de encaixá-lo em minha boca. Eu tento, no entanto. Em vez de deixar meu reflexo de vômito me dominar, relaxo minha mandíbula, deixando-o empurrar algumas vezes antes de lamber e chupar.

Sim, posso não ser tão experiente quanto ele, mas ele não é o único que exerce poder sobre outra pessoa.

Eu quero isso também.

Quero aprofundar aqueles grunhidos de prazer que ele libera cada vez que enfia seu pau fundo na minha garganta, usando minha língua para fricção. Quero torná-los ásperos e transformá-lo em uma bagunça.

Então ajo por puro instinto e continuo afrouxando minha mandíbula o máximo possível e faço aquele temido contato visual. Mas agora não se trata apenas de encontro de olhares ou de troca de vulnerabilidades, é um desafio.

Suas pálpebras caem enquanto ele diminui o ritmo de balançar os quadris.

— Pare de me olhar desse jeito, a menos que queira que eu foda sua garganta. — Paro de mover minha boca completamente e mantenho contato visual.

Faça isso, eu digo com meus olhos. Foda minha garganta.

— Puta merda. Quem diria que eu teria uma selvagem em minhas mãos?

Eu gosto disso. Ser selvagem.

Mas não consigo pensar mais nisso, porque agora ele está investindo — longo, forte e indomável. E minha boca está lá para ser tomada, para seu próprio prazer, da mesma forma que ele usou os dedos antes.

E eu deixei.

Não só isso, mas eu afundo em seu domínio, engolindo o máximo possível, apesar da baba e das lágrimas ardendo em meus olhos.

É um bom tipo de dor.

O tipo que eu achava que não precisava até agora. O tipo que quebra minhas paredes e me deixa nua e sedenta por mais.

E a reação dele? Eu poderia aproveitar isso por dias. Eu poderia ouvir seus grunhidos baixos e gemidos profundos para sempre. O som me excita.

Foi quando me dei conta. Seu prazer me excita.

Meus pensamentos são confirmados quando sinto que ele está perto. Quero levá-lo até lá, quero fazê-lo se desfazer como ele fez comigo.

E justamente quando penso que vou conseguir, ele desiste.

Seu pau duro está em suas mãos e brilha com pré-gozo e saliva. Minha saliva que estou engolindo com o gosto dele.

— Por que…? — É uma única palavra porque aparentemente perdi a capacidade de falar corretamente. Fazer garganta profunda faz isso, eu acho.

— Por mais que eu ame sua boquinha, vou me esvaziar dentro da sua boceta, linda.

Mordo a língua para não gemer. Sua conversa suja é como um chicote na minha parte mais sensível. Sério, ele não deveria estar falando tão sujo e terminando com "linda". Precisa haver uma regra contra isso.

— Cama. Agora.

Eu me levanto, sua ordem mexendo com algo dentro de mim. Uma coisa tão primal e crua que não consigo nomear.

Em vez de me concentrar nisso, porém, faço uma curta viagem até a cama. Antes que eu possa alcançá-lo, ele me agarra pela alça fina do meu vestido e abaixa o zíper, depois puxa o material pelos meus braços, fazendo meu pingente de borboleta voar.

É um puxão completo, sem piedade ou suavidade de qualquer espécie. A maneira como sua mão desliza sobre minha pele é nada menos que dominante.

Ele é um homem que sabe o que quer e não hesitará em ir atrás disso.

Assim como os homens da minha vida.

Ele provavelmente é tão perigoso quanto eles também. Mas isso não importa.

Ninguém será capaz de me encontrar quando eu desaparecer.

Estou nua na frente dele, já que também não usei sutiã, e é uma posição vulnerável, na qual nunca me permiti estar antes. Eu não deixo a dúvida surgir, no entanto.

Esta noite é sobre meu corpo. Só isso.

Sem me virar, ele agarra um mamilo com os dedos e torce, depois aperta e torce novamente.

Meus dedos dos pés se enrolam nos sapatos de salto — a única coisa que estou usando agora, além da minha roupa de aniversário.

Então ele faz outra coisa: ainda atrás de mim, ele passa a mão em volta do meu pescoço, mas não esmaga minha traqueia. Seus dedos apertam os lados até que eu fique um pouco tonta e completamente sob seu comando. Então ele continua provocando meus mamilos. Eles estão tão apertados que dói e envia ondas de prazer para minha boceta. Ou talvez seja o seu aperto na minha garganta que causa isso.

De qualquer forma, estou tão estimulada que é preciso esforço para suprimir minha voz e parar de liberar os barulhinhos.

— Para quem fala, você está tão quieta agora — ele reflete. — Você está mordendo a língua?

Aperto os dentes com mais força até ter certeza de que vou romper a pele.

— É inútil esconder sua voz de mim, linda. — Seus lábios encontram meu ouvido novamente. — Você vai gritar.

Estou prestes a dizer que não, que garotas boas como eu não gritam, mas ele me dá outra ordem à qual não consigo resistir.

— De joelhos.

Eu caio.

Bem desse jeito.

Há algo na maneira como ele dá ordens, um comando que precisa ser obedecido, caso contrário causará estragos.

— Eu quero esses peitos no colchão, com as pernas bem afastadas e sua bunda para cima.

Minhas bochechas ficam em chamas com a imagem, mas elas quase explodem quando estou em posição.

Ouço algo sendo rasgado e viro de lado para encontrá-lo enrolando uma camisinha em seu pau. Caramba! Nunca pensei que acharia isso excitante, mas nele é tão excitante que engulo em seco.

— Olhos à frente, linda. — Ele se abaixa atrás de mim e eu olho para o papel de parede do hotel, meus ouvidos esquentando.

Sou eu quem deveria ser contra qualquer tipo de contato visual, mas esqueci minha própria regra agora há pouco.

Ele agarra meus pulsos e os segura na parte inferior das minhas costas, então algo macio os envolve. É quando vejo sua gravata com minha visão periférica.

Por alguma razão, parece que estou completamente à mercê dele agora e ele

prova isso quando enfia os dedos fortes em meu quadril e empurra.

Eu estava pronta para isso, até mesmo encharcada, mas parece tão repentino que todo o meu corpo salta para frente.

Mas não dói como pensei. Sinto uma pontada aguda, mas ela desaparece rapidamente, provavelmente porque estou tão excitada que estou prestes a explodir, ou talvez seja porque ele está tão emaranhado em meu corpo que não há espaço para eu sentir a extensão da dor.

Ele se afasta um pouco e então para. Ele descobriu isso?

Claro que sim. O estranho britânico saberá que menti para ele e irá parar e esta noite terminará. Minha viagem para Terra do Nunca terminará antes mesmo de começar.

Mas, aparentemente, esse não é o caso, porque a única razão pela qual ele sai é para empurrar novamente. Um choque elétrico paralisa todo o meu corpo e gostaria que houvesse algo em que pudesse me segurar. Meus pulsos amarrados me proíbem de me agarrar a qualquer coisa, e de alguma forma isso causa arrepios na minha espinha onde meus pulsos estão amarrados. Ele enrola meu cabelo em volta do punho e minha cabeça se inclina para cima, embora meu peito permaneça no colchão, adicionando fricção aos meus mamilos sensíveis. O movimento é tão possessivo, saliva se acumula na minha boca.

E não é só devido à posição. É o seu ritmo louco. Ele empurra mais fundo, mais forte, mais áspero. O ritmo é tão louco e descontrolado que apenas os tapas de carne contra carne ecoam no ar. Ah, e os sons desleixados da minha excitação.

Eu deveria ter vergonha, mas não tenho, nem um pouco.

Estou completamente à mercê de um estranho enquanto ele me fode como se me odiasse. Ele me fode como se fosse dono de cada parte de mim enquanto ainda tem uma vingança contra mim, e ainda assim eu adoro isso.

Eu amo isso mais do que deveria.

Deveria ser uma loucura entregar tanto controle a um homem que acabei de conhecer, mas é uma fantasia, certo?

E as fantasias não têm limites. Fantasias não têm vergonha.

As fantasias são como eu quando eu era uma garotinha e fingia ser Wendy e tinha toda a floresta como público.

Meus pensamentos ficam dispersos quando ele puxa meu cabelo com mais força e então uma sensação de queimação explode em meu pescoço. Ele está

mordendo, eu percebo. Seus dentes estão tão profundos na minha pele que posso senti-los. bem entre minhas pernas.

A saliva se acumula na minha boca e quando estou prestes a gritar, ele suga a pele com uma intensidade que me deixa ofegante.

O que diabos ele está fazendo comigo?

Não obtenho a resposta à minha pergunta, porque ele faz isso de novo com outro bocado de carne, e de novo e de novo, até que estou em constante estado de perplexidade e excitação.

— Sua boceta está apertada pra caralho, está me estrangulando, linda.

— Não gosta da minha boca? — Não sei como falo, está trêmulo, como meus seios contra o colchão.

— Melhor ainda. E essa boca fará outra coisa por mim agora.

— O que…?

Ele dá um tapa na minha bunda e puxa meu cabelo.

— Gritar.

Meu grito ecoa no ar. Não consigo nem morder a língua, porque se o fizer, vou simplesmente cortá-la.

O orgasmo selvagem me atinge como um furacão e fico indefesa sob seu domínio.

Em seu domínio.

Então eu grito, e pela primeira vez esta noite, eu gostaria de saber o nome dele, porque quero gritar agora mesmo, quero que ele ouça o quanto ele corrompeu uma boa garota.

O quanto ele fez uma boa garota ficar má.

Um grunhido profundo ecoa no ar enquanto ele me fode ainda mais e mais rápido, seu ritmo feroz se intensificando a cada segundo. Estou feliz que ele esteja me segurando no lugar ou eu teria caído para o lado há muito tempo.

Então ele para dentro de mim e sinto calor através da camisinha.

Essa é a última coisa que sinto quando um sorriso surge em meus lábios e meus olhos caem.

Eu não deveria dormir. Eu deveria ir embora, mas minha mente tem outra ideia e não consigo abrir os olhos.

— Você está bem? — Sua voz forte invade minha névoa.

— Sim, eu só preciso dormir um pouco. Me dê cinco.

Há uma pausa, um movimento de seu corpo atrás do meu antes de ele desamarrar meus pulsos.

Um gemido suave me deixa, mas é interrompido quando ouço sua voz exigente perto do meu ouvido.

— Qual o seu nome?

Jane é meu nome falso, então digo isso, ou tento enquanto sussurro:

— Anastasia.

***

Quando acordo, estou na cama e não estou sozinha.

Oh, Deus.

Por favor, me diga que eu não fiquei.

Olho para o lado e pisco rapidamente quando vejo o homem da noite passada esparramado na cama, o lençol mal cobrindo seu pau.

Ele está nu. Tudo dele.

Eu não o vi nu quando fizemos sexo. Não, não é sexo.

Isso foi definitivamente foda. Foda dura, crua e primitiva.

Meu núcleo ainda vibra em lembrança. Parece sensível também, assim como meu pescoço machucado por todas as marcas que ele deixou, mas não me concentro nisso. Minha atenção é roubada por algo muito mais importante.

Tatuagens.

Ele tem muitas delas.

Na parte superior do ombro e bíceps, há um samurai cheio e de aparência zangada, como se estivesse prestes a ir para a batalha. Os detalhes no rosto do guerreiro são impressionantes, até assustadores.

E não consigo parar de olhar para ele, para a expressão sombria em seus olhos, como se ele também não gostasse de contato visual.

Por alguma razão, não pensei que alguém tão organizado como esse estranho britânico tivesse tatuagens, mas ver isso acrescenta mais mistério a ele.

Homens de negócios geralmente não têm tatuagens — pelo menos não os que eu conheço. A menos que sua formação seja diferente do que estou imaginando.

Eu balanço minha cabeça.

Eu realmente não deveria estar curiosa sobre ele. Foi uma coisa única e agora acabou.

O relógio na parede marca três e meia da manhã. Posso voltar antes do nascer do sol e voltar para o meu quarto.

Lentamente, saio de debaixo das cobertas e estremeço. Estou tão dolorida que dói mover um centímetro.

Ele deve ter me limpado, já que não há nada entre minhas coxas. Nem mesmo minha própria viscosidade. Ele também me cobriu, o que é um gesto gentil que eu não esperaria deste estranho. Ele parecia o tipo de homem "foda-as e depois deixe-as".

Ou talvez eu esteja lendo muito sobre isso.

Coloco cuidadosamente meu vestido rasgado, fazendo caretas a cada poucos segundos quando meu núcleo lateja. Demoro algum tempo para consertar o vestido arruinado.

O estranho bruto deve tê-lo rasgado quando o estava removendo.

Não é apenas um leve rasgo. Há um corte longo na lateral que se estende até o osso do quadril. Eu não posso sair assim.

Então pego a jaqueta dele e a visto. Isso engole a mim e ao vestido, mas é melhor que nada. Seu cheiro enche minhas narinas e tento não pensar nisso ou no que aconteceu algumas horas atrás.

Isso só vai complicar as coisas. E eu não preciso de complicações.

— Tenho certeza de que você tem muitos desses, então não se importará se eu pegar — sussurro. — Se você se importa, não deveria ter rasgado meu único vestido vermelho.

Ele nem se mexe e não sei por que estou decepcionada.

Eu não deveria estar.

Estou inconscientemente estendendo a mão para ele — ou minha mão está. Só quero tocar o cabelo dele uma vez, ver se está tão macio quanto parece.

Ele se mexe e eu rapidamente retiro minha mão. O que diabos eu estava pensando?

Eu não posso tocá-lo. Eu tenho que apagá-lo completamente das minhas memórias.

Não só para o meu bem, mas também para o dele.

Se minha família descobrir o que fizemos, eles vão matá-lo.

Sem nenhuma dúvida.

É por isso que permaneci virgem até os vinte anos. Mas não sou mais.

E em breve estarei livre.

— Obrigada por riscar isso da minha lista — murmuro. — Espero que nunca mais nos encontremos.

E com isso, agarro meus saltos e saio silenciosamente do quarto.

3



Knox

Sombras cinzentas se aproximam de mim.

Suas mãos fantasmagóricas alcançam meu pescoço e o enrolam em um laço. Minha traqueia estremece e se desfaz em pedaços enquanto a voz distorcida sussurra.

— Olhe para mim.

Meus dedos flexionam, mas não pego as mãos que estão roubando meu ar. Se eu as tocar, elas forçarão meus olhos a abrir, me farão ver.

— Menino... — A voz está menos distorcida agora, melosa, quase cantada. — Deixe-me olhar para esses olhos...

Porra, não.

Não.

Se eu não olhar, estarei seguro. Se eu não olhar, não saberei o que vai acontecer e tudo acabará mais rápido.

Ou é nisso que acredito enquanto os dedos fantasmagóricos apertam meu pescoço e batem na única coisa que está me dando ar.

— Se você não olhar, vai doer mais. — A voz ainda é melosa, fria, quase calmante, e eu teria acreditado se não soubesse o que se esconde por trás disso.

— Não…

— Knox, olhe para mim.

— Não.

— Vou bater em você e deixar marcas, seu idiota.

— Não!

É quando meus olhos se abrem.

Há um toque alto e constante e sem interrupções.

No começo, parece que está tudo na minha cabeça. O toque. As batidas contra meu crânio. As malditas sombras.

Minha cabeça é o lugar que eles visitam, ocasionalmente, só para ter certeza de que ainda me controlam. Que o garotinho dentro de mim que venho matando lentamente nos últimos vinte anos não está morto.

Que ele ainda respira, ainda fecha os olhos e tem pesadelos sobre as sombras do passado.

Ele ainda vive com seus demônios.

Mas o toque não está na minha cabeça. É de algum lugar ao meu lado.

Meu telefone.

Pego-o da mesinha lateral e coloco o braço sobre os olhos para escurecer minha visão. A luz está cegando em meu estado pós-pesadelo. De certa forma, me torno um com minhas sombras, sedento pela escuridão e incapaz de existir fora dela. Então, a luz e eu nunca fomos amigos íntimos.

— É melhor você ter uma boa razão para me ligar tão cedo de manhã.

— Sua Majestade a Rainha ligou e disse: "Desculpe, seu maldito francês".

— Tenho certeza que ela também disse para você ir dar uma punheta.

Ele finge um suspiro.

— Como você ousa colocar uma linguagem tão chula na boca da realeza?

— Há algum motivo por trás da sua ligação, Dan?

— Blasfêmia! O que é mais importante que a Rainha?

— Minha hora de dormir. — Embora ele tenha me acordado do pesadelo, então eu deveria estar agradecido, de verdade. — Agora, você está morto?

— Obviamente não.

— Você está em uma posição comprometida e precisa de ajuda?

— Não exatamente.

— Então me ligue de volta quando não for de manhã cedo. Se por acaso você tiver uma emergência antes disso, ligue para a emergência.

— Em primeiro lugar, vá se foder. Em segundo lugar, acho que lhe disse que hoje vamos jogar golfe com o prefeito e que você deveria estar aqui há cerca de...

quinze malditos minutos. E, finalmente, não é de manhã cedo.

Deslizo o braço para longe dos olhos e espio a hora no meu telefone. Com certeza, já passa das dez.

Considerando que não durmo até tarde, isso é tão estranho quanto uma foda de lado.

— Onde diabos você está, afinal? — Daniel pergunta, parecendo mais impaciente a cada minuto. Ele é muito divertido e brincalhão até que as coisas não saiam de acordo com seu plano.

Embora a maioria de seus planos sejam uma droga, e às vezes eles sejam um pouco impulsivos, o que pode desempenhar um papel no grande número de pessoas que ele atrai diariamente.

Ele é meu único amigo britânico nos Estados Unidos. Estudamos direito juntos, nos formamos juntos e agora trabalhamos juntos.

Nós até transamos juntos. Não ele e eu. Sempre havia uma mulher no meio.

Não fazemos disso um hábito, mas é algo para quando estamos entediados e precisamos de endorfinas extras.

— Em algum lugar... — Eu aperto os olhos novamente devido à luz escorregando entre meus dedos.

Onde estou realmente? Um pedaço está faltando na minha cabeça, mas não consigo descobrir o que é.

— Pelo menos me diga que você voltou de Jersey?

— Jersey? Ah, sim, Jersey. Não, continuo aqui.

— Que porra é essa, cara? Você não deveria ter voltado ontem à noite após conhecer um cliente?

— Tive uma mudança de planos.

— E o golfe?

— Houve uma mudança de plano para isso também.

— O quê?

— O golfe é chato e o prefeito também. Agora, vá se ferrar.

Termino a ligação e olho para o lado, esperando encontrar a mulher da noite passada.

Anastasia, ela disse que seu nome era.

Normalmente não me importo com seus nomes, já que eles são apagados da

minha cabeça depois que a noite termina, mas o fato de ter sido ela quem exigiu anonimato foi o que me fez girar.

Normalmente, elas não o fazem.

Normalmente, eu teria que dizer a elas de antemão que isso é uma coisa única e então acabou.

Eu não precisei fazer isso com Anastasia já que foi ela quem praticamente exigiu isso.

É emocionante, ela disse. E foi.

Tê-la completamente complacente debaixo de mim enquanto ela lutava para conter seus ruídos fez meu pau endurecer em um instante.

Eu fodo muitas mulheres — tipo, tantas, tantas que perdi a conta — mas nenhuma delas foi tão memorável quanto a garota que me deu rédea solta.

Ela não apenas não reclamou, mas também seguiu meu ritmo áspero e rápido, como se também gostasse. Como se ela não se cansasse disso.

Eu sabia que havia algo sobre ela desde o nosso encontro no bar, e eu tive que explorar isso, tive que colocar as mãos nela e ver até o fim. Eu deveria voltar para Nova York ontem à noite, mas decidi que iria transar com ela.

Decidi que a faria se contorcer e gritar embaixo de mim enquanto segurava seu cabelo loiro, quase branco.

Ela é facilmente a melhor foda que já tive em muito tempo.

Talvez seja por isso, ou por curiosidade, ou por outro motivo ilógico, mas não fui embora logo em seguida, como costumo fazer, principalmente porque ela me deu uma abertura ao adormecer.

Mas, por algum motivo, eu não poderia simplesmente ir embora.

Em parte, porque, apesar da liberação poderosa da noite passada, meu pau ainda exige mais. É por isso que eu estava planejando continuar de onde paramos esta manhã.

Esse plano é demolido, porém, quando encontro o lado dela da cama vazio. Passo a mão onde ela dormia, mas está frio, então isso significa que ela saiu há algum tempo.

Huh.

Sento-me, todo o sono desaparecendo das minhas pálpebras. Ela se foi.

Anastasia, a garota que usava vermelho e era tagarela, não está mais aqui.

Em circunstâncias normais, eu deixaria passar. Na verdade, eu deveria estar feliz por não ter uma daquelas pegajosas que exigem meu número de telefone ou me dizem para ligar para ela.

Mas o fato de ela ter saído sem dizer uma palavra envia faíscas de fogo pelas minhas veias.

As mulheres não desaparecem de mim. Nunca.

E ainda assim, esta Anastasia não pensou duas vezes sobre isso. Essa é a porra da primeira vez.

Levanto-me, afastando o lençol, e não me preocupo em vestir roupas.

Meu pé colide com alguma coisa e me abaixo para inspecionar o que é. É o pingente de borboleta que ela pendurou nas costas brancas na noite passada.

Foi a primeira coisa que vi quando entrei no bar. As joias pretas das asas da borboleta contra sua pele pálida chamaram minha atenção e se recusaram a soltá-la.

Depois eram seus cabelos quase brancos que lembram gelo, seu rosto delicado e desenhado e aqueles enormes olhos azuis que pareciam prontos para engolir o mundo enquanto se escondiam dele.

Ela era linda, mas não do jeito provocante e sedutor a que estou acostumado. Na verdade, ela às vezes parecia ingênua, sem saber o que deveria fazer e esperando instruções.

A princípio, pensei que o ato inocente fosse apenas isso: um ato. Mas quanto mais eu a tocava, mais me convencia de que ela tinha pouca experiência. Estava nos detalhes — como ela demorava para chupar meu pau ou como ela frequentemente me espiava como se esperasse aprovação para o que estava fazendo.

Se eu estiver errado e ela for de fato uma acompanhante, revogarei minha licença legal. Ou vou roubar um Oscar para ela.

Ainda assim, nenhuma atuação poderia ter permitido que ela estremecesse involuntariamente ou me engolisse profundamente e até mesmo gostasse disso.

Ter tido gostos violentos durante toda a minha vida torna o sexo violento um dado adquirido, mas algumas mulheres não gostam e tenho que ir mais devagar para não levar as coisas longe demais. Tenho que ter em mente que nem todas as pessoas são fodidas como eu, então sou forçado a lidar com elas com um pouco mais de delicadeza.

Eu não tive que fazer isso com ela, no entanto. Ela pegou tudo que eu distribuí e muito mais.

Ela até teve um orgasmo por causa disso e gritou daquele jeito erótico que ainda ecoa em meus ouvidos como o canto de uma sereia.

Então ela foi embora.

Meu aperto flexiona a borboleta antes de colocá-la na mesa lateral. É quando percebo que minha jaqueta sumiu, mas minha carteira está na cadeira com tudo dentro.

Se ela fosse uma ladra, faria mais sentido ficar com meu dinheiro, mas ela escolheu uma jaqueta — que vale alguns milhares de dólares, mas ainda assim.

Ela não me pareceu alguém pobre. Ela tinha a fala suave e delicada e os maneirismos de alguém bem-educado, mas talvez tudo isso também fosse uma atuação.

Balançando a cabeça, vou ao banheiro tomar um banho. Meu olhar recai sobre a camisinha na lata de lixo e faço uma pausa.

Não me concentrei nisso ontem à noite, provavelmente devido às luzes fracas e ao fato de eu estar com sono.

Mas está lá.

Sangue.

Na camisinha e na toalha com que a limpei.

Quando senti um pouco de resistência dentro dela no início, pensei ser porque ela era do tipo que precisava ser inserida de forma gradual ou repetida antes de eu encontrar um ritmo.

Mas esse não é o caso. Ela mentiu para mim.

Ela era uma maldita virgem.

E agora, estou tentado a encontrá-la e ensiná-la que ninguém, porra nenhuma, mente para mim e sai impune.

4



Anastasia

DUAS SEMANAS DEPOIS

Hoje sou uma nova pessoa.

Não sou mais Wendy, que foi capturada pelos piratas ou que está esperando que Peter Pan venha buscá-la. Já não sonho em correr naquela floresta tendo o vento como único companheiro.

Agora posso voltar para aquela floresta se quiser, mas não vou, porque agora ela é pequena demais para mim.

De qualquer forma, não estou mais presa nem alimentando esperanças tolas. Roubei minha própria liberdade e ninguém mais pode me encontrar.

Posso ter deixado alguns dos Garotos Perdidos para trás, mas eles queriam ficar. Não posso forçar alguém a ver a luz quando tudo o que está acostumado é a escuridão. Talvez quando eu tiver uma base mais sólida no novo mundo que escolhi, consiga convencê-los a partir.

Isto é, se eles próprios não se tornarem piratas.

É isso que os piratas fazem. Quando eles não conseguem controlar você, eles o convertem. Eles tentaram isso comigo durante quinze anos, mas eu escapei antes que eles conseguissem.

Então agora sou apenas uma nova fada.

Uma que usa roupas largas, tingiu o cabelo de preto, colocou lentes de contato marrons e usa óculos de armação preta que escondem a maior parte do meu rosto. Eles são minha muleta, os óculos. Como os fiz especificamente com lentes grossas, não consigo fazer contato visual e ninguém consegue fazer contato

visual comigo.

Estou segura.

Mantenho esse conhecimento enquanto passo meu cartão na entrada do meu novo local de trabalho.

Weaver e Shaw.

É um dos escritórios de advocacia de maior prestígio, não só nacionalmente, mas também internacionalmente. A parte mais fascinante é que os dois sócios fundadores, Nathaniel Weaver e Kingsley Shaw, construíram sua reputação em questão de anos.

De onde venho, são necessárias décadas para se ter qualquer tipo de reputação — especialmente uma reputação sobre a qual as pessoas falam.

Esse não parece o caso neste escritório de advocacia.

Quando fiz minha pesquisa, descobri que Weaver & Shaw é um dos escritórios de advocacia mais procurados em sua área. Não só pelos seus dois implacáveis sócios fundadores, mas também pela eficiência dos restantes sócios e advogados associados.

A Weaver & Shaw é uma empresa de ritmo acelerado, desde como aceitam os casos, até a como os processam e até como trabalham com os assistentes.

Tudo ao meu redor vibra com energia. Quase todo mundo tem um telefone no ouvido e alguma outra coisa nas mãos — pastas, arquivos de casos, café.

Estou equipada apenas com minha bolsa para laptop, a alça colada no peito. É a única coisa que preciso para navegar em um lugar cheio de gente, barulho e contato visual.

Logicamente, eu deveria ter escolhido uma empresa menor ou uma das filiais da W&S em outro estado — ou país, mas tive meus motivos.

Um. Eu não queria sair da cidade de Nova York. O melhor lugar para se esconder de alguém? Bem debaixo do nariz deles.

Dois. Uma empresa menor não possui departamentos de TI bem equipados, e preciso disso para meus planos de desaparecimento.

Essas duas razões combinadas são as razões pelas quais escolhi cortejar a W&S. E foi necessário muito cortejo ao departamento de RH durante o processo de entrevista.

Meu currículo é de nível genial e não é mentira. Eu pulei séries e frequentei aulas de engenharia da computação quando era jovem. Posso ter vinte anos, mas

possuo habilidades valiosas e completei um estágio em uma grande empresa que não será identificada.

Eu mencionei isso no currículo, no entanto. Porque foi daí que roubei meu nome atual.

Jane Summers.

Ela era estagiária naquela grande empresa que não tem nome, mas decidiu dar uma folga na faculdade e viajar pelo mundo.

Descobri isso a partir de uma conversa aleatória que ouvi no banheiro e construí minha identidade em torno da dela. Tive que esperar até ela ir embora, então peguei o nome dela emprestado.

Desculpe, Jane. Prometo ajudá-lo com seus estudos assim que você voltar.

De qualquer forma, o conselho de RH da W&S não estava muito convencido, pela minha idade, então decidiram me colocar em um teste de um mês para ver como me sairia.

Vou provar que a idade é apenas um número.

É uma das poucas coisas em que acredito de onde vim.

Após sobreviver a uma viagem lotada de elevador, em que tive que consertar os óculos algumas dezenas de vezes e tocar o peito mais uma centena, finalmente chego ao departamento de informática no vigésimo andar.

Solto um longo suspiro ao ouvir o doce som do silêncio. Não há ritmo acelerado nem arrastar de pés.

E definitivamente sem contato visual.

Há apenas um escritório limpo com piso de mármore e luz natural ofuscante que vem da janela aberta no final do corredor.

Meu olhar se volta para ele e meu cérebro caótico ganha vida como um motor velho. Meus dedos tremem na alça da bolsa e minhas unhas curtas cravam nas palmas das mãos. Por que diabos essa janela está aberta? Eles não sabem o quão arriscado é?

— Você deve ser Jane.

Eu me assusto com um mini ataque de pânico ao ouvir a voz suave da mulher de meia-idade sentada atrás da mesa da recepcionista. Eles disseram que eu pediria a alguém do departamento de TI que me contasse sobre o prédio.

— Sim, sou eu. — Eu me aproximo dela com passos lentos, mas eu realmente deveria parar de pensar que uma das pessoas aqui vai sacar uma arma e

começar a atirar em todo o prédio.

Isso não é o mundo perigoso de onde eu vim.

— Meu nome é Jill e sou secretária do lado técnico do departamento de TI. — Ela se levanta e, para minha surpresa, tem mais ou menos a minha altura. Isso é muito raro, já que todo mundo é sempre mais alto que eu.

Sempre.

Jill está usando um batom laranja e um lenço que combina com ele, mas ele está bem guardado em sua jaqueta, já que tenho certeza de que cores vivas não são exatamente bem-vindas em um escritório de advocacia.

— É aqui que você trabalhará. — Ela me leva até uma área aberta com inúmeras telas penduradas na parede. Dois homens que parecem ter trinta e poucos anos já estão sentados em frente às suas próprias telas múltiplas.

Um deles usa óculos sem armação que parecem fazer parte do rosto, e o outro usa uma camisa xadrez de flanela manchada — de café, creio.

Ambos digitam em alta velocidade e monitoram as telas, e instantaneamente sinto uma sensação de pertencimento. O som de um teclado sempre me fez sentir em paz, mesmo em meio ao caos.

— Estes são Chad e Ben. Pessoal, Jane vai trabalhar com vocês hoje.

Eles não me reconhecem. Nem mesmo um movimento de dedos ou o contato visual que tanto odeio.

— Não se preocupe com eles, eles são nerds — Jill me diz rindo para esconder o constrangimento.

Eu também sou uma nerd, então não ofereço a ela um sorriso tranquilizador, e isso a deixa instantaneamente desconfortável.

As pessoas são assim. Eles esperam que você cumpra o que a sociedade deseja e evite confrontos. Mas cansei de ser uma boneca de exibição.

Cansei de me dobrar para caber em ambientes que não cabem em mim.

Jill limpa a garganta.

— De qualquer forma, o refeitório fica no sétimo andar. O seu cartão dá-lhe acesso a todos os pisos, exceto ao piso superior onde se encontram os escritórios dos sócios-gerentes. Você não tem permissão para entrar, a menos que eles solicitem especificamente por você e concedam acesso de segurança. Você pode ser chamada ao andar dos sócios ocasionalmente para cuidar de problemas no computador. Se você tiver alguma dúvida me avise.

E com isso ela sai, o tilintar dos saltos ecoando no espaço silencioso como uma música sinistra de um filme.

Os dois caras ainda não me reconheceram, então me sento no único assento disponível em frente a três monitores desligados.

Abraçando meu laptop contra o peito, me viro para encará-los.

— Você precisa da minha ajuda com alguma coisa?

Eles pausam suas batidas por um segundo para olhar para mim.

— Não precisamos de uma garota — diz Chad, o cara de óculos.

Ben, aquele com mancha de café, ri.

— Vá brincar com suas bonecas, Jane Summers.

Ok, então eles são do tipo idiota.

Normalmente não deixo a insolência passar. Aqueles que fizerem isso pagarão pela ira dos meus guarda-costas, mas não tenho mais nenhum.

Porque estou livre.

E esses meninos não valem a pena que eu fique tão nervosa. Não sigo mais o código de honra da minha família.

Eu sigo o meu.

Então eu os ignoro e me acomodo na cadeira. Então ligo meu computador, insiro os dados de login que me foram fornecidos e começo a atacar as tarefas que o chefe do departamento de TI me deixou por e-mail.

Meus lábios abrem um pequeno sorriso enquanto eu absorvo a sensação de ter esse ambiente pacífico e tranquilo, sem ninguém gritando ordens para mim. Isto é o que as pessoas livres fazem. Trabalham para se sustentar.

Não demoro muito para terminar as tarefas que me foram atribuídas. Eles devem estar pegando leve comigo no meu primeiro dia, porque quando chega a hora do almoço, já terminei.

Ben e Chad já saíram, provavelmente para comer no refeitório. Pelo que percebi, quase todos os trabalhadores da W&S comem lá. Eu, entretanto? Nunca pensei na opção de almoçar lá. Muita gente que não conheço? Não, obrigado.

Abro minha gaveta, pego meu sanduíche, desembrulho-o e dou uma mordida enquanto sigo um tour pelo site dos funcionários da W&S. Gosto de quem sugeriu que adicionassem isso para novatos como eu.

É sofisticado e não preciso ter contato desnecessário com o pessoal de RH.

Por um momento, estou focada no vídeo introdutório, mas alguns minutos depois minha mente flutua em outro lugar.

É fácil bloquear esses pensamentos quando estou concentrada em uma tarefa, mas agora que meu cérebro está em um estado de pausa, é impossível desviá-lo para outra direção.

Porque já está lá, no hotel Black Diamond, onde deixei um estranho britânico tirar a minha virgindade rudemente e sem hesitações. Deixei um estranho deixar marcas vermelhas de raiva por todo o meu pescoço e seios que não consegui esconder com base, então tive que usar um lenço por algum tempo.

Eu gostaria que isso fosse tudo. Eu gostaria de ter ido embora naquela noite para Jersey. Mas não o fiz.

Tenho sonhado com isso, com seu ritmo impiedoso e seu olhar punitivo. Sobre como ele agarrou minha garganta, depois fodeu e agarrou novamente. Também estive imaginando esses momentos, como agora.

E isso sempre me deixa nervosa e aumenta a temperatura em alguns graus. Normalmente, eu tentaria lutar mais contra esses sentimentos, mas não pareço ter vontade.

Fiquei meio obcecada com o que aconteceu naquela noite. Tudo o que consigo imaginar são cabelos castanhos claros, olhos castanhos intensos e aquele samurai furioso.

Tão irritado quanto suas investidas dentro de mim. Com tanta raiva quando ele empurrou seu pau na minha boca.

Eu não pensei que algum dia seria esse tipo, aquela que gosta de violência sendo tratada com violência, mas eu deveria saber disso.

Eu realmente deveria ter feito isso.

Desde que eu era adolescente, tenho pesadelos sobre ser contida e estuprada. Aí acordo encharcada de suor e com uma sensação estranha entre as pernas.

Foi quando eu deveria saber que não era realmente um pesadelo, mas uma fantasia. Uma perigosa e mortal.

E a evidência é que não consigo parar de pensar nisso.

Não fazia parte do meu plano, mas aconteceu, e agora não consigo me livrar da lembrança. O tempo deveria me fazer esquecer, não é? É suposto limpar minhas memórias dele, seu toque insensível e o cheiro de sua colônia.

Mas isso é exatamente o oposto do que aconteceu. Desde aquela noite, ele

está ampliado a níveis que não consigo controlar. Ele se tornou o assunto tabu que imaginei antes de dormir e depois esperava que ninguém soubesse o que eu estava pensando.

Ou o que eu fiz.

Acabou, Ana. Você é uma nova pessoa agora.

Continuo dizendo isso a mim mesma, enquanto volto ao trabalho. Começo a brincar, criando uma maquete de um sistema de segurança que possa ser acessível a todos.

Eu sou boa nisso. Sistemas. Não é apenas a maneira perfeita de manter meus planos intactos, mas também posso usá-los como uma fachada para parecer impecável por fora, apesar de ter o interior quebrado.

Minha avó uma vez me disse que pessoas imperfeitas criam perfeição e estou começando a levar suas palavras a sério.

No final do dia, saio por último para evitar a correria das pessoas. Felizmente, quando pego o elevador, não há ninguém nele e consigo respirar bem.

As portas se abrem alguns andares abaixo e rezo para não haver muitas pessoas. Minha ansiedade social e eu tivemos um dia agitado hoje e só precisamos voltar para nosso pequeno apartamento e nos esconder por uma eternidade.

Ou pelo menos, até amanhã.

Meu aperto na alça da bolsa do laptop vacila quando meu olhar se choca com o mesmo com quem venho sonhando nas últimas duas semanas.

O mesmo estranho que deixei naquele quarto de hotel, mas em quem não consigo parar de pensar.

Meu único caso de uma noite que eu não deveria ter encontrado novamente. E ele está olhando diretamente por mim.

5



Anastasia

Isso não é real.

Devo estar alucinando.

Ou talvez eu esteja sonhando de novo, presa em um momento imaginário e nunca acordei esta manhã.

Mas quanto mais olho para o homem à minha frente, mais tangível isso se torna. Ele não está desaparecendo.

Por que ele não está desaparecendo?

Ele geralmente desaparece agora. Ele se torna um com meus sonhos e para de me incomodar.

Mas não agora.

Agora ele está entrando no elevador — onde estou atualmente. Ah, merda.

A necessidade de correr me atinge do nada e preciso de tudo para não pular do elevador como um macaco.

Minha missão é interrompida abruptamente quando as portas se fecham com brutalidade. Agora, somos só ele e eu no local.

E não consigo respirar.

Caramba! Caramba!

Escute, cérebro, este é o pior momento para o seu colapso.

Ajude-me aqui por favor.

Inspiro profundamente pelas narinas e expiro pela boca algumas vezes. É isso.

O zumbido em meus ouvidos diminui lentamente, e ajuda o fato de ele ficar de frente para a porta, cortando aquele contato visual intenso. Ou talvez eu seja a única que achou isso intenso.

Suas costas são a única coisa visível enquanto ele se concentra no celular.

Esqueci como ele parece maior que a vida, como é largo e alto. Quão fisicamente perfeito ele é, é impossível focar em qualquer coisa além dele. Ele está vestindo outro terno Armani, cinza-escuro, como a expressão em seu rosto quando entrou.

Passaram-se apenas alguns segundos, mas posso jurar que ele me viu, que fez contato visual. Ele não me reconheceu?

Devem ser as diferentes roupas, cabelos e óculos grossos. Certo. Ele não poderia relacionar Anastasia com Jane. Não somos mais as mesmas.

Um tijolo do tamanho do meu laptop afunda no meu estômago, e isso é completamente ilógico. Eu não deveria estar me sentindo assim porque ele não me reconheceu. Na verdade, eu deveria comemorar. Eu deveria me sentir com sorte.

Mas essa é a última sensação dentro de mim enquanto cravo as unhas na palma da mão.

Então olho para ele, para o estranho daquela noite, e fico mais uma vez impressionada com sua presença majestosa. Ele parece diferente de então, de alguma forma, mais sério, duro. Preso.

E não posso deixar de pensar nas ordens dominantes dele quando ele me fodeu.

Essas ordens sujas e eróticas que inconscientemente me fazem apertar as coxas.

Balanço a cabeça internamente na tentativa de afastar essas imagens.

Afinal, o que ele está fazendo na W&S? Por favor, diga-me que ele está aqui apenas de visita e que, na verdade, não trabalha no mesmo prédio que eu.

Isso seria simplesmente... cruel.

Justamente quando deixei tudo para trás, algo decidiu me seguir. E não apenas alguma coisa. Alguém.

O estranho britânico que deveria estar em Nova Jersey, onde o deixei depois que ele me fodeu até perder os sentidos.

— Você trabalha aqui?

Eu me sobressalto com o tenor profundo de sua voz e uma sensação elétrica percorre todo o meu corpo. Quase esqueci como sua voz é autoritária, como é um pouco suave e fria aos ouvidos.

Deus, por que ele tem sotaque?

Ele está me perguntando, eu percebo. Ou isso, ou ele está falando com uma pessoa inexistente. Percebo que estou rezando para que ele veja um fantasma escondido no canto. Isso seria menos catastrófico do que a outra alternativa.

Próximo passo de negação: espero que ele esteja apenas curioso sobre um estranho aleatório no elevador.

Embora ele não me pareça esse tipo.

— Sim — eu digo tão calmamente quanto consigo. — Eu... comecei hoje.

Por favor, deixe para lá. Por favor.

Minha oração obviamente não foi atendida quando ele perguntou, ainda sem me encarar:

— Qual departamento?

— TI.

— Qual o seu nome?

— Jane. — Minha voz está mais baixa agora e espero que ele não perceba, não sinta o tremor por trás disso.

Mas o que ele faz é pior. Ele se vira.

Tipo, ele agora está de frente para mim e eu tenho uma visão completa dele, de seu rosto esculpido, traços marcantes e olhos penetrantes que estão me encarando agora.

Ele é tão irritantemente lindo, que deveria haver uma regra contra isso. E quando ele olha? Isso o deixa inexplicavelmente quente e assustador ao mesmo tempo. Seus lábios estão alinhados, tão desaprovadores quanto os olhos.

— Isso não é verdade, não é? Se bem me lembro... seu nome é Anastasia.

Merda. Porra. Não.

Ele me reconheceu. Mesmo com uma aparência completamente diferente, ele me reconheceu. Ele não deveria ter feito isso, mas ele fez. E, caramba, eu contei a ele meu nome verdadeiro? Como pude ser tão descuidada, como?

— Não sei do que você está falando. — Finjo indiferença, embora esteja fisicamente empurrando a grade de metal. É uma tática barata, mas deve ser

eficaz. As pessoas são confundidas com outras o tempo todo. Isso não deveria ser diferente. Além disso, fiz tudo o que estava ao meu alcance para me tornar o oposto de quem sou. Eu não seria reconhecida por aqueles que conheço há anos, muito menos alguém com quem passei algumas horas.

Ele dá um passo em minha direção, ou melhor, ele me espreita, movendo-se com fluidez e com passos predatórios que quase me fazem ofegar.

Ou talvez seja o modo como ele fica olhando nos meus olhos, como se estivesse destruindo cada uma das minhas fachadas e enfiando os dedos no chão quebrado. Está dentro de mim.

Então me ocorre a razão pela qual estou hiperventilando. Estou sendo queimada vivo por seus penetrantes olhos castanhos. Eles estão me esmagando e derretendo e tenho que parar de olhar para eles.

Mas não posso.

Sinto que, se quebrar o contato visual, estarei em um perigo pior do que estou agora. Que ele usará a mudança para confiscar um lado meu que venho escondendo do mundo. Até de mim mesma.

— Você sabe exatamente do que estou falando. — Ele estende a mão em direção ao meu rosto e eu me afasto, mas ele não estava realmente indo para o meu rosto.

Seus dedos flexionam em volta da minha garganta e ele enfia as almofadas na carne do meu pescoço enquanto a outra mão aperta o botão de parar e algo mais.

Mas não me concentro nisso. Não posso.

Não quando todo o meu sangue corre para onde a mão dele está nas laterais da minha garganta. Não é duro com a intenção de roubar meu fôlego, mas é firme o suficiente para despertar lembranças daquela noite.

Memórias dele me tocando, me imobilizando e me incendiando em uma explosão de pedacinhos. E esses pensamentos estão me atormentando agora.

Eles estão me despedaçando. Me incendiando.

Rasgando meus ossos.

E não consigo parar as imagens ou o calor que invade minhas terminações nervosas, especificamente aquelas que ele está tocando.

— Você não me conhece, então este é meu primeiro e último conselho para você. Não brinque comigo. Não só você será a única fodida, mas também terei prazer em despedaçá-lo e banquetear-me com os restos mortais.

Estou acostumada a viver sob ameaça. Receber um ultimato e nunca ter escolha. Mas a maneira dele de fazer isso, com uma calma fria, corta as borboletas no meu estômago. Eles ficaram pretos agora, o que é um sinal para fugir.

Mas não posso.

Não com seu aperto selvagem na minha garganta. Há um controle nisso, uma firmeza fervilhante, e é muito mais cruel do que o domínio que experimentei quando ele me fodeu.

Este está repleto de um toque de raiva ou descontentamento. Talvez ambos.

— Agora me diga qual é o seu nome. O verdadeiro.

— J-Jane... — Não era minha intenção gaguejar, mas gaguejei e ele deve ter ouvido, porque seu aperto se intensifica na minha garganta.

— Eu não aprecio mentirosos, linda. Especialmente os coniventes.

— Eu não sou... uma... mentirosa... — Ele tem que acreditar em mim. Caso contrário, o novo o começo que pintei para mim mesma será nulo e sem efeito.

Ele não pode saber quem eu realmente sou. Ninguém pode.

— Seu sangue que encontrei na camisinha testemunharia o contrário.

Eu suspiro, ofegando e tremendo enquanto ele fica ali parado como uma pedra, uma pedra fria que poderia ser usada como arma.

— Achei que você não fosse virgem.

Pressiono meus lábios, incapaz de pronunciar uma palavra.

— Afinal, você era virgem, e como mentiu sobre seu nome agora há pouco, significa que está acostumada a mentir. Então me diga, qual é o seu propósito, hein? O que você está procurando, Anastasia?

— Jane… é Jane…

— Então é Anastasia. Eu já suspeitava disso antes, mas agora que você está insistindo ser Jane, tenho certeza de que esse não é seu nome verdadeiro.

Oh, Deus.

Quem é ele e por que ele está fazendo isso? É só porque menti sobre minha virgindade?

Mas ele não deveria ser tão intenso, irritado e violento com isso.

— O que há com a mudança de nome, Anastasia?

Cada vez que ele diz meu nome, um choque me percorre. É rápido e afiado e

me deixa tão sem fôlego quanto seu aperto na minha garganta.

Bato em seu braço, engasgando com minhas inspirações inexistentes, mas não luto com ele. Se eu fizer isso, estarei me entregando.

Além disso, não é que eu precise que ele me liberte porque está me machucando. É mais porque minha reação ao seu aperto está me assustando pra caralho.

Isso está me assustando mais do que o fato de ele ter me encontrado ou de estar colocando em risco meu novo começo.

Ele me solta lentamente e eu agarro o local agredido, respirando com dificuldade, o som feio no silêncio do elevador.

Eu deveria estar focada nisso, mas tudo que posso fazer é inalar sua colônia, basicamente sugando-a para dentro dos meus pulmões. O limão e o almíscar masculino são muito familiares. Eu reconheço isso porque está em minha mente há duas semanas.

— Você não respondeu às minhas perguntas, Anastasia.

— Pare de me chamar assim. — Ajusto meus óculos, usando-os como escudo. — É Jane. Meu nome é Jane.

Ele está prestes a me agarrar pela garganta novamente. Posso dizer pelo escurecimento de seus olhos, e se ele fizer isso, não encontrarei saída desta vez.

Eu não vou conseguir escapar.

Então eu uso uma tática comum na minha família. Distração.

— Tenho uma ideia — digo.

— O que é isso?

Eu me abaixo e antes que ele perceba o que estou fazendo, aperto o botão do elevador.

Quando abre, estou correndo para fora, correndo com todas as minhas forças.

Mas eu sei, só sei que esta é apenas uma fuga temporária. A guerra que comecei involuntariamente está longe de terminar.

6



Knox

— Ei, Dan. Qual é a melhor maneira de punir mentirosos?

— Foda-se se eu sei. Eu não castigo mentirosos, eu fodo com eles.

Olho para Daniel, que está sentado em cima da minha mesa, comendo os donuts que minha assistente me trouxe. Ele é um ladrão e não se importa com o que os outros pensam dele, caso consiga o que deseja.

Para ele, a eficiência está em primeiro lugar e o resto é secundário.

— Por que diabos você transaria com mentirosos?

— Olá? Porque é divertido. Mentirosos são geralmente os melhores, porque você nunca sabe no que está se metendo.

Aperto o punho na mesa para resistir a concordar com o quão verdadeiras essas palavras são. Eu odeio não saber no que estou me metendo. Ao contrário de Dan, nunca busco a emoção. Na verdade, prefiro que não faça parte da equação.

Prefiro tudo sob meu controle. Já perdi o suficiente para as sombras no passado e permitir que isso aconteça novamente é o mesmo que explodir tudo em pedaços.

— Por que você acha que é divertido quando eles estão usando você?

— Você também os está usando. — Ele balança a palma da mão no ar, imitando um tapa batendo na bunda. — E então é: "obrigado, tenha uma boa vida, amor".

— Isso ainda não dá a ninguém o direito de me usar.

Ele levanta as sobrancelhas, me estudando, e até faz uma pausa para comer seu donut, equivalendo a um evento em si.

— Desde quando você desenvolveu coragem moral?

— Não é moralidade. É o insulto de ser considerado um tolo.

— Oh, foda-se, isso é bom. — Ele pula da minha mesa. — Quem tomou você por idiota? Preciso pagar uma bebida para ela. Espere um segundo, é alguém que você fodeu sem mim? Preciso refazer, algo do qual eu possa participar.

— Não. — A palavra é tão firme e definitiva que me surpreende.

Eu nunca disse não para compartilhar antes e ele sabe disso, porque está inclinando a cabeça com um sorriso irritante que deixa suas bochechas cheias de covinhas.

As mulheres adoram essa merda. É por ele que elas inicialmente se sentem atraídas, devido à sua inteligência, charme e habilidades de conversação. Geralmente só acompanho o passeio. Não é que elas não se sintam atraídas por mim, é que elas sentem que deveriam manter distância de mim.

Que é a coisa inteligente a fazer.

Anastasia era a mais esperta do grupo, porque ela fugiu do local enquanto eu dormia. Desde o início, ela nunca imaginou nada além da boa e velha foda.

E embora eu possa ter deixado isso passar em diferentes circunstâncias, o fato de ela ser uma mentirosa patológica não joga a seu favor.

Ela mentiu não apenas sobre a virgindade, mas também sobre seu nome e idade. Porque eu com certeza peguei o arquivo dela do RH depois que a encontrei no elevador. E, porra, surpresa, ela tem apenas vinte anos, e não vinte e três, como me disse naquela noite.

Depois, à sua nova aparência estranha. Quando as portas do elevador se abriram, quase ignorei a pessoa lá dentro, quase nem olhei para ela, já que eu estava ocupado conferindo o bate-papo em grupo com meus amigos e os de Dan na Inglaterra.

Foi um breve segundo, apenas um levantamento da minha cabeça, mas foi o suficiente para eu vê-la.

E não demorei muito para reconhecê-la. A garota de olhos azuis e cabelos quase brancos de Jersey.

Embora agora ela não seja nada parecida com aquela loira de aparência suave com olhos azuis profundos. Ela tem cabelo preto amarrado em uma torção e usa óculos grossos para esconder os olhos que magicamente ficaram castanhos.

Qualquer outra pessoa teria sido enganada por sua aparência, especialmente com as roupas largas e a aura nerd que ela exala. Mas há algo que ela não poderia fazer com sua reforma. Ela tinha o hábito de tocar o peito por vezes durante aquela noite, como se estivesse tentando alcançar algo sob sua carne e ossos. Quando olhei para ela, ela fez isso de novo, levou a mão ao peito e congelou.

Aquelas mesmas mãos macias com unhas curtas e elegantes que ela não poderia ter mudado.

Se eu não tivesse pensado que algo era suspeito devido ao novo visual e às mentiras, confirmei quando ela saiu correndo do elevador como se sua vida dependesse disso.

E agora, não vou parar até ver o fim disso. Sobre ela e suas mentiras e enganos.

— Estou imaginando coisas ou você simplesmente disse não para compartilhar? — Dan lambe o chocolate dos dedos lentamente, como um gato que acabou de comer e está com vontade de brincar.

— Você não está imaginando.

— Por que?

As razões estão confusas em minha mente e eu não consegui encontrar uma explicação, mesmo que tentasse. Uma coisa é certa, no entanto. Nem Daniel, nem ninguém colocará as mãos em Anastasia até eu resolver isso sozinho.

— Porque sim.

— Não, não. — Ele passa um braço em volta do meu ombro. — Você não vai se safar com o "porque sim". Preciso de motivos, relatórios e talvez de um exame médico para verificar se você não está sofrendo de algum dano mental, para que eu possa determinar se você deve ou não revisar seu testamento. Diga-me a verdade, você está morrendo? Ah, talvez você tenha sido vítima de magia negra; isso explicaria por que você não está agindo normalmente.

— Eu sou normal, porra. — Afasto sua mão e vou sentar atrás da minha mesa.

— Não, você não é. Deixe-me pensar. — Ele faz uma cena dramática batendo o dedo indicador no lábio. — Você está agindo assim por causa dessa mentirosa?

— E se eu estiver?

— Você realmente quer levá-la sozinha?

— Eu faço.

— Mas eu sou o melhor ala. Você sabe disso.

— Não dessa vez.

— Por que não neste momento de todos os tempos? Você bateu a cabeça em algum lugar? Puta merda. Ela te passou uma IST? A primeira regra para transar é sempre embrulhar. Qual é, cara, você não é um amador.

— Não é isso.

— Então, o que é? Eu realmente preciso agendar aquele check-up para você? Talvez eu pudesse encontrar um padre e fazer alguma merda de exorcismo. Estou lhe dizendo, se houver um demônio dentro de você, eu terei o direito de vender sua história para Hollywood.

— Cale a boca, seu idiota.

— O quê? Você tem ideia de quantas pessoas são otárias por esse tipo de merda de verdade?

— Ou me ajude a fazer um *brainstorming,* ou dê o fora, Dan.

Ele joga seu peso no sofá e joga o braço por cima dele. Então ele exageradamente joga seu cabelo castanho para trás.

— Eu sou totalmente a favor de planos malignos. O que você precisa?

Eu sabia que ele não recusaria. Desde que nos mudamos de Londres para os Estados Unidos, há dez anos, planejamos um desastre após o outro.

Ou ele tem.

Para Dan, é aquela onda de adrenalina. Para mim, é a distração das sombras que muitas vezes estão empoleiradas no meu ombro.

De qualquer forma, nunca paramos.

Parar significa nos matar lentamente, e nenhum de nós quer isso.

Nenhum de nós pode se dar ao luxo de se render aos nossos demônios.

Coloquei os cotovelos na mesa e coloquei os dedos sob o queixo.

— O que eu preciso é de uma verificação de antecedentes.

— Em quem?

— Uma técnica no departamento de TI.

— Eu gosto para onde isso está indo. Mas dois caras geeks não são os únicos técnicos lá? Espere um minuto, você mudou de preferência? Não há julgamento aqui, mas preciso saber se sou a razão pela qual você jogou a moeda. Sou lindo e

tudo, mas de jeito nenhum, Knox.

— Eu poderia me sentir atraído pelo mundo inteiro, mas não por você, filho da puta. E não, eu não mudei as preferências. Há uma nova garota no departamento de TI.

— Ah! Agora estamos começando a conversar. Mas por que você precisaria da verificação de antecedentes? O RH deve ter feito o dever de casa.

— Aparentemente não é o suficiente, porque ela os enganou.

— Caramba! — Ele sorri com malícia. — Eu já gosto dela.

Não. Quero dizer isso, mas paro no último segundo.

Ele já está desconfiado e não quero colocar lenha na fogueira. Considerando suas tendências bastardas, ele fará disso uma história e a venderá aos nossos amigos como um cafetão.

— Ela é uma nerd —digo em vez disso, tentando manter a calma enquanto saboto a imagem que ele tem dela.

— O que há de errado com as nerds? Elas podem ser gostosas pra caralho.

— Ela é uma loira natural.

Sua expressão brincalhona desaparece.

— Passo.

Não consigo evitar o sorriso satisfeito que surge em meus lábios. Ele tem algo pessoal contra elas que nutre há anos. O tipo de Daniel são todas as mulheres do planeta, exceto as loiras — especialmente as loiras naturais.

— O que você vai fazer depois de verificar os antecedentes? — ele pergunta mais a sério.

— Não sei. Brincar com ela, castigá-la. Atormentá-la. O céu é o limite.

***

Durante a hora do almoço, vou para o departamento de TI. Algo que normalmente não faço. Dan e Sebastian, outro dos sócios juniores que também é sobrinho de Nathaniel Weaver, me lançaram um olhar estranho quando ignorei nosso almoço habitual.

Mas eu os ignorei.

Estou em uma missão que acontecerá no “andar dos nerds”, como todos na W&S chamam.

A recepção está vazia e presumo que todos tenham saído para almoçar. Todos, menos ela, porque não a notei no refeitório ontem ou agora. O que significa que ela almoça aqui.

E bingo.

Ela está sentada à mesa, com os ombros e as costas alinhados enquanto come um sanduíche com uma das mãos e digita algo no teclado com a outra.

Assim como ontem, seu cabelo está preto e preso em um coque rígido, e os óculos grossos cobrem metade de seu rosto.

Apenas os lábios permanecem os mesmos, pequenos e carnudos, mas estão nus, sem nada do vermelho de duas semanas atrás.

Todo o seu rosto está sem maquiagem, mas ainda é tão delicado quanto me lembro. Pálido também. Tão pálida que percebo as veias finas em sua garganta quando estou ao alcance do toque.

Tão pálida que deixei hematomas vermelhos em seus quadris quando a agarrei por eles enquanto empurrava dentro de seu calor.

Ao lembrar, meu pau endurece, encostando em minhas calças, e reprimo um gemido enquanto o ajusto.

Para baixo, garoto. Não é hora para você... ainda.

O aroma distinto de flores de laranjeira e jasmim chega até mim e fecho os olhos para inalá-lo. Outra coisa que permaneceu o mesmo daquela noite. Outra coisa que não consigo parar de pensar.

Ela cheira tão delicada quanto parece. Ela pode ser discreta, mas algo muito mais selvagem ferve abaixo da superfície.

Algo que experimentei e não consigo apagar das minhas memórias.

— Se você estivesse mudando de identidade, deveria ter trocado de perfume também.

Ela se assusta, a cadeira balança com seu movimento repentino, e o sanduíche permanece suspenso perto de sua boca.

Lentamente, muito lentamente, ela gira a cadeira para ficar de frente para mim. Sua garganta sobe e desce com um engolir grosso e não consigo parar de observar aquelas finas veias roxas se movendo sob a pele transparente de seu pescoço.

O pescoço que segurei em um estrangulamento não faz muito tempo, o que estou ansioso para repetir. Ou talvez essa não seja a parte que mais me

entusiasma. Talvez a parte que ficou na minha cabeça seja como eu a tinha completamente à minha mercê, onde a única saída era eu.

— Você. — É um sussurro ou um suspiro, não tenho certeza de qual. O que tenho certeza, porém, é que ela não me esperava.

Bom.

Gosto de pegar as pessoas de surpresa, tanto dentro quanto fora do tribunal.

Meus lábios se curvam em um sorriso sardônico.

— Eu.

— O que você está fazendo aqui? — Ela vasculha o departamento de TI como se fosse sua fortaleza e eu invadi a área. Ou talvez ela esteja procurando um aliado. Infelizmente para ela, não há nenhum.

A melhor maneira de esmagar alguém? Deixe-os sem saída.

— Você realmente achou que poderia fugir e eu simplesmente esqueceria sobre isso?

— Bem, você deveria.

— Só porque eu deveria, não significa que eu faria.

Seus lábios se torcem, e presumo que seja porque ela detectou o sarcasmo em meu tom.

— Nós não temos... nada a ver um com o outro.

— Eu comi sua boceta virgem e fiz você gritar até que sua voz ficou rouca, sem falar nas marcas que deixei em toda a sua pele pálida. Eu diria que temos algo a ver um com o outro.

Ela se contorce visivelmente e leva alguns goles para falar.

— Mesmo se fosse esse o caso...

— Dê? Por que você está agindo como se não fosse real?

— Está no passado. Não significa nada. — Uma determinação furiosa impregna sua voz doce e suave, e não sei o que me irrita mais: o fato de ela ter decidido que isso não significa nada ou que o que aconteceu não tem significado para ela em primeiro lugar.

— Eu não concordei com isso.

— Não acho que seu acordo seja importante.

— Eu argumentaria o contrário. Afinal, sou o único na Weaver & Shaw que sabe seu nome verdadeiro, Anastasia.

Ela solta um longo sopro de ar.

— Não é...

— Não diga essa mentira ou você não escapará impune desta vez.

Ela pisca lentamente, deixando o sanduíche cair em seu colo.

— O que você quer de mim?

— A verdade. Toda. E isso inclui seu nome verdadeiro, sua aparência verdadeira e o propósito de estar aqui.

— Jane é o único nome que tenho. Esta é a minha aparência real, a outra era falsa. Quanto ao meu propósito, estou apenas tentando trabalhar para manter a comida na mesa.

Ela continua mentindo. Posso dizer quando alguém está, mesmo que seja perfeito nisso, como ela. Normalmente, as pessoas se denunciam com tiques ou linguagem corporal estranha, mas ela ficou completamente imóvel e calma quando pronunciou essas mentiras.

Ou ela as prática há muito tempo, ouestá tão acostumada a mentir que isso não a incomoda mais.

— Isso não parece funcionar para mim. — Aponto para a tela atrás dela, onde ela tem uma página do Google aberta com meu nome no topo.

Ela joga o sanduíche de lado e clica em algo na tela que a faz ficar preta.

Meu sorriso se alarga.

— Você não é tão sutil para uma perseguidora.

— Eu não sou uma perseguidora.

— Então o que foi isso que acabei de ver? Se você quiser saber mais sobre mim, basta perguntar.

— Só estou fazendo minha pesquisa sobre todos os funcionários da empresa

— Você deveria estudar direito. Suas impecáveis habilidades de mentira viriam a calhar.

— Não, obrigada. A profissão combina com pessoas obscuras como você.

— Hum... Sombrio. É interessante.

Ela franze os lábios e posso dizer que ela está tentando lutar contra o que deveria e o que não deveria dizer. Então ela me encara com um olhar.

— Bem, não é? Só estou tentando trabalhar e você está tornando isso impossível.

— Isso é porque você também é suspeita, Jane. Desculpe, quero dizer, Anastasia. Você realmente achou que eu acreditaria que seu único propósito é trabalhar aqui?

— E é.

— Vou contar a Nate sobre a Anastasia que comi em Jersey e mostrar a ele como ela se transformou em Jane. Então você pode levar seu caso para ele. Estou curioso para ver se ele acreditará que você não está aqui por segundas intenções.

Ela fecha a mão em punho e a coloca no peito antes de sussurrar:

— Não faça isso.

— Por que? Por que é verdade?

— Não… é… eu preciso desse trabalho. Por favor.

— Foda-se. Tente novamente.

— Eu realmente quero. Eu... não posso lhe contar nada, mas não quero problemas e não colocarei a empresa em risco, prometo.

— Eu não acredito nisso. Na verdade, tenho certeza de que problemas são tudo o que você conhece.

— Por favor.

— Implorar não funciona comigo. Pelo menos, não nestas circunstâncias.

Ela faz uma pausa e uma faísca curiosa acende em seus olhos e seu rosto fica com um tom profundo de vermelho.

Devido ao seu tom de pele, cada uma de suas emoções transparece em seu rosto. Mas atualmente não tenho certeza se é timidez ou raiva.

Ela está fingindo inocência de novo? Só que ela não estava fingindo há duas semanas. Afinal, era a primeira vez dela.

Mas agora parece diferente, como uma raiva silenciosa que está prestes a dizimar tudo o que está por vir.

Morto ou vivo.

Ela se levanta lentamente e, porra, notei que ela era pequena quando caminhamos juntos para o hotel, mas mais uma vez estou impressionado com o quão pequena ela realmente é. Como o topo de sua cabeça mal chega ao meu ombro quando ela se aproxima de mim, eliminando a distância entre nós.

Seus dedos cavam na lapela da minha jaqueta e ela diz em voz baixa:

— Se você deixar pra lá, eu te darei o que você quer.

Meu pau fica duro pra caralho, tanto pela proximidade dela quanto pelo jeito que ela olha para mim. Mesmo por baixo dos óculos, há fogo em seus olhos. Um que não vi quando a inclinei e a peguei por trás.

E agora, estou tentado a repetir. Para remover a porra dos óculos e afundar em seu calor até que ela esteja gritando, ofegante e incapaz de se mover.

As imagens ficam mais reais a cada segundo, até que estou a dois segundos de dobrá-la sobre sua própria mesa e pegá-la por trás como um maldito animal.

— E o que eu quero, Anastasia? — pergunto com indiferença, apesar dos pensamentos fodidos que correm soltos na minha cabeça.

Ela deixa a mão cair ao lado do corpo e diz friamente:

— Eu.

7



Anastasia

Nunca fui do tipo confiante.

Não importa que eu acreditasse ser uma fada quando era jovem ou que tenha me misturado com piratas durante toda a minha vida. A única verdade que resta é que eu não conseguia nem fazer contato visual com as pessoas.

Mas estou agora.

Mesmo que seja através dos meus óculos, estou olhando para ele. O estranho cujo nome verdadeiro é Knox Van Doren.

O estranho a quem eu disse tão descaradamente que ele poderia me ter — sexualmente ou não, ele pode simplesmente me ter.

Eu também parecia confiante, como se não estivesse derretendo por dentro. Como se minha pele não estivesse pegando fogo e eu não estivesse prestes a entrar em combustão. Isso é o que acontece quando as coisas não saem conforme o planejado. Eu perdi.

Como se eu tivesse perdido o controle quando *Babushka* foi jogada fora e basicamente dada uma sentença de morte. Posso não fazer contato visual, mas posso ser tão letal quanto as pessoas que me criaram.

Se não mais.

Knox Van Doren.

Esse é o nome completo dele. Eu o encontrei depois de sair correndo do elevador, procurar os funcionários mais graduados da Weaver & Shaw e pesquisá-los no Google. Com certeza, o nome dele estava lá, com os sócios juniores. E eu poderia ter pesquisado sobre ele a noite toda. Ele vem de uma

família mega rica da Inglaterra. Seu pai é dono de um império reconhecido em escala internacional e que também é conhecido pelo seu crescimento incrível.

Não só isso, mas Knox também ganhou reputação na imprensa americana pelas suas travessuras e lado charmoso. No circuito jurídico, ele é conhecido por ser um astuto demônio disfarçado, muito exigente com quais clientes aceitar.

Aqueles que tiverem a sorte de serem representados por Van Doren poderão, bem, adquirir seu "cartão de saída da prisão". Foi o que uma das revistas escreveu sobre ele.

Li inúmeros artigos sobre ele e cada um o pintou de uma forma mais sinistra que o anterior.

O quê? Uma garota tem que cuidar de si mesma.

O fato de Knox saber meu nome verdadeiro e continuar repetindo-o e suspeitando de mim é perigoso. Não só isso, mas pode arruinar tudo pelo que trabalhei. Meu novo começo.

Minha liberdade.

A vida de *Babushk*a.

E tempos desesperadores exigem medidas desesperadas. É por isso que sugeri que ele me levasse.

Ou é isso que digo a mim mesma, enquanto sou incinerada pela presença dele. Há algo nisso, em estar tão perto dele que nossas respirações se misturam e fico presa pelo seu tamanho e seus ombros largos e aqueles olhos dourados e intensos que poderiam ter sido criados a partir da combinação de floresta e fogo.

Ou talvez uma floresta em chamas.

Há algo em estar tão além da minha zona de conforto que parece estranho e excitante.

Delirante.

Talvez até viciante.

E como qualquer viciado, não consigo deixar de cheirar mais, inspirar mais.

Apenas absorvendo mais.

— Você — ele repete lentamente com aquela sua voz profunda, com aquela calma eterna que ainda consegue roubar arrepios da minha alma.

— Sim, eu. — Está menos confiante agora, traindo todas as lascas dentro de mim.

Seus dedos indicador e médio passam por baixo do meu queixo e se levantam. O ato é tão mínimo, mas ele poderia muito bem ter me encharcado com gasolina e me incendiado. Um toque. É um mero toque, então por que diabos parece uma experiência completa?

— O que faz você pensar que eu quero você?

A dor de suas palavras queima e empurra um dos pedaços quebrados em meu peito, mas agarro minha confiança com dedos manchados de sangue.

— Você fez isso há duas semanas.

— Isso foi antes de eu saber que você era uma mentirosa.

— O que isso importa quando estou me oferecendo?

— Você foi uma boa foda, Anastasia, mas não boa o suficiente para ir contra meus princípios. Eu não gosto de mentirosas. Então você terá que me dar algo primeiro.

— Esqueça, então. Minha oferta está fora de questão.

Seus lábios se curvam em um sorriso cruel.

— Serei eu quem decidirá isso, e acredite, quando eu descobrir quem você é e o que procura, você estará realmente fodida. Agarre-se a essas pequenas mentiras enquanto pode.

Ele me solta com um leve empurrão e eu tropeço para trás, minha coxa batendo na cadeira.

— Oh! — Ele para na entrada e se vira para mim. — Nem pense em ir embora ou tornarei isso pessoal.

Então ele sai pela porta.

Deslizo para a cadeira, minhas unhas cravadas nas palmas das mãos e meu coração quase bate no chão.

Ele vai tornar isso pessoal? Pessoal? Então o que ele esteve fazendo desde que me viu no elevador? Tornando isso impessoal?

Com que tipo de homem eu me envolvi?

Até minha tentativa desesperada de me oferecer falhou. Como diabos vou manter a mim e a *Babushka* vivas agora?

***

— Como você está, minha coelhinha?

Aperto o telefone nas mãos e resisto à vontade de chorar, de dizer a ela que não está tudo bem, que não estará mais.

Que eu poderia estar em perigo e ela também.

Em vez disso, forço um sorriso, endireito a coluna e olho pela janela para os edifícios gigantescos de Nova York. Então falo em russo, já que o inglês dela está enferrujado:

— Estou bem, *Babushka*. Como vai você? Eles estão tratando você bem na clínica?

— Claro. As enfermeiras são muito simpáticas e a comida é requintada. Não tão boa quanto a da sua mãe, mas é próximo o suficiente. Como ela está? Ela já deixou aquele canalha?

Desta vez, não consigo evitar as lágrimas que se acumulam em minhas pálpebras. Babushka não é minha avó por sangue, mas ela praticamente me criou quando eu era jovem. Ela me escondia em sua casa sempre que mamãe me mandava correr. A razão pela qual viajei pela floresta foi para chegar à casa dela.

Ela me protegeu quando não precisava e me fez meu bolo de laranja favorito e me deu guloseimas.

Depois ela cantou para mim em russo para que eu adormecesse e não pensasse no que mamãe estava passando.

De manhã, ela trançava meu cabelo, esquentava um pouco de leite e me dava biscoitos. Ela me manteve segura até que mamãe pudesse vir me buscar.

Mesmo sendo velha, ela nunca reclamou de cuidar de mim e sempre ria quando eu contava histórias sobre minhas aventuras de fadas.

Mas ela está muito mais velha agora, com quase setenta anos, e sofre de demência que requer cuidados intensivos. É um dos principais motivos pelos quais saí, para conseguir a ajuda médica de que ela precisa.

Todo o dinheiro que roubei da minha família está sendo lentamente pago à clínica suíça onde ela está hospedada agora. Assim que eu desapareci, foi para lá que fui — transferi-a de uma pequena cidade no oeste da Rússia para a Suíça. A pequena cidade para onde ela foi expulsa logo depois que minha mãe morreu.

Chorei e implorei e até pedi ajuda, mas ninguém me ouviu. Na verdade, fui repreendida por isso porque não podemos demonstrar fraqueza e certamente não imploramos por aqueles que estão abaixo de nós.

Foi então que decidi fazer as coisas com minhas próprias mãos.

Levei anos para encontrá-la e ainda não estou oficialmente reunida com ela. Na verdade, ela mal se lembra de mim agora, mas tudo bem.

Ela me protegeu quando eu era jovem e farei o mesmo agora que ela está velha.

— Sim, — eu digo em um tom alegre. — Ela foi embora.

— Bom. Bom. Eu estava sempre dizendo a ela que ele não era bom para ela ou para você, mas Sofia estava com muito medo e sempre se encolhia quando ele entrava. Ela deveria ter pedido ajuda ao seu pai, mas ela era tão teimosa, dizendo que seu pai poderia ser ainda pior.

— Ele não é. — Estou respirando pesadamente ao telefone, formando um brilho de transpiração na tela.

— Certo? Só porque ele leva esse tipo de vida não significa que não cuidará de vocês duas. Vou falar um pouco com ela novamente quando a vir.

— Ela... se foi, *Babushka*.

— Se foi?

— Sim. Ela não está mais conosco. Ela morreu há quinze anos.

— Não… isso não é verdade… eu estava conversando com ela ontem quando eu arrumei seu cabelo…

Há uma confusão do outro lado antes que a voz da enfermeira chegue até mim. Ela fala em inglês.

— Ela está um pouco cansada.

— Ela está bem?

— Não se preocupe. Esses episódios acontecem com frequência em casos como o dela, mas ela ficará bem daqui a pouco. Ela pergunta sobre você o tempo todo.

Uma pontada de culpa envolve meu pescoço. Eu deveria estar com ela, mas não posso. Se me encontrarem com ela, vão culpá-la por toda a rebelião que planejei sozinha.

Desta vez, eles farão questão de acabar com a vida dela. Na minha frente também, então aprenderei a nunca mexer no sistema.

Desligo depois de pedir à enfermeira que me ligue se acontecer alguma coisa. Demoro alguns segundos para me recompor, enxugar os olhos e parar de ser pego pelas lembranças do passado.

Depois, como faço em todo intervalo de almoço, pego o elevador até o andar

onde ficam os escritórios dos sócios.

Já se passou uma semana desde que entrei na W&S e fui pego por Knox. Qualquer outra pessoa faria o possível para manter distância. Eu não. Minha família era muitas coisas, mas descuidada não era uma delas.

Aprendi desde cedo que a melhor maneira de derrotar um inimigo é aprender o máximo possível sobre ele.

Seus hábitos diários, suas rotinas matinais e até noturnas. É aí que residem suas fraquezas.

Nos hábitos. Nas rotinas.

É por isso que invadi o computador dele, o telefone e o GPS do carro dele. O quê? Eu precisava saber o que ele estava fazendo o tempo todo. E sim, isso pode parecer um pouco perseguidor, mas ele mexeu comigo primeiro. Ele me ameaçou primeiro.

Ninguém me ameaça e sai impune. Ninguém.

Eu balanço minha cabeça com isso. Eu realmente pareço com eles agora, mesmo tendo feito todo o possível para me separar deles.

Ao pesquisar, descobri que o pai dele não é biológico, mas ele ainda é filho adotivo de um poderoso empresário inglês, Ethan Steel, e tem uma gêmea e uma irmã adotiva. A referida irmã adotiva casou-se com alguém da família King, sendo outro nome influente no Reino Unido.

Ele vem do dinheiro e do poder, algo que eu deveria ter esperado, mas ainda me deixa impaciente. Eu odeio essas duas palavras. Dinheiro e poder. Eles pertencem ao mundo do qual escapei.

E preciso escapar da órbita dele também. Porque mesmo que ele não tenha me feito uma visita, posso senti-lo ganhando tempo, esperando, ansiando pelo momento certo para atacar.

Se alguém vai fazer isso primeiro, serei eu.

Então vou para a área aberta do escritório onde ficam os estagiários, associados juniores e alguns paralegais. Os escritórios dos sócios juniores ficam no lado oposto, onde podem ignorar os estagiários caso abram as persianas.

As da sala de Knox estão sempre abertas, proporcionando a todos uma visão 3D através da parede de vidro de seu escritório. É como se ele não tivesse nada a esconder.

E ele não tem. Pelo que descobri, ele é um implacável advogado de defesa

criminal e é sempre requisitado, provavelmente pelo seu estilo ofensivo no tribunal.

Ele é conhecido por ser provocador, até mesmo com as vítimas, o que lhe rendeu uma reputação notória. Naturalmente, ele recebe muitos pedidos de casos, mas também descobri que ele recusa cerca de oitenta por cento deles. Outra coisa bizarra para os advogados, mas aparentemente os sócios fundadores da W&S lhe dão rédea solta nisso. Suponho que seja por isso que ele recusou a oferta de todas as outras empresas para se juntar a elas.

Quando venho aqui, finjo que estou pegando um café no espaço de descanso dedicado ao pessoal e tento avaliar se alguma coisa está diferente.

Normalmente não há nada, e eu teria que sair escondida antes que ele me notasse.

Hoje, porém, é diferente.

Quando saio do elevador, o som de murmúrios abafados chega até mim em ondas. Avanço lentamente para encontrar uma pequena multidão assistindo a uma cena.

E o local é o escritório de Knox.

Uma garota está no meio, usando um vestido violeta e salto alto combinando. Seu rosto está vermelho e mesmo à distância consigo ver as lágrimas e a angústia em seus olhos.

Ela é uma miríade de movimentos; suas mãos se agitam enquanto ela fala, então ela se abraça e mais lágrimas se seguem.

Minha coluna estala em uma linha na cena do crime. É tão parecido com o da minha mãe quando ela era casada com meu padrasto abusivo.

O auto conforto. O empurrão involuntário. Até as lágrimas que não parecem planejadas.

No meio de seu pequeno colapso, Knox fica sentado atrás de sua mesa, os dedos formando uma torre em seu queixo, ouvindo.

Não há um pingo de emoção em seu rosto duro. Nem mesmo a falsa empatia que algumas pessoas usam como fachada.

Ele está em seu verdadeiro elemento. Insensível. Completamente desligado de sua angústia, como se ela e sua dor não existissem.

Minhas unhas cravam nas palmas das minhas mãos enquanto cerro os punhos.

Foi assim que minha mãe se sentiu com papai?

Que ele era muito sem emoção para sentir por ela?

Que não importa o quanto ela chorasse, ele nunca veria aquelas lágrimas ou a dor dela? Foi por isso que ela se recusou a pedir ajuda a ele?

— Vinte dólares dizem que ele vai rejeitá-la — diz uma das estagiárias, uma morena de pele mais escura.

— Estou dentro — responde seu colega, um homem alto e ruivo. — Eu digo que ele aceitará o caso dela.

— Sem chance. — A morena balança a cabeça. — Ele não se moveu durante todo o discurso.

— Ele está apenas ouvindo os fatos como sempre faz. — O ruivo agita duas notas. — Quem está comigo?

Não são muitos. Um debate irrompe entre eles sobre como Knox não aceita muitos casos e que ele tem passado por uma onda de rejeições ultimamente.

Estou meio ouvindo eles, meio focado na garota que continua tocando suas mãos, seu cotovelo, em qualquer lugar que ela possa alcançar.

— Em quem estamos apostando? — pergunta uma voz amigável, acabando de chegar à festa.

Eu imediatamente o reconheço pelo sotaque e lentamente recuo. É Daniel Sterling, outro sócio júnior e amigo mais próximo de Knox. Se não estiverem trabalhando ou no tribunal, estão juntos.

Ao contrário de Knox, Daniel é especialista em direito internacional e tem uma presença geralmente encantadora. Provavelmente porque as covinhas o fazem parecer amigável, mas o júri ainda não decidiu se ele é ou não.

Apesar das minhas habilidades de espionagem, ainda não descobri quem ele ou Knox são por dentro. Por fora, parecem ser dois ingleses importantes que vieram estudar e trabalhar aqui. Suas reputações são excelentes — ou em sua maioria boas, exceto por seus modos masculinos — e eles construíram suas carreiras tremendamente em tão pouco tempo. Eles costumam estar no centro das atenções em eventos sociais e são o assunto das revistas e da imprensa — a imprensa da qual só tomei conhecimento depois que me tornei Jane, já que quase não tive nenhum foco nisso como Anastasia.

No entanto, algo me diz que isso não é tudo. Vivi num mundo perigoso o tempo suficiente para saber que o que se esconde abaixo da superfície é muitas

vezes muito mais nefasto do que o que é visível.

— Estamos apostando vinte dólares se Knox irá ou não recusá-la — a morena responde sem olhar para ele.

— Vou aumentar cem para você com isso. Ele a rejeitará. Vê aquela leve contração de seus dedos? Isso significa que ele está entediado e vai expulsá-la em cerca de vinte segundos.

Todos se viram para Daniel e ele sorri para eles, mostrando suas covinhas.

Eles ficam nervosos por um segundo, apenas um segundo, mas ele se senta em uma das mesas e os chama.

— Alguém aqui tem pipoca?

Risadas baixas irrompem e então todos o cercam, assistindo ao show e conversando entre si.

Fico na periferia, sentindo que preciso estar ali por algum motivo.

— Três, dois… — Daniel conta com os dedos. — E valendo.

Nesse exato momento, Knox se levanta, abre a porta de seu escritório e manda a garota sair.

Ela não se move, fungando e se contorcendo no lugar, então ela vai até ele.

— Por favor... não tenho ninguém a quem pedir ajuda.

— Sim, você tem. Mil outros advogados, na verdade. Pedirei à minha secretária que lhe envie uma lista de recomendações. — Ele está falando com calma, embora sem emoção, como quando prometeu encontrar o que estou escondendo outro dia. — Além disso, sou advogado de defesa criminal. Volte quando precisar ficar fora da prisão.

— Eu não ligo. Fiz minha pesquisa e sei que você não tem medo de desafios e poderia assumir um caso civil se quisesse.

— Eu acabei de dizer que não quero. Boa sorte em encontrar outro advogado.

— Ninguém é como você. Por favor. Eles estão com medo de ir contra ele.

— Não é problema meu. Tenha um bom dia.

E com isso, ele volta para seu escritório, fecha a porta e baixa as persianas. A garota quase desmaia e tem que se agarrar à parede para se equilibrar.

— Te disse. — Daniel sorri. — Você vai me pagar mais tarde. Agora, de volta ao trabalho.

Eles se aproximam de suas mesas e ele caminha até seu escritório cantarolando uma música.

A cena de um momento atrás desaparece como se nunca tivesse existido.

Todo mundo parece ter esquecido da garota que caminha lentamente em direção aos elevadores, ainda usando a parede para segurá-la.

Eu a sigo e clico no botão de chamada quando sua mão treme, incapaz de apertar.

— Obrigada. — Ela funga, enxugando os olhos com as costas da mão. Então ela toca o cotovelo novamente e há uma mancha ali, uma sugestão de algo violeta que parece ter sido escondido com base.

Meu peito aperta e tudo que consigo ver é como mamãe costumava fazer o mesmo para esconder os hematomas, principalmente de mim.

— Não leve para o lado pessoal — sussurro. — Ele não aceita muitos casos.

— Eu sei, mas ele era minha última esperança. Ouvi dizer que ele não se importa com quem vai enfrentar, mas talvez se importe. Talvez todos estejam certos. Talvez eu não devesse ter começado isso.

— Não — digo a ela sem pensar. — Não diga isso, por favor. Você está fazendo a coisa certa.

Ela olha para mim então, seus olhos escuros cheios de umidade, mas ela não está mais chorando, porque há um pequeno sorriso ali.

— Obrigada por dizer isso. Você não sabe o quanto isso significa para mim.

O elevador abre e ela sorri novamente antes de entrar.

Mas não gosto da maneira como isso desaparece quando ela entra, como seus ombros se curvam e as lágrimas voltam.

Talvez haja algo que eu possa fazer. Uma ideia maluca se forma em minha mente.

Knox me disse que está vindo atrás de mim, mas não saberá o que o atingiu quando a situação mudar.

8



Knox

Eu fecho e abro meus dedos, mas é impossível continuar digitando.

O furacão que está se formando dentro de mim não pode ser esmagado ou descarrilado. Não está apenas devorando tudo em seu caminho, mas também destruindo qualquer aparência de calma que mantive por décadas.

As sombras se amontoam sobre meus ombros, sussurrando, murmurando, chegando doentiamente perto dos meus ouvidos.

Eles começaram quando eu tinha cinco anos e não pararam. Eles nunca o farão.

— Porra, porra, porra!

Eu me afasto da minha mesa e inalo algumas respirações bruscas de ar, mas é como se eu estivesse respirando fumaça, espessa, nebulosa e asfixiante pra caralho.

Não são mais as palavras de Sandra Bell que tocam na minha cabeça como um disco distorcido, não é a voz dela que estou ouvindo.

É a minha e da minha irmã gêmea.

E elas são mais assustadoras que a dela, mais perturbadas e crus. Ainda posso sentir o cheiro podre do nosso inferno. O cheiro pungente de álcool, cigarro e almíscar masculino nojento.

Foi há vinte anos, mas parece que foram apenas vinte minutos. Os vinte minutos que Sandra passou me contando sua história.

Posso ouvir histórias de assassinato o dia todo e nem piscar. Eu também deveria estar insensível ao abuso infantil.

Percorri um longo caminho desde quando tudo aconteceu. Eu não fiquei ali, esperando o golpe.

Eu devolvi o soco e me elevei acima das sombras e de seu cheiro podre e sangrento. Agarrei a mão da minha irmã e fugi sem olhar para trás, então por que diabos aquelas sombras estão me arrastando de novo?

Meu telefone vibra e estou prestes a clicar em Ignorar. A última coisa que devo fazer no meu estado é conversar com as pessoas. Eles não me reconheceriam quando eu estivesse assim. Não sou o Knox charmoso e divertido que eles conhecem, sou o Knox daquele inferno.

Uma criança no corpo de um adulto.

Um homem que ainda vê seus demônios.

A imagem que pisca na tela me faz parar. Teal. Minha irmã gêmea.

Nele, ela está no meio enquanto o marido e o filho beijam cada uma de suas bochechas. Mas isso não é tudo, ela está sorrindo.

Não, rindo.

Quando éramos crianças, ela nunca teve nenhuma dessas expressões alegres. Ela também mal falou durante anos e apenas quando era absolutamente necessário.

Mas olhe para ela agora. Esposa, mãe e empresária de sucesso.

Meu dedo paira sobre o botão Ignorar, mas não o pressiono. Se fosse qualquer outra pessoa, eu não responderia, mas Teal é diferente. Teal é minha outra metade.

Caindo de volta no meu lugar, aceito a videochamada, estampando um sorriso no rosto.

— Ei, T.

Minha irmã e eu obviamente não somos gêmeos idênticos, então ela não se parece muito comigo. Seus olhos são mais escuros, maiores e costumavam ser mais tristes. Mas não agora. Há uma luz neles, uma faísca.

Vida.

Isso era o que lhe faltava até conhecer o marido, durante o último ano do ensino médio.

Ela não está sorrindo de volta, porém, uma carranca profunda aparecendo entre suas sobrancelhas.

— Onde está meu sobrinho? — Eu procuro atrás dela. — Como você ousa

fazer uma videochamada e não me mostrar Remi?

— Ele está tomando banho com o pai. — Ela avança em direção à tela e seu cabelo preto segue o movimento, emoldurando seu rosto. — Você está bem?

— Por que eu não estaria?

— Só tive uma sensação estranha. Você sabe, palpite de gêmeo.

— Não existe palpite sobre gêmeos, T. Especialmente para gêmeos fraternos, então você só está inventando isso para obter informações.

— Pare com a conversa de advogado, Knox, e sim, existe um palpite duplo. Foi assim que nos encontramos quando eu estava perdida no mercado quando éramos crianças, lembra?

Eu grunhi.

— Então? — ela insiste, endireitando os ombros e cruzando os braços sobre o peito. — O que está acontecendo?

— Trabalho.

— E?

— E sexo. — Eu sorrio. — Você quer ouvir detalhes sobre isso?

— Eca, não, e você não vai mudar de assunto.

— Você é um pé no saco, T.

— E estou feliz por isso. Agora, você vai me contar o que está acontecendo ou devo destruir sua coleção do Metallica?

— Você não ousaria.

— Sim, eu vou se você não desembuchar.

— Estou subornando papai para cuidar de tudo para mim, então vá se ferrar, T.

— Vou subornar mais o papai e fazer com que ele me filme enquanto faço isso, depois pegarei o próximo avião para Nova York para poder descobrir sozinha o que está acontecendo.

— Vou ligar para Ronan e dizer que a esposa dele está à solta.

— A piada é sua, porque vou trazê-lo comigo para que ele irrite você pra caralho.

Eu gemo.

— Isso foi o que eu pensei. Agora, fale, Knox.

Eu solto um suspiro. Posso vencer um milhão de batalhas no tribunal, mas

nenhuma contra o senso de perseverança irritante de Teal. Especialmente quando ela sente que algo está errado.

— É realmente apenas um caso, T.

— Que tipo de caso?

— Nada com que você precise se preocupar.

— Aparentemente, sim. — Ela suaviza seu tom. — Por favor, Knox, me diga. Não vou conseguir dormir se estiver preocupada com você. Não é suficiente que eu não possa te ver tanto quanto eu quero? Eu sinto que você está escapando.

— Estou aqui, T. Estarei sempre aqui. — Inspiro profundamente, pensando em como fazer isso.

A melhor opção é mentir, mas ela verá isso claramente. Não importa o quanto eu tenha aperfeiçoado minha fachada, ela é a única que detecta minhas besteiras e me critica.

Ela está esperando por mim, seu rosto está em branco, mas ela não diz nada.

As palavras nunca foram e nunca serão a sua força. Ela também é realmente um pé no saco, porque sabe que pode chegar até mim apenas com um olhar. Era assim que ela me comunicava seu desconforto quando éramos crianças e ela não falava.

Depois de um momento de deliberação infrutífera, digo:

— Uma mulher queria que eu a representasse porque está processando o pai por abuso sexual e exigindo compensação monetária.

Aquele olhar retorna, aquele esmaecido que mata toda a luz de seus olhos. Olhos que estavam mortos há tanto tempo e que finalmente começaram a viver há dez anos. Isso desapareceu agora, como se, assim como eu, ela estivesse de volta àquele inferno em Birmingham. O buraco se encheu com o fedor de álcool, drogas e homens.

E eu quero atirar em mim mesmo. É por isso que não quero contar a ela, é por isso que mantenho tudo enterrado dentro de mim.

Sou um bastardo, mas tinha um propósito: proteger minha irmãzinha.

E eu simplesmente estraguei tudo com louvor.

— Escute, T, não é…

— Eu sabia — ela diz em um tom calmo.

— Sabia o quê?

— Você está escondendo coisas de mim.

— Não estou escondendo nada. É apenas trabalho. Não há realmente nada com que você deva se preocupar.

— Mas isso está afetando você. Posso ver a dureza se formando em seu rosto, Knox.

— Estou bem.

— Eu também disse isso, e nós dois sabemos como isso acabou.

— Sou advogado de defesa criminal, T. Já lidei com coisas piores do que isso.

— Pior, sim, mas não é exatamente esse assunto.

— Você não me disse para defender aqueles que estão tão indefesos quanto nós?

— Não se isso desencadear você, não se isso tirar sua humanidade e roubar você de mim.

— Quem está roubando quem? — uma voz masculina chama dela antes que Ronan, seu marido, apareça ao seu lado. Ele está sem camisa e carrega um Remington seminu nos braços. Ambos estão usando toalhas e seus cabelos estão molhados. Isso é shampoo na cabeça de Remi?

— Papai... — Meu sobrinho bate palmas e aponta para mim. — Tio Nokth…

Isso é o que sou para meu sobrinho de três anos: um jargão sem sentido de consoantes e vogais.

— Ei, amigo. — Sorrio para ele, grata pela interrupção. Se eles não tivessem aparecido, a conversa com Teal teria desviado para um território desastroso.

— Ei, tio Nokth! — Ele bate palmas novamente. — Papai me preparou um banho.

— Isso mesmo. Quem é seu favorito? — Ronan lhe dá um soco e ele bate, rindo incontrolavelmente.

— Papai!

— Ok, vá se trocar agora e deixe-me falar com seu tio Knox. — Teal beija a bochecha do filho.

— Não até esclarecermos tudo isso. — Ronan se inclina para frente. Ele passou quase todos os seus genes para Remi, desde a cor dos olhos castanhos até o nariz reto e aristocrático que ele próprio herdou de seu conde. — Você vai roubar minha esposa, Knox? Porque Remi e eu não permitiremos isso.

— Não vou permitir — repete Remi, imitando a carranca do pai.

— Sem chance. Na verdade, tenho trabalho a fazer, então você puder aceitá-la de volta.

— Knox, não se atreva! — Teal se opõe.

— Tchau, Remi.

— Tchau, tio Nokth!

Meu sorriso desaparece assim que eu desconecto.

Tento ocupar minha cabeça com o trabalho, mas depois de mais ou menos uma hora lendo um arquivo de caso, é impossível afastar a tensão que está crescendo em meus ombros.

Então opto por sair e mudar o cenário. De preferência transando com alguém.

É a melhor maneira de se livrar da tensão acumulada, mas há um pequeno problema nisso.

Desde que transei com Anastasia, há três semanas, não tive apetite por mais ninguém.

Não é que eu não queira foder. É que eu quero transar com ela.

Ninguém mais além do ladrão mentiroso e conivente que eu já deveria ter revelado.

A verificação de antecedentes que Daniel fez sobre ela está completamente limpa, o que é muito suspeito. Assim como ela.

E eu vou cuidar disso.

Só não descobri como. Porque cada vez que a vejo, imagino o meu pau na boca dela ou a sua boceta apertada.

E isso não é muito produtivo. Ou talvez seja, dependendo do ângulo de onde se olha.

Deixo minha pasta no escritório e pego o elevador até o estacionamento. Alguém para um andar abaixo, um dos assistentes. Ela sorri e eu finjo um de volta.

É fácil agora fingir que sou normal, que posso sorrir automaticamente ao ver outro humano, em vez de ter pensamentos nefastos sobre jogá-lo do andar mais alto.

Posso agir de forma amigável, mas não confio nas pessoas. Não depois que os

mais gentis transformaram a minha vida e a da minha irmã em um inferno.

As pessoas podres pareciam chiques, elegantes e tinham todos os contatos e dinheiro certos para esconder suas tendências nefastas. Eles usaram seu poder para atacar os vulneráveis e alimentar seus impulsos animalescos fodidos.

É por isso que assumi como missão fazê-los pagar sempre que pudesse. A imprensa e todos no circuito jurídico dizem que sou exigente, mas não sabem a verdadeira razão por trás disso.

Recuso-me a representar uma pessoa se duvido que ela seja podre.

Eles têm um fedor — os podres — e posso sentir o cheiro a quilômetros de distância. É um sexto sentido que tenho desde criança.

Não me interpretem mal. Isso não significa que eu me importe com justiça. Pelo menos não no sentido tradicional.

Se uma mulher vem para mim porque ela assassinou seu marido abusivo, bom para ela. Vou tirá-la da prisão num piscar de olhos.

Se um homem matou sua esposa garimpeira e emocionalmente abusiva, bom para ele também. Vou dar a ele uma nova página para que ele possa recomeçar.

Sim, tiro assassinos da prisão, mas não tiro nenhum assassino. Não quaisquer abusadores.

Apenas aqueles em que não sinto aquele fedor podre.

Quando o elevador está prestes a fechar, vejo uma mulher muito pequena e muito familiar andando em passos rápidos na direção oposta. Nem penso nisso quando aperto o botão que abre as portas antes de fechar. Este não é o departamento de TI, então o que ela está fazendo aqui?

Aquela garota é sombria pra caralho, e hoje não vou deixar isso passar.

Sigo atrás dela, mantendo uma distância segura. Ela não percebe, porém, já que ela tem aquele jeito nerd de estar tão focada ou no computador, ou nos pés, como agora.

Ela carrega a maleta do laptop e abaixa a cabeça enquanto percorre a distância em tempo recorde. Ela é rápida, mas não forte, quase como uma brisa passando.

Seu destino é, aparentemente, um almoxarifado para funcionários que raramente é usado. Ela para na frente dele e verifica os arredores como um ladrão antes de arrombar e entrar. Eu me escondo na esquina até ela entrar.

Eu me pergunto o que a pequena temerária está fazendo em um andar que

não deveria ser da sua conta e em um almoxarifado. Duvido que seja porque era necessária uma tecnologia aqui.

Em vez de seguir logo em seguida, espero cinco minutos. Preciso que ela esteja envolvida em qualquer que seja sua tarefa, para não ter a chance de se esconder.

Eu sou paciente assim. A caça não acontece apenas com velocidade. Perseguir antes do ataque é a melhor forma de deixar a presa sem saída.

Depois que os cinco minutos terminam, vou até a porta e a abro lentamente. Com certeza, ela está sentada de pernas cruzadas no chão, no meio de pilhas de papéis, digitando em seu computador.

A luz azul reflete em seus óculos enquanto seus dedos se movem na velocidade da luz. Ela está de frente para mim, então não consigo ver no que ela está trabalhando, mas ela não me nota, mesmo quando fecho a porta, prendendo nós dois lá dentro.

Clique.

O som ecoa no ar e ela levanta a cabeça, os lábios formando um O.

Com a porta fechada, a única luz na sala de suprimentos totalmente escura vem de baixo da porta e de seu laptop. Há luz, mas eu não a uso.

Para mim, a escuridão é familiar. A luz não é.

Devido ao brilho azul, posso distinguir a abertura de seus lábios carnudos. Lábios que nunca deveriam ter saído do meu pau desde a primeira vez.

— O que você está fazendo aqui?

— Essa deveria ser a minha pergunta. — Eu ando em direção a ela. — O que você está planejando agora? Outra identidade? Outro nome?

Ela rastreia meus movimentos como se eu fosse de fato o predador que vem atrás dela. Eu me inclino para frente para espiar o computador.

— O que você tem aí, Anastasia? Por que você precisa vir aqui para fazer isso?

Como se acabasse de perceber o que estou procurando, ela fecha o laptop, enchendo o ambiente com sombras escuras.

— Você acha que isso vai me impedir? — Eu o pego e ela tenta se enrolar nele.

Deslizo minha mão em sua barriga e ela é forçada a ficar de costas, mantendo o laptop acima da cabeça para que eu não possa alcançá-lo.

Então subo em cima dela, meu peito colado ao dela, e isso a impede de se mexer. Ela se esforça, seus dedos apertando o laptop com força.

— O que você está fazendo? — Ela ofega, meio mortificada, meio tensa.

— Eu te disse, vou descobrir você, e agora é um momento tão bom quanto qualquer outro.

— Não há nada para descobrir, deixe-me ir.

— Hum... Eu teria acreditado nisso se você não estivesse passando por tantos problemas para proteger sua arma do crime.

— Laptop é pessoal, idiota.

— Não se eles estiverem na cena do crime.

— Ugh... você está me esmagando.

— Então desista.

Em uma última tentativa, ela tenta me dar uma joelhada nas bolas. Agarro seu joelho com uma mão e acaricio sua coxa. Um sorriso aparece em meus lábios, um sorriso verdadeiro, embora provavelmente pareça um sorriso maligno no escuro.

— Você realmente não deveria ter jogado sujo. Agora estou tentado a fazer alguma coisa.

— F-fazer o quê?

— Faça você se contorcer. — Meus dedos se aproximam de seus quadris e, embora a esteja tocando através de suas roupas, sinto seu calor e o arrepio percorrendo seu corpo.

— V-você disse que não iria me tocar.

— Eu mudei de ideia.

— Por que?

— Porque seu corpo fica tão flexível embaixo de mim e eu poderia gostar disso.

— Isso não.

— Hum... Devo provar isso?

— N-não.

— Desafio aceito, minha pequena borboleta.

Afinal, ela é a razão pela qual perdi meu apetite sexual, é justo que eu o recupere através dela.

Sim, ela é uma mentirosa, mas pode ser a melhor forma de distração que já tive.

9



Anastasia

Minha pequena borboleta.

Foi assim que ele acabou de me chamar, certo?

Meu peito aperta e meus olhos aumentam de tamanho, desesperados para vê-lo. Na escuridão, não consigo vê-lo, mas as linhas nítidas de seu rosto são visíveis, assim como o brilho em seus olhos intensos.

Estou presa sob a dureza de seu corpo e seu tamanho. Estou arrasado e não consigo respirar. E aquela colônia que procurei nas lojas de departamentos? Isso está me sufocando agora, roubando meu processo de pensamento e me impedindo de pensar além deste momento.

— Você... você está com minha borboleta?

— Por que você pensaria isso?

— Você acabou de me chamar de pequena borboleta.

— Poderia ter feito isso por qualquer motivo.

— Mas foi específico o suficiente.

— Hum... O que você vai fazer para descobrir se eu tenho ou não? — Sua voz é profunda, aveludada e escura, envolvendo meu pescoço.

— Eu, eu...

Minhas palavras desaparecem quando a mão dele que estava na minha coxa desliza para o lado interno dela.

Cerro as pernas com força, mesmo que sinta um formigamento, mesmo que cada pensamento ilógico na minha cabeça esteja me incentivando a me soltar.

Não posso.

Não quando posso sentir ondas de escuridão emanando dele. A mesma escuridão que lutei com unhas e dentes para deixar para trás. Parece que sempre senti isso nele, mesmo durante aquela noite em Jersey, mas naquela época estava tudo bem porque foi uma coisa única.

E eu tolamente pensei que não o veria novamente.

Eu tolamente pensei que iria apenas mantê-lo em minhas memórias e pronto.

Mas ele está bem aqui e vem atrás de mim e isso não é bom.

É absolutamente assustador para o destino de *Babushka* e meu.

Seus dedos pairam no ápice das minhas coxas e mesmo que ele não esteja forçando a entrada, ele está ali, esperando a hora certa.

— O que está acontecendo? — Há uma ligeira diversão em seu tom, beirando o sadismo. — Sentiu-se tímida de repente?

— Isso não é... ah... — Minhas palavras terminam em um gemido porque ele está pressionando um dedo contra meu clitóris agora, e embora seja através das minhas calças e calcinha, posso sentir o latejar das minhas veias no meu núcleo.

— Você não deveria estar. — Ele está falando no meu ouvido, sua voz mais quente e sexy nos graves.

Por um segundo, estou tão focado nisso, em sua voz e alcance, que esqueço momentaneamente o que está em jogo aqui. Meu cérebro desligou todos os elementos ambientais, então tudo que posso sentir é seu corpo cortado que tem uma tatuagem de guerreiro escondida sob o traje formal e adequado.

Muitos músculos também que vi naquele dia e sinto atualmente contra a maciez da minha barriga e dos meus seios.

Tudo em mim é tão suave enquanto ele é tão duro e grande que me faz sentir pequena. Tão pequena e frágil, mas em vez de ficar apreensiva, minha pele pega fogo e um tipo estranho de excitação se espalha dentro de mim.

Mas isso está errado, não é? Eu não deveria ficar excitado com a nossa diferença de tamanho. Na verdade, eu deveria ser cauteloso, deveria pensar no que está em jogo.

Como meu laptop.

Knox deve ter chegado tão perto para mirar no meu laptop que estou segurando com as duas mãos e mantendo-o fora do alcance acima da minha

cabeça.

Mas ele não faz isso.

Em vez disso, ele passa a língua na minha orelha e não consigo evitar as ondas de prazer que explodem em ondas pela minha carne sensível. Quando seu sussurro profundo me segue, estou à beira de algo tão áspero que me tira o fôlego.

— Você não deveria ser tímida. Afinal... — Ele enfia os dedos na minha boceta e eu mordo minha língua para suprimir um gemido. — Eu fiz essa boceta sangrar pela primeira vez.

Merda.

Por que ele faz o ato de tirar minha virgindade parecer tão quente? Não deveria, não quando sempre considerei isso um fardo que poderia ser usado para me casar com o primeiro homem adequado que minha família encontrasse para mim. Não quando tudo que me importava era me livrar dele. Mas ouvi-lo dizer essas palavras faz tudo parecer mais distorcido, pervertido e completamente desviante.

— Abra. — A ordem firme e inegociável envia uma explosão de faíscas dentro de mim.

Ele não precisa usar os dedos para separar minhas pernas, porque elas se abrem sozinhas. Minha mente está condicionada a toda a deliciosa autoridade que senti naquela noite, à entrega que experimentei pela primeira vez na vida.

E não é do tipo forçado onde eu não tive escolha, porque eu tive, tive a opção de ir embora, mas optei por não ir.

Eu escolhi ficar.

Porque, pela primeira vez, eu não era filha de uma família perigosa ou da falsa Jane. Era só eu.

Como se estivesse pensando o mesmo, Knox pega meus óculos. Quero impedi-lo, mas não consigo largar o laptop e, de repente, ele os remove. Não creio que ele consiga ver meus olhos na escuridão e, se conseguir, só olhará para as lentes de contato. No entanto, quando ele olha para mim, parece diferente, como se estivéssemos de volta naquele momento.

Onde éramos anônimos.

— Abra mais — ele ordena, e desta vez não preciso separar muito as pernas, pois a mão dele já está no zíper da minha calça. Ele facilmente as puxa para baixo

e depois desliza os dedos na minha calcinha.

É um choque, uma reação de choque que faz com que minhas costas se levantem do chão e minhas mãos fiquem suadas no laptop.

Esta não é a primeira. É a primeira vez que ele me toca tão intimamente, mas parece que sim.

— Hum... Alguém ficou excitado com a luta livre. — É aquele sadismo de novo, mas está misturado com um tipo nebuloso de luxúria.

Ou talvez seja eu. Ele esfrega toda a extensão de sua enorme ereção em minha barriga e eu fico imóvel, minha respiração falhando.

— Seu pequeno movimento me deixou duro pra caralho, linda. Você cuidará disso, não é?

Não entendo do que ele está falando, em parte porque seus dedos continuam esfregando minhas dobras encharcadas, e em parte porque sua ereção continua crescendo a cada segundo.

O som de seu zíper ecoa no ar e prendo a respiração, mesmo sendo dominada por todos os tipos de sensações. Mesmo que meu coração esteja prestes a pular para onde seus dedos estão na minha boceta.

A maneira como ele me toca é lenta e firme, como se soubesse exatamente o que está fazendo e para onde está levando isso. E estou indefeso diante disso, completamente preso em uma armadilha da qual não consigo escapar.

Então algo acontece.

Sua ereção que eu estava sentindo na minha barriga apenas alguns segundos atrás substitui seus dedos, esfregando-se contra minha boceta por cima da minha calcinha.

As faíscas de prazer se transformam em explosões completas, mas isso não é tudo, porque ele está empurrando contra minha abertura enquanto continua coberta e, por algum motivo, isso parece pervertido e causa mais excitação em nós dois.

— Eu quero foder você. — Ele grunhe enquanto empurra, esfrega e desliza seu pau para cima e para baixo na minha calcinha. — Eu quero arrancar as roupas da sua identidade falsa e bater na sua boceta apertada até você gritar.

Faça isso, eu quero dizer.

Apenas faça isso já. Tenho tido abstinências que pensei que não sofreria desde a primeira vez que ele me tocou.

Desde que descobri o que é sexo.

E não sexo com qualquer um. Sexo com ele e seu domínio deliciosamente intenso. Normalmente, eu fugiria disso, mas com Knox, vou direto ao ponto.

Consciente e subconscientemente.

— Vê como sua boceta está me engolindo, minha mentirosa? Você quer meu pau dentro de você, não é? Você quer que eu te foda forte e rápido e sem restrições.

Estou no limite e não consigo desviar o olhar. Estou bem aí e não é só pelo ritmo do seu pau. É uma combinação de tudo.

É devido à sua conversa suja e ao tenor profundo de sua voz.

É devido ao seu toque firme enquanto ele pega o que quer sem um pingo de desculpas.

É pelo ar que está ondulando e cheio de tensão, transbordando de sexo e sua colônia inebriante.

Mas o elemento mais importante de tudo é ele. O homem que deveria ter sido uma coisa única, mas está se transformando em algo mais.

E isso é estranhamente excitante. Um botão que eu achava que nem tinha dentro de mim.

— Você quer que eu te foda, Anastasia?

O som do meu nome deveria ter saciado meu desejo, mas o transforma em um incêndio.

Ele me conhece, bem, na verdade, não, mas pelo menos não acha que sou a farsa que trabalhei tanto para construir. E embora normalmente isso fosse alarmante, não é agora.

Porque sou eu.

— Você quer? — ele insiste, e estou tão perto de gritar, de dizer para ele me foder.

De qualquer forma, é uma coisa única.

Foi o que eu disse da outra vez e estava obviamente errado.

Mas eu aceno de qualquer maneira, é quase imperceptível, mas ele percebe e acelera o passo. Se não fosse pelo peito dele no meu, eu estaria pulando com o calor das sensações.

— Mas não farei isso, não até que você me conte uma verdade sobre você.

— Ugh... — A frustração que sai da minha garganta é espontânea e o faz rir. Mas o som não está nem perto de ser divertido. É escuro e um tanto perturbado.

— Você pensou que eu deixaria você brincar comigo, minha pequena mentirosa?

— Isso não é… eu não pensei...

— Você não o quê?

— Não estou brincando com você. — Na verdade, é ele quem está fazendo isso, brincando comigo até eu estar prestes a explodir.

— Então diga alguma coisa.

— Anastasia é... meu nome verdadeiro.

É uma pequena informação, algo que ele suspeitava o tempo todo, mas dizer isso em voz alta tira um peso do meu peito.

— Eu já sabia disso.

— Você… não tinha certeza.

— Hum... Mas ainda não consigo te foder.

— Por que não?

— Eu não tenho camisinha comigo. Normalmente, não venho trabalhar com planos de foder um funcionário.

Minhas unhas cravam no laptop e quase grito de frustração. Em vez disso, mordo a língua, não querendo que ele sinta o efeito que tem sobre mim.

O quanto suas palavras me encheram de uma decepção inexplicável.

— Mas vou mudar isso daqui para frente. — Ele empurra seu pau contra minha abertura algumas vezes com força crescente. Os pequenos empurrões são tão prazerosos que inconscientemente solto minha língua.

O orgasmo me atinge com uma força ofuscante e então caindo, me despedaçando, mas não há como parar. Nem mesmo quando pisco rapidamente, tentando controlar minha reação. A força do prazer é mais forte do que minhas tentativas de autocontrole, e eu simplesmente grito. Ele envolve minha boca com a mão.

— Shhh, as pessoas vão ouvir.

Merda.

Esqueci completamente disso, do fato de estarmos na empresa e de eu estar protegendo meus planos no laptop, mesmo que minhas mãos ainda estejam sobre

minha cabeça.

À medida que a onda diminui lentamente, fico ali deitado, recuperando o fôlego e os pensamentos. Estou com um pouco de sono também.

É um problema se eu quero desmaiar constantemente depois de um orgasmo poderoso. Isso não desafia todo o propósito por trás disso?

Na minha neblina, vejo Knox subindo pelo meu corpo até que seus joelhos fiquem em cada lado da minha cabeça. Sua sombra escura cai sobre mim como uma desgraça, uma sombra emocionante. Um que não consigo parar de olhar. E então sinto o gosto de algo salgado — seu pré-sêmen. No meu torpor, não percebi que ele estava colocando a ponta do pau na minha boca.

— Eu preciso desses lábios no meu pau.

Abro lentamente, levando-o para dentro. É diferente da outra vez porque agora nem tento ter controle. Está tudo à sua disposição.

Ele passa a mão por baixo da minha cabeça, agarrando-me pelos cabelos, e empurra na minha boca com força bruta. Ele bate no fundo da minha garganta e eu engasgo com ele, cuspindo e ofegando por ar.

— Relaxe sua garganta — ele insiste, quase ordenando, e então empurra novamente. — É isso, linda.

Meu batimento cardíaco troveja e minha boceta aperta com uma necessidade renovada com suas palavras. O fato de ele ainda me chamar de linda, de estar gostando.

Eu realmente gosto do prazer dele. No fato de que eu sou a razão por trás disso, a razão pela qual ele está gemendo no fundo da garganta.

E eu quero mais disso.

Então relaxo mais minha garganta, deixando-o foder com força, rapidez e sem restrições. Eu gemo perto dele também, porque gosto dessa sensação de poder.

Gosto de como seus quadris balançam como se ele fosse incapaz de controlar o prazer.

— Porra, linda. Vou liberar meu esperma nessa linda garganta. — E com um último grunhido, ele faz o que prometeu, atirando tão profundamente em minha boca que mal consigo prová-lo enquanto engulo.

Quando ele sai, um rastro de esperma se forma entre minha boca e seu pau, e estou totalmente fascinada pela vista que não consigo desviar o olhar.

Dele.

Ele limpa o canto da minha boca com o polegar e quase posso ouvir o sorriso malicioso em sua voz quando ele diz:

— Vou me divertir brincando com você, minha pequena mentirosa.

10



Knox

Quando saio de cima dela, Anastasia rasteja para trás até que suas costas batem na lateral de uma prateleira, mas ela segura o laptop protetoramente contra o peito.

Ela não desistiu, mesmo quando estava se quebrando contra meu pau e eu tive que abafar seus gritos.

Eu me aconchego e grunhi com a contração em meu pau. Aparentemente, descer pela sua linda garganta não é suficiente. Estou resistindo à vontade de agarrá-la pelo pescoço e transar com ela contra a parede. Os preservativos que se danem.

Embora, na verdade, não. Não sou minha irmã e não estou interessado em crianças agora. Ou nunca. Por que trazer uma criança para este mundo cruel e depois forçá-la a se defender sozinha?

Remi é a única criança permitida na minha vida, e só de longe.

No entanto, estou pensando seriamente em dobrá-la sobre a mesa mais próxima e foder sua boceta apertada. Posso sair antes de terminar ou...

Porra, no que estou pensando? Eu não deveria estar considerando esta ideia em primeiro lugar, e muito menos encontrar lacunas em torno dela.

Eu não fodo sem camisinha e pronto. Estou chateado por ter considerado a opção.

Isso é só porque eu não transo há algum tempo. É isso. Isso é tudo.

Anastasia pega o laptop com uma mão e fecha o zíper da calça com a outra. Esse é o nome dela, Anastasia, seu nome verdadeiro.

Ao admitir isso, ela também insinuou indiretamente que toda a persona de Jane é apenas isso — uma persona. Nada disso é real; não sua aparência e definitivamente não aqueles falsos olhos castanhos que atualmente monitoram cada movimento meu.

Às vezes, ela parece uma presa, uma pessoa esperta que vigia em vez de esperar para ser comida.

Agora que penso nisso, é isso que ela tem feito desde a primeira vez que a vi naquele bar. Ela estava observando por trás daqueles fios loiros gelados e determinando o que fazer a seguir.

É curiosidade ou talvez cautela?

Quem diabos é ela? A mera pergunta na minha cabeça ferve meu sangue de aborrecimento. Eu não sou um bom homem. Eu nem sou decente. Escusado será dizer que não sou do tipo que pergunta o nome das mulheres, muito menos sobre a sua história de vida.

Então, por que diabos eu quero enfiar meus dedos dentro dela e tirar o que quer que ela esteja escondendo?

Por que ela?

Porque ela é uma mentirosa, é por isso.

Embora eu esteja acostumado com criminosos mentindo para mim o tempo todo, é diferente ao se tratar de uma escala pessoal.

Depois de me acomodar, abro a porta com mais força do que o necessário. A luz de fora entra, banhando o quarto e ela com uma tonalidade suave.

Suas bochechas continuam vermelhas, sua expressão é como a de um cervo pego pelos faróis, mas ela interpreta o movimento de eu abrir a porta como significando que terminei com ela e se inclina para pegar a capa do laptop. No momento em que ela faz isso, eu arranco-o entre seus dedos.

A princípio, ela congela como se não entendesse o que aconteceu, depois um rubor cobre suas bochechas. A luz que entra pela porta deixa seus olhos castanhos mais claros, quase listrados de azul. Tenho certeza de que é a cor real dos olhos dela.

— Devolva!

— Conte-me algo sobre quem você realmente é primeiro.

Ela pula, mas estou segurando o laptop. Considerando a nossa diferença de tamanho, ela não conseguirá alcançá-lo, não importa o quanto tente.

Mas ela faz exatamente isso: tenta. Ela agarra meu braço e o usa como alavanca para pular mais alto. Seu rosto fica com um tom mais profundo de vermelho a cada segundo e sua respiração sai áspera e gutural.

Finalmente, ela empurra para trás, franzindo a testa antes de levantar o nariz.

— Você não conseguirá abri-lo de qualquer maneira. É protegido por senha.

— Vou descobrir um jeito. — Balanço o laptop no ar. — Eu me pergunto que esqueletos encontrarei aqui.

Ela franze os lábios. — Por que você quer saber sobre mim?

— Porque não sou um grande fã de mentirosos. Além disso, você sabe tanto sobre mim depois de toda essa pesquisa no Google, é justo que eu saiba, também.

Ela olha para minha mão por um segundo e posso dizer o momento exato em que ela decide fazer uma última tentativa.

Mas mesmo quando ela salta, ela não consegue alcançar metade da distância.

— Boa tentativa. — Eu sorrio.

Ela o encara, mas leva apenas uma fração de segundo antes de quebrar o contato visual. Percebi que ela não faz muito isso, olhando nos olhos dos outros ou nos meus, como se estivesse escapando de algo ao evitá-los.

Agachando-se, ela pega os óculos que joguei fora antes e os coloca, usando-os como uma espécie de armadura, uma arma contra o mundo.

Ou talvez apenas contra mim.

— Eu tenho uma condição.

— Uma condição? O que faz você pensar que pode tê-las? Estou com seu laptop, lembra?

— Não direi nada a menos que você concorde com minha condição.

— E o que é isso?

Ela respira fundo, coloca a mão no peito e diz:

— Você não pode aceitar o caso daquela mulher?

Eu estreito meus olhos.

— Você estava me espionando?

— Eu só... estava passando por aqui.

— Para uma mentirosa tão excelente, você está fazendo um péssimo trabalho com seu padrão de fala agora. Mas isso não importa, porque a resposta é não.

Uma carranca aparece entre suas sobrancelhas delicadas e ela tira a mão do peito.

— Por que não? Ela era obviamente abusada.

— Como você sabe disso?

— Ela tinha marcas roxas no pulso que escondia com maquiagem. É um comportamento típico demonstrado por mulheres vítimas de abuso.

— E você é uma especialista porque...

— Mamãe estava em um relacionamento abusivo e eu presenciei tudo. Das surras às mentiras e às hesitações. Tudo isso. Eu estava lá quando ela usou base para esconder os hematomas, mas não estava quando ela me mandou para a vizinha para me proteger. É preciso muita coragem para ir contra o agressor. Eu sei, porque mamãe não conseguiu e, quando o fez, já era tarde demais. Então, por favor, ajude aquela mulher se puder.

Faço uma pausa, abaixando a mão com o laptop ao meu lado. As emoções em sua voz são tão cruas e reais. Mais real do que qualquer coisa que já ouvi dela antes. Sempre suspeitei que ela estava escondendo alguma coisa, que era astuta e conivente por algum motivo, mas nunca pensei que seria isso.

Ela nem está mais focada em seu laptop, só em mim. Há desespero em sua postura rígida, na maneira como ela ajusta continuamente os óculos e toca o peito, como se isso a mantivesse enraizada no momento.

Flexiono meus dedos no laptop.

— Por que foi tarde demais?

— O quê?

— Você disse que sua mãe não poderia pedir ajuda e quando ela pediu, já era tarde demais. Por que?

— Porque... — Ela acaricia a borda dos óculos, aperta a camisa e engole em seco. — Porque... a pessoa a quem ela pediu ajuda não era exatamente um cavaleiro de armadura brilhante.

— E você acha que eu sou?

— Você é advogado.

— Isso não faz de mim um herói.

— Um herói é a última coisa que mulheres como minha mãe e aquela garota precisam.

— Por que isso?

— Porque os heróis seguem regras e pensam no bem-estar do mundo. Eles estão acorrentados a códigos de honra ultrapassados e a uma moral autoimposta, e isso pode funcionar num idealismo platônico preto e branco, mas isso não é realidade, não é assim que funciona. Na vida, às vezes, o herói tem que se transformar em vilão.

— É isso que eu sou? Um vilão?

— Ouvi dizer que você poderia ser se a situação exigir.

— Então sou um vilão de meio período?

— Prefiro o termo, guerreiro sombrio da justiça.

— E você acredita nisso? Justiça?

— Tenho que fazer isso, porque se não fizer isso, não terei nada em que acreditar, nada em que esperar, e isso é... muito sombrio para pensar. — Ela me encara por uma fração de segundo e depois abaixa a cabeça. — E você?

— Eu o quê?

— Acredita na justiça?

— Na verdade.

— Então… por que você se tornou advogado?

— Porque a justiça me fodeu uma vez e eu estou fodendo de volta. É uma espécie de rancor. Justiça e eu temos o que as pessoas chamam de relação de amor e ódio. — Não tenho ideia de por que diabos estou contando tudo isso a ela quando não falo sobre isso com ninguém, nem mesmo com T.

Minha percepção sobre a justiça foi distorcida desde que eu era criança e só ficou mais complicada à medida que cresci. Odeio justiça na maioria das vezes, mas usá-la tem dado sentido à minha vida.

No entanto, não gosto que outras pessoas descubram sobre meu relacionamento com isso, então o fato de eu ter contado tudo isso a ela é a primeira vez.

Pode ser porque ela se abriu sobre sua mãe. Pode ser por causa do jeito que ela me olha furtivamente, mesmo que sua cabeça geralmente esteja abaixada, adorando o chão.

Ou talvez seja devido ao fato de eu ter descoberto outra profundidade nela, uma que está brincando com a porra das minhas sombras, e eu quero que elas desapareçam.

A profundidade e as sombras.

Ou talvez eu queira que elas se choquem, cheguem ao fundo do poço para que eu possa observar o tipo de caos que isso criará.

— A justiça também fodeu com eles —, ela sussurra. — Pessoas como aquela mulher e minha mãe, quero dizer. Ninguém as ouviu gritar ou viu seus hematomas ocultos. Ninguém parou para lhes oferecer ajuda ou mesmo para ouvi-las. Mas você pode.

— Não sou exatamente uma pessoa benevolente.

— Você não precisa ser. Apenas faça o que você faz de melhor.

— E o que é isso?

Ela sorri e é suave, mas cru, assim como as palavras dela antes. Como se ela não estivesse apenas mostrando os dentes, mas também um pedaço de sua alma oculta no processo.

— Fazer a justiça foder com tudo.

Não consigo evitar o tom de diversão na minha voz.

— Achei que você acreditasse na justiça. Você quer que eu estrague tudo?

— Quando é um idiota, sim. — Ela me espia através dos cílios. — Então?

— Ainda não estou convencido. Você terá que se esforçar mais. — Um fogo determinado se refugia em seus olhos.

— Eu vou.

— Tem certeza? Não sou do tipo que muda de ideia facilmente.

Ela arranca o laptop dos meus dedos e, embora eu tenha previsto isso, não a impedi.

Uma expressão alegre e vitoriosa cobre suas feições.

— E eu não sou do tipo que desiste facilmente.

***

— Estou dentro. — Deslizo para o assento em frente a Aspen e me concentro no homem sentado atrás da mesa.

Nate, o Weaver da Weaver & Shaw e o gerente da empresa me encara como se eu tivesse crescido duas cabeças.

Ele tem quase trinta anos, tem uma estrutura óssea forte e é rígido pra caralho quando se trata de dirigir a W&S. Embora ele não interfira na forma como escolhemos nossos clientes, ele também não nos deixa completamente

soltos.

De uma forma ou de outra, ele está envolvido em todos os casos que batem à nossa porta, por isso tenho certeza de que ele já conhece o de Sandra.

Ou seus elfos espiões contaram a ele ou a boca grande de Daniel cuidou do trabalho. De qualquer forma, ele não parece muito surpreso, apenas cético, na verdade.

Que faz de nós dois.

Levei algumas horas de processamento mental para chegar a essa decisão. Depois de me separar de Anastasia hoje cedo, voltei ao meu escritório e pensei nos prós e contras.

Naturalmente, para mim, os contras são maiores. Este não é apenas um caso civil, mas também chega muito perto de casa, e isso geralmente é um obstáculo.

Mas algo que Anastasia disse continuou me incomodando.

Ninguém os ouviu gritar ou viu seus hematomas ocultos. Ninguém parou para lhes oferecer ajuda ou sequer para ouvi-los. Mas você pode.

Isso me lembrou de papai. Se ele não tivesse encontrado a mim e a Teal, se ele tivesse nos rejeitado, teríamos seguido um caminho destrutivo. Não teríamos nos tornado as pessoas que somos hoje.

Como se fosse um sinal, ele me ligou mais cedo e perguntou se eu precisava de alguma coisa. Sou um homem bem-sucedido de 28 anos, com uma fortuna que estou investindo em todo o mundo, mas meu pai ainda me liga e pergunta se preciso de alguma coisa.

Ele nunca me fez sentir como se não fosse seu filho biológico.

Quando eu estraguei tudo na adolescência, ele ficou bravo comigo como um pai normalmente faria e me ensinou como é o mundo. Quando eu fazia algo certo, ele me recompensava e me fazia sentir valorizado e amado.

A combinação da ligação dele e de Teal, bem como as palavras de Anastasia, selou o acordo para mim.

Apesar dos presos me encararem à distância, estou saindo da minha zona de conforto.

Estava ficando chato lá de qualquer maneira.

Nate continua me observando e Aspen também. Ela é ruiva e uma das mulheres mais atraentes que já vi–tirando a pequena mentirosa de cabelos gelados e olhos azuis.

Respiro fundo para afastá-la dos meus pensamentos. Voltando ao assunto em questão, Aspen é a única sócia sênior da W&S e o braço direito de Nate. Ela também é arqui-inimiga de Kingsley, então toda a dinâmica entre os três são divertidas na melhor das hipóteses.

Ela toma um gole de café.

— Você não a rejeitou?

— Eu mudei de ideia.

— Você raramente muda de ideia, ou nunca, Van Doren. — Nate se inclina para frente na cadeira. — Por que agora?

— Eu não sabia que o pai dela estava sendo representado pela Pearce & Powers, nossos maiores rivais da última vez que verifiquei. — Eu me recosto na cadeira e cruzo as pernas na altura dos tornozelos. — Não podemos deixar escapar esta oportunidade de esmagá-los.

— Que tal você deixar King e eu nos preocuparmos com Pearce & Powers e me contar o verdadeiro motivo?

— Sinto cheiro de algo suspeito também. — Aspen coloca o café na mesa e dois pares de olhos críticos e julgadores se fixam em mim.

— Estou apenas interessado no caso. De que mais razão você precisa? Apenas acredite na minha palavra e deixe-me fazer minha mágica. Nem será preciso dizer que vocês estão convidados a sentar na primeira fila.

— Tem certeza? — Nate levanta uma sobrancelha. — Você cuidará da parte civil deste caso, considerando que Sandra Bell está exigindo indenização.

— Sim, mas o processo criminal pode acontecer logo depois disso e eu posso ajudar Sandra.

— Você está bem ciente de que este caso terá grande impacto na mídia, não apenas por causa da natureza do processo, mas também por causa de quem ela está enfrentando. Matt Bell é um produtor conhecido e isso faz dele uma figura pública.

— O que trará mais conscientização para esse tipo de caso – e para a empresa, é claro. Não importa quem seja Matt Bell, vou acabar com ele e seu advogado.

Aspen me dá um pequeno sorriso. Apesar de seu papel nos bastidores, ela não perde a chance de dar às escórias o que elas merecem.

— Meus pequenos duendes me disseram que o promotor irá acusá-lo de um

crime violento de Classe B por abuso sexual.

— Como ela é parente de sangue dele, o advogado adversário irá defender um crime de Classe E. Então eles facilmente o colocarão em liberdade condicional e será como se isso nunca tivesse acontecido. — Nate está expondo os fatos em seu tom frio e levemente provocativo, como faz no tribunal. — Isso se o promotor encontrar provas da agressão sexual. Se isso se transformar em um cenário de palavra dele versus palavra dela, quem você acha que sairá ileso?

— Não aquele canalha, com certeza.

— Ele já conseguiu fiança para o processo criminal, então não parece bom — diz ele.

— Então vou mudar as coisas a meu favor. Vou até encontrar provas para forçar a mão do promotor.

— Eu não seria tão arrogante se fosse você. — Aspen cruza as pernas. — O próprio Reginald Pearce está representando Matt Bell. Sem mencionar que o promotor nomeou Gerard como promotor e ele é melhor amigo de Pearce & Powers.

— Obrigado por todas as notícias deprimentes, Aspen, mas como eu disse, não dou a mínima para quem vou enfrentar. Poderia muito bem ser a Suprema Corte e eu ainda vou acabar com eles. — Eu sorrio com isso.

E não, Anastasia não teve um papel na minha decisão. Tudo bem, talvez um pouco, mas é mais para mim.

Ela me deu uma ideia genial antes.

Esta é mais uma oportunidade de estragar o sistema que deixou brechas gigantescas para predadores como Matt Bell aproveitarem.

— Até a máfia? — É Nate quem pergunta.

— A máfia?

— Máfia russa. Matt usa sua posição no showbiz para lavar seu dinheiro sujo e trazer-lhes empreendimentos lucrativos, entre outras coisas.

Fico em silêncio.

Aspen me fixa com um olhar presunçoso.

— Quer que eu assuma?

— Porra, não. O envolvimento da máfia tornará isto ainda mais divertido.

— Você quer dizer, perigoso. Esta é uma má ideia para o seu primeiro caso em grande escala.

— Você esqueceu algo, Nate. Adoro ideias ruins. — Como Anastasia.
Ela é a pior ideia de todas, mas só estou pensando em fazê-la querer mais.

11



Anastasia

Eu sei que disse que não sou do tipo que desiste, mas convencer Knox a mudar de ideia é mais difícil do que eu pensava.

Eu gostaria que o cérebro dele fosse um computador que eu pudesse invadir e alterar seus fios, talvez deixar um malware lá para retribuir por ele ter sido um idiota.

Infelizmente, estou fora do meu alcance e definitivamente não estou lidando com um computador. Ele é um homem, um lindo idiota. Um idiota que sabe quais botões apertar e quais vão me colocar fogo.

Nunca lidei com homens antes. Sim, estive cercado por eles durante toda a minha vida, mas eles sempre me trataram como uma princesa. Alguém sem coroa e sem voz em nada.

Minhas interações com eles foram poucas e raras, então não tenho a menor ideia de como persuadir um homem – ou uma mulher, para ser completamente honesto.

Às vezes, sinto-me tão impotente que penso em fugir novamente, desaparecendo novamente para um lugar onde ninguém possa me encontrar. Especialmente Knox.

Mas isso significaria que eu teria que abandonar Sandra e isso é muito parecido com abandonar minha mãe.

Não posso nem considerar essa opção, então tenho que ficar, apesar das minhas dificuldades, apesar da constante irritação e da estranha excitação que sinto toda vez que Knox e eu falamos um com o outro.

A partir de agora, tudo que posso fazer é manter a perseverança que pensei ter.

Foi implementado na minha formação, na vida que foi escolhida para mim.

Acontece que isso também tem limites, porque Knox é um maldito manipulador.

Ele inventou uma coisa chamada "sessões de convencimento". Todas elas acontecem naquele almoxarifado onde ele me pegou há três dias. Todas elas começam com a mão em volta da minha garganta e terminam comigo no chão ou contra a parede enquanto ele arranca de mim o prazer violento.

Então ele usa minha boca e me marca com seu esperma.

— Ainda não estou convencido. Esforce-se mais amanhã. — São as palavras dele depois que terminarmos.

Ou melhor, ele termina, porque eu sou uma marionete nas suas mãos. Uma boneca com a qual ele pode fazer o que quiser. Eu provavelmente deveria lutar mais, afastá-lo e parar esse ciclo interminável.

Mas qual é o sentido quando não consigo tirá-lo da minha cabeça? Não só isso, mas também comecei a ansiar por ir trabalhar, por ser encurralada por ele. Até passei a gostar daquele recanto que usaria como esconderijo para quando fizer pesquisas sobre a vida que deixei. Ou quando usei os servidores da empresa para saber mais sobre o que está acontecendo entre suas paredes.

E talvez, apenas talvez, aquela primeira experiência que tive há algumas semanas tenha me transformado em um viciado. Talvez eu esteja desejando mais e estupidamente dizendo a mim mesmo "mais uma vez".

Mas ele está me mantendo no limite. Ele não me fodeu, e tenho certeza de que não é porque não há camisinha.

É um jogo dele, algo que ele gosta de fazer para me deixar frustrado.

Mas se ele acha que vou lhe dar a satisfação de pedir, terá que esperar muito tempo. Veremos quem cederá primeiro neste jogo.

Deus. Isso é tão diferente de quem eu sou. O que eu sou. Eu não

geralmente deixo qualquer um brincar comigo – não que eles tenham chegado perto o suficiente para fazer isso. Mas agora, a própria promessa faz minha pele formigar com algo que nunca pude sentir antes.

Excitação.

E talvez isso seja perigoso. Talvez eu devesse dizer não. Mas pela minha

vida, não posso.

É uma diversão inofensiva. Apenas sexo. Nada mais. Nada menos.

Eu conecto meus fones de ouvido e clico em Play na minha playlist "Clássicos". O som do rock dos anos oitenta e noventa me deixa com um humor sereno. Sempre fui um amante da música vintage, embora as novas tecnologias sejam a minha paixão. Eu sou um paradoxo nesse sentido.

Raramente ouço minha música quando estou trabalhando, mas desde que me deparei com a situação hostil que Chad e Ben vêm criando, tornei-me religioso em relação a isso. Não só posso curtir boa música, mas também posso desligá-la.

Ganha-ganha.

Acho que a maioria deles está com ciúmes e, embora eu não preste muita atenção neles, também não fico quieto quando eles começam a dar socos em minha direção. Posso não fazer contato visual com eles, mas não permitirei que ninguém me trate como se eu fosse uma tarefa simples.

Um dedo bate em meu ombro enquanto estou digitando e faço uma pausa, pensando que é um deles vindo começar a merda.

Não é.

A garota que está olhando para mim sorri amplamente e estende uma pequena cesta de assados. O nome dela é Gwyneth – ou Gwen, como ela me pediu para chamá-la.

Ela é uma estudante de direito que está estagiando na W&S durante o verão e temos a mesma idade. Nos conhecemos há dois dias e pedi a ela que me ajudasse com um novo sistema que estava criando. Desde então, ela passou a frequentar o departamento de TI com frequência porque os outros estagiários a evitam.

Eu não sabia por que na época, mas ela me disse ontem que na verdade é filha de Kingsley Shaw. Como no Shaw of Weaver & Shaw e, aparentemente, isso deixa todos cautelosos com ela. Ela está até estagiando para o próprio Nathaniel. Eu sei que ele realmente não aceita estagiários, mas faz sentido já que ela é filha do companheiro dele, que não pode acompanhar a filha por estar em coma.

Retiro meus fones de ouvido e ofereço a ela um pequeno sorriso de volta.

— Eu trouxe cupcakes para você.

Ela empurra a cesta no meu peito.

— Tive que salvar alguns de Daniel. Ele é um monstro para os cupcakes.

— Então talvez você não devesse fazê-los o tempo todo. Ouvi dizer que todo mundo quer um pouco agora.

— Tudo bem. Gosto quando faço as pessoas felizes com cupcakes. — Ela olha para Chad e Ben. — Mas não para aqueles nerds.

Eles olham para ela e ela coloca a mão no quadril e olha de volta. Ela desenvolveu uma animosidade contra eles em meu nome depois de ouvi-los me chamar de *Jane Simples*. Ela tem um senso de justiça estranhamente fofo, que é diferente do distorcido de Knox. Quando descobri sua identidade e que ela conhece Knox, Daniel e os outros sócios há anos, pensei em pedir a ela que convencesse Knox a aceitar o caso da garota. No entanto, isso significaria compartilhar muitas informações com alguém que acabei de conhecer. Além disso, não quero que ninguém saiba o que Knox e eu temos.

É o nosso segredinho sujo.

— Vá em frente, experimente. — Ela puxa uma cadeira e me observa com expectativa com olhos tão coloridos que parecem um pouco estranhos. Ela tem heterocromia rara que cria uma mistura de verde, azul e cinza em suas íris, como se ela fosse uma criatura mítica dos contos folclóricos que *Babushka* costumava ler para mim.

Dou uma mordida no cupcake de aparência delicada.

— Baunilha de novo?

— Ei! Baunilha é o melhor sabor.

— É bastante padrão.

— Uh, com licença. É versátil.

Eu sorrio enquanto continuo comendo.

— Do que você está sorrindo? Realmente é o melhor.

— Você faz parte da minoria que pensa isso. — Ela também é uma das poucas pessoas que se aproximou de mim de boa vontade, sem se importar com minha aparência ou com o quão antissocial eu realmente sou.

Gwen pega um dos cupcakes que trouxe e começa a comer. Uma mecha de seu cabelo ruivo cai em sua testa e ela tenta, sem sucesso, soprar para trás.

— Você não deveria estar trabalhando? — Eu pergunto.

— Não, terminei de ler os documentos que Nate me deu. Além disso, ele tem uma reunião com os outros sócios sobre um caso importante que Knox está

assumindo, então não pode me dar nenhuma tarefa nova ou tornar minha vida um inferno por estar meio minuto atrasado.

Eu me inclino para frente no meu assento.

— Espere. Você disse um caso importante?

— Sim. — Ela lambe os dedos e quase bate a cabeça na minha quando desliza a cadeira para mais perto. — O agressor é Matt Bell. Você sabe, aquele famoso produtor? A sua filha está a processá-lo por agressão sexual e a exigir uma indemnização, e Knox aceitou o caso. O que é estranho, porque tenho quase certeza de que ouvi Dan dizer que rejeitou. Mas talvez ele tenha visto o caso de uma perspectiva diferente e mudado de ideia.

Meus dedos apertam o cupcake, e eu o quebraria se não soubesse que Gwen me mataria por isso.

Ela acabou de dizer que Knox aceitou o caso? O mesmo caso que ele disse que eu precisava convencê-lo a assumir?

— Este caso está recebendo muita atenção da mídia — continua Gwen. — Vai ser uma loucura.

— Realmente? — Não preciso perguntar a ela o que realmente quero saber, que é se Knox está disposto a isso. Gwen é falante por natureza e me conta qualquer coisa com simples cutucadas.

— Absolutamente! Mas se alguém pode fazer isso, é Knox. Embora todos estejam céticos de que ele esteja aceitando um caso de direito civil, provavelmente isso acontecerá ao mesmo tempo que o processo criminal e ele já fez isso antes. Papai assistiu pessoalmente e ficou especialmente orgulhoso de como Knox levou à loucura tanto o promotor quanto o advogado adversário. Então, tenho certeza absoluta de que ele também conseguirá acertar isso.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Ele é um estrategista, você sabe.

— Um estrategista?

— Sim, como no início, parece que ele vai perder, mas na verdade ele está tramando vários golpes mortais. E quando ele realmente os entrega? Acabou o jogo.

Eu acredito nela. Eu faço. Na verdade, acho que ele usou essa tática comigo.

Um fogo queima dentro de mim e preciso de tudo para continuar ouvindo Gwen falando sobre um filme de terror que ela assistiu ontem à noite. É preciso

tudo de mim para não desencadear esse fogo sobre ele.

No homem que tem me manipulado o tempo todo. O idiota.

Quando Gwen vai embora, estou furiosa. Não, estou prestes a deixar toda a energia destrutiva me consumir.

Não consigo nem me concentrar no sistema que venho construindo cuidadosamente há dias. Os códigos continuam borrados diante da minha visão, não importa o quanto eu respire fundo e limpe meus óculos.

Meu telefone vibra e eu o recupero com um puxão. Eu sei quem é antes mesmo de verificar. As únicas duas pessoas que sabem esse número são a clínica onde Babushka fica e o idiota que trocou números comigo sem se desculpar depois daquela primeira vez no almoxarifado.

Knox: Em cinco minutos, vou te foder.

Estou tão tentada a enviar-lhe um emoji do dedo médio, mas penso melhor. Vou fazer isso pessoalmente.

12



Knox

Há tensão em minha corrente sanguínea há dias. Talvez até semanas.

Desde o dia em que comi Anastasia e ela desapareceu em mim, deixando apenas seu sangue virgem e uma borboleta preta para trás.

Naquela época, resisti à vontade de encontrá-la, porque foda-se. Eu não persigo garotas. Elas sempre caem no meu colo e bombardeiam meu telefone com ligações.

Mas durante essas semanas, não consegui tocar em nenhuma daquelas garotas e Dan começou a enviar mensagens estúpidas no chat em grupo que temos com nossos amigos na Inglaterra. Dois dos quais são Ronan e Aiden, meus cunhados.

Daniel: Notícias de última hora do Empire State. O pau de Knox está quebrado.

Aiden: Agora, isso é interessante. Conte-nos mais.

Daniel: Ele não transa há semanas.

Aiden: Um pouco estranho que você saiba da agenda de transas dele, Sterling, mas tudo bem.

Daniel: Esse não é o ponto aqui, filho da puta. É ele. Não. Tem. Transado.

Cole: Concordo. Uma espécie de recorde para Van Doren.

Ronan: Alguém mencionou meu querido cunhado?

Daniel: Aquele cujo pau está quebrado, sim.

Ronan: Retiro a parte do querido e também a parte do cunhado. Não conheço ninguém cujo pau esteja quebrado.

Aiden: Deveríamos começar a fingir que ele não existe em público, Astor?

Ronan: Eventualmente.

Cole: Qual é a história exata, Dan?

Daniel: Nada específico, apenas o fato de ele se recusar a transar. Pergunta real, devo levá-lo ao médico? Enganá-lo, talvez? Porque ele precisa de um exame no pau.

Aiden: Ou você precisa ser menos obcecado pelo pau dele, talvez.

Daniel: Cale a boca. Alguma sugestão?

Ronan: Prostitutas, uma solução tão antiga quanto o tempo e igualmente eficiente. Não são necessários médicos, Danny.

Cole: Teal sabe que você está falando sobre prostitutas?

Ronan: Para o irmão dela, não para mim, e vá se foder, Cole.

Ronan: Des-foda-se. Não fale sobre isso com Teal.

Cole: Captura de tela compartilhada enquanto conversamos.

Ronan: Seu desgraçado...

Daniel: Ei, filhos da puta. Isto é sobre Knox e seu pau quebrado.

Aiden: Ele provavelmente está transando com alguém pelas suas costas.

Daniel: O quê? Por que ele faria isso?

Aiden: Deixe-me dar um palpite. Sua obsessão doentia pelo pau dele, talvez?

Ronan: Ou talvez Knox tenha perdido o controle.

Cole: Descanse em paz.

Knox: Estou aqui, caso vocês tenham esquecido, idiotas.

Aiden: Melhor ainda.

Nem será preciso dizer que isso se tornou uma piada naquele maldito bate-papo em grupo que estou pensando em silenciar até que outra pessoa se torne a piada. O candidato mais provável – Ron.

A questão é que toda essa bagunça é por causa de Anastasia.

No fundo da minha mente, reconheço que isso está caminhando para o nível de obsessão doentia, que eu não deveria me permitir ser sugado para um poço sem fundo.

É por isso que tenho que tirá-la do meu sistema, de uma vez por todas. Pelo menos esse é o plano quando entro no almoxarifado.

Mas sou recebido com luz.

Nunca há luz quando eu a levo contra a parede e arranco um orgasmo após o outro dela. Anastasia odeia isso, eu percebo – a luz. Ela se sente mais confortável na escuridão, como eu, onde podemos ser nós mesmos sem pensar em nossas identidades, onde estamos ou nas consequências.

A luz neon branca do almoxarifado está acesa agora e destaca a monotonia do espaço. As pilhas desorganizadas de papéis que deveriam estar nos arquivos.

Também coloca o foco na pequena mulher parada no meio de tudo isso, com os braços cruzados e os pés batendo no chão. Um rubor vermelho cobre suas bochechas e seus lábios estão franzidos em uma linha rígida.

Eu sei que provavelmente deveria me concentrar em seu óbvio descontentamento, mas meu olhar é roubado pelo terceiro botão desabotoado de sua blusa e pela sugestão de seu sutiã de renda e peito cremoso. Eu nunca a consideraria do tipo rendada, mas ela é e isso me excita.

— Você tem alguma coisa para me dizer? — ela pergunta em um tom tão rígido como sua postura.

— Eu adoro a vista.

Ela segue meu olhar e coloca a mão na camisa, depois abotoa-a bruscamente.

— Você é um pervertido.

— Deixe-me apagar as luzes e mostrarei o quão pervertido eu realmente sou.

— Como diabos você vai. — Ela caminha em minha direção, a força em seus passos sacudindo seu pequeno corpo. — Você não disse que odeia mentirosos?

— Eu fiz.

— Então por que você também é um?

— Eu?

— Oh, não me venha com esse tom. Gwen me disse que você aceitou o caso de Sandra.

Gwen. Claro. Eu deveria saber que ela contaria a novidade, já que elas se tornaram próximas desde que a filha de King começou a estagiar para Nate. Não que eu fique observando Anastasia o tempo todo.

Tudo bem, então assisto sempre que posso, mas é apenas para descobrir o que ela está fazendo.

Nada mais.

— Achei que precisava convencer você — ela continua.

— Você faz.

— Não, eu não. Você já aceitou o caso.

— Você precisa continuar me convencendo para que eu não desista.

— Você não pode fazer isso com ela.

— Acredite em mim, eu posso. — Não vou, mas Anastasia não precisa saber disso.

— Você é um idiota.

— Que bom que concordamos. Agora, você terminou?

— Eu não acabei. — Ela está olhando feio e posso sentir o calor através de seus óculos grossos. — Eu também não gosto de mentirosos.

— Mesmo quando você também é uma?

— Tenho meus motivos.

— E o que faz você pensar que eu não?

— Quais são eles então?

Estendo a mão e agarro-a pela garganta. Não faço isso de repente, mas ela se assusta, seu corpo fica imóvel em meu abraço, e a raiva lentamente se dissipa de suas feições.

— Continuar a tocar em você, fazer você se contorcer e ter aquele olhar de foda-me. Ou talvez eu só queira brincar com você, talvez seja para debochar e te foder até me satisfazer. Talvez seja tudo isso. Você tem algum problema com isso?

Ela está em silêncio, com os lábios entreabertos, e não consigo resistir à vontade de passar o polegar sobre sua plenitude, sentindo-a estremecer.

— E-e se eu fizer?

— E se você o quê? Tem algum problema com isso ou não gosta que eu toque em você?

— Ambos?

— Então eu vou parar.

Sua respiração falha e eu sorrio, apertando ainda mais sua garganta.

— Por agora. Mas ainda voltarei para mais. Ainda vou encontrar você em cada canto e em cada maldito recanto. Eu vou assombrar você, Anastasia, até que você não tenha outra saída a não ser voltar para mim. Sinto-a derreter quando ela se aproxima, seus lábios pulsando contra meus dedos. Só o calor deles deixa meu pau duro pra caralho.

Uma necessidade inexplicável que nunca senti antes troveja e ruge dentro de mim com uma força destruidora.

A necessidade de jogá-la contra a parede e transar com ela.

A necessidade de penetrar tão profundamente dentro dela que não saberei onde ela termina e eu começo.

A necessidade de tê-la tão cheia de mim que ela terá dificuldade para respirar daquele jeito na primeira vez.

Eu não tenho esses pensamentos sobre as mulheres com quem fodo. Nem mesmo perto. Elas são sempre um meio para atingir um fim, uma forma de aliviar a pressão e acabar logo com isso. Às vezes tem sido uma tarefa árdua, uma porra de um instinto como respirar e comer.

É diferente com Anastasia.

Porque eu sei, só sei que se eu transar com ela de novo, tudo ficará fora de proporção. E não só porque raramente fodo a mesma mulher duas vezes ou porque ela está se tornando uma obsessão doentia.

É tudo isso e muito mais.

É a maneira como ela se submete facilmente ao meu domínio, como ela treme sob meu domínio, mesmo quando está decidida a me desafiar.

A forma como seu pequeno corpo parece tão perto do meu e como sua respiração falha quando meus dedos cavam a pele sensível e facilmente avermelhada de sua garganta.

— E se eu continuar correndo? — Sua voz é baixa, tão baixa que mal ouço.

— Vou continuar perseguindo você.

— E se eu correr rápido e desaparecer? E se você não conseguir me encontrar? Você vai desistir então?

— Não sou de quem você está fugindo, linda. Não vou desacelerar e com certeza não vou desistir. Então, se você quiser correr, faça-o. Acredite em mim, vou aproveitar cada segundo caçando você.

Ela lambe os lábios e sua língua roça meu polegar.

— E depois?

— Então?

— Quando você me encontrar, quando me pegar e me proibir de correr mais, o que você vai fazer?

— Dobrar você sobre o objeto mais próximo e foder essa sua boceta apertada até que você não consiga mais segurar esses gritos. Até que eu tenha que agarrar você pelo pescoço e enfiar meus dedos nessa boca para silenciá-la, mas adivinhe?

— O-o quê?

— Você provavelmente nunca vai calar a boca, não é? Você continuará gritando até que todos possam ouvi-la. Até que todos saibam que você está sendo

fodida profundamente e cru por mim.

Ela está tremendo agora, um tipo diferente de vermelho que não tem nada a ver com a raiva que cobria suas bochechas. E meu pau fica dolorosamente duro, tão duro que mal consigo contê-lo sem ajustar as calças.

— Todos não pensariam que você está me assediando, já que é sócio e eu sou apenas uma funcionária humilde?

— Estou assediando você, minha pequena mentirosa?

— Talvez você esteja.

— Talvez você esteja com muito medo de admitir o quanto gosta disso.

— Talvez você seja muito arrogante e pense que todo mundo vai cair em seus encantos.

— Eu não apenas penso, eu acredito.

— Isso é o que todos os idiotas arrogantes dizem.

— Acho que tenho motivos suficientes para ser arrogante.

— Como o que?

— Minha aparência, para começar. Até você caiu nessa pela primeira vez no bar.

— Essa não foi uma decisão muito estudada. Além disso, eu teria dormido com o primeiro homem que aparecesse. Eu não estava sendo exigente.

Minha mandíbula aperta com tanta força que fico surpreso que um tendão não se rompa.

— Você teria dormido com qualquer um. Interessante.

— Sim, então não se trata da sua aparência, do seu sotaque ou do cheiro da sua colônia.

Eu sorrio.

— É bom saber o que você gostou em mim.

— Estou dizendo isso para que você não tenha equívocos.

— Eu não tenho isso, linda. Você sabe por quê?

— Por que?

— Porque você teria dormido com qualquer um, mas não dormiu. Você me deixou te foder do jeito que eu quisesse. Você nem comentou sobre ser amarrada ou jogada no chão, você aceitou tudo como a boa submissa que você é.

— Eu não sou.

— Se você repetir isso cem vezes antes de adormecer, poderá começar a acreditar.

— Não se iluda. — Ela agarra o antebraço da minha mão que está em sua garganta. — Você não é o único peixe no mar, Knox.

— O que?

— Você não é o único com um pau útil por aí. Então, se eu quiser me divertir mais ou relaxar, vou a um bar e escolho outra pessoa para passar a noite.

Um tique muscular na minha mandíbula novamente. Meu corpo se aperta e meu aperto em sua garganta também. Ela chia, seu rosto fica vermelho com a falta de ar e eu a solto porque estou a dois segundos de sufocá-la.

— Você não quer jogar esse jogo comigo, Anastasia. — Minha voz está estranhamente calma, considerando o fogo que está me consumindo de dentro para fora.

— Por que? Porque você é o único autorizado a jogar? — Ela inclina a cabeça para o lado. — Você não sabe contra quem está enfrentando, Knox. Você realmente deveria ter fingido que não me conhecia, mas tornou as coisas difíceis para nós dois e começou um jogo desnecessário. Um que decidi jogar.

— Hum. Estamos jogando, então?

— Nós estamos. E adivinhe qual é a primeira regra?

— Me esclareça.

— Não, porra.

— Hoje?

— Sempre.

Eu rio, o som é sombrio e ameaçador para meus próprios ouvidos. Aproximo-me dela e ela deve ver o olhar ameaçador em meus olhos, porque seus pés vacilam. Mas ela consegue se conter antes de recuar, isso eu admito.

Eu me elevo sobre seu corpo minúsculo para poder olhar para ela. Ela é tão pequena que quero jogá-la por cima do meu maldito ombro.

— Vamos ver quanto tempo você vai durar, porque eu prometo que vou foder essas palavras de você, linda.

13



Anastasia

Se há algo com que posso contar de Gwen, é que ela tentará me levar para almoçar todos os dias.

No início, lutei e tentei inventar diferentes desculpas sobre como não poderia estar lá fora, mas ela é persistente e definitivamente não aceita um não como resposta. Acredito que parte de sua personalidade determinada se deve à influência de seu pai e de Nathaniel. Crescer cercado por pessoas poderosas pode ter um de dois efeitos sobre você.

Ou você se torna tão poderoso quanto eles, como meu primo, ou se retrai tentando sobreviver cada dia por conta própria, como eu.

Gwen está no meio. Ela não é muito excêntrica, mas definitivamente também não é reclusa.

E por causa dela, estamos almoçando em um enorme restaurante no centro da cidade com uma de suas amigas da faculdade – uma estagiária que ingressou na empresa na mesma época que ela. O nome dele é Chris e ele tem cabelo comprido que chega até a nuca e obviamente odeia paletós, porque o dele está deitado na cadeira ao lado dele. Junto com a gravata.

O tilintar de utensílios e um zumbido baixo de conversa ecoam no ar como uma sinfonia distorcida com uma orquestra horrível. Não só isso, mas o cheiro da comida e uma mistura de perfumes tornam a atmosfera tão sufocante quanto tentar respirar debaixo d'água.

Gwen está rindo de algo que Chris disse enquanto comia uma fatia de sua pizza de pepperoni. Eu, por outro lado? Fico observando as janelas, a porta, os servidores. Até a senhora sentada na esquina à nossa frente, comendo sozinha e

observando todo mundo. Ela está procurando por mim? Eles mandaram uma senhora agora?

— Jane! — Gwen estala os dedos na frente do meu rosto.

— Uh... sim?

Ela me observa com aqueles olhos coloridos que parecem estar em um mundo próprio.

— Você não está comendo ou ouvindo. Você não está se sentindo bem?

Se estar à beira da hiperventilação não faz bem, então claro, acho que estou um estágio além disso. Talvez eu esteja perto de ter um ataque de pânico. Caso contrário, por que Gwen está confusa e por que diabos aquela senhora ainda está olhando para mim?

Talvez seja um dos homens disfarçados, então não vou suspeitar deles. Talvez eles pulem na minha frente, como nos meus pesadelos mais assustadores, e me digam que a diversão acabou.

— Jane? — É Chris quem chama meu nome desta vez.

— Eu... estou bem.

— Tem certeza? — Ele passa a mão na frente do meu rosto. — Você está pálida.

— E você está tremendo. — Gwen aponta para meus dedos que seguram o garfo e a faca e, sim, eles estão tremendo.

É assim que estarei em público pelo resto da minha vida? Uma bagunça pálida e trêmula que não consegue controlar sua vida?

Não. Já tenho o controle da minha vida. Eu sou eu mesma agora.

— Sim — digo com uma voz mais assertiva, tentando lentamente apagar a mulher e o resto do restaurante da minha visão periférica.

A presença de Gwen e Chris ajuda, porque posso usá-los como muletas.

Me sinto mal por chamá-los assim, até mesmo na minha cabeça, mas eu realmente não teria ninguém em quem me apoiar se eles não estivessem aqui.

— Você ouviu alguma palavra do que dissemos? — Gwen pergunta.

— Claro. Chris estava zombando de você por causa de Nathaniel.

O rosto de Gwen fica vermelho e ela brinca com a colher no prato. Ela realmente não é nada sutil sobre nada relacionado a ele, Nathaniel. Ele é dezoito anos mais velho que ela e é o melhor amigo e parceiro de seu pai. Ah, e seu

chefe, de quem ela sempre reclama de ser muito severo, mas tudo isso lhe parece nulo e sem efeito. Como se nenhum desses obstáculos existisse e os sentimentos dela por ele fizessem todo o sentido.

Já se passaram cerca de duas semanas desde que ela começou o estágio e esses sentimentos parecem ficar mais fortes a cada dia.

E o pior é que Nathaniel é a pessoa mais estoica e distante que conheço. Ele é extremamente frio e parece ser uma máquina em funcionamento, então estou preocupada que os sentimentos dela não sejam correspondidos.

Nunca pensei que me preocuparia com outra pessoa além de *Babushka* e minha prima, mas Gwen é do tipo que pula na sua frente e não lhe dá escolha a não ser se tornar amiga dela.

E a melhor parte? Ela não escolheu ser amiga de qualquer pessoa, mesmo que pudesse. Essa garota alegre, embora um pouco estranha, me escolheu.

Ninguém mais. Eu.

Saber disso me faz sentir especial de uma forma calorosa e confusa.

— Em primeiro lugar, é Nate. Você é a única que o chama de Nathaniel, Jane. Em segundo lugar, Chris está com ciúmes porque estou estagiando com o sócio-gerente da W&S.

— Não tenho nada do que ficar com ciúmes, já que estou estagiando com a estrela em ascensão da W&S, Knox. O mesmo Knox com quem você queria estagiar, mas não conseguiu.

Gwen bate a xícara na mesa.

— Não é que eu não pudesse. É que Nate estava sendo difícil.

— Que seja. Estou com Knox e estamos nos divertindo muito com o caso Bell enquanto você apodrece no direito societário.

Ela o cutuca com a colher.

— Não há necessidade de esfregar na minha cara.

Chris a cutuca de volta.

— Eu irei totalmente. Isso ficará muito bem na minha inscrição para a faculdade de direito.

— E o mesmo acontecerá com todos os grandes casos corporativos que estou tratando com Nate.

— Casos corporativos chatos.

— Eles NÃO são chatos. Não se atreva a chamar qualquer coisa que Nate faça de chata ou eu vou te matar enquanto você dorme.

— Mas eles são! Nenhum deles se compara à diversão que estou tendo com Knox. Você deveria ter visto a maneira como ele prepara o caso, é tão estratégico e implacável.

— Nate é estratégico e direto ao ponto. Não há ninguém como ele, nem mesmo meu pai.

— Knox é melhor.

— Não, Nate é, e como prova ele é o sócio-gerente.

— Só porque ele é mais velho.

— Ei!

— Estou apenas dizendo. Knox é melhor.

— Não, é o Nate.

— Knox.

— Nate.

Os dois estão cruzando os braços e olhando um para o outro com tanta intensidade que faíscas voam entre eles.

Ambos têm tendência a iniciar uma discussão ou debate que dura vários minutos. Normalmente, eu ficava sentada lá, observando enquanto bebia água.

Mas o assunto escolhido está me deixando com calor hoje. Quero entrar com Chris e ficar do lado dele, mas e depois? Defender Knox?

Por que diabos eu faria isso?

Não é como se ele tivesse aceitado o caso de Sandra pela bondade de seu coração. Provavelmente é a sua maneira de alcançar a glória, de ser uma figura pública diante das câmeras.

Já se passaram onze dias desde que eu disse a ele que ele não pode me foder. Que vou encontrar um substituto.

Foi um desafio por despeito, porque ele estava sendo incrivelmente arrogante. Mas talvez ele tenha considerado isso real, porque desde então não me mandou nenhuma mensagem para me encontrar no almoxarifado.

Ele não me manda mensagens, ponto final. Ou fala comigo, realmente.

No início, eu o ignorei tanto quanto ele me fez. Na época, eu acreditava que tudo fazia parte de um jogo, uma espécie de empurra e puxa.

Mas houve apenas um empurrão.

Se não subo ao andar dele para uma sessão de espionagem, passo um dia inteiro sem vê-lo.

A certa altura, fiquei com raiva, fiquei com tanta raiva que pensei em fazer exatamente o que ameacei. Ir a um bar e foder alguém. Um estranho. Uma pessoa aleatória.

Talvez isso aliviasse toda a tensão acumulada em meu peito. Mas, novamente, eu não faria algo assim por despeito.

Está simplesmente errado.

Como tudo ultimamente.

Até minha playlist "Clássicos" não soa mais a mesma.

As músicas são muito tristes, muito incolores.

E elas não deveriam ser. Elas são a coisa mais colorida da minha vida. As coisas que me dão o poder de avançar o dia, de criar mais sistemas e simplesmente sobreviver.

Esse sempre foi meu objetivo, certo? Para sobreviver.

— Jane, você escolhe. — A voz de Gwen me traz de volta ao presente é aí que percebo que os dois estão olhando para mim depois da sessão de olhares furiosos.

— Sim, você escolhe, Jane. Knox não é melhor?

— Não, é totalmente Nate. Não se atreva a escolher ninguém além de Nate.

Tomo um gole de água para aliviar a secura na garganta e digo exatamente o oposto do que estou pensando:

— V ou com Nathaniel. Ele é mais experiente e sensato.

Gwen bate as palmas das mãos na mesa.

— Obrigada!

— Você tem péssimo gosto para advogados, Jane. — Chris me olha de soslaio. — Vocês duas engolirão suas palavras quando ele vencer Bell contra Bell.

Gwen joga o cabelo para trás.

— Isso se ele vencer. Eu ouvi Mathew Bell é apoiado pela máfia.

Eu engasgo com a água e ela bufa pelo meu nariz e respinga no meu colo.

— Meu Deus, Jane. Você está bem? — Chris me oferece um guardanapo, mas não consigo me concentrar nele, porque tudo que consigo ouvir são as

palavras de Gwen.

— E-o… o quê? — Eu olho para ela com o que deve parecer uma expressão de uma cena de um filme de terror.

— A máfia.

— Qual máfia, Gwen? — Minha voz está toda embargada como minhas entranhas.

— Russa, eu acho? Eu não tenho certeza. Outro dia ouvi Nate conversando sobre isso com Aspen, não que eu esteja espionando-os ou algo assim. Juro que estava só de passagem, e tudo bem, talvez tenha ficado de propósito para ouvir o que eles falam quando estão juntos, mas não é como se eu tivesse má intenção ou algo assim. Juro pela minha baunilha sagrada.

O hiper discurso de Gwen fica em segundo plano e algo muito mais nefasto vem à tona. Acho que vou vomitar.

Ou talvez engasgue. Ou desmaiar.

E não posso fazer isso na frente de Gwen e Chris ou eles descobrirão que estou quebrada. Então me levanto o mais devagar possível, porque se eu fizer isso mais rápido, com certeza vou acabar no chão.

— Eu já volto — sussurro e me viro, indo para o banheiro.

Aquela senhora está me observando novamente. Ela está de olho em mim e agora está mais intenso, mais focado.

Ela me conhece.

Ela sabe exatamente quem eu sou, apesar dos óculos, do disfarce e de tudo, e vai contar a eles. Ela dirá que me viu aqui, que me encontrou, e eles virão atrás de mim...

Pare.

Você precisa parar.

Inspiro profundamente o oxigênio e vou para o banheiro. Retiro os óculos, coloco-os no bolso e jogo bastante água no rosto.

— Você vai ficar bem — sussurro para meu reflexo desgrenhado no espelho. — Eles não conseguem encontrar você.

Demoro alguns segundos para conseguir controlar minha respiração antes de sair e colocar os óculos novamente.

Eu bato em alguém e estremeço.

— Veja onde você está indo.

Eu congelo.

Foi um sotaque que acabei de ouvir com aquela voz? A mesma voz que conheço?

Lentamente, muito lentamente, espio a pessoa em quem bati. Ele é alto, largo e usa óculos. Eles não são tão grossos como os meus e fazem com que ele pareça inteligente, camuflando sua verdadeira natureza perigosa.

Kirill.

Um pirata.

Um deles, pelo menos. E ele é tão poderoso e astuto que ninguém ousa cruzar seu caminho.

Ele está me julgando agora com seus olhos claros que estão cobertos pelos óculos e, por um momento, acho que acabou.

Por um momento, acho que ele vai estender a mão, arrancar meus óculos falsos, tirar minhas lentes de contato e me arrastar de volta pelos cabelos. Um homem aparece na frente dele. Ele é mais magro, mais baixo e tem aparência feminina, mas nunca me enganou. Por trás dessa aparência esconde-se uma das armas humanas mais letais. Aleksander. Outro pirata cujo objetivo é proteger Kirill.

Foi ele quem me disse para tomar cuidado para onde estou indo e também é quem está me encarando.

Estou sob o escrutínio deles agora e gostaria que a terra se abrisse e me engolisse.

Eu gostaria de ter ficado no banheiro. Eu gostaria de nunca ter vindo aqui.

Inferno, neste momento, eu gostaria de nunca ter nascido.

— O que você está olhando? — Aleksander pergunta com sua voz não tão profunda, mas ameaçadora.

Não consigo parar de olhar para eles, não consigo parar de tremer, de sentir o coração batendo forte. Tudo isso.

Isso é um colapso, não é? Vou colocar isso na frente deles e destruir tudo.

— Esse pedaço de merda insolente... — Aleksander estende a mão para mim e posso ver a mão dele, a violência que ela promete, mas não consigo me mover. Eu não consigo.

E então ele me agarra pelo colarinho e me levanta. Meus pés saem do chão e

minha garganta se fecha com seu aperto selvagem, bloqueando meu ar.

Minhas unhas encontram seu braço em uma tentativa desesperada de tirá-lo de cima de mim, mas isso só consegue fazer com que ele me estrangule ainda mais, trazendo lágrimas aos meus olhos.

Merda. Merda.

Olho para Kirill, que está bem ao lado dele, observando a cena sem mover um músculo. Como se ele estivesse entediado e seu guarda lhe proporcionasse sua dose diária de entretenimento.

Aleksander me sacode para que minha atenção volte para ele.

— Você não olha para ele, você não cruza o caminho dele. Você pede desculpas por incomodá-lo, ou vou enterrá-la onde ninguém possa encontrá-la.

Estou prestes a chamar seus nomes, a implorar, mas não o faço. Se eu fizer isso, com que propósito cheguei até aqui? Por que estou aqui?

Vejo algo pela visão periférica e então Aleksander é forçado a me deixar ir.

Estou no chão novamente, uma mão forte me segurando pelo ombro, e um calor que não consegui esquecer me envolve.

Meus olhos ardem e meus pulmões queimam com a quantidade prejudicial de ar que inalei em tão pouco tempo. Mas nada disso importa, porque tudo em que consigo me concentrar é no homem parado ao meu lado.

O homem que virou minha vida de cabeça para baixo tantas vezes, mas ainda a mantém em equilíbrio.

— Eu tenho toda a cena gravada, então prepare-se para pagar uma quantia pesada quando ela processar por agressão.

Olho para ele, para Knox, o homem que nem deveria estar aqui, mas está me segurando pelos ombros e falando em meu nome.

E assim, as lágrimas que segurei por tanto tempo se acumulam em minhas pálpebras.

— Knox? — Eu sussurro.

— Não se preocupe, linda. — Ele pisca para mim. — Eu protegerei você.

14



Knox

Já tive pessoas que olharam para mim de maneiras diferentes.

Alguns tiveram pena de mim, outros tiveram expectativas em relação a mim, e mesmo aqueles mais próximos de mim, como minha família, tiveram dúvidas sobre mim. Às vezes é preocupação. Outras vezes, curiosidade.

Mas ninguém nunca olhou para mim do jeito que Anastasia está agora. Como se ela estivesse caindo em um poço sem fundo e eu a puxasse para fora.

Como se ela estivesse engasgada e eu lhe devolvesse o ar.

Ela está ofegante, um arrepio de corpo inteiro tomando conta dela. Seus ombros tremem sob minha mão e seus lábios se contraem. Não preciso ver a expressão nos olhos dela por baixo dos óculos para saber que ela está caindo em uma situação difícil.

Que ela está fora de seu elemento e fora de sua zona de conforto.

Quando Christoph mencionou que iria almoçar neste restaurante, imaginei que ele estaria acompanhado por Gwen e Anastasia – ou Jane, como a conhecem. Os três se tornaram próximos nas últimas semanas, quase inseparáveis.

Então, sempre que eu quiser informações sobre ela, tudo o que preciso fazer é enviar perguntas ambíguas para Christoph e ele responde a todas elas com prazer. Embora eu esteja um pouco irritado por ela passar mais tempo com ele do que comigo.

Tudo bem, não estou chateado. É muito mais do que isso.

O jogo que Anastasia e eu começamos a jogar deveria me fazer superá-la, removê-la do meu sistema e me permitir finalmente seguir em frente, mas só fez

o fogo queimar mais quente, mais forte.

Em vez de expurgá-la, estive gravando-a, procurando cada momento em que pudesse vislumbrá-la. Mesmo que ela esteja apenas de passagem.

É aquela obsessão doentia de novo, a falta de controle contra a qual lutei durante toda a minha vida.

E eu planejei continuar lutando contra isso, rejeitá-lo e manter essa fixação fodida em segredo.

Mas isso foi antes.

Antes de entrar no restaurante e vê-la indo para o banheiro, ela demorou muito para sair.

E foi então que eu a segui e testemunhei um idiota agarrando-a pela garganta e sufocando-a. Menti sobre filmar tudo, porque no momento em que vi alguém machucando-a, meu primeiro pensamento foi soltá-la e dar um soco nos dois filhos da puta que estão olhando para mim.

Um deles é mais alto e largo e usa terno sob medida e óculos de armação preta. Ele é o calado que não falou nem agiu durante toda a provação.

O outro é bem menor, mais magro, mas ainda forte, porque levantou Anastasia pela gola da camisa sem esforço.

Ele também é o maldito idiota que me faz pensar sobre a melhor maneira de matar. Ninguém toca em Anastasia e sai impune.

Ninguém.

— Quem é você? — O mais magro pergunta com um toque de sotaque.

Russo? Leste Europeu?

— O advogado dela. — Eu aperto mais Anastasia, que está tremendo ainda mais do que há alguns segundos. — Você acabou de cometer agressão física, e não só vou mandar prendê-lo por isso...

— Esse pequeno... — Ele avança em minha direção, seu rosto tenso com a intenção de violência. Empurro rapidamente Anastasia para trás de mim, pronto para o impacto de seu punho cerrado.

Mais um ataque para arrastar esse bastardo.

Mas antes que ele possa me alcançar, o outro homem o agarra pelo braço e o mais magro imediatamente para. Ele está respirando pesadamente, os punhos ainda cerrados, e seu olhar está prestes a me abrir.

O homem arrumado e de óculos balança a cabeça para o outro. Nenhuma

palavra é dita enquanto ele olha para mim, depois para a sugestão de Anastasia atrás de mim. Não sei por que sinto necessidade de escondê-la.

É uma sensação instintiva sobre a qual não tenho controle, mas que deixa todo o meu corpo rígido. Se eles querem brigar, é exatamente isso que conseguirão.

Mas o homem ajusta os óculos, vira-se e sai.

— Considere-se com sorte. — O homem mais magro me diz antes de seguir o outro. Sua jaqueta voa atrás dele e vejo algo metálico enfiado em suas calças.

Uma arma.

Estreito os olhos nas costas deles enquanto eles desaparecem no corredor. Há algo sobre eles. O quê, eu não sei.

Anastasia também deve ter sentido isso quando foi encurralada por eles, porque mesmo agora que eles se foram, seus dedos estão enfiados na minha jaqueta e ela ainda está atrás de mim, tremendo incontrolavelmente.

Eu me viro e a cena que me saúda me faz parar. Lágrimas escorrem por seu rosto, embaçando seus óculos, e ela parece tão indefesa, tão assustada e pequena que quero encontrá-los e atirar neles com suas próprias armas.

— Eles se foram — digo com uma voz fria, tentando fazê-la se sentir à vontade.

Ela não diz nada, não se move. Apenas a umidade escorre silenciosamente por seu rosto enquanto ela fica ali parada como uma estátua.

— Anastasia…

— Não... não... por favor... por favor, não me chame assim, por favor, estou te implorando... farei qualquer coisa... só... só...

— Ei, relaxe. Está bem.

Ela olha para mim então, suas lágrimas deslizando para seu queixo e pescoço com o movimento.

— Não é... não está. Nada está bem. Eles estão me observando… aquela senhora do restaurante estava me observando e agora eles estão aqui e nunca vai ficar bem.

Alguns transeuntes observam-nos interrogativamente e, embora eu não tenha certeza se ela está focada neles, posso dizer que ela está realmente no caminho de ter um colapso nervoso. Caso contrário, ela não deixaria que as pessoas a vissem nesse estado.

Então eu a agarro pelo braço e a arrasto atrás de mim. Ela não protesta enquanto eu a guio pela saída dos fundos do restaurante e a solto contra a parede.

Estamos em um pequeno beco escondido da vista. Não está tão claro e não há pessoas observando cada movimento dela.

Mas ela ainda está chorando silenciosamente, com o corpo rígido.

Estendo a mão para pegar os óculos dela e os retiro. Ela tenta lutar comigo, para mantê-los no lugar, porque eles são sua camuflagem do mundo. Algo onde ela possa se esconder e esperar que ninguém a veja.

— Devolva-os — ela sussurra.

— Então você pode voltar para sua bolha?

Ela olha para mim.

— O que há de errado com as bolhas? Elas estão seguras e ninguém te machuca quando você está neles.

— Elas são uma ilusão que desaparecerá mais cedo ou mais tarde. Tudo o que restará é mais sofrimento.

— Eu vou lidar com isso quando acontecer.

— Ou você pode lidar com isso agora em vez de se esconder

— Eu não estou me escondendo. Estou bem.

Pego meu telefone, abro a câmera e coloco-o na frente do rosto dela.

— Isso parece alguém que está bem?

Seus lábios se abrem e tremem e uma nova onda de lágrimas se acumula em seus olhos falsos. Odeio que ela tenha mudado de cor, que mal consigo ver um vislumbre do azul etéreo que olhei na primeira vez que a conheci.

O azul que conta uma história mística sem que ela precise dizer uma palavra.

Ela afasta o telefone e olha para o lado. Quando ela fala, sua voz é tão baixa que é quase ininteligível.

— Às vezes, esconder-se é a única opção que pessoas como eu têm. Então deixe-me em paz.

Coloco os óculos dela no bolso e coloco uma mão na parede perto de sua cabeça, depois agarro-a pelo pescoço com a outra e me inclino para ela.

— Veja, esse é o problema. Não posso.

Sua respiração fica presa quando meu peito fica colado ao dela até que ambos sentimos os batimentos cardíacos acelerados e a pulsação disparada.

Até que ambos estejamos presos no momento presente.

— O que você está fazendo...

Suas palavras são interrompidas quando abaixo minha cabeça e lambo suas lágrimas. Bebo o sabor salgado e sua angústia, medo e ansiedade. Eu pego tudo, minha língua sugando suas bochechas escaldantes, depois seu nariz e seu queixo, e termino com sua boca.

Meus lábios roçam os dela e eu os lambo, mordisco, deleitando-me com cada um de seus arrepios, tremores e pequenos gemidos, e então enfio minha língua em sua boca.

A mesma língua que provou suas lágrimas agora a faz bebê-las também, alimentando-se delas de mim.

Meu aperto em sua garganta aumenta enquanto eu a beijo lentamente no início, depois com força e rapidez e tão fora de controle que ela fica ofegante em minha boca. Ela está com falta de ar, os dedos segurando minha jaqueta com toda a força, e quando abro os olhos para olhar dentro dela, eles estão fechados.

Sua cabeça está inclinada para trás e ela está me deixando violá-la, minha língua banqueteando-se com a dela e meus dentes mordendo e mordiscando e enviando pequenas faíscas de dor através dela.

Afinal, é isso que eu faço. Eu sou um mestre da dor. O prazer não pode acontecer sem ela; é preciso haver um equilíbrio entre o bom e o ruim.

O bonito e o feio.

E Anastasia não parece se importar com as mordidas entre as lambidas, as mordidinhas entre as chupadas. Na verdade, ela está se perdendo nisso tão profundamente quanto eu.

A necessidade que explode na minha virilha é inconfundível. Estou tão duro que dói, tão dolorido que minhas calças não conseguem conter. Ela deve sentir minha ereção contra sua barriga macia, porque seus olhos se arregalam, embora minha língua esteja brincando com a dela, mesmo que ela ainda esteja tremendo como quando lambi suas lágrimas.

E o jeito que ela olha para mim? Porra.

É como se ela quisesse que eu repetisse tudo de novo. Ela quer que eu seja o único que faz suas lágrimas pararem e lambê-las.

Ela quer chorar por mim, então vou confiscar essas lágrimas e guardá-las para mim.

E isso não é algo que eu deveria desejar ou desejar. Não é algo em que eu deveria estar pensando.

No entanto, no fundo, nos cantos escuros que passei décadas tentando esmagar, há uma parte de mim que deseja exatamente isso.

Pior, essa parte pode querer algo ainda mais nefasto. Algo de que provavelmente me arrependerei quando tudo isso acabar. Mas essa hora não é hoje. Então não me permito pensar enquanto me afasto de sua boca. Seus lábios liberam os meus lentamente, deixando um rastro de saliva entre nós e grudado em seu lábio inferior. Então eu lambo, lançando minha língua para fora para pegar tudo.

— Knox... — ela sussurra, sua respiração engatando enquanto minha língua deixa seus lábios.

— Shhh. — Eu a viro para que ela fique de frente para a parede e mantenho meu aperto em sua garganta. — Vou precisar que você fique bem quieta para mim quando eu te foder, linda.

15



Anastasia

Acho que há algo errado comigo.

Com ele. Conosco.

Caso contrário, por que diabos estou tão quente e incomodada como nunca?

E não começou agora, não. Essa superestimulação começou quando ele me prendeu contra a parede, me agarrou pelo pescoço e lambeu minhas lágrimas. Ele lançou a língua para fora e lambeu todos eles. Eu deveria ter sentido repulsa, deveria ter recuado ou tentado detê-lo.

Mas algo muito pior aconteceu. Eu gostei. Cada chicotada de sua língua era como se ele estivesse lambendo minha boceta, separando minhas pernas para ter mais acesso. E quando ele enfiou a língua dentro da minha boca, quase pude sentir seu pau penetrando profundamente no meu canal.

Ainda sinto isso agora, a necessidade incontrolável, e não tenho certeza se é dele ou meu. Ou talvez seja uma combinação de ambos. Seu corpo maior me prende contra a parede e não consigo respirar, não porque ele esteja me esmagando, mas por causa de todo o resto. Como a respiração dele na lateral do meu rosto e os formigamentos agudos que ela provoca. Ou o cheiro de sua colônia que me envolve como ele fez na frente de Kirill e Aleksander.

Mas acima de tudo, é o seu calor, a sensação de segurança que nunca me permiti sentir, nem mesmo com meu pai. Porque ele não falou isso, meu pai, ele nunca disse que iria me proteger. Por isso saí, por isso usei lentes de contato e óculos e mudei a cor do cabelo. É por isso que roubei dele.

Mas Knox disse isso na frente daqueles dois homens perigosos. Ele não se

importava que eles fossem perigosos ou que pudessem quebrar seu pescoço com um movimento da mão de Kirill.

Isso é exatamente o que teria acontecido se não houvesse pessoas por perto. Kirill teria dado um sinal a Aleksander e seu guarda teria esfaqueado Knox até a morte e depois o enterrado em algum canteiro de obras.

Mas Knox não dava a mínima para nada disso. Ele disse que me protegeria.

E talvez seja por isso que estou derretendo contra a parede. Estou respirando com tanta dificuldade, tão guturalmente, que acho que estou hiperventilando.

No entanto, o aperto de Knox em meu pescoço me mantém no momento e nele. E mesmo que não tenha ideia de onde ele está levando isso, uma parte de mim, a parte rebelde que decidiu roubar e ir embora, não se importa.

Knox também não se importa, porque seu pau está roçando minha bunda, duro, grosso e quente. Tão quente que pego fogo.

Toda a tensão que venho sentindo desde aquele dia em que ele saiu do almoxarifado retorna com força total. O ataque de emoções envolve minha garganta, combinando com seu aperto. Ele está com o dedo indicador contra meu queixo, me proibindo de tentar me mover.

Mas essa não é a única coisa que me envolve. Sua outra mão passa pela minha cintura e alcança o zíper da minha calça, desfazendo-o e puxando o pano para baixo da minha bunda.

Uma rajada de ar atinge minha pele e meus olhos se arregalam.

— Knox...?

— Shhh. Eu disse para você ficar quieta.

— Oh meu Deus, você não pode estar falando sério?

— Estou perfeitamente. O que você acha que "eu vou te foder" significa, minha pequena mentirosa?

É isso, não pensei. Ou talvez eu tenha pensado que ele estava brincando, mas obviamente não é o caso.

— Aqui? — Murmuro, minha voz tremendo, mas não é por medo.

— Aqui. — É uma palavra, uma única palavra, mas ele sussurra com aquela voz profunda e sensual dele e parece um impulso em meu núcleo faminto.

— Mas..., mas estamos em público.

— E?

— Qualquer um pode ver.

— E?

— Isso não está certo.

— Todas as melhores coisas não são, linda.

Não consigo pensar em uma resposta, porque ele está me segurando através da minha calcinha e ela está encharcada de tanta excitação que é estranho e excitante ao mesmo tempo.

— Hum. Você está molhada só de pensar em ser fodida em público.

— Não...

— Não? Sua boceta que está pingando apenas por causa da promessa argumentaria o contrário. Você gosta da ideia de alguém aparecer e assistir?

— Eu não…

— Bom. Você sabe por quê? — Ele puxa minha calcinha para baixo, para que ela se junte às minhas calças, e expõe minha boceta; no entanto, ainda acho que ele recuará e acabará com a loucura.

Mas eu deveria saber melhor.

Knox e a loucura andam de mãos dadas. Às vezes, ele é a loucura.

Ele é aquele pedaço de insanidade que faz mais sentido. A tolice no meio da lógica.

É assim que parece agora. Tão certo e errado ao mesmo tempo. A única coisa certa na errada.

O som do seu próprio zíper ecoa no ar no pequeno recanto atrás do restaurante por onde qualquer um poderia passar. Onde qualquer membro da equipe poderia sair pela porta para jogar algo fora ou fazer uma pausa para fumar.

E acho que ele está certo. A possibilidade por si só me deixa mais molhada, mais pegajosa, mais bagunçada.

Ele é a razão pela qual sou assim. Eu sempre fui boazinha. Uma flor invisível. Chata e suave.

Inferno, pensei que só gostaria de sexo com as luzes apagadas e em dias marcados.

E não, aquelas fantasias que tive de ser pressionada e fodida não contam.

Mas ele provou que sim. Muito mesmo.

Desde aquela primeira vez, ele provocou aquela parte de mim que eu

reservava para pesadelos. Ele me ensinou que quero mais do que algo leve e chato. Que sexo sem luz e aos sábados não basta.

Esse sexo não é suficiente.

Eu prefiro foder. Primitivo, áspero e fora de controle.

Prefiro abrir mão de todo o controle e não pensar, mesmo estando em público.

Mesmo que não seja assim que minha segunda vez deveria ser. Seus lábios encontram meu ouvido enquanto ele sussurra: — Não vou deixá-los ver. Eles podem desejar, podem imaginar, mas nunca terão você como eu, linda. Eles nem vão sonhar em ver essa buceta, muito menos foder.

E com isso, ele empurra dentro de mim por trás. O movimento é tão profundo e cru que fico na ponta dos pés.

Puta merda.

É possível gozar apenas da penetração? Porque acho que estou lá. O orgasmo não é tão intenso quanto da outra vez, mas está me sacudindo, está me agarrando, arrastando e me enchendo até a borda.

— Você gosta disso, não é, minha pequena mentirosa? — Ele ainda está sussurrando em meu ouvido, uma mão em meu quadril e a outra me segurando pela garganta. — Você gosta da ameaça de ser descoberta, de ser vista enquanto se entrega à parte mais carnal de você.

— Oh... — Paro porque ele está batendo em mim agora, forte, rápido e desenfreado. Estou batendo na parede, minhas pernas tremendo e meu coração prestes a cair no chão.

Minhas unhas arranham a parede em busca de equilíbrio, mas é impossível com o ritmo dele. Seu ritmo louco, áspero e selvagem que está construindo um furacão dentro de mim.

— Diga que você gostou, Anastasia. — Ele diminui a velocidade para estocadas baixas e profundas que fazem meus dedos dos pés enrolarem.

— Do que?

— A depravação de tudo isso, a promessa do desconhecido. O fato de que alguém pode aparecer agora. — Impulso. — Ou agora.

Ele entra novamente, desta vez mais fundo, e eu gemo, a vibração saltando da minha garganta e contra seus dedos.

— Eu faço... — eu choramingo.

— Você quer, não é? Você gosta de ser fodida de forma violenta e rápida em um lugar onde as pessoas possam nos encontrar... onde possam ver a quem você pertence...

— Oh, Deus... — Estou gozando de novo e desta vez é mais forte, mais desgastante e sem restrições.

Posso me sentir estrangulando seu pau, apertando-o e puxando-o mais fundo com a força do meu orgasmo.

— Tão apertada, minha Anastasia — ele grunhe perto do meu ouvido.

Como se fosse possível, minha liberação ganha mais força, esticando e puxando um lugar dentro de mim que eu achava que não existia.

Mas isso não faz Knox parar.

Na verdade, ele está me batendo com mais crueldade, tanto que estou quicando na parede. Meus mamilos aumentam e franzem contra meu sutiã e a fricção na superfície sólida fazem com que doam tanto que é quase insuportável.

Tudo é tão sensível, dolorido e totalmente satisfeito. Como da primeira vez, mas multiplicado por dez.

— Porra — eu o ouço gemer em meu ouvido. — Porra, como você é apertada, linda e viciante. Porra!

E então seu peito fica rígido nas minhas costas, e então ele está se derramando dentro de mim. Jorros quentes de seu esperma aquecendo minha boceta.

Puta merda.

— Você... você... — eu ofego. — Você não usou camisinha?

A pergunta é estúpida porque consigo senti-lo nu dentro de mim, consigo sentir o jorro quente do seu esperma em mim.

Há uma longa pausa. Uma tão silenciosa que fico inquieta e lentamente olho para ele, fazendo aquele contato visual que tanto odeio.

Knox está parado ali, cobrindo minhas costas, seu pau ainda dentro de mim e suas mãos no meu quadril e garganta, e ele parece tão selvagem.

Tão cru.

Tão escuro, até.

Não é assim da primeira vez, embora eu realmente não me lembre, já que desmaiei logo depois.

Eu teria feito o mesmo agora se não fosse pela realidade de que ele não usava camisinha.

Que ele simplesmente gozou dentro de mim.

Acho que estou a ponto de hiperventilar, porque minha respiração está difícil e irregular e acho que vou desmaiar.

— Estou limpo — diz ele em voz baixa.

— Eu também estou, mas esse não é o problema.

— Então o que é? — Ele faz uma pausa, provavelmente percebendo como estou respirando pesadamente e chegando ao ponto de desmaiar. — Você está tomando pílula, certo?

Eu engulo em seco. Uma vez duas vezes.

Seu aperto aperta minha garganta.

— Puta merda. Você está, não é?

— Não. — A palavra é tão baixa, tão inaudível que estou surpresa por ele até ouvir isso.

— Porra. — Ele sai da minha boceta dolorida e me libera.

Fico ali, juntando minhas roupas sem jeito e tentando resistir aos resquícios de um ataque de pânico que está tentando me dominar.

Os movimentos de Knox são mais bruscos que os meus, até violentos, enquanto ele fecha o zíper da calça e passa a mão pelo cabelo glorioso.

— Por que você não está tomando controle de natalidade? Quem diabos não faz controle de natalidade atualmente?

— Eu. — Chego na cara dele e pego meus óculos que ele colocou no bolso e os coloco. — E por que você está com raiva de mim? Você é quem não usou camisinha.

— Eu não ando exatamente com elas na rua.

— Bem, você não deveria ter me fodido na rua então.

Ele olha para mim, seus olhos dourados captando um vislumbre do sol e brilhando com a mesma intensidade.

— Maldição — ele murmura baixinho. — Basta tomar a pílula do dia seguinte.

— Eu não preciso que você me diga. Eu ia fazer isso de qualquer maneira.

— Fantástico.

— Ótimo.

— Perfeito.

— Incrível. — Eu inclino meu queixo para ele, então nós dois desviamos o olhar ao mesmo tempo e murmuro: — Hmph, como se eu fosse querer algo mais com você.

Ele está em cima de mim em um segundo. — O que isso quer dizer?

— Nada.

— Da próxima vez, diga o que você está pensando ou não diga nada.

— Não haverá uma próxima vez.

Ele sorri, e é lindo e um pouco sádico, e não consigo evitar a sensação de que estou presa bem no meio disso.

— Oh, vai haver, porra. Especialmente agora que você está se juntando à minha equipe.

16



Knox

— Você já se esqueceu de embrulhar?

Percebo o erro de fazer a pergunta quando ela sai dos meus lábios. O filho da puta do Dan me olha de forma engraçada, inclinando a cabeça para o lado e quase deixando cair a xícara de café da mão.

Ele engole o conteúdo da boca lentamente e depois coloca a xícara sobre a mesa.

— Você acabou de dizer algo sobre esquecer de embrulhar? Tipo, você esqueceu de embrulhar?

Fico de pé, de frente para a janela que dá para a cidade de Nova York, e penso em um milhão de maneiras de voltar um minuto no tempo. Ou talvez um dia, porque desde que comi Anastasia em público, nua e contra a porra de uma parede, não consegui parar de pensar nisso.

Sobre a maneira como ela se sentia, como ela gemia, apertava e se desfazia ao meu redor.

Ela era uma obra-prima, uma obra-prima que eu não sabia que precisava até que ela estivesse lá, naquele momento, toda minha para ser tomada.

E foda-se se eu lembrei de colocar camisinha.

Sim, eu menti. Na verdade, eu tinha uma camisinha comigo. Desde aquela primeira vez no almoxarifado, sempre ando por aí com uma.

Mas naquele momento em que ela estava completamente à minha mercê, sua umidade encharcando meus dedos e seu corpo colado ao meu, esqueci completamente da maldita camisinha.

Eu nunca fodo sem camisinha. Porra, nunca.

Toda essa informação era ruído de fundo com Anastasia.

Completa e totalmente sem importância.

— Só estou perguntando a você. É uma situação hipotética, Dan.

— Não me venha com essa besteira. É você, não é? — Ele se levanta e me circula como um gato curioso. — Você fez! Quem foi? Apenas me diga que não é loira.

— Isso é. — Originalmente, pelo menos.

— Caramba, isso muda o jogo, mas está tudo bem. — Ele segura um microfone imaginário. — Qual o nome dela? O número dela? Por que você não me convidou para transar com ela?

— Isso não vai acontecer.

— O que? Por que? Espere um minuto. Você encontrou sua garota de Jersey! Ela também é loira e você mantém segredo sobre ela.

— Ela não é... — Paro, porque a ideia de ela ser minha garota deixa meu sangue quente. Se fosse em qualquer outro momento, teria sido um frio congelante só de pensar em compromisso.

Nunca gostei disso, de compromisso, nunca vi o sentido por trás disso. É por isso que nunca tive um relacionamento, nem trouxe uma garota para casa, nunca a apresentei ao meu pai ou às minhas irmãs.

A possibilidade de Anastasia conhecê-los me faz parar.

Eu me pergunto como eles se sentiriam em relação a ela e se...

Balanço a cabeça internamente, proibindo esses pensamentos de irem mais longe.

— Ela não é o quê?

— De Jersey.

— Uh-huh. Dê-me o número dela e eu mesmo verificarei. Algo me diz que você está mentindo e ela não é loira. O que não é legal, cara. Não me importo de compartilhar com você, não é? Então você deveria me dar os mesmos privilégios.

Um fogo incandescente toma conta de mim com a imagem de Daniel ligando para ela ou se aproximando dela.

Se ele tocar nela... eu vou jogá-lo pela janela.

Normalmente não sou do tipo que tem pensamentos violentos, mas por causa

dela, estou tendo constantes emoções estranhas.

— Você não vai entender, Dan — digo com uma calma que não sinto.

— Por que? — ele pergunta com um sorriso largo que é abertamente provocativo. — Porque você não embrulhou seu pau e ela provavelmente está grávida do seu filho?

— Jesus.

— Ele também estará visitando quando a mamãe do seu bebê der à luz.

Eu mostro o dedo para ele.

— Cai fora, Dan.

— Não, isso está ficando divertido. — Ele pega seu telefone e o segura na frente dele.

No começo, acho que ele está tirando uma selfie, pois adora se exibir nas redes sociais, mas depois ouve-se um toque e uma voz muito familiar responde:

— Não sei sobre você, mas estou trabalhando.

— Cale a boca, Rony. Isso é sério. — Dan sorri. — Tenho informações para você, direto do centro de Nova York.

Meu cunhado, e um dos amigos mais próximos de Dan, faz uma pausa.

— Oh? Diga, Danny.

— Adivinha quem esqueceu de embrulhar? — O sorriso de Daniel se alarga e eu gostaria de poder dar um soco nele desta distância.

Então eu me contento com um sussurro:

— Não se atreva.

— Vamos aplaudir o nosso único, o homem, a lenda. Knox Van Doren! — Daniel vira o telefone para que Ronan fique de frente para mim. Ele está em seu escritório porque agora lidera a empresa de seu pai.

Meu cunhado olha fixamente para a câmera. A princípio, pelo menos, antes que um sorriso lento se estenda em seus lábios.

— Preciso contar a novidade a Teal. Ela está sempre pensando que você nunca se acalmaria.

— Não faça isso, Ron. — Eu respiro com dificuldade. — E, por favor, espere enquanto eu mato uma praga chamada Daniel.

Meu amigo pula para longe de mim.

— Sim, conte a Teal, Ron. Deveríamos estar planejando chás de bebê

internacionais.

— Isso é tão sério? — Ronan pergunta.

— Sério? Experimente monumental. Ele se recusa a me dar o número dela e tenho certeza que mentiu sobre ela ser loira. Não sei sobre você, mas no meu dicionário isso é considerado muito sério.

— Então Aiden estava certo e ele está transando com alguém escondido de você?

— Eu sei. Estou ferido, arrasado, desapontado, mas não tanto quanto estou em êxtase com o rumo dos acontecimentos para o nosso camarada aqui.

— Teal ficará emocionada.

— Não conte a ela, Ron. — Pego o telefone de Daniel. — Você vai dar esperanças vazias a ela.

— Não pode estar vazio quando não havia camisinha, Van Doren.

— Malditamente certo. — Dan enfia a cara. — Prepare-se para um fim de semana de celebração em Londres.

— Você acertou, garoto Danny. Deixe todas as festas comigo e apenas cuide da mamãe do bebê de Van Doren.

— Entendido.

— Fodam-se vocês dois. — Tento chutar Daniel, mas ele foge no último segundo como um maldito lagarto.

Assim que ele desliga a ligação com Ronan, eu o agarro com força. — Você tem a porra de um desejo de morrer?

— Não me mate ainda, Knox. Ainda tenho que contar ao resto dos caras sobre essa joia escondida.

Os caras, como nossos amigos da escola secundária de quem ainda somos próximos. Jogamos futebol juntos e os cinco, incluindo Ronan, são casados e têm filhos.

— Como você vai, porra. Diga uma palavra sobre isso e mandarei uma prostituta loira bater na sua porta todos os dias.

— Ah, você não deveria ter feito isso. Agora que você me provocou, com certeza vou contar para todo mundo. Mal posso esperar pelo que dirão quando souberem que você está esperando um bebê.

— Eu não estou.

Ele tenta me afastar e eu aproveito a oportunidade para bagunçar seu cabelo. O mesmo cabelo que ele gasta meia hora para arrumar cada mecha.

Uma batida na porta nos interrompe e eu o solto com um empurrão. Graças a Deus, mantive as cortinas fechadas. A briga entre dois advogados provavelmente é desaprovada pelo público em geral.

— Entre — eu digo, e sussurro para Dan: — Espere prostitutas loiras começando hoje à noite.

— Foda-se. — Ele me mostra os dois dedos médios e depois se dirige para a porta.

Ele sai e Sandra Bell recua, dando-lhe espaço.

— Estou adiantada?

— Não, você chegou na hora certa. — Suavizo minha voz para um tom profissional. — Entre, por favor.

Ela faz isso hesitantemente e eu aperto o interfone para minha assistente.

— Eu preciso de Lauren e Chris aqui. Ah, e Jane do TI.

— Imediatamente senhor.

Sento-me em frente a Sandra, e ela puxa a saia e depois as mangas da jaqueta para baixo.

— Você se sente desconfortável em estar sozinha comigo?

Sua cabeça se levanta.

— Não é...

— Não minta.

— Um pouco.

— Bom. Você ficará dez vezes mais desconfortável quando se deparar com ele na frente de pessoas que não acreditam na sua história. Acostume-se com esse sentimento.

Ela engole em seco, seus dedos entrelaçando e desvinculando em um ritmo constante. Mas, em vez de poupá-la do desconforto, recosto-me na cadeira e olho para ela, quase sempre sem piscar.

Ela instantaneamente muda o foco para seu colo.

Hum. Liguei para seu terapeuta e perguntei se Sandra conseguiria ou não lidar mental e emocionalmente com o tribunal, e o médico me garantiu que sim.

Não parece.

Na verdade, Sandra parece cada vez mais perturbada. A terapeuta está mesmo fazendo seu trabalho?

Há uma batida na porta seguida por passos arrastados. Minha advogada associada, Lauren, vem primeiro. Ela tem mais ou menos a minha idade, mas foi aprovada na ordem alguns anos depois de mim.

Ela geralmente trabalha com Aspen, mas me emprestou porque tem talento para lidar com casos de agressão sexual.

Chris e Anastasia vêm em seguida. Esta permanece perto da porta como se procurasse uma rota de fuga. Desde que eu disse a ela que Sandra a quer no time porque ela se sente confortável na presença dela, ela está com aquela expressão estranha no rosto.

Como se ela estivesse prestes a desmaiar.

Ou talvez seja por causa do que aconteceu ontem e do evento sem camisinha em público.

Porra.

Foco. Isso é trabalho.

— Você já conheceu Lauren e Christoph — digo a Sandra. — Como você solicitou, Jane também estará sentada aqui. Este é o único rosto amigável que você terá permissão.

Sandra sorri um pouco para ela e Anastasia sorri de volta.

Eu me levanto e isso chama a atenção de todos.

— Você leu as perguntas que farei a você?

Sandra assente.

— Não há aceno de cabeça no tribunal. Se for uma pergunta sim ou não, é isso que você dirá.

— Sim, eu as li.

— Você está confiante em como responderá?

— Eu penso que sim.

— Mais uma vez, uma pergunta de sim ou não, Sra. Bell.

— Sim eu posso fazer isso.

— E as possíveis perguntas do promotor?

— Eu as aprendi.

— Bom. Agora, passaremos às possíveis perguntas que o advogado oponente

poderia lhe fazer.

Lauren dá sua documentação.

— Esses são os pontos em que acreditamos que eles se concentrarão. Reginald Pearce é conhecido por jogar no ataque na primeira chance que tem, então você precisa estar ainda mais preparada.

— Nós vamos ajudá-la. — Chris sorri para ela e ela olha para o colo novamente.

— De agora em diante, sou Reginald. — Fico na frente dela, andando devagar como ele faz no tribunal. — Senhorita Bell, você disse que seu pai tem tocado você contra sua vontade. Isso está correto?

Ela engole.

— Sim.

— Desde quando?

— Desde que eu era jovem.

— Quão jovem exatamente? Nove? Oito?

— Eu... eu não me lembro.

— Você alegou que era por volta das oito, certo?

— Objeção. — Lauren se levanta. — O advogado está conduzindo a testemunha.

— Isso seria anulado, Lauren. O advogado tem o direito de conduzir a testemunha em um interrogatório —, eu digo, ainda andando sem quebrar o contato visual com Sandra. — Agora me diga, você se lembra? Melhor quando foi a primeira vez que ele tocou em você?

— Na verdade não, eu...

— Então, você não se lembra. Você está apenas colocando essas alegações em memórias defeituosas das quais nem você se lembra, para caluniar um homem de família que é seu pai.

— Objeção…

— A verdade é que você manteve um relacionamento consensual com ele todo esse tempo. Há fotos suas usando roupas provocantes que você enviou para ele pelo seu telefone.

— Isso não é verdade! — Sandra está chorando. — Eu não... ele me fez usar isso e tirou as fotos... eu não...

— Senhorita Bell, há provas concretas que apontam para que tenha sido consensual, enquanto as provas da alegada agressão sexual são inexistentes.

— Objeção. O advogado está expondo suas próprias conclusões…

— Ele fez isso... ele... — Sandra se levanta abruptamente, com todo o corpo tremendo. — Ele fez isso!

— Você não pode dizer isso quando não há evidências. Não é verdade que você está fazendo isso apenas para caluniar a reputação do meu cliente? Que você fez essas alegações para poder ficar com o dinheiro suado dele? Você é-

— Pare. — A voz baixa me pega desprevenido.

É Anastasia. Ela está agarrando Sandra pelo braço, com lágrimas brilhando em seus olhos.

— Pare por favor.

— Se ela não aguentar isso, não poderá ser testemunha no tribunal.

— Eu só preciso de um momento. — Sandra funga antes de sair correndo do escritório.

Anastasia me olha de forma engraçada, como se quisesse me dar um soco.

— Você não precisa ser um monstro para deixar claro.

Eu me aproximo até ficar cara a cara com ela.

— Você não disse que precisava de um guerreiro sombrio da justiça? É assim que parecemos.

Seus lábios franzem antes que ela os solte.

— Vou ver como ela está.

E então ela sai pela porta também, com seu aroma de flor de laranjeira permanecendo atrás dela.

Ou talvez eu seja o único que sente o cheiro.

Pego um arquivo que o promotor nos enviou e me sento novamente.

Lauren rola a cadeira para ficar de frente para mim.

— Bell precisa de muita preparação e não temos muito tempo antes do julgamento.

Nós não temos.

Sandra denunciou as acusações contra seu pai alguns meses atrás, depois que ela fugiu de casa e viveu do fundo fiduciário que sua mãe lhe deixou. Como foram pagos por Matt e sua defesa, a polícia e o escritório da promotoria

tentaram varrer tudo para debaixo do tapete, mas Sandra foi esperta e enviou a reportagem à mídia. Considerando o status público de seu pai, a imprensa agarrou-se ao caso como tubarões famintos depois de sentir cheiro de sangue. Como resultado, o promotor foi obrigado a abrir um processo criminal contra Matt Bell, mas tem recuado cuidadosamente e esperando que tudo isso se torne notícia velha para que ele possa retirar as acusações.

Mas a imprensa não deixaria isso de lado. Existem grupos de apoio e organizações de mulheres envolvidas agora e todos estão de olho na forma como o procurador irá lidar com este caso.

Sandra tinha uma ordem de restrição contra Matt, mas ela teve hematomas recentes quando voltou para casa para pegar alguma coisa e ele de repente apareceu e bateu nela novamente por ousar ir contra ele.

É por isso que ela decidiu processá-lo civilmente também.

A questão é que o promotor pode levar o caso criminal a julgamento a qualquer momento. Especialmente porque o advogado de defesa de Matt usou todos os truques e métodos dissimulados para levar o caso civil adiante. Presumo que eles estejam contando com Sandra para enlouquecer e lidar mal com o caso civil, o que dará ao promotor todos os motivos para encerrar o processo criminal.

Não confio no promotor. Não confio em toda a porra do sistema, o que significa que, para Sandra conseguir justiça em ambos os casos, preciso torcer o braço dele com provas que apresentarei no julgamento civil.

— Vamos debater, Lauren. Temos de obter mais atenção dos meios de comunicação social e, para isso, precisamos de jogar mais com as suas emoções.

Mesmo tendo certeza de que Anastasia não vai gostar. Mas foi isso que ela pediu e é isso que vou dar a ela.

E o mundo.

17



Anastasia

Saí do escritório de Knox, mas não poderia seguir Sandra, mesmo que quisesse. Minhas pernas tremem tanto que mal conseguem me segurar.

Então me encosto na parede do canto para recuperar o fôlego. Eu realmente não acho que estou apto para confortar as pessoas.

Nunca fui bom nisso.

Ser criado para permanecer em segundo plano me prendeu – como nunca me destacar. Nunca oferecer uma mão ou um ombro para chorar.

Minha prima, Rai, é a única mulher que está ao meu lado desde que mamãe morreu e, embora me ame, não precisa de nenhum conforto meu. Ela é forte, mais forte que alguns homens, e nunca a vi fraca.

Ela me tratou com delicadeza, como se um toque errado fosse me quebrar.

Uma pontada se espalha em meu peito quando penso na reação dela ao meu desaparecimento. Ela deve estar tão decepcionada comigo, tão zangada.

Mas não posso me dar ao luxo de pensar na família que deixei. Agora não.

Meus dedos tremem quando pego meu telefone e vou até uma das poucas fotos que tenho com mamãe e Babushka. Eu era muito jovem na época, provavelmente tinha quatro anos, e estava sentado no colo da minha mãe, rindo incontrolavelmente.

Eu sou uma cópia dela, seja pelo cabelo loiro-claro, pelos olhos azuis profundos ou pelos traços minúsculos. Mas ela sempre parecia quebrada, cansada, quase como se estivesse exausta de existir.

Mamãe não era do tipo que sorria, mas ela tem um pequeno sorriso na foto

enquanto olha para mim. Babushka também está sorrindo, com toda a atenção voltada para mim.

Estas duas mulheres me amavam incondicionalmente e se o destino tivesse funcionado em padrões diferentes, eu teria sido capaz de recriar esta imagem.

Quanto mais continuo olhando para a foto, mais ela me ancora, me dando uma sensação de segurança.

— Estarei sempre com você, mesmo quando estiver longe, Ana. — Era o que minha mãe dizia e quando criança eu sentia ela perto, perto de mim.

Agora também.

E eu tenho que fazer a coisa certa. Tenho que estar ao lado de Sandra, mesmo sabendo quem está ao lado do pai dela.

Mesmo sabendo que poderia estar comprometido.

Mas não posso simplesmente abandonar alguém que está pedindo ajuda. Como isso é diferente de abandonar minha própria mãe?

Depois de esconder o telefone, vou até o banheiro, onde espero que Sandra esteja. Porém, encontro-a perto da janela, agarrando o peito e inclinando-se para frente.

Corro em sua direção e paro a uma distância segura para não assustá-la.

— Você está bem?

Ela lentamente levanta a cabeça, as lágrimas ainda escorrendo pelo seu rosto.

— Uh... sim... acho que sim.

— Eu sei que ele foi duro, mas ele é muito bom no que faz, então confie no processo, ok?

— Talvez ele esteja certo. Se eu... não consigo lidar com isso com pessoas que estão do meu lado, como vou me sair no tribunal? Na frente dele? Vou fazer papel de bobo, não vou?

— Não, não diga isso. — Me aproximo dela lentamente. — Você é uma garota corajosa, Sandra. Poucos são tão corajosos quanto você e isso merece ser usado como uma medalha de honra.

Um pequeno sorriso aparece entre as lágrimas.

— Obrigada por dizer isso.

— Não são apenas palavras. Eu acredito nelas.

— Por que?

— Porque… minha mãe sofreu abusos quando eu era mais jovem e eu não tinha o poder de protegê-la. Não houve um dia na minha vida em que eu não me culpasse por ser inútil, mas há uma coisa da qual não me arrependo.

Seus lábios se abrem.

— O que?

— Pedir ajuda quando pude, mesmo que seja de alguém insensível.

— Insensível como Knox?

— Pior. Mas você sabe, pessoas como eles trazem resultados. Eles estão bem cientes de como os idiotas pensam e podem combatê-los de forma eficiente, então você está em boas mãos.

— Realmente? Devo confiar nele?

Não sinto falta da hesitação em sua voz, do modo como ela se abraça e toca os cotovelos. Portanto, não penso duas vezes quando digo:

— Você deveria.

— Você confia nele?

— Com qualquer questão legal? Eu confio.

Ela funga, então enfio a mão no bolso e lhe dou um lenço de papel. Sandra enxuga as lágrimas e me espia através dos longos cílios.

— Você estará lá durante todo o julgamento, certo?

Eu engulo em seco. Estar no tribunal significa a possibilidade de encontrar alguém da minha vida anterior, e isso com certeza não vai acontecer.

— Sou do departamento de TI, então realmente não deveria estar por perto.

— Por favor. — Ela aperta minhas mãos. — Você é o único rosto amigável que conheço. Já perguntei ao Knox e ele concordou em ter você na equipe.

— Farei o que puder. Portanto, mesmo que eu não esteja presente pessoalmente, ligarei para você antes do julgamento. Você também pode me ligar quando quiser.

— Obrigada. — Seus olhos brilham com lágrimas frescas. — Nós… provavelmente deveríamos voltar.

Seu sorriso desaparece, mas ela aperta minha mão com mais força enquanto voltamos para o escritório de Knox.

Encontramos Lauren, Chris e ele conversando profundamente sobre o caso. Eles estão divulgando termos legais que não reconheço e em um ritmo tão rápido

que não consigo acompanhar.

Quando eles finalmente nos notam, eles interrompem a conversa.

Lauren sorri e Chris solta um longo suspiro, mas Knox não parece nem um pouco aliviado. Na verdade, ele parece calmo, calmo demais, como se o episódio não tivesse acontecido.

Seus olhos encontram os meus por um breve segundo. Eles são nítidos e escuros, como se eu estivesse olhando para a alma assombrada de uma pessoa completamente diferente.

O momento mal dura antes que ele deslize sua atenção para Sandra.

— Vamos retomar de onde paramos. Se você fugir novamente, poderá encontrar outro advogado.

Eu olho para ele quando ela fica rígida, mas ele me ignora o tempo todo enquanto continua preparando Sandra. Suas perguntas ainda são duras, mas ele faz uma pausa quando a vê passando por momentos difíceis.

Acho que ninguém percebe, mas é como se ele também estivesse fazendo uma pausa. No começo, acho que estou inventando coisas e ele só está fazendo isso pelo bem de Sandra, mas depois me concentro nele–tipo, realmente foco.

Ele está folheando um documento e, embora seus movimentos sejam calmos e medidos, são mais longos que o normal – como se ele estivesse suportando alguma coisa.

Como se ele estivesse no meio de uma crise e precisasse manter a calma para isso.

Seus ombros estão cheios de tensão e seus olhos ainda estão escuros, menos dourados, menos brilhantes. Quase como se a cor tivesse sido sugada deles.

Há outra coisa também. Sua respiração é curta e entrecortada, e seu peito sobe e desce em um ritmo ligeiramente irregular.

Mas quando ele fala em seguida, sua voz ainda está calma, como se estivesse desconectada do resto dele. Quando ele anuncia que terminamos o dia, todos parecem esgotados. Ele não. Ele parece furioso. Quase como se ele tivesse uma energia sobrenatural acumulada dentro dele e não conseguisse se livrar dela.

Ou não.

Quero ficar para trás e... fazer o que exatamente? Não é como se eu pudesse perguntar a ele o que há de errado e obter uma resposta. Mas posso tentar... certo?

Por alguma razão, parece que ele não deveria estar sozinho agora; se estiver, algum tipo de desastre ocorrerá.

Provavelmente estou lendo muito sobre isso. Em que mundo Knox não está bem? Ele sempre parece ser organizado e tão perfeito que fico com um pouco de inveja.

E tudo bem, talvez eu tenha me perguntado muitas vezes o que veria se enfiasse a mão em sua armadura e desse uma olhada.

Talvez ele não seja tão perfeito por dentro, talvez haja uma parte assombrada e problemática que eu possa ver por mim mesmo.

— Jane? — A voz de Sandra me afasta do meu foco nele.

— Sim?

— Você pode me acompanhar?

— Claro. — Dou uma última olhada para Knox, mas ele está concentrado em alguma papelada, então saio sem sequer ver seu olhar dourado.

Não é estranho que eu tenha uma fobia doentia de contato visual, mas anseio por isso com ele?

Isso deveria ser estranho. Anormal.

E, no entanto, é tudo em que fico pensando pelo resto do dia. Seus olhos, seu estado perturbado.

Ele.

Penso em mandar uma mensagem para ele, então digito *você está bem? Mas apago o texto antes de enviá-lo. Não estamos realmente nos dando bem, especialmen*te depois do incidente público de sexo desprotegido de ontem. Mas mesmo depois de chegar em casa, não estou ansiosa pela minha noite solitária, onde comerei as sobras e passarei o resto da noite pesquisando na internet o que os homens da minha antiga vida são. Estarei me concentrando em cada detalhe e serei uma maníaca por paranoia.

Sento-me em meu estúdio mal iluminado. É pobre e velho, mas não fica em um bairro ruim, então não preciso me preocupar com atenção indesejada.

Minha digitação fica mais lenta e fico olhando fixamente para as centenas de páginas abertas no meu laptop.

É assim que vou ser pelo resto da minha vida? Em fuga, obcecada e sempre assustada?

A ideia de *Babushka* se machucar força minhas mãos a carregar na missão de

espionagem. Se algum deles descobrir o que estou fazendo... balanço a cabeça, recusando-me a pensar nas consequências.

Não é que eu esteja fazendo algo errado; Só estou tentando proteger a mim e à minha avó.

A campainha toca e eu congelo, então fecho imediatamente meu laptop.

Puta merda.

Eles me encontraram.

— Respire fundo — sussurro para mim mesma em tom trêmulo. — Eles não conseguem me encontrar. Usei um firewall, bloqueei meu endereço IP. Não há nenhuma maneira no inferno que eles possam me encontrar.

A menos que Kirill e Aleksander suspeitassem de alguma coisa e me seguissem?

Não. Eles estariam aqui ontem se fosse esse o caso. Inferno, eles teriam me agarrado pelos cabelos no restaurante e me arrastado de volta em vez de me deixar ir.

Mas e se Kirill contasse a Adrian?

Merda. Ele é o cérebro do hacking. Ele poderia ter quebrado meu firewall, interceptado meu IP e me encontrado. Ele está aqui agora e irá...

— Anastasia, abra, eu sei que você está aí.

Meu colapso faz uma pausa com aquela voz. A voz lindamente acentuada que eu reconheceria não apenas atrás de portas fechadas, mas mesmo que viesse debaixo d'água.

Um peso sai lentamente do meu peito e desaparece no ar enquanto me dirijo para a entrada.

Olho pelo olho mágico para ter certeza de que é ele.

Com certeza, Knox está lá, esperando impacientemente que eu abra a porta, a julgar por aquele olhar duro.

E então me dei conta.

Knox está aqui. Na frente do meu apartamento miserável, e ele quer que eu o deixe entrar.

Preciso de um momento para respirar.

Para não deixar todos os sentimentos sombrios de antes se manifestarem diante dele.

Quando me sinto um pouco melhor, abro a porta.

Nenhum momento ou respiração profunda poderia ter me preparado para o quão pecaminosamente atraente ele parece.

Pela maneira como seu cabelo é penteado e como suas roupas ficam impecavelmente no lugar, mesmo depois de um dia inteiro de trabalho.

É injusto.

Tão injusto que ele tem uma perfeição física que ninguém mais consegue igualar.

Também é injusto que ele tenha sido meu primeiro e agora não consigo ver nenhum outro homem além dele. A barreira é alta demais para qualquer outra pessoa alcançá-la, não que eu permitiria.

Ele me arruinou. Me corrompeu.

E continuo querendo mais.

— Como você descobriu onde eu moro? — Eu sussurro.

— Seu currículo.

— Por quê você está aqui...

Minhas palavras terminam com um gemido porque ele está me agarrando pela garganta e batendo seus lábios nos meus.

18



Knox

Há momentos em que posso controlar as sombras e momentos em que elas me controlam.

Esta é a segunda situação.

Não consegui me livrar delas desde esta manhã. Eles estão pairando e se espalhando sobre mim até que suas nuvens cinzentas são a única coisa que respiro, vejo ou toco.

Foi assim que me encontrei no apartamento de Anastasia.

Resisti em não a ver, especialmente quando estou nesse estado. Não deixo ninguém me ver com minhas sombras, nem mesmo minha irmã gêmea. Mas eu precisava desesperadamente da distração. Eu precisava sentir o calor do corpo dela e ouvir os pequenos suspiros que ela faz quando eu tomo ela de surpresa. Como agora.

Ela solta pequenos ruídos na minha boca enquanto seus dedos travam ao meu lado. Eu chuto a porta do apartamento dela e a seguro com força em seu pescoço. Seu pulso ruge sob meus dedos como se ela fosse pega pela mesma onda de adrenalina que me mantém como refém, e agarro sua garganta com mais força até ser sua única âncora.

E ela é minha.

Porque mesmo agora ainda estou cercado por essas sombras, e elas são cruéis e duras, precisando de meio quilo de carne.

Dela.

Ela os faz se sentirem nus, e eles não gostam disso. Eles não gostam de ser

expostos, enfraquecidos ou mesmo vistos.

E ela os viu. Hoje. De volta ao escritório. Quando ninguém pensou duas vezes sobre meu estado de ser, ela estava me olhando de forma estranha, como se pudesse fazer contato visual com eles.

Senti-los.

Arrasta-los para fora.

Então isso é vingança. Esta é a maneira deles de contaminá-la, manchá-la e arruiná-la tanto que ela não ousará mais fazer contato visual. Que ela vai correr para o outro lado quando os notar.

Minha língua empurra para o céu da boca dela e eu a beijo com uma selvageria que endurece meu pau e torce a porra da minha coluna.

Mas eu não paro. Não quando ela engasga.

Não quando ela treme.

E definitivamente não quando seus pés falham com meus movimentos implacáveis.

Eu a seguro pela garganta, apertando até que ela abra mais a boca, provavelmente para respirar. Mas eu reivindico aquela boca, chupo sua língua e depois mordo com tanta força que fico surpreso por não sentir gosto de sangue.

Seus gemidos e choramingos são música para meus ouvidos, um afrodisíaco para minhas sombras fodidas.

E elas querem mais. Muito mais.

Quando ela perde o equilíbrio novamente, deixo-a cair no chão de madeira, mas a seguro com mais força para diminuir o impacto.

Seus olhos se arregalam quando suas costas tocam o chão e eu solto seus lábios com uma última mordida.

Por mais que eu queira continuar me banqueteando com ela, ela precisa de ar. Mas mesmo quando permito isso, não solto sua garganta. Ela é a única armadura que tenho contra as sombras e não há nenhuma maneira de eu libertá-la.

Sim, isso é egoísta. Sim, eles provavelmente deveriam encontrar para mim um poço mais profundo no inferno do que aquele anteriormente designado para mim, mas isso é tudo culpa dela.

Ela não deveria ter parado e ficado olhando esta manhã, não deveria ter colocado o nariz onde não deveria.

Não deveria ter visto o meu lado que mantenho em segredo. Mas ela fez e agora precisa pagar por isso.

Anastasia engole em seco e lança a língua para fora para lamber os lábios que ficaram inchados e vermelhos.

— O que... o que você está fazendo?

— Vou te foder como se fosse sua primeira e última vez, minha pequena mentirosa. — Ainda apertando sua garganta, ajoelho-me entre suas pernas e desabotoo minhas calças. — Você vai aceitar, não é?

Por um segundo, ela apenas olha, boquiaberta. Suas pernas ainda estão abertas em um ângulo estranho por causa da queda. Seu moletom folgado sobe pelas coxas pálidas, revelando sua calcinha de renda branca.

Branco e renda.

Foda-me. A maneira como ela se veste por baixo do moletom não se parece em nada com o que sua nova personalidade deveria ser. Ela parece aquela estranha de cabelo gelado e olhos azuis do bar agora. A mesma estranha que deveria ter sido uma foda única, mas se transformou em muito mais.

Mas ela não é. Ela está de óculos e ainda usa lentes de contato marrons que escondem de mim seus verdadeiros olhos.

Eu relutantemente solto sua garganta e puxo o moletom sobre sua cabeça. Seus seios saltam suavemente, os picos rosados me provocando, então eu agarro os dois e a puxo para cima usando-os.

Ela engasga, depois geme quando meus lábios encontram os dela novamente enquanto eu continuo beliscando seus mamilos, torcendo-os com tanta força enquanto chupo sua língua.

Ela está tremendo, percebo, de ansiedade ou outra coisa, não sei, e no momento não tenho estado de espírito para me concentrar nisso.

Tudo o que me importa é a sensação dela tremendo em meus braços, sua língua tentando lamber a minha, mesmo quando ela não consegue acompanhar meu ritmo e seus gemidos aumentam de volume.

— Ugh... — Ela tenta se afastar, seus óculos embaçando. — Knox...faça alguma coisa.

— Alguma coisa?

— Qualquer coisa... — Sua voz é ofegante, baixa e tão excitada que sinto em seu peito, onde estou beliscando seus mamilos tensos e latejantes.

— Não vai ser "qualquer coisa", vai ser imundo e cru. Vou pegar sua boceta no chão e vou foder com força, foder direito, até que tudo que você possa fazer seja gritar.

— Ok... — Sua voz é apenas um sussurro, ou talvez seja um gemido, mas é toda a confirmação que preciso.

Liberando um de seus mamilos, arranco os óculos e os jogo fora. Seus olhos, seus falsos olhos castanhos, estão caídos e mal abertos. Mas ela está olhando para mim. Como no escritório mais cedo, ela está apenas olhando para mim. Como se eu fosse o único que existe no mundo.

Como se eu fosse o único para quem ela pudesse olhar.

Parte de mim quer estender a mão e trazer à tona seus olhos reais, os reais que memorizei no fundo da minha alma. Mas vence a parte mais lógica, a parte que não deveria se importar com quais olhos são genuínos. Eu não gosto deles em primeiro lugar.

Olhos.

Eles são a parte do rosto que mais desprezo. Foi deles que T e eu tentamos escapar e ainda não conseguimos, nem mesmo depois que fugimos.

Então eu agarro Anastasia pelo quadril e a viro de bruços. Ela engasga, o som ecoando no pequeno apartamento enquanto sua cabeça se levanta, provavelmente para olhar para mim, mas eu a agarro pela nuca e a prendo no chão.

Sua respiração áspera é audível e eu a sinto enrijecer embaixo de mim, mas logo depois ela relaxa, com o rosto apoiado no chão. Como se meu tratamento insensível e violento fosse normal e ela aceitasse.

Como se... ela confiasse em mim. Puta merda.

Por que diabos ela confiaria em mim quando prometi machucá-la? Senti que ela era masoquista naquela primeira noite, mas isso ainda está nessa categoria?

Apesar de tudo, porém, um pequeno recanto dentro de mim se alegra com esse fato, com a forma como ela confia em mim o suficiente para me deixar ir quando ela não é do tipo que faz isso.

Quando ela está claramente escondendo tanta merda e sendo uma mentirosa.

Meus dedos travam em sua calcinha, puxando-a para baixo, e ela abre as pernas, deixando-me acomodar entre elas como se sempre pertencesse a este lugar. Entre suas malditas pernas.

Jogo a calcinha fora e minha mão encontra suas dobras encharcadas.

— Hmm. Tão molhada. A promessa de sexo violento te excitou, linda?

Ela não diz nada, mas recebo a resposta quando seus sucos cobrem meus dedos e pingam entre suas coxas.

— Diga-me que você tomou algum tipo de controle de natalidade hoje.

— Estou tomando injeções.

— Obrigado, porra.

— Você não vai... usar camisinha? — Ela tenta virar a cabeça para trás, mas eu a mantenho para frente.

— Agora que senti sua boceta nua, não vou voltar a usar uma barreira.

Agarro seus pulsos e os prendo na parte inferior de suas costas, em seguida, uso-os e meu aperto em sua nuca como alavanca enquanto empurro seu calor apertado de uma só vez.

Porra.

Vim aqui com a promessa de violência, até mesmo de vingança, mas quando as paredes dela se fecham ao meu redor, é como se eu tivesse alcançado um nível diferente de existência.

Aquele onde apenas nós dois existimos.

Ela geme, o som quebrado quando eu puxo para fora, então dirijo com mais força desta vez, tão violentamente quanto minhas sombras.

Meus dedos apertam seu pescoço e eu empurro para dentro e para fora de sua boceta com uma velocidade que nem eu sabia que era capaz. Os sons desleixados de sua excitação me fazem continuar enquanto as batidas de carne contra carne reverberam ao nosso redor.

Eu fodo com ela como um louco sem cura, como se esta fosse a última foda da minha vida, como se ela fosse meu prêmio e eu tivesse que tê-la uma última vez. Sexo nunca pareceu tão cru para mim, tão... primitivo. Sim, sempre adorei o que é duro, mas nunca ao ponto de não querer parar.

Onde eu queria estar dentro de uma mulher para sempre.

O pensamento me faz parar, mas apenas por um segundo antes de bater nela novamente.

Mais rápido, mais selvagem, até que ela desliza no chão e meu aperto é a única coisa que a mantém no lugar.

— Você é tão apertada, minha pequena mentirosa. Este buraco foi feito para mim, não é?

Ela solta um som ininteligível, então repito:

— Esse buraco é meu, não é?

— N-não…

As pontas dos meus dedos cravam em sua nuca.

— Você acabou de dizer não?

— Você… não… é meu dono…

— Isso está certo? — Aumento o ritmo, batendo nela o mais rápido que já fiz, até que seus gemidos e grunhidos param. Até que seu pequeno corpo esteja completamente à minha mercê – ou à falta dela.

— O negócio é o seguinte, minha pequena mentirosa. Eu sou seu dono, sou dono deste buraco e de todos os outros buracos que você tem a oferecer. Quanto mais você negar, mais duro vou foder em você.

— Oh, porra... — ela amaldiçoa, suas paredes se apertando ao meu redor. — Knox... Knox... ah, merda... eu... não aguento...

— Então admita. Admita que sua boceta é minha e foda-se.

— Ooh…

— Essa não é a palavra.

— Apenas... deixe-me gozar...

— Não até você dizer que sua boceta é minha.

— É... é sua... — Sua voz é pouco mais que um murmúrio, mas eu ouço.

Ouço isso tão alto e claro que uma possessividade inexplicável que se transforma em loucura toma conta de mim.

— Boa menina. — Eu giro meus quadris até bater mais fundo, e isso faz com que ela gema mais alto e mais nítido.

— Sim… sim… aí… por favor…

Eu giro meus quadris novamente, dirigindo mais fundo em vez de mais forte, então repito mais algumas vezes até senti-la se quebrando ao meu redor.

— Aqui?

— Sim! — ela grita, balbuciando e murmurando meu nome como um canto enquanto se desfaz.

Eu a sinto me apertando, me engolindo e ordenhando meu pau como se ela

não pudesse gozar sozinha e estivesse me convidando para um passeio.

Meu ritmo fica frenético, alimentado pelo prazer dela. É algo que apenas ela é capaz, deixando-me tão sintonizado com seus orgasmos e os tremores em seu corpo que não consigo evitar a necessidade de segui-la.

Estar com ela.

Para possuí-la, porra.

Com esse pensamento, sobre possuí-la, meu esperma jorra dentro dela com uma força destruidora que nunca senti antes.

Como se fosse uma vingança.

Como se eu quisesse que cada poro dela fosse preenchido com minha semente.

Eu lentamente saio dela, o meu olhar seguindo o gotejar do meu esperma para fora da sua boceta, manchando as coxas e acumulando-se no chão. As sombras se dissipam lentamente no fundo quando uma sensação furiosa de possessividade toma conta, rasgando minha carne e atingindo meus ossos.

Sempre escondi minhas tendências à obsessão – a necessidade de ser o número um, de ser o favorito do papai e até mesmo de ser o único apoio de T. E tenho tentado me livrar desses maus hábitos desde o ensino médio.

Esta é a primeira vez que sinto uma possessividade cegante por alguém com quem transei. Está perto de ser uma obsessão sombria.

Um local perigoso, onde minhas sombras sairão e brincarão.

E ainda assim, não consigo parar de olhar para a evidência de minha propriedade escorrendo dela.

Não posso deixá-la ir, embora estejamos ambos ofegantes e o suor cubra nossa pele.

É uma coisa primordial sobre a qual não tenho controle. Um sentimento cru que me mantém como refém e se recusa a deixar ir.

Um gemido suave sai dela e o som me tira do transe. Eu lentamente a solto, então me coloco de pé, enfiando meu pau semi-duro de volta na calça.

Sim, acabei de esvaziar dentro dela, mas a visão do meu esperma saindo de sua boceta está provocando meu pau por mais uma rodada.

Mas não se trata disso.

Eu não vim aqui para várias rodadas ou mesmo para foder. Estou aqui para que Anastasia pare de olhar para mim, para que ela pare de estar sintonizada

comigo quando não tiver nada a ver com isso.

Ela se vira e lentamente fica ajoelhada, depois olha para mim. Meu pau se contrai ao vê-la completamente nua. Há algumas marcas vermelhas em sua pele pálida, de quando a segurei – em volta do pescoço, nos pulsos e na carne cremosa dos seios. Seus mamilos ficaram vermelhos e inchados por causa do meu ataque. Os lábios dela também. Eles estão inchados, gordos e me tentam a enfiar meu pau entre eles.

Mas o que realmente me impressiona é o olhar dela, a satisfação neles, a porra do prazer que ela não tem vergonha de mostrar. Porque somos compatíveis, ela e eu. Outras mulheres não apreciariam a violência e o sexo sujo, mas minha Anastasia gosta disso.

Espere. Minha?

Desde quando comecei a pensar nela desse jeito?

Preciso ir para casa e apagar esses pensamentos cancerígenos da minha cabeça.

Isso é foda.

Só sexo.

Não dei nem um passo quando ela perguntou:

— Quer pegar algo para comer?

Eu deveria me virar e sair. Deveria ignorar aquele olhar de foda-me em seus olhos ou a esperança neles. Se fosse qualquer outra situação, eu pessoalmente destruiria essa esperança.

Mas eu não.

Vou contra meus princípios mais uma vez e fico. E as sombras não têm voz ativa desta vez.

19



Anastasia

Acho que fiz algo errado.

Porque a tensão que paira no ar há meia hora é sufocante.

Ainda mais do que quando ele me fodeu no chão, de bruços, e me fez gozar o mais forte que já vi.

Sem camisinha. De novo.

Mas, por alguma razão, não fico brava. No fundo, gostei da sensação do seu esperma quente dentro de mim e da fricção da sua pele contra a minha.

Na verdade, gostei tanto que posso estar um pouco obcecada por isso. E seu domínio bruto.

E a foda tortuosa.

E tudo sobre ele, na verdade.

Mas isso está errado. Eu não deveria estar tão envolvida com ele a ponto de não poder escapar de sua armadilha.

Mesmo agora, não consigo parar de olhar para ele, para seus ombros largos que esticam sua camisa. Mas essa não é a única coisa que está pressionando sua camisa; há também seus bíceps protuberantes, seus músculos peitorais e até mesmo seu abdômen.

Uma onda de calor massacra as fadas em meu estômago e eu cerro minhas coxas para prender qualquer sensação que esteja tentando escapar.

Coloquei meu moletom mais cedo, mas não consegui localizar minha calcinha, então estou nua e isso é muito revelador. Vulnerável, até.

Minha respiração está ofegante e fico feliz por ter colocado minha playlist de "Clássicos" quando nos sentamos, para que ele não ouça as inspirações e expirações altas ou o quanto estou cruzando e descruzando as pernas.

Além disso, mesmo em volume baixo, minha playlist me dá paz e coragem. É ainda mais forte que o álcool nesse departamento.

Estamos sentados um de frente para o outro à mesa de centro, comendo a pizza que pedi. Ou estou mordiscando; ele está estudando minha pequena casa com um olhar crítico. Do ponto de vista dele, isso deve parecer muito abaixo da média. Há linhas de fumaça no teto rachado, decorado com alguns desenhos de estrelas que o inquilino anterior deixou para trás.

Meus móveis são escassos. Como este é um estúdio, só tenho um sofá que pode ser transformado em cama e uma mesa – aquela em que estamos sentados. No chão.

Mas ele não está olhando para elas, sua atenção está nas roupas espalhadas por todo lado e na louça empilhada na pia.

— Eu ia limpar — deixo escapar.

Ele se concentra em mim com um pequeno sorriso.

— Eu disse alguma coisa?

— Posso dizer que você ia.

— Você pode dizer como?

— Bem, pessoas como você não apreciam o caos.

— Pessoas como eu?

— Engomado e adequado.

— Gostar das coisas organizadas não tem nada a ver com ser afetado e adequado.

— Sim.

— Não. Você é a prova viva disso.

— Como é isso?

— Você é afetada e correta, mas não é organizado.

— Eu não sou... afetada e adequada.

— Usar calcinha de renda, beber água com canudo e manter as unhas sempre limpas e aparadas diz o contrário. Além disso, sua maneira de falar é calma e comedida, como se você tivesse sido ensinada por professores particulares a falar

de uma determinada maneira.

Minha boca se abre e a fatia de pizza permanece suspensa no ar. Como e quando diabos ele percebeu essas coisas?

Inferno, nem eu presto atenção em metade delas.

Eu deveria saber que ele seria um perigo para mim. Eu deveria tê-lo afastado com mais força quando pude.

Mas isso não é possível agora, não é?

Não quando me tornei inexplicavelmente viciada nele, em seu rosto etéreo e naquele sotaque delicioso em sua voz profunda.

Não quando vê-lo traz uma sensação de paz que nunca experimentei antes.

Ele se apoia na mão, o brilho em seus olhos é tão parecido com o de um predador que gosta de brincar com sua presa.

— Diga-me, o que fez você ser afetada e adequada, Anastasia?

— Não sei do que você está falando. — Dou uma mordida na minha pizza.

— Deixe-me adivinhar. Tem algo a ver com a sua identidade real, e é por isso que você a mudou. Era sufocante de onde você veio? Foi por isso que você foi embora?

Meus ouvidos esquentam, mas em vez de fazer o jogo dele, eu contra-ataco. — E quanto a você?

— Quanto a mim?

— Como você se tornou afetado e adequado?

— Mais uma vez, não sou afetado e correto, mas tive um pai adotivo legal que salvou a mim e a minha irmã gêmea das ruas. Foi por causa dele que passei de patinho feio a um lindo cisne. — Ele pisca, mas não há brincadeira por trás disso. Na verdade, parece uma camuflagem para algo sombrio e sinistro tentando espiar.

— E seus pais? — Normalmente, eu não perguntaria. Não tenho muita curiosidade sobre as pessoas em geral, porque prefiro não me envolver, mas tenho curiosidade sobre ele.

Sobre a razão por trás do escurecimento de seus olhos dourados.

Ele dá uma mordida na pizza, mastiga devagar, como se tivesse todo o tempo do mundo.

— Nunca conheci meu pai, e minha mãe era uma prostituta, que não tinha a

menor noção sobre a identidade do homem que a engravidou. Quando ela ficou brava conosco quando tínhamos seis anos, ela disse que éramos produto de uma orgia da qual ela recebeu seu estoque de drogas para o mês, e a única razão pela qual ela nos manteve foi porque muitos de seus clientes tinham fetiches em grávidas e amamentação.

Engulo a comida, mas isso tem menos a ver com a informação e mais com o tom dele quando falou sobre a mãe.

Em toda a minha vida entre monstros, nunca ouvi alguém falar com tanto veneno e puro ódio sobre seus pais. É como se ele desejasse que ela estivesse à beira de um penhasco para que ele pudesse empurrá-la e vê-la morrer.

Knox se apoia na palma da mão novamente e inclina a cabeça para o lado.

— Agora que a informação chata acabou, por que você não me conta sobre seus pais?

— O que sobre eles?

— Você mencionou que sua mãe foi abusada e como você falou sobre ela no passado, presumo que ela não esteja mais viva?

A comida fica presa na minha garganta e preciso de alguns goles antes de conseguir superar o entupimento que se acumulou ali.

— E seu pai?

— Ele está por perto…

— E?

— O que?

— Vocês são próximos?

— Talvez. Talvez não.

— Você não quer estar perto dele?

— Não.

— E por que?

Aperto ainda mais a fatia de pizza até que ela esteja quase esmagada.

— Porque não.

— Eu vejo. Ele é a razão por trás da mudança de identidade?

Minha cabeça balança e percebo meu erro quando ele sorri daquele jeito predatório.

— Então ele é.

— Eu não quero falar sobre ele.

— Então sobre o que você quer conversar? Que tal o quão suspeita você é o... — ele para quando a abertura de "Nothing Else Matters" do Metallica ecoa no meu telefone. — Você ganha um pequeno passe por ter bom gosto musical.

Meus olhos se arregalam.

— Você também gosta do Metallica?

— Como? A música deles corre em minhas veias desde que eu descobri o que é música. Assistir aos shows deles é sempre o ponto alto do meu ano.

— Você por acaso tem uma coleção de produtos deles? — Sempre quis ter produtos com temática musical, mas isso era proibido em minha casa.

— Eu colecionei muitas camisetas, jaquetas, moletons e outros produtos com o tema Metallica na minha adolescência. Eu até tinha um par de fones de ouvido com o nome da banda gravado. Eu meio que dei inúmeras dicas sobre querer isso para que papai pudesse comprar no meu aniversário. Eles estão de volta à Inglaterra e minha irmã sempre ameaça destruí-los quando não faço as coisas do jeito dela.

Não consigo evitar o sorriso que curva meus lábios ao ver o quão despreocupado ele fala sobre o Metallica e sua irmã. É a primeira vez que testemunhei essa parte descontraída dele.

Ele sempre foi intenso de uma forma ou de outra, mas agora está entorpecido.

— Sua irmã parece divertida.

— Não, ela geralmente é um pé no saco. Teimosa e tem uma personalidade séria.

— Eu me dou bem com esse tipo. Minha prima é assim e somos próximas... — Paro quando uma onda de tristeza espirra dentro de mim.

— Presumo que você a deixou também?

— Eu não a deixei. Estamos apenas... em lados diferentes da batalha.

— Batalha. Terminologia interessante.

Limpo a garganta, precisando desviar sua atenção. Ele é como um gato com um rato: quando vê uma chance de atacar, não hesita em usá-la.

— Você ouve alguma coisa além do Metallica?

— Eu costumava ouvir Slipknot, Megadeth e Iron Maiden quando era adolescente. Papai costumava ser agitado porque eu ia dormir e acordava com

música de metal alta nos ouvidos.

— Você não faz mais isso?

— Não mais.

— Por que não?

— Na faculdade de direito, eu realmente não ouvia muita música e isso só se estendeu depois que passei na ordem e comecei a trabalhar.

— Não entendo como alguém pode deixar a música. É o que me ajuda a me concentrar melhor.

— Eu sei.

— Você sabe?

— Você geralmente usa fones de ouvido quando está trabalhando. Também sei que você ouve música vintage.

— Você é um perseguidor?

— Eu prefiro um observador profissional, assim como você.

— Eu?

— Sim, linda. Eu sei que você vem me assistir às vezes.

Minhas bochechas estão queimando.

— Eu não.

— Temos paredes de vidro, caso você não tenha notado, e isso significa que posso ver você através delas.

Eu olho para o meu colo.

— Eu... não estava lá para você.

— Uh-huh. Sua negação é adorável.

Eu olho para ele.

— Não me chame de adorável.

— Bem, você é. Lide com isso. — Ele aponta para meu telefone. — Por que você gosta de música vintage?

— Eu sou uma alma velha assim. Gosto de romances históricos, músicas de décadas atrás e tudo que é vintage.

— Mas você está em TI.

— Uma alma antiga com uma mentalidade futurista.

Os cantos de seus lábios se curvam em um sorriso antes de se espalhar por

todo o seu rosto.

— Eu gosto disso.

Minha respiração fica presa e preciso de algumas tentativas para engoli-la. Ouvi-lo dizer que gosta disso enquanto sorri me faz pensar que talvez ele goste de mim.

E isso é simplesmente estúpido.

Se há algo que Knox provou até agora é que tudo o que existe entre nós é apenas sexual, então é melhor eu matar aquela vozinha sussurrando dentro de mim.

— Qual sua banda favorita? — Ele pergunta.

— Eu realmente não tenho uma.

— Vamos, todo mundo faz.

— Guns N' Roses, eu acho. Eles me fazem sentir poderosa.

— Você quer dizer que a música deles sim.

— Qual é a diferença?

Ele está com cara de pôquer quando diz:

— Há uma. É a música deles, não os homens da banda.

— Não tenho ideia da lógica disso, mas tanto faz.

Continuamos comendo em silêncio, ouvindo a música e espiando um ao outro. Ou eu estou, de qualquer maneira. Knox me observa abertamente, estreitando periodicamente os olhos para mim e franzindo os lábios como se desaprovasse alguma coisa.

— O que? — Eu pergunto então ele continua fazendo isso.

— Eu quero ver seus olhos verdadeiros.

— O-o quê?

— Os azuis. E nem ouse dizer que são reais. Sem os óculos, eles parecem falsos pra caralho.

— Não posso.

— Por que não? Já sei seu nome verdadeiro e sua aparência.

— Apenas não.

— Por que?

— Porque… eu não gosto disso. Assim como você não gosta de olhar nos

meus olhos durante o sexo. Você me vê perguntando sobre isso?

— Quem te disse que não gosto de olhar nos seus olhos?

— Bem, você sempre me fodeu ou me tocou por trás. Essa indicação não é suficiente?

— Eu prefiro essa posição.

— E eu prefiro ter esses olhos.

Um músculo contrai em sua mandíbula e espero que ele insista, mas ele faz algo completamente diferente.

Sua voz diminui quando ele fala.

— Eu não gosto de foder pela frente. Isso me faz sentir menos no controle e traz de volta sombras escuras de um passado que gosto de manter enterrado.

De repente, estou hiperconsciente da tensão que flutua entre nós, como se ele a tivesse convocado e seu único propósito fosse sufocar nós dois.

— Que tipo de passado? — Eu pergunto em um murmúrio.

Ele balança a cabeça lentamente.

— Você não pode perguntar isso quando está escondendo o seu.

— Eu te contei sobre minha mãe.

— Não é dela que você está se escondendo, então isso não conta.

Franzo os lábios e ataco outra fatia de pizza.

Ele apenas se apoia nas palmas das mãos, me observando com um sorriso. O idiota.

— Foi o que pensei.

— Quero minha borboleta de volta — deixo escapar do nada.

Ele ainda está sorrindo e estou considerando a melhor maneira de tirar isso de seu rosto, além da opção óbvia: assassinato.

— O que faz você pensar que eu tenho isso?

— Você mencionou isso outro dia, então isso significa que sim.

— Talvez se você me mostrar seus olhos verdadeiros.

— Eu não vou.

— Então eu não tenho.

— Knox! Essa borboleta é importante para mim.

— Aparentemente não é o suficiente, porque você se recusa a fazer

concessões.

Mas não é uma concessão. Ele está exigindo ver uma parte de mim que me tornará vulnerável e me recuso a jogar esse jogo.

— Você é sempre um idiota ou só comigo?

— Um pouco dos dois. — Seu sorriso se alarga.

— Odeio você neste momento.

— Temos todo o tempo do mundo, então vou convencê-la do contrário.

— Não, não temos.

— Claro que nós temos. — Sua voz cai quando ele diz as palavras que me fazem estremecer: — Não estou nem perto de terminar com você, linda.

20



Knox

— Tem certeza de que está apenas cortando batatas e não matando-as?

Anastasia olha para mim por trás do balcão da cozinha, uma carranca delicada aparecendo entre as sobrancelhas.

Ela está usando um moletom com capuz que mal chega ao meio da coxa e fica me mostrando sua calcinha de renda toda vez que ela se abaixa ou estende a mão.

Escusado será dizer que meu pau está se contorcendo sem parar com a vista. Essa é uma das razões pelas quais concordei em deixá-la me ajudar a preparar o jantar, apesar de ela ser absolutamente indefesa quando se trata de cozinhar.

No entanto, ela está levando isso a sério. Muito sério, considerando a concentração estampada em seu rosto delicado, acentuada pela luz pendurada no teto.

— Estou cortando — ela diz com naturalidade, apontando para as batatas com a faca.

— Elas parecem assassinados para mim.

— Mas eu fiz isso lentamente, como você me disse.

— Ainda não está certo.

Seus ombros se curvam como se ela tivesse falhado em algo monumental.

— Que seja. Faz você.

— Vamos fazê-lo juntos.

— Como...

Envolvo meus braços em volta dela por trás e ela fica imóvel, a palavra que estava prestes a dizer permanece presa no ar entre nós. Um arrepio de corpo inteiro a percorre e não consigo evitar de inalar profundamente, respirando seu perfume de flor de laranjeira misturado com seu delicado perfume natural.

Tudo nela é delicado. Quer sejam seus traços minúsculos, seu corpo pequeno ou sua pele pálida que pode ser machucada com uma única pressão do meu polegar contra ela.

Por alguma razão, sua suavidade sempre arrasta a parte primordial de mim, a parte que precisa reivindicá-la a cada segundo do dia e depois repetir tudo de novo.

A parte que não se cansa, não importa quantas vezes eu a fodi, a toquei e a fiz gritar meu nome.

Apesar de amar a sensação de seu corpo se contorcendo embaixo de mim e como ela exige a aspereza que dou, estou começando a pensar que não é apenas devido à necessidade de transar com ela. Caso contrário, eu não teria aparecido aqui todos os dias durante a semana passada.

Eu sabia que não deveria ter ficado quando ela me pediu. Eu não deveria ter cedido à tentação de sua voz gentil e seu calor convidativo, mas cedi.

E agora, não posso me forçar a sair.

Não consigo passar uma única noite sem ela enrolada em mim, como se eu fosse uma tábua de salvação. De certa forma, sou grato por seu pequeno sofá que só nos permite dormir quando estamos colados ou quando ela está parcialmente deitada em cima de mim.

Agora, sinto isso de novo. A maneira como ela relaxa contra mim como se seu corpinho pertencesse ao meu. Meu queixo aperta quando meu pau começa a encostar em minhas calças, mas me recuso a deixá-lo tomar as rédeas desta vez. Eu me recuso a dobrá-la sobre o balcão da cozinha e tomá-la com violência e força.

Pelo menos, não neste momento.

Por algum motivo, quero continuar sentindo-a assim, no silêncio, com o corpo tão sintonizado com o meu que respiramos em sincronia.

— Você não deveria estar me ajudando a cortar batatas? — Ela sussurra quando eu pego cada uma de suas mãos nas minhas, mas não faço nada.

— Um momento — murmuro contra seu cabelo, esfregando meu nariz nele. — Eu não me cansei do seu cheiro.

Ela se contorce, um tremor percorrendo sua mão.

— Eu posso sentir isso, você sabe.

— Isto? — Eu pergunto com uma nota de diversão.

— Sua coisa.

— Chama-se pau, não é uma coisa, Anastasia.

— Sim, bem, está cutucando minha bunda.

— Isso é porque meu pau está exigindo acesso.

Seu rosto fica com um tom profundo de vermelho.

— Pervertido.

— Eu ou meu pau?

— Ambos!

— Então você está presa a dois pervertidos, linda. Você não é sortuda?

Ela mexe novamente e isso só serve para agravar o estado da minha ereção insatisfeita.

— Você pode querer parar com isso, a menos que esteja planejando ser meu jantar.

Sinto a respiração dela contra meu peito enquanto ela fica imóvel e então murmura:

— E eu? Eu não janto?

— Você pode engasgar com meu pau se quiser.

— Pare com isso. — Ela ri, me dando uma cotovelada. — Eu quero comida de verdade.

Seu golpe não é forte, mas cambaleio para trás devido à força de algo totalmente diferente: sua risada.

É uma ocorrência tão rara ouvir o som musical de sua risada. Seus olhos se fecham ligeiramente e sua cabeça se inclina um pouco para trás, como se ela não conseguisse contê-la.

Estou preso nisso, em como ela parece despreocupada. Desde que a conheci, ela tem sido um pouco reservada, cuidadosa e sempre contando os passos. Mas ao longo da última semana, ela tem ficado lenta, mas seguramente mais confortável perto de mim.

O fato de eu ser o único que traz à tona esse lado dela me enche de uma sensação crua de possessividade e de um profundo sentimento de orgulho.

Eu sou o único com quem ela ri. Só eu.

— Vamos. Precisamos fazer algo antes do filme começar. — Ela me cutuca quando eu permaneço congelado, completa e totalmente apaixonado por uma visão que significou uma merda para mim no passado.

— Você quer dizer que eu preciso fazer algo já que você está sem esperança — brinco para camuflar minha reação inexplicável a ela. — E não vou assistir outro filme de Harry Potter esta noite.

— Por que não? Eles são divertidos!

— Eles não são realistas.

— É fantasia, então esse é o ponto.

— Ainda não é minha praia.

— Você é estranho. — Ela revira os olhos. — A seguir, você me dirá que não leu os livros.

— Eu não fiz.

— Oh meu Deus, quem é você e onde você mora?

— Na Inglaterra, onde esses livros foram ambientados e ainda não estou interessado.

— Que tal Senhor dos Anéis? O Hobbit?

— Não e não.

Ela engasga de forma inaudível, fechando a boca e abrindo algumas vezes.

— Como isso é possível? Espere. Você é de outro planeta?

— Não, completamente terráqueo.

— Isso não vai servir. — Ela balança a cabeça com pena estampada em seu rosto. — Vou ter que preencher as lacunas que estão faltando. Começaremos com os livros e depois com os filmes.

— Por que nessa ordem?

— Os livros são sempre melhores, duh.

Eu sorrio com o jeito que ela diz "duh". É uma palavra nova para ela, algo que provavelmente aprendeu com Gwen.

— E se eu não gostar de nenhum deles? — Eu pergunto com uma cara de blefe, incentivando-a.

Ela morde a isca, uma carranca aparecendo entre as sobrancelhas.

— Então vamos relê-los até você gostar.

— Nós?

— Sim, vou lê-los para você.

— Hum. Depende.

— De que?

— Sobre se posso ou não tocar em você durante o processo.

Seu rosto fica vermelho de novo e isso é adorável.

— Será que tudo tem que incluir o toque?

— Se eu puder.

— Tudo bem. Mas você precisa se concentrar na história.

— Sou bom em multitarefa. — Eu a agarro pela cintura e a levanto sobre o balcão. Ela grita, seus dedos agarrando minha camiseta cinza. — Com qual livro estamos começando?

— Qual deles você quer? — Ela pergunta sem fôlego.

— Qual é o seu livro de fantasia favorito?

— Peter Pan.

— Por que?

— Porque eu costumava pensar que era Wendy quando era criança. Ela era uma fada livre e poderia voar quando quisesse.

— É isso que você quer?

Seus cílios tremulam contra suas bochechas enquanto ela solta um baixo:

— Talvez.

— Mesmo agora?

Ela levanta a cabeça e seus olhos falsos encontram os meus, mas as emoções neles são guturais e tão reais que me apunhalam no peito.

No momento em que ela abre a boca para falar, seu telefone vibra no balcão ao lado dela e ela se assusta. Estou prestes a jogar fora essa porra, mas quando ela vê "Sandra" piscando na tela, Anastasia pega o telefone e se afasta de mim.

Ela desce do balcão e foge para a sala de estar.

— Ei, Sandra. Está tudo bem…? Não, sim, quero dizer, claro que posso conversar…

Inclino a cabeça para o lado, observando enquanto ela se joga no sofá, com total atenção no que Sandra está dizendo.

Desde aquele dia em meu escritório, elas conversam frequentemente ao telefone e isso teve um impacto positivo no estado mental de Sandra. Estou um pouco irritado com minha cliente por me interromper, mas, ao mesmo tempo, admiro o quão altruísta Anastasia é quando se trata de Sandra. Ela saiu do seu caminho e esperou do lado de fora durante as audiências pré-julgamento do caso civil, apesar de ter uma forma de ansiedade social que a deixa impaciente em locais públicos.

Quando eu disse que ela não precisava mais vir, ela balançou a cabeça veementemente e disse:

— O que sinto não é nada comparado ao que Sandra está passando. Ela precisa de tantos rostos amigáveis quanto possível.

Ainda assim, Sandra tem o pior momento.

Ela interrompeu Anastasia quando ela estava prestes a dizer algo monumental. Solto um suspiro e vou resgatar a bagunça que ela fez com as batatas.

Só fico pensando por que diabos não quero perguntar a ela qual teria sido sua resposta.

Por que diabos estou frustrado por ela ter dito sim?

Que se tivesse a chance, Anastasia se tornaria sua personagem favorita, Wendy, novamente e voaria para longe deste mundo.

Incluindo a mim.

21



Anastasia

Um farfalhar me acorda.

Por um momento, acho que estou de volta à minha casa e há uma emergência e todos precisam evacuar a propriedade.

Mas antes que eu possa tropeçar na cama, o teto com estrelas que brilham no escuro aparece.

Fico tensa e prendo a respiração, quando descubro a razão do farfalhar.

Knox.

Estou parcialmente deitada em cima dele, como fizemos todas as noites durante as duas semanas desde que ele começou a morar aqui. Como geralmente tenho sono profundo, só acordo quando o alarme toca. Plural. Esta é a primeira vez que acordo no meio da noite; é por causa do Red Bull que tomei com Gwen e Chris ontem à tarde. Eu disse a eles que a cafeína atrapalha meu sistema, mas eles me chamaram de estranho por nunca ter experimentado uma bebida energética na minha vida de vinte anos, e meu orgulho estava meio ferido, então eu bebi.

Estou feliz por ter feito isso. Caso contrário, eu não teria visto a cena abaixo de mim.

Os olhos de Knox estão fechados e o suor cobre seu peito nu e brilha contra suas tatuagens. O samurai parece horrível na escuridão, até mesmo assombrado. Clico na lanterna do meu telefone, banhando o quarto com uma luz branca e suave, depois balanço lentamente seu ombro.

Ele parece estar tendo um pesadelo, um pesadelo muito ruim, a julgar pela

forma como seus lábios estão franzidos e pela forma como seu lindo rosto parece estar em agonia.

Isso dói. Vê-lo tão profundamente atormentado é semelhante a ser cortado e sangrar.

— Knox... — eu sussurro. — Acorde.

Minha mão livre acaricia seu rosto e tento suavizar as linhas entre suas sobrancelhas, mas elas ficam mais profundas a cada segundo que passa.

— Knox... por favor, acorde...

Minhas palavras se transformam em um grito quando ele me agarra pelo ombro e me puxa de cima dele. Acho que estou prestes a voar do sofá e cair de cabeça no chão, mas minhas costas batem na almofada e um corpo grande paira sobre mim.

Knox.

Ele olha para mim com um olhar vítreo, o tom castanho em seus olhos silenciado e seus ombros e músculos do peito flexionados. Uma mão agarra meu ombro e a outra dispara em minha garganta. Mas ele não agarra as laterais, onde fico um pouco tonto, mas absolutamente delirante de prazer, como ele costuma fazer.

Desta vez, ele sufoca minha traqueia.

Como se seu único propósito fosse me sufocar.

Meus pulmões queimam por falta de oxigênio e tento me debater embaixo dele, minhas unhas cravando em seu braço, mas é como se uma formiga estivesse lutando contra um búfalo. Não consigo movê-lo nem um centímetro.

E o pior é que ele não parece estar me vendo.

— K-Knox... — eu engasgo.

Ele pisca algumas vezes e congela. Ele não me liberta, mas também não está ativamente tentando me sufocar até a morte.

Lentamente, muito lentamente, o brilho dourado penetra em seus olhos e ele se afasta de mim com um empurrão repentino, então se levanta e passa a mão pelo cabelo.

— Porra!

Eu arrasto grandes quantidades de ar pelo nariz e estremeço com a queimação de cada inspiração e expiração.

Antes que eu consiga me orientar, mãos fortes me agarram pelos ombros, me

puxando para a posição sentada. Olho nos olhos de Knox e uma sensação selvagem de conforto toma conta de mim.

O pensamento de que eu o tinha perdido, mesmo que por um momento, me encheu de uma terrível apreensão.

— Você está bem? — Ele me inspeciona, então seu rosto se contorce de dor quando ele se concentra em meu pescoço.

— Estou bem.

— As marcas vermelhas em seu pescoço indicam o contrário.

— Não é nada.

— Não é nada? Porra. Quase te sufoquei até a morte agora há pouco.

— Mas você não fez isso.

— Por que diabos você me tocou? Você geralmente fica fora até de manhã.

— Espere... isso significa que isso acontece muito?

Ele está em silêncio, sua mandíbula afiada flexionando como se estivesse suprimindo alguma coisa.

Aproximando-me mais, coloco meus dedos instáveis em suas bochechas, segurando-as.

— O que está incomodando tanto você que você tem pesadelos constantes sobre isso?

— Por que você se importaria? — Não há acusação em seu tom. Na verdade, parece um pouco vulnerável, como se ele quisesse que eu me importasse, mas tivesse medo de que eu não me importasse.

— Por que eu não faria isso? Eu não quero você com dor. Passo meus dedos sobre suas bochechas e ele se inclina para ele.

Ele costuma fazer isso quando toco nele ultimamente, seja quando estou lendo livros de fantasia para ele, assistindo filmes ou algum programa policial. De acordo com suas regras, ele sempre consegue me tocar até que não consiga me concentrar no que estou lendo, porém parece mais íntimo agora.

Caímos em um ritmo pacífico que às vezes me assusta pra caralho. Parece muito real e muito diferente do arranjo sem compromisso com o qual começamos.

Há tantas amarras agora que não consigo contá-las.

— Estou bem — diz ele friamente, parecendo estar mais no controle de si

mesmo.

— Você obviamente não está. Diga-me, Knox. O que é?

— Se eu fizer isso, se eu me desnudar para você, você fará o mesmo?

Engulo em seco, meus dedos congelando em seu rosto.

— Não posso falar sobre meu passado. É perigoso.

— Talvez o meu também seja. Então acho que nós dois vamos deixar por isso mesmo.

Ele começa a me soltar, mas envolvo minhas pernas em sua cintura para impedi-lo de se levantar.

— Não importa.

Knox me lança um olhar interrogativo, mas permanece em sua posição.

— Está tudo bem se nosso passado permanecer no passado. Podemos apenas nos concentrar no presente por enquanto.

— Por agora?

— Minha mãe me disse uma vez que não podemos escapar do nosso passado para sempre. Haverá um dia em que teremos que enfrentá-lo. — Escovo meus lábios nos dele brevemente, deixando-me saboreá-lo em minha língua. — Mas esse dia não é hoje.

Ele permanece em silêncio por um longo segundo, olhando, sem piscar. Merda. Eu disse algo errado?

Estou prestes a recuar ou me afastar, mas ele captura minha boca em um beijo longo e apaixonado que me tira o fôlego.

Então voltamos a dormir com o batimento cardíaco dele contra o meu.

22



Anastasia

Quando Knox disse que não estava perto de terminar comigo, ele estava falando sério.

Já se passaram três semanas desde que ele me emboscou em meu apartamento e não houve um dia em que ele não tenha aparecido na minha porta. Ele basicamente mora aqui agora, traz mantimentos e me ajuda a cozinhar. Ah, e ele está totalmente no controle da limpeza da minha casa, mantendo-a impecável. Outro dia comprou papel de parede e móveis, depois remodelou tudo, escondendo as marcas de fumaça e estrelas assimétricas.

Mas não importa o quanto ele limpe minha casa, ele a suja de novo com todo o sexo. Ele não se cansa, nunca. Seja na cozinha, no chuveiro ou mesmo quando estou sentado pacificamente tentando criar sistemas, ele simplesmente aparece e me fode como se não me tocasse há décadas.

A presença dele em minha casa parece estranhamente domesticada, e tenho tentado não me acostumar com a companhia, para continuar me lembrando de que estou sozinha. Que no final de qualquer fixação fodida que ele tenha por mim, estarei sozinha novamente.

Mas fica mais difícil a cada dia, especialmente desde o pequeno momento de união que tivemos depois do pesadelo. Sentimo-nos mais próximos agora, mais sintonizados um com o outro do que nunca.

Sua presença é como uma reação química potente – impossível de ignorar e me deixa desejando mais.

E não se trata apenas de sexo.

É sobre como eu o converti em um fã de romances de fantasia e como ele dedica tempo assistindo filmes comigo. Não só isso, mas Knox também é um conversador divertido com um senso de humor negro com o qual me identifico. Com ele, posso ser nerd e falar sobre as últimas tecnologias sem que ele me julgue. Na verdade, ele me ouve falar como se minhas palavras fossem as coisas mais sagradas que já existiram.

No entanto, como ele está aqui a maior parte do tempo, tenho que ligar para Babushka durante o trabalho ou antes que ele chegue. Eu também verifico as pessoas da minha vida anterior quando ele está dormindo, para que ele não pegue qualquer vislumbre deles.

Se dependesse de mim, eu os manteria em mundos separados de Knox, mas isso é uma ilusão, especialmente porque eles são afiliados a Matt Bell – o homem que Knox está tentando derrotar.

Sandra teve um ataque de pânico na audiência pré-julgamento do processo civil. Eu também estava prestes a ter um por estar no meio de todas aquelas pessoas, embora estivesse escondido do lado de fora.

A atenção da mídia ao caso é insana, absolutamente atroz, e todas as perguntas que fizeram a Sandra foram cruéis. Eles não apenas a caçam sempre que podem, mas também perguntam se ela fingiu o ataque de pânico para ganhar a simpatia do juiz.

Embora eu permanecesse em segundo plano a maior parte do tempo, era quase como se os olhos estivessem voltados para mim, como se meu pior pesadelo estivesse se tornando realidade e tudo fosse acabar.

Fiquei mais paranoico do que de costume e quase cedi ao medo irracional, mas não o fiz, porque Sandra precisava de mim. Então eu tinha que estar lá para ela, mesmo que minha pele estivesse arrepiada. Mesmo que eu pensasse em fugir de novo e nunca mais voltar.

Porém, não creio que isso seja mais possível, não quando estabeleço raízes que não gosto de admitir ter.

E a maioria deles tem a ver com o homem que incendeia meu corpo e minha alma e não evita ser pego pelas chamas.

Eu gostaria de ter sua confiança ou franqueza. Eu gostaria de ser tão assertivo ou tão sobrenatural quanto ele. Embora admita estar apegada a ele, não posso admitir que possa ser mais do que um mero apego ou simplesmente uma forma de afastar a solidão.

Está se tornando muito mais e está me consumindo de dentro para fora ao considerar o significado oculto.

Como impacto direto desse pensamento, não consigo evitar a sensação de vazio que toma conta de mim sempre que ele termina de me foder.

Como agora.

Estamos no almoxarifado. Ele demora um pouco para vestir minhas roupas–e me apalpar no processo–depois de me foder rápido e cru contra a porta. Mal consigo ficar de pé, meus membros tremem e minha boceta ainda lateja. Knox faz isso comigo o tempo todo. O poder de suas estocadas muitas vezes me faz delirar por um longo tempo.

E fico feliz que seja ele quem põe minhas roupas em ordem, porque mal consigo me mover, muito menos funcionar.

Finalmente, ele coloca os óculos no meu nariz. Ele nunca me fode com eles ou permite que eu os use no meu apartamento, mas respeita minha necessidade de permanecer escondida em público. Ele também não me pressiona a responder suas perguntas sobre minha verdadeira identidade, embora continue a fazê-las.

Seus lábios roçam os meus e eu estremeço, meu coração balançando no peito.

É um contato tão leve, um roçar de lábios e nem mesmo um beijo, definitivamente não tão cru e apaixonado como antes de ele me foder.

Mas por mais que eu ame seus beijos primitivos, sou viciada em seus beijos suaves depois do sexo, completamente sintonizada com eles e incapaz de ter o suficiente.

Porque ele não precisa me dar isso, não quando estamos bem cientes da situação do nosso relacionamento, mas ele ainda reivindica meus lábios.

Ele ainda me beija como se não se cansasse.

Como se, como eu, ele pudesse sentir muito mais do que sexo.

Eu balanço minha cabeça internamente, tentando afastar isso, pensei. Se eu for pego nisso e enganar meu cérebro para que acredite, as coisas piorarão.

— Vejo você hoje à noite — ele sussurra com aquele sotaque sensualmente pecaminoso dele e empurra uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Você vai cozinhar?

— Se você quiser.

— Claro que eu faço. — Eu realmente não gosto de cozinhar. Antes de ele aparecer, a maioria das minhas refeições eram comida para viagem ou algum

prato queimado que tentei seguir a receita online.

Não tenho vergonha de admitir que ele é muito melhor nisso do que eu e parece gostar também.

Ele aperta minha bochecha de brincadeira:

— Você é uma princesa.

— Eu não sou uma princesa.

— Você odeia cozinhar, limpar e qualquer tarefa doméstica, basicamente.

— Não é que eu os odeie. Eu simplesmente não sou bom nisso.

— Porque você é uma princesa. — Ele sorri. — Mas não se preocupe, eu cuido disso.

E com isso, ele sai do almoxarifado, deixando-me absolutamente desamparada e confusa e talvez um pouco tonta também, porque continuo lambendo os lábios em busca de resquícios de seu gosto.

Estou realmente desesperado.

Demoro alguns segundos para me orientar. Embora normalmente não haja pessoas nesta parte do salão, terei que explicar a Chris e Gwen por que desapareci durante o almoço que deveríamos ter juntos.

Knox me mandou uma mensagem para encontrá-lo no almoxarifado mais cedo e, quando ignorei, ele invadiu o departamento de TI, expulsou Gwen e Chris e disse:

— Agora, nada irá parar ele.

Pedi a ele que não fizesse isso de novo, mas não tenho muita esperança de que ele siga em frente. Ele é muito teimoso para isso.

Mas até ele deveria saber que meus amigos ficarão desconfiados em algum momento.

Eu sorrio com isso enquanto saio do almoxarifado.

Amigos.

Nunca pensei que algum dia usaria essa palavra ou realmente teria a oportunidade de fazer amigos.

Quando eu era pequena me sentia sozinha, por isso me tornei a fada da floresta e tinha árvores e pedras como amigos. E depois que fui morar com papai, a ideia de amigos tornou-se impossível.

Pessoas como eu não têm esse luxo.

— Então é você.

Eu congelo, meu estômago embrulhando ao som da voz com sotaque vindo da minha direita. É britânico também e, embora calmo e controlado, não é de Knox.

Na verdade, é ainda mais sinistro.

Viro-me e encontro Daniel encostado na parede, braços e tornozelos cruzados e um olhar de puro desprezo escurecendo seus olhos azul-cobalto.

Puta merda.

Ele estava lá o tempo todo? Espere, não. Knox o teria visto se ele estivesse e ele teria me contado e...

— Eu estava ficando desconfiado com suas visitas frequentes ao quarto andar, então decidi iniciar minha própria investigação particular e o segui. Tive que esperar até que ele saísse para descobrir por quem ele estava vindo aqui. — Ele olha para o relógio. — Vinte minutos é um recorde para ele. Ele geralmente fica entediado e termina mais rápido que isso. — Minha pele esquenta e arrepia, e eu gostaria de poder de alguma forma sumir no ar como se eu nunca tivesse existido.

Daniel me observa atentamente, como se pudesse vasculhar meus pensamentos e meus desejos mais profundos e sombrios.

— Eu... eu não sei do que você está falando. — Tento me fazer de boba, mas minha voz instável não coopera.

— Realmente agora? Você se importa de me contar o que fez naquele almoxarifado todo esse tempo?

— Trabalho.

— Essa é uma nova palavra para sexo? — Sua expressão e tom não mudam. Na verdade, eles estão mais compostos, como se ele estivesse completamente em seu elemento.

Já ouvi muitas coisas sobre Daniel, principalmente que ele é um jogador e tranquilo, mas ninguém mencionou seu lado ameaçador e sinistro, porque é assim que parece agora.

Sendo ameaçada. Assistida.

Dessecada.

Ele se afasta da parede e preciso de tudo de mim para não me virar e correr. Porque eu sei, só sei que isso o encorajaria a vir atrás de mim ainda mais forte.

Daniel me circula e os cabelos da minha nuca se arrepiam quando ele para na minha frente.

— Você não é o tipo habitual dele, então agora estou me perguntando o que o fez se interessar por você. Você gostaria de lançar alguma luz sobre o mistério?

— Como farei isso?

— Simples. Vamos foder.

— O quê?

— Essa noite?

— Não!

— Por que não? Ah, não é um bom momento?

— Não é um bom par. Por que você acha que eu iria querer fazer sexo com você?

Ele parece genuinamente perplexo.

— Por que não? Knox e eu viajamos a três sem problemas.

— Huh?

— Nós transamos com as mesmas mulheres, muitas vezes ao mesmo tempo.

Meu estômago embrulha e acho que vou vomitar os cupcakes que Gwen me deu mais cedo.

Daniel disse que ele e Knox transaram com as mesmas mulheres ao mesmo tempo?

Sim, acho que ele fez.

Mas não é isso que está me incomodando. O que me incomoda é o fato de que Knox poderia e iria me compartilhar com seu amigo.

O pensamento faz meu estômago doer e meu coração encolher na caixa torácica.

Se ele está tão acostumado com isso, por que não faria isso agora? Afinal, nosso relacionamento gira em torno de sexo.

— Então? — Daniel pergunta. — O que você acha?

— Sobre?

— Foder comigo. Só para constar, todo mundo me prefere, já que sou obviamente mais charmoso. — Ele acentua suas palavras com um sorriso que mostra suas covinhas.

E posso ver isso, seu charme, a razão pela qual muitas mulheres o

prefeririam. Daniel é o tipo que exala apelo sexual e pode facilmente chamar a atenção de qualquer pessoa. Ele tem um tipo de beleza impressionante que brilha de longe e cega quando você chega perto.

Mas ele não tem a intensidade de Knox e certamente não me faz sentir como se fosse pular da minha pele apenas por causa de sua presença.

— Não — eu digo de forma simples, fácil e com tanta assertividade que parece o faz parar.

— Você não precisa responder agora. Pense nisso.

— Eu não preciso.

— Isto é interessante. — Ele me circula novamente antes de parar na minha frente. — É por causa de Knox? Ele não se importaria.

Bem, eu faria. Mas não digo isso, porque não tenho voz para isso. Então apenas dou de ombros, mesmo que meu coração esteja sangrando.

Não deveria, mas está metaforicamente pingando por todo o chão.

É engraçado ter deixado minha família para evitar ser magoada e usada, mas é como se tivesse caído em algo muito mais profundo e doloroso.

E preciso me distanciar disso. Dele.

A fonte da dor devastadora em meu peito.

23



Knox

Algo mudou.

Não consigo identificar, mas está presente nos movimentos rígidos e no silêncio de Anastasia.

Ontem à noite, quando transei com ela contra o balcão da cozinha, ela estava estranhamente quieta, depois se enrolou no sofá e adormeceu.

Geralmente jantamos juntos e conversamos sobre o caso, ou qualquer coisa, na verdade. Ela fala de maneira nerd comigo sobre algum novo software ou codificação, seus olhos brilhando quanto mais eu ouço. Não estou realmente interessado em tudo isso, mas o fato de ela falar comigo com aquele tom hiperativo dela é uma conquista. É a única vez que ela deixa o lado afetado e adequado de si mesma em segundo plano.

Em troca, me pego contando a ela sobre os amigos e a família que deixei em Londres ou das minhas travessuras com papai, Ronan e todos os outros.

É tão fácil conversar com ela, tão fácil passar horas em sua companhia sem ter que fazer nada.

É ainda melhor quando é ela quem fala sobre si mesma. Às vezes, ela escorrega e menciona seu primo, seu pai e sua família. É de passagem, porém, e sempre que ela os menciona, seus ombros se curvam e ela muda de assunto.

Ela fala mais sobre Gwen, Chris e Sandra do que sobre seu passado real e, às vezes, parece que ela está presa no meio.

Não totalmente Jane e também não totalmente Anastasia.

Estou junto, aproveitando cada pedacinho de suas contradições e deixando-

as penetrar na minha pele.

Mas não ontem à noite ou esta manhã.

É como se uma barreira tivesse se materializado entre nós. O fato de eu não ter ideia de onde isso veio está me deixando louco.

Ela também esteve ocupada hoje e não pode ir ao almoxarifado. Eu chamo isso de besteira, porque ela é o membro mais eficiente do departamento de TI e muitas vezes termina suas tarefas na primeira metade do dia de trabalho.

Saindo do carro, olho para a mensagem de texto que ela me enviou algumas horas atrás, quando perguntei o que ela queria para o jantar.

Anastasia: Vou sair com Gwen e Chris, então não estarei em casa para jantar.

Se há algo que aprendi sobre ela é que ela não gosta de estar em público, então sair não é a norma para ela.

Ou Gwen a está corrompendo–e eu não ficaria surpreso se fosse esse o caso–ou, mais logicamente, ela está me evitando.

O que eu não terei.

Então liguei para Chris e fiz com que ele me dissesse onde eles estavam.

— Estamos em um clube! — ele gritou por cima da música e depois me mandou uma mensagem com o endereço.

É onde estou agora. Na porra do clube.

A música alta quase perfura meus tímpanos enquanto abro caminho através da multidão de corpos se contorcendo. A luz azul pisca em sincronia com a música da moda e as pessoas enlouquecem quando a batida diminui.

Normalmente, esta é a minha cena.

Vivo para a adrenalina, o álcool e o sexo. É o que me distrai da minha cabeça e mantém minhas sombras afastadas.

Mas isso deixou de ser a norma desde que a conheci. Desde que a possuí e me inseri em sua vida tão profundamente quanto ela invadiu a minha.

Já se passaram várias semanas desde a última vez que estive em um lugar como este, apesar das constantes reclamações de Dan e das eternas provocações do bate-papo em grupo.

O clube parece um pouco estranho agora.

Talvez porque minha ideia de diversão tenha estranhamente mudado de uma boate barulhenta para um apartamento pequeno e silencioso.

No início, vejo Gwen e Chris porque eles falam muito alto. Ambos bebem bebidas enquanto dançam esporadicamente. Outro cara, mais ou menos da idade deles, se move com eles, e os três riem em uníssono.

Gwen mal consegue ficar de pé, mas esse não é meu trabalho para me preocupar.

Examino os arredores, sabendo que Anastasia não pode estar longe se ela veio com eles. Com certeza, encontro-a sentada sozinha em uma mesa isolada.

Na minha cabeça, estou avançando e agarrando-a pelo pescoço, mas meus pés não se movem. Estou atordoado e enraizado por sua aparência.

Anastasia possui três tipos de roupas: calças largas, camisas grandes e moletons. Ah, e calcinha de renda sexy pra caralho.

Essas são as únicas coisas em seu armário.

Então, de onde diabos ela tirou esse vestido?

Um preto justo que revela suas curvas em forma de silhueta. Suas alças poderiam muito bem ser inexistentes; além de serem finos e quase não cobrirem nada, um deles também cai constantemente em seu ombro. Embora o vestido não seja muito curto, ele revela suas pernas claras e seus saltos altos. Ela também soltou o cabelo preto, deixando-o cair em ondas até os ombros.

Ela parece estar usando maquiagem também, embora ainda esteja com aqueles óculos grossos.

Meu pau instantaneamente ganha vida e eu tenho que ajustar a merda com fantasias adolescentes.

Ou talvez eles não sejam adolescentes, afinal, porque o único pensamento que passa pela minha cabeça é arrancar aquele vestido dela e fodê-la em pedaços. Com esses saltos.

Eu realmente não me importo com a aparência dela, mas essa aparência é estranhamente parecida com a primeira vez que a vi naquele bar.

Embora ela não seja loira e não tenha aqueles encantadores olhos azuis, a aura é semelhante.

E por alguma razão, essa Anastasia parece mais real do que a persona Jane que ela está escondendo.

Um canudo está pendurado em sua boca enquanto ela bebe de um copo azul brilhante e verifica freneticamente o que está ao seu redor.

Ela parece um pouco perdida, sem foco, quase como se todos os estímulos

externos estivessem prestes a esmagá-la. Posso sentir o gosto de sua ansiedade no ar a cada passo que dou em sua direção.

Ela não apenas segura a bebida com força, mas também ajusta os óculos a cada segundo e abaixa a cabeça sempre que faz contato visual aleatório com alguém.

Inexplicavelmente, isso me faz querer alcançar os olhos das pessoas e cegá-las por causar-lhes tanta angústia.

Por ser a causa de seu desconforto. E isso está errado, não é?

Eu não deveria estar prestes a perder o controle só porque ela está olhando para as pessoas e odeia isso. Eu não deveria estar tão preocupado com uma garota que é tão reservada sobre quem ela é que isso às vezes me deixa louco.

Ao me ver me aproximando, sua postura enrijece e ela está prestes a se levantar, mas antes que isso aconteça, sento-me ao lado dela e agarro-a pela coxa.

— Onde você pensa que está indo, linda?

— Para encontrar Gwen e os outros.

— Por que? Para desfilar esse seu novo visual? Achei que Jane não gostasse de se vestir bem.

— Eu não. Gwen me obrigou a fazer isso.

— Hum. Mas você concordou de qualquer maneira. Talvez você goste. Minha voz está muito calma, apesar das emoções descontroladas acontecendo dentro de mim ao mesmo tempo.

Ela levanta o queixo.

— Talvez eu faça.

— O que você acabou de dizer?

— Eu disse, talvez eu goste.

— O que exatamente? Vestir um vestido decotado ou ir às discotecas exibi-lo? Ou talvez seja dançar com alguns homens e fazer com que vejam o que aquele vestido esconde. Talvez você queira que eles imaginem o que está por baixo disso. — Meus dedos prendem a alça caída e eu a levanto até seu ombro, aproveitando seu estremecimento. — Talvez você goste de ser um pouco provocadora.

— Talvez... eu goste.

— É? — Coloco a alça de volta no lugar, minha voz lutando para manter a calma, mas meu toque é seguro e firme enquanto coloco minha outra mão que

está na coxa dela por baixo do vestido. — Você quer que eles sintam como é estar dentro das suas coxas, linda?

Ela coloca sua bebida na mesa, as mãos tremendo quando meus dedos encontram a borda de sua calcinha.

— Não...

— Não o quê? Você não quer que eles sintam como você está encharcado, minha pequena mentirosa? Deslizo meus dedos contra suas dobras, depois giro seu clitóris, e ela se inclina para frente, seu ombro roçando meu braço.

— Oh Deus...

— Você ainda não respondeu minha pergunta, Anastasia. Você gosta quando eles te veem assim, toda arrumada e linda?

— Eu... eu gosto.

Belisco seu clitóris e ela choraminga, o som é tão erótico que meu pau responde imediatamente, alojando-se em minhas calças.

— Você fantasia sobre eles tocando você aqui? Brincando com seu clitóris e enfiando os dedos em sua boceta encharcada?

Ela olha para mim então, e mesmo que o clube esteja mal iluminado, posso ver a mistura de emoções em seus olhos. A dor e a determinação. A dor e a promessa de retribuição.

É algo sobre ela. Mesmo quando ela está deprimida e oprimida, ela nunca age como uma fraca ou uma pessoa simples.

Ela definitivamente se sente cada vez mais uma princesa, já que sua dignidade sempre vem em primeiro lugar.

— Talvez você goste — ela sussurra.

— O que?

— Talvez você goste de imaginá-los me tocando, enfiando os dedos e paus dentro de mim enquanto você assiste.

Eu a agarro pela boceta com força e ela suspira.

— Eu?

— Sim, você.

Puxo sua calcinha de lado e enfio dois dedos dentro dela de uma só vez. Ela geme, aconchegando-se ao meu lado e segurando minha mão sobre seu vestido.

Mas é inútil porque estou batendo dentro dela agora e adicionando um

terceiro dedo até ela choramingar. Até que ela está me segurando e olhando para mim com olhos frenéticos enquanto eu a toco selvagemente.

Enquanto eu a toco com a intenção de fazê-la gozar o mais forte possível.

Quero que ela detone aqui e agora, para que o mundo veja a quem diabos ela pertence.

Meus dedos penetram profundamente em sua boceta, precisando expurgar esses malditos pensamentos dela, precisando que ela apenas veja e pense em mim.

Para ficar apenas comigo.

Suas unhas curtas cravam em meu braço enquanto ela treme violentamente e então ela esconde o rosto no meu pescoço, mordendo a carne do meu pulso enquanto treme violentamente.

A força devastadora de seu orgasmo engole meus dedos, mas eu não a solto, mantendo-os profundamente dentro dela.

Ela está respirando com dificuldade contra meu pescoço, ofegante enquanto libera minha carne.

— Você acha que eu quero que alguém sinta você assim? Ou que eu os deixaria tocarem em você, porra?

— Eu não sei — ela sussurra. — Daniel disse que você compartilha com ele.

— Você conversou com Daniel?

— Sim.

Eu vou matá-lo, porra.

— Ele estava mentindo? — ela pergunta lentamente, até dolorosamente.

— Ele não estava. Nós compartilhamos, mas isso não se aplica a você. Não vou compartilhar você com Daniel ou qualquer outra pessoa.

Ela se afasta, a umidade brilhando em seus olhos.

— Por que?

— Porque você é minha, linda. Ninguém pode olhar para você ou tocar em você. E se cometerem esse erro, acabarei com suas vidas miseráveis.

— Até Daniel?

— Especialmente Daniel. O nome dele está no topo da minha lista.

Ela sorri um pouco é brilhante e inocente.

— Eu disse não a ele, de qualquer maneira.

— Você disse?

— Sim. Ele não é meu tipo.

Meu peito se expande com um calor estranho que eu não sentia há... muito tempo. Esta é a primeira vez que alguém diz que Daniel não é o tipo deles – ele é o tipo de todo mundo – e o fato dela, dentre todas as pessoas, estar dizendo isso me faz sentir algo...

É preciso todo o meu controle para perguntar:

— E eu sou?

— Talvez.

— Hum. Eu tenho que fazer disso um "certamente". — Eu retiro meus dedos dela e ela solta um pequeno som erótico que me deixa duro como pedra.

Levanto-me e puxo-a pela mão. Ela tropeça antes de cair contra mim.

— Onde estamos indo? — A voz dela é tão ofegante que quero transar com ela aqui e agora.

Mas isso significa um público e não sou fã disso.

— Casa.

— Mas... eu vim com Gwen, Chris e o amigo deles... preciso contar a eles.

— Esqueça eles.

— Não posso deixar Gwen sozinha. Ela está bêbada.

Eu grunhi enquanto continuo arrastando-a atrás de mim. Eu deveria saber que o estado de embriaguez de Gwen causaria um problema.

Felizmente, conheço a pessoa certa para esta situação. Apertando ainda mais Anastasia, ligo para Nate.

Deixe-o cuidar da filha bêbada de seu melhor amigo para que eu possa me concentrar em Anastasia.

Minha Anastasia.

24



Anastasia

— Você é casado? — Eu olho perplexo para Gwen e ela toma um longo gole de seu milk-shake.

Eu estava pronto para ser repreendido sobre a maneira como desapareci na noite passada. Como um gesto de desculpas, convidei-os para um intervalo para o café no departamento de TI e comprei seu milkshake de baunilha favorito e um café gelado para Chris.

Mas ele deixou a bebida de lado e disse com uma voz excessivamente hiperativa:

— Onde diabos você estava ontem à noite, Jane? Você perdeu o momento épico quando Nate anunciou que Gwen é sua esposa.

Minha amiga geme e depois olha para baixo antes de encontrar nossos olhares de expectativa.

— Deixe-me explicar.

— Inferno, sim, você vai explicar. — Chris a cutuca. — Fiquei em suspense a noite toda, esperando pela manhã, apesar de estar bêbado pra caralho.

— Você não poderia estar tão bêbado quanto eu. Estou com a pior ressaca da história da humanidade hoje. — Gwen massageia as têmporas.

— Isso não lhe dá o direito de escapar de responder ao que o inferno está acontecendo. — Chris abaixa a voz. — Você é realmente casado com o sócio-gerente da W&S, que por acaso é o amigo mais próximo do seu pai, ENQUANTO seu pai está em coma?

Ela faz uma careta.

— Mais ou menos.

— O que significa? Não?

— Somos casados, mas não é o que você pensa. Eu só... É só por conveniência.

— Mas ele não tem o dobro da sua idade?

— Ele não tem o dobro da minha idade, é apenas dezoito anos mais velho que eu.

— O que falta dois anos para você ter o dobro da sua idade, Gwen.

Ela muda, seu olhar fica sombrio, e as cores de seus olhos se chocam em uma mistura indecifrável.

— Você está feliz? — Eu pergunto.

— Não é isso que você deveria perguntar a ela, Jane. Você deveria fazê-la explicar.

— Por que ela faria isso? Ambos são adultos e Nathaniel não parece ser do tipo que toma decisões impulsivas, então deve ter sido por um bom motivo.

— Era. — A voz de Gwen treme. — Você acha que está tudo bem? Eu casada com Nate, quero dizer. A mãe dele apareceu ontem e me fez sentir uma merda ao trazer à tona o mundo exterior. Por que não podemos ser só eu e ele? E sim, eu sei que ele é o melhor amigo-parceiro do meu pai e tem quase o dobro da minha idade, e quando eu tinha dezoito anos e o beijei, ele tinha o dobro da minha idade, mas...

— Espere — Chris interrompe. — Você o beijou quando tinha dezoito anos?

— Eu fiz e não me arrependo, ok? — Ela se concentra em mim como se eu fosse seu porto seguro. — Você acha que meus sentimentos por ele são estranhos? — Eu realmente não tenho o direito de julgar e Chris também não.

Eu olho para ele e sorrio para ela.

— A vida é sua, então viva como quiser.

— Obrigada. — Ela abandona o aperto no milk-shake e pega minha mão na dela. — Estou tão feliz que você pelo menos entendeu.

— Mas eu não. — Chris revira os olhos. — Você tem que admitir que a coisa está errada. Não consigo imaginar você casada com Nate.

— Por que não? — Ela franze os lábios.

— Porque ele é tão rígido e sensato e você é... bem... falante e ativo e muitas outras coisas que ele não é.

— Eu também acho que é um emparelhamento muito improvável.

— Jane. — Ela solta minha mão e bate em meu ombro. — Pensei que você estivesse do meu lado.

— Mesmo Jane não pode ignorar os fatos — brinca Chris. — Você o deixa louco com toda essa conversa?

— Vá se ferrar, ok? Ele nunca reclamou disso.

— Ele provavelmente o fará em breve.

Eu rio enquanto eles se atacam e brigam. Parece leve, agradável, normal.

E não tenho ideia de porque isso faz meu estômago embrulhar a cada.

No fundo, sei que pessoas como eu não podem ter esse tipo de vida comum, ou felicidade, ou qualquer coisa que não inclua conflito.

Sim, eu fugi, mas isso não significa que eles não vão me perseguir.

Me machuque – ou *Babushka*.

Ou as pessoas com quem comecei a me importar, apesar de ter prometido ficar sozinha. Apesar dos meus esforços e dos muros que construí ao meu redor. E como tenho tido essas pequenas crises de ansiedade desde esta manhã, estive verificando loucamente *Babushka* e certificando-me de que ela está bem.

Provavelmente é uma brincadeira da minha imaginação, um truque do meu cérebro, que está rejeitando o quão vivo tenho estado ultimamente.

Tão absolutamente vivo.

Meu telefone vibra e eu o escondo de Gwen e Chris enquanto verifico a mensagem.

Knox: Meu escritório. Agora.

Digito discretamente, embora os dois ainda estejam brigando.

Eu: Não é o almoxarifado?

Knox: Eu sei que sua boceta sente minha falta, mas isso é uma questão de trabalho.

Apesar da ponta de decepção, fico de pé, limpando a garganta.

— Eles precisam de mim na área dos sócios.

Uma carranca aparece entre as sobrancelhas de Gwen.

— Agora?

— Sim, encontro você mais tarde.

Pego a maleta do meu laptop e saio antes que qualquer um deles possa dizer alguma coisa. Eu sei que é uma questão de trabalho, mas se eu puder ver o rosto dele, tudo bem. Não tenho ideia de quando ver Knox se tornou tão vital, e acho que tenho uma fixação doentia, mas está lá e é impossível me livrar disso.

E talvez, apenas talvez, eu não queira.

Quando ele veio me encontrar no clube ontem, meu peito apertou com mais força do que nunca, e tudo o que se seguiu tornou-o ainda mais apertado e estreito até que eu não consegui respirar.

Ou talvez eu tenha respirado além da minha capacidade até não ter mais ar além do que sua boca me alimentou quando ele me beijou até perder os sentidos no carro.

Eu praticamente corro até seu escritório e quando chego lá, paro para recuperar o fôlego e arrumar meu cabelo. Antes nunca senti necessidade de ser bonita para ninguém, mas agora fico pensando em estar na minha melhor forma, só para poder aprofundar aquele brilho nos olhos dele.

Mas isso significa tornar-se Anastasia novamente. Isso significa ser uma flor de parede cuja vida é ditada por ela, e eu me recuso a fazer isso.

Inalando profundamente, bato na porta do escritório de Knox e seu rude "Entre" me faz apertar as coxas.

Se controle, Ana.

Entro e o encontro sentado majestosamente atrás de sua mesa, lendo um arquivo. Ele é tão lindo que dói um pouco, principalmente quando está concentrado em sua tarefa, com as sobrancelhas grossas unidas e as mãos fortes folheando as páginas.

Por que não sou aqueles míseros pedaços de papel?

Como se estivesse lendo meus pensamentos, ele levanta a cabeça e um sorriso malicioso aparece em seus lábios.

— Você está aqui.

— Você disse que precisava de mim.

— Precisava de você?

— Para trabalho.

— Se você continuar olhando para mim com aqueles olhos de "venha e me

foda", esse plano vai mudar.

Engulo em seco, olhando para o chão.

— Não, Anastasia. Você nunca quebra o contato visual comigo, por qualquer motivo.

Eu lentamente levanto minha cabeça e respiro algumas vezes para me acalmar.

— No que você quer que eu trabalhe?

— Estou montando uma estratégia ofensiva para o caso da Sandra. Enviei a você por e-mail uma lista de leads que quero que você análise.

— Então, trata-se de coletar informações?

— De uma forma não tão legal. Você está pronta para isso?

— Ficarei feliz em ajudar.

— Se Nate ou qualquer outra pessoa descobrir isso, eles vão demitir você.

— E eles provavelmente convocarão uma reunião do conselho disciplinar para você.

Ele sorri.

— Você está preocupada comigo, linda?

— Não, eu não estou.

— Como você não deveria estar. Eles não podem me machucar por isso.

— Mas e se os advogados adversários descobrirem? Você pode perder sua licença, certo?

— Isso é entre você e eu, então, a menos que você me traia, ninguém descobrirá.

— Só… nós dois sabemos?

— Sim.

— Por que?

— Por causa de todas as complicações que podem surgir disso.

Minhas unhas cravam na alça do case do laptop e tento não ficar desapontada por ele não ter dito as palavras que eu não sabia que queria ouvir, mas agora eu digo.

Eu queria que ele dissesse que confiava em mim.

Mas isso é estúpido. Por que ele confiaria em mim quando minha origem é

um mistério e ele está bem ciente de que adotei uma identidade diferente da minha?

É por isso que não lhe mostrei meus olhos; eu precisava manter um pedaço de mim escondido.

E talvez ele queira esconder um pedaço de si mesmo também, porque nunca me fodeu olhando para mim.

Assim como eu, ele tem muros altos e prefere mantê-los assim.

Eu deveria ficar bem com isso. Afinal, esse arranjo me convém melhor, mas não é o caso.

Então, em vez de me concentrar nesses pensamentos sombrios, sento-me no sofá e me perco no trabalho, digitando no computador.

Estou nisso há algum tempo, não sei quanto tempo, já que meio que me esqueço do que me rodeia quando estou criando sistemas ou quebrando firewalls.

— Você é gostosa quando está na sua zona nerd, linda.

Eu olho para isso, minha respiração fica presa na garganta e minhas bochechas queimam.

— Pare com isso.

— Parar o que? — Sua voz cai quando ele desliza o dedo na borda do papel. — Dizer o quão gostosa você é?

— Me distraindo.

— Você também está me distraindo, então é justo que sofra comigo.

— Mas não estou fazendo nada.

— Ainda distrai pra caralho.

— Talvez eu devesse trabalhar no departamento de TI.

— Porra, não. Finalmente encontrei uma desculpa para trazer você aqui.

— Achei que isso fosse para o caso.

— Isso também. — Ele inclina a cabeça em minha direção. — Mas por que você acha que estou com as cortinas fechadas?

— Não sei.

— Então você pode me mostrar esses peitos lindos sempre que quiser.

— Eu não farei isso.

— Mas você pode. A qualquer hora, linda.

— Pervertido.

— Não vou negar a acusação.

— A acusação de assédio, você quer dizer?

— Eu peço desculpa, mas não concordo.

— Bem, não é assim que acontece o assédio no local de trabalho? Um superior intimida um funcionário para cumprir suas ordens sexuais.

— Mas e se esse funcionário espera pelo chefe em um quarto escuro enquanto usava apenas calcinha de renda e pingava nela com a expectativa de ser fodida?

Minhas bochechas ficam em chamas ao recontar uma das vezes em que esperei por ele apenas de calcinha. Não sei o que deu em mim então. Eu só queria ver aquele olhar sensual em seus olhos e sentir como ele parecia não se cansar de mim.

Acabei curvada no chão e fodida tão profundamente que não consegui me mover.

— Suponho que não — murmuro.

— Isso significa que você vai me mostrar seus peitos agora? Ou sua boceta? Talvez ambos?

Meus dedos coçam e queimam, e eu quero isso. Quero ficar nua para ele e observar o escurecimento de seus olhos dourados.

Mas antes que eu possa embarcar nessa ideia maluca, a porta de seu escritório se abre e Daniel entra.

— Pare de me mandar putas loiras, seu maldito idiota. Havia duas delas ontem à noite.

Eu congelo, mas Knox simplesmente sorri.

— Haverá três hoje.

— Que porra é essa?

— Quatro amanhã. No fim de semana, você terá um exército delas.

— Você tem um maldito desejo de morte?

— Aparentemente, sim. Então vou te matar lentamente com prostitutas loiras.

Tento reprimir minha risada e isso alerta Daniel sobre minha presença, porque sua cabeça vira em minha direção. Seus olhos se estreitam em mim e

depois em Knox.

— Espere um minuto. É por causa dela?

Knox franze os lábios, mas não diz nada.

Daniel se joga na cadeira na frente de Knox, um pouco mais calmo.

— Eu vejo. Se você não gosta que eu mexa com sua garota, tudo que você precisa fazer é dizer isso. Não há necessidade de ser um idiota.

Minhas bochechas esquentam com isso. Ou, mais especificamente, a parte em que ele me chamou de garota de Knox.

Eu não sou, certo?

— Eu te contei, mas você não ouviu, então as prostitutas são sua punição até novo aviso.

— Ah, vá se foder. — Ele inclina a cabeça em minha direção. — Então, você tem certeza que não vai mudar de ideia? Eu sou muito melhor do que ele.

Knox se levanta abruptamente, tão abruptamente que me encosto no sofá, assustada.

— Repita isso mais uma vez e eu vou te dar uma surra, depois vou pagar uma dúzia de prostitutas loiras para te masturbar enquanto você dorme. Não teste a porra da minha paciência.

Em vez de ficar bravo, os lábios de Daniel abrem um largo sorriso.

— Meu Deus, Van Doren. Isso não é interessante?

— Saia.

— Não quando está ficando suculento. Devo encomendar meu terno de padrinho?

Engulo em seco, meu coração martelando com o que ele está insinuando. Levanto-me tão rápido que a sala começa a girar um pouco, mas planto meus pés firmemente no chão.

— Eu… estou voltando para o departamento de TI.

Knox está prestes a dizer alguma coisa, mas não consigo ouvi-lo, devido ao meu estado desgrenhado ou com a maneira como meu coração ameaça pular da caixa torácica.

E a sensação não desaparece pelo resto do dia, nem quando estou trabalhando ou almoçando com Gwen e Chris, e definitivamente não quando vou para casa sozinha.

Knox me manda uma mensagem dizendo que vai ter uma reunião de trabalho até tarde e irá para seu apartamento hoje à noite antes de vir.

Então isso me dá muito tempo sozinha. Horas, para ser mais específica.

Eu provavelmente deveria dormir até que ele apareça.

Caramba.

Desde quando ele se tornou o destaque do meu dia? Ao enfiar a chave na porta do meu apartamento, posso sentir a tristeza de estar sozinha neste lugar.

Isso ainda é saudável?

Mamãe costumava me dizer que o amor é um jogo que sempre se perde e estou começando a perceber exatamente o que essas palavras significam.

Porém, isso não é amor.

Não, não. Somos apenas amigos de foda.

Sim, continue dizendo isso a si mesma.

Quando abro a porta e entro, os cabelos da minha nuca se arrepiam. E não é porque Knox não está aqui.

É algo mais sombrio, mais nítido e muito mais nefasto.

Meu sangue ruge com a necessidade de correr, de desaparecer e nunca mais voltar.

Meus pés mudam de posição e me viro para fazer exatamente isso, mas uma mão surge da escuridão e bate à porta.

A voz com leve sotaque faz meu estômago embrulhar.

— Faz muito tempo que não nos vemos, Anastasia.

25



Anastasia

Tudo que eu trabalhei se quebra e vira um milhão de pedaços bem diante dos meus olhos.

E tudo que posso fazer é assistir.

Pelo menos por alguns segundos, enquanto a realidade de ser encontrada me atinge até os ossos, os esmaga e me deixa sem ar.

Mas quando consigo respirar novamente, no segundo momento em que o oxigênio queima meus pulmões, corro em direção à porta. Eu só preciso correr, me esconder. Se eu desaparecer corretamente, eles não conseguirão me encontrar desta vez.

Eles não vão...

Uma mão envolve meu pulso com força bruta e fico indefesa, absolutamente impotente, quando essa mesma força me puxa de volta.

Tropeço e quase caio de cara no chão, mas o mesmo apoio me mantém em pé com facilidade e sem esforço. Como se isso fosse uma ocorrência normal para eles. Quem estou enganando? É normal.

Pessoas como ele sequestram, torturam e matam por mera diversão. Minhas entranhas desmoronam e meu coração bate fora de ritmo. Isso é apenas um pesadelo, certo? O pior pesadelo possível.

Se eu piscar, vou acordar e deixar tudo isso para trás.

Mas quando fecho os olhos e os abro novamente, a realidade se choca contra mim sem apresentações ou preparação.

Meu olhar encontra aquele que está me agarrando selvagemente. Aleksander.

O mesmo Aleksander que eu deveria conhecer não esqueceria simplesmente aquele incidente no restaurante de algumas semanas atrás.

Ele me encara fixamente, seus olhos claros lembrando uma tempestade gelada, que não pode ser movida ou sobrevivida. Eles são iguais ao seu domínio sobre mim: impiedosos, selvagens e com uma frieza que em breve me congelará até a morte.

E essa não é a pior parte.

Não importa o quão violento e eficiente Aleksander seja, ele é apenas o braço direito de um oponente muito mais perigoso.

E com certeza, quando olho para frente, encontro o chefe dele. Um dos quatro reis, o mais secreto, o mais astuto e aquele que pode muito bem ser o mais mortal.

Kirill está sentado no meu sofá, folheando um dos cardápios de comida para viagem. Mas vê-lo não é o que quase me faz entrar em pânico total.

É o fato de que ele não está sozinho.

Ao lado dele está o homem mais forte da Bratva. Alguns até dizem que ele é mais poderoso que meu pai. Ele não é apenas o estrategista e o cérebro, mas também o homem mais cruel que já conheci.

Adrian Volkov.

E ele está mexendo no meu laptop sobressalente, os dedos digitando em velocidade supersônica.

Merda. Merda.

— Venha se juntar a nós, princesa — diz Kirill com absoluta indiferença, ainda folheando os menus. — Deixe-a ir, Sasha.

Aleksander–cujo apelido em russo é Sasha–me empurra para frente e eu estremeço enquanto massageio meu pulso.

— Agora, Sasha — Kirill repreende em um tom que sugere que ele está acostumado com os modos brutos de seu guarda sênior. — Não machuque a única filha do *Pakhan*… ainda.

Meus lábios tremem, mas não é apenas por causa da ameaça revelada de Kirill ou pelo fato de que ele e Aleksander me encontraram, é Adrian.

Não consigo parar de olhar para ele, embora ele ainda não tenha reconhecido minha existência. Ele é alto, moreno e tem uma presença imponente que provoca medo sem que ele precise fazer nada.

Sua reputação o precede. De todas as pessoas, estou bem ciente de como ele apaga seus inimigos quando eles mostram o menor desrespeito. Qualquer pessoa no mundo de onde vim evita sua ira por todos os meios necessários. Quando ele coloca alguém em sua mira, essa pessoa pode muito bem ser considerada morta.

Uma coisa é certa: sua lealdade só é com a Bratva e sua família.

E como fugitiva, não pertenço mais à Bratva. Então, se ele quiser, ele pode atirar na minha cabeça e encobrir todo o incidente como se não tivesse acontecido.

Kirill com certeza ficará do lado dele, não do meu. Especialmente porque ele não olha tão sutilmente para a posição do meu pai há algum tempo.

Assim como todo mundo na Bratva tem.

O trono do rei é o local mais cobiçado. O único papel da princesa é acenar com a cabeça e ser usada por quem o rei achar adequado.

Foi por isso que saí.

É por isso que arrisquei a ira de Adrian, a violência de Kirill e a sentença de morte de todos os outros.

— Você me reconheceu há algumas semanas? — pergunto a Kirill, minha atenção oscilando entre ele e Adrian.

Eu nem tento correr novamente. É inútil, já que não apenas Aleksander está atrás de mim como um demônio pronto para atacar, mas tenho certeza de que os guardas seniores de Adrian também estão cercando o local ou se escondendo em algum lugar que não posso ver.

Ele nunca vai a lugar nenhum despreparado e com certeza não me daria uma chance de escapar ou ir embora até que ele terminasse o que está fazendo aqui.

— Eu suspeitei, sim. — Kirill sorri, jogando o cardápio sobre a mesa. — Devo admitir que você fez um ótimo trabalho, mas não foi perfeito o suficiente para me enganar. Além disso, seus maneirismos sempre vão te denunciar, Anastasia.

Nunca mais quis ouvir meu nome ser pronunciado à maneira russa. Parece que estou de volta ao confinamento daquela prisão, incapaz de usar as asas de fada que sempre sonhei que me deixariam voar.

— O *Pakhan*, Rai e o querido Vladimir disseram que você estava continuando seus estudos na Rússia. Então não fazia sentido você estar vagando pelas ruas de Nova York como uma versão nada lisonjeira de si mesma. — Kirill

inclina a cabeça para o lado. — Estou certo?

Meus lábios se abrem, minha mente presa na informação que ele acabou de revelar.

O fato de papai, minha prima Rai, que é a chefe da frente jurídica da Bratva, V Corp, e Vladimir, que sempre foi como um irmão mais velho para mim, terem dito que eu estava na Rússia.

Eu obviamente não estava. Eles não tinham ideia de onde eu estava, exceto pelo bilhete que deixei dizendo: "Sinto muito"

Mas eles... me encobriram?

Meus olhos se enchem de lágrimas indesejadas com esse pensamento, o fato de que eles me protegeram de todos os outros. Que eles não me deixaram assumir a responsabilidade, embora eu estivesse preparado para isso.

Mesmo que eu devesse ter aceitado.

Faço parte da irmandade há quinze anos e sei melhor do que ninguém que o castigo de qualquer traição é a morte.

Não importa quem ou o que você é.

Papai, Rai e Vladimir não permitiram isso. Apesar de serem as pessoas mais rígidas no que diz respeito ao código da Bratva, eles o distorceram para mim.

— Estou certo? — Kirill repete, levantando uma sobrancelha.

Como não tenho ideia do que papai, Rai e Vladimir disseram, escolho ficar quieta. Prefiro pagar com a minha vida do que trair a minha família.

Uma mão me empurra para frente, sacudindo todo o meu corpo. Aleksander.

— Ele fez uma pergunta a você. Responda.

Kirill resmunga.

— Sem violência, Sasha.

Ouço o que parece ser uma zombaria de Aleksander, mas ele não me toca novamente.

— Tudo bem se ela não responder, porque estou certo. Toda a situação cheira a mentiras e manipulação, e não sou fã disso. — Kirill sorri, deslizando os óculos pelo nariz. — A menos que seja eu quem os esteja causando, é claro. Então, para corrigir as coisas, conversei um pouco com minha fonte número um de informações, Adrian. Fiquei surpreso quando ele revelou que você não estava na Rússia. Na verdade, ninguém — inclusive seu pai, Rai e Vladimir — sabia onde você estava. Então me juntei a este aqui para encontrar você, mesmo ainda

estando ferido, ele escondeu informações de mim.

Adrian não reconhece Kirill nem ninguém na sala e continua a digitar.

E por um momento, não consigo desviar o olhar dele. O que ele está procurando? Nunca deixo informações incriminatórias em meus laptops.

Eu sempre apago tudo antes de ir para a cama e limpo todos os vestígios. Mas este é Adrian.

E se ele conseguir restaurar alguns dados?

Estou distraída dele porque Kirill continua me observando com aquela leve inclinação de cabeça. Como se ele estivesse esperando uma bomba cair.

O que mais ele disse a Adrian?

Inferno, como ele descobriu que papai e os outros me davam cobertura?

Kirill bate na boca em um movimento contemplativo.

— Agora, a verdadeira questão é: por que você estava correndo, Anastasia?

Meu olhar se desvia para Adrian e pela primeira vez ele levanta a cabeça. Sempre achei que ele era lindo de um jeito perigoso. Ele tem um tipo de beleza robusta, com cabelos escuros, maçãs do rosto salientes e constituição maciça. Engulo em seco quando seus olhos cinzentos, duros, mas aparentemente calmos, fixam-se em mim.

Kirill não sabe o motivo.

Adrian não precisa dizer isso para eu entender o memorando. Tenho certeza de que ele tem seus motivos para não revelar isso e provavelmente usará isso contra mim em algum momento, mas isso não importa.

Se eu puder pelo menos tirar Kirill do meu pé, valerá a pena.

— Eu só queria ficar longe de tudo — eu sussurro.

— Você não foge da Bratva, princesinha. Você é fofa em pensar que há outra saída além da morte.

Meus músculos se contraem e o primeiro pensamento é *Babushka*. Se eu for embora, ninguém será capaz de cuidar dela. Inferno, se eles me encontrassem, eles poderiam ser capazes de localizá-la e fazê-la se juntar a mim e à mamãe.

— Você voltará conosco — anuncia Kirill.

— Não!

— Você não tem uma palavra a dizer sobre isso. A filha do *Pakhan* não ficará vagando pelas ruas como uma técnica nerd qualquer em um escritório de

advocacia.

— Eu não quero.

— O que você quer não importa. Ou você vem de boa vontade ou Sasha terá liberdade para usar a força.

— Eu não vou voltar. Eu não me importo com o que você fará.

Kirill se levanta, deslizando os óculos pelo nariz com o dedo médio. É uma loucura como ele consegue fazer aquele único movimento parecer ameaçador. Quando ajusto meus óculos, parece, na melhor das hipóteses, ansiosa.

— Você não quer que eu cumpra minhas ameaças. Eu poderia, e iria, colocar a posição do seu pai em risco. A escolha de voltar é a única cortesia que lhe oferecerei.

Meu punho se fecha e posso sentir a protuberância dos tendões do meu pescoço. Quando tomei essa decisão, pensei que papai não se importaria, como sempre. Achei que ele definitivamente escolheria a irmandade em vez de mim.

Ele sempre fez isso.

Ele é tão leal à Bratva, assim como Vladimir e Rai.

A certa altura, pensei que minha prima provavelmente poderia me ajudar. Ela sempre cuidou de mim depois que papai matou meu padrasto e me trouxe para morar com ele. Tudo depois que mamãe foi espancada até a morte pelo padrasto.

Mas eu não queria colocá-la em perigo depois de tudo pelo que ela trabalhou. Ela é uma líder da irmandade e gerente executiva da V Corp, e foi preciso muito esforço para ser a única mulher poderosa no meio dos lobos.

E agora, se eu disser ou fizer algo errado, magoarei as únicas pessoas que se importaram comigo.

A única família que já tive.

— Deixe-a ficar na Weaver & Shaw.

Minha atenção e a de Kirill se voltam para Adrian, que finalmente tira os olhos do laptop, depois o fecha lentamente e o coloca sobre a mesa.

— Do que diabos você está falando, Adrian? Deixar ela ficar?

— A única filha do *Pakhan* não pode ficar sozinha em algum escritório de advocacia.

— Precisamos vencer os processos judiciais de Matt, já que usamos sua produtora para lavar dinheiro. Weaver & Shaw está representando sua filha e

está enfiando o nariz onde não deveria. Como membro da irmandade, a filha do *Pakhan* desempenhará seu papel e se tornará nossos olhos e ouvidos ali. Não deve ser difícil com o acesso ao departamento de tecnologia e seu interessante conjunto de habilidades. Certo, Anastasia?

Um arrepio de corpo inteiro toma conta de mim.

Conjunto interessante de habilidades.

Ele sabe. Embora meu laptop sobressalente não contenha nada incriminador, Adrian de alguma forma descobriu sobre o hackeamento.

Isso significa que ele sabe sobre os fundos roubados?

Kirill estreita os olhos para mim e depois para Adrian, como se tivesse descoberto que algo está errado. Ele sempre faz isso. Ele é como um cachorro que consegue sentir o cheiro de qualquer coisa suspeita a um quilômetro de distância.

Mas em vez de ser óbvio, ele deixa o assunto de lado.

— Embora eu não goste disso, precisamos vencer toda a coisa do Matt. Faça o que eu disse e fingirei que não vi você.

Estou prestes a dizer não, mas Adrian encontra meu olhar novamente e eu fecho meus lábios.

Ele se levanta com um movimento rápido. Ele e Kirill são tão grandes que superam meu pequeno apartamento, roubando todo o ar.

— Sasha ficará de olho em você para garantir que nada dê errado. — Kirill sorri, mas não há calor por trás disso. — E quando o caso terminar, eu pessoalmente aceitarei você de volta, princesinha.

E com isso ele sai, seguido por seu guarda.

Espero que Adrian se junte a eles, mas ele se aproxima e fala em voz baixa:

— Vamos jogar do meu jeito, Anastasia. Você não entra em contato com Sergei, Vladimir ou Rai. Continue a farsa e viva como Jane até que eu permita que você volte. Se você não fizer isso, a irmandade irá saber que você roubou centenas de milhares de dólares e todo mundo vai querer não só a sua cabeça, mas também a de Sergei, Vladimir e Rai, porque eles ajudaram a encobrir o roubo para você.

Uma lágrima solitária desliza pela minha bochecha e cai no meu queixo.

— Eles… não fizeram nada.

— Eles mentiram e isso também é considerado uma traição.

— Por que… por que você não revela agora?

— Porque eu posso usar você.

— Contra meu pai?

— Você se permitiu ser usada, então não aja como vítima. Também preciso saber para onde foi esse dinheiro, já que obviamente você não o está usando.

Então ele não sabe sobre *Babushka*. Ainda.

Porque não tenho dúvidas de que, se ele se dedicar a isso, acabará descobrindo.

— E se eu não te ajudar? E se eu não quiser interferir no caso Matt Bell?

— Se você ajuda ou não, realmente não importa. Nós venceremos de qualquer maneira. Se usaremos ou não a violência é com o que você deve se preocupar. — Ele faz uma pausa. — Você não quer que seu namorado perca a cabeça acidentalmente, não é?

Estou tremendo, suor frio cobrindo minhas têmporas porque eu sei, só sei que Adrian não faz ameaças inúteis.

Que ele não tem como alvo ninguém só porque sim.

Que ele não escolheu Knox ao acaso, sem motivo.

— O que ele fez?

— Colocou o nariz onde não pertence. Se você o quer seguro, faça-o perder ou desista do caso. Qualquer um dos dois funcionaria.

— Ele não vai me ouvir. Somos apenas casuais, então nenhum de nós é importante para o outro. — Eu minto descaradamente.

— Serei eu quem decidirá isso. Faça a sua parte e seja inteligente, Anastasia. Se você fizer isso, posso deixar você voltar sem derramar sangue.

26



Knox

Um sentimento sinistro vem esmagando metaforicamente minha traqueia há uma hora.

Então liguei para minha família. Teal, meu pai, minha irmã adotiva, Elsa, e até aquele filho da puta rabugento Agnus, marido de meu pai, que criou a mim e a minha irmã gêmea.

Todos pareciam seguros. A menos que eles tenham mentido para mim?

Tenho um estranho senso de intuição. Sempre gostei, desde que percebi que é possivelmente a única coisa capaz de me salvar.

Que além de mim ninguém vai me defender, ninguém vai me dar o que foi tirado. Então, tive que confiar no meu sexto sentido com mais frequência, e foi essa intuição que me salvou mais vezes do que posso contar. Foi o que me fez escapar ileso.

Então eu não ignoro isso. Sempre.

Penso em ligar para Dan para ter certeza de que ele está bem, mas foda-se. Aquele idiota. Ainda estou pensando na melhor maneira de me vingar dele pelo que ele insinuou hoje.

Meu sangue ferve só de pensar nele perto de Anastasia. Se ele tocar num fio de cabelo da cabeça dela, eu poderia muito bem deixar de ser advogado e me tornar um criminoso.

Então, não, não vou reclamar se ele encontrar seu criador mais cedo ou mais tarde.

Além disso, ele definitivamente não é a razão por trás do aperto e da abertura

do meu peito ou da maldita torção no meu coração.

Recuso-me a pensar por que estou aqui, em frente ao apartamento de Anastasia, quando deveria estar em uma reunião, mas estou.

Aqui.

E os sentimentos estão subindo a níveis perigosos.

Não havia nenhuma maneira de eu conseguir me concentrar naquela reunião quando minha caixa torácica estava prestes a estourar. Além da minha família, só há mais uma pessoa que poderia ser a causa desta reação.

Uso a chave reserva que ela me deu há um tempo e abro a porta lentamente. Por alguma razão, parece que não devo fazer movimentos bruscos.

A fechadura está um pouco torta e paro, mas apenas por um segundo, antes de entrar.

O apartamento está escuro, silencioso, o que é diferente do habitual, ou pelo menos desde que comecei a vir aqui regularmente. Em noites normais, Anastasia cantava suas músicas antigas favoritas em voz baixa ou as ouvia silenciosamente enquanto digitava em seu laptop. De qualquer forma, a música seria alta. Nenhum desses cenários está presente. Não há música ou digitação sons que estou começando a associar apenas a ela.

O silêncio defeituoso lentamente dá lugar a algo mais frenético e sinistro. Como se alguém estivesse vasculhando as coisas.

Com certeza, quando vou até o armário, encontro-a enfiando roupas em uma bolsa, com o rosto vermelho e seus movimentos esporádicos.

Acendi o interruptor de luz.

— O que você está fazendo?

Anastasia salta, seus olhos selvagens encontrando os meus. Ela não está usando os óculos esta noite e ela parece tão jovem e frágil, como uma rosa que pode ser quebrada com um único toque.

Seu peito sobe e desce com respirações pesadas que ela parece não ser capaz de controlar.

— Knox.

Meu nome é um sussurro assombrado em seus lábios, um som que ela parece não ser capaz de controlar.

Ela limpa a garganta.

— Você não deveria estar em uma reunião?

— Acabou. — Mentira. Saí mais cedo, fingindo uma emergência, e pelo que estou vendo, estou feliz por ter saído. — Onde você está indo?

Ela engole algumas vezes consecutivas, suas unhas cravadas na alça da bolsa.

— Para longe.

— Para onde?

— Apenas longe. Estou indo embora.

A sensação de condenação anterior atinge minha caixa torácica e uma sensação cega de raiva se espalha por toda a minha corrente sanguínea.

— Não vai mesmo, porra.

— Você não pode me dizer o que fazer.

— Bem, eu posso. E você não vai a lugar nenhum, Anastasia.

— Essa coisa toda deveria ser apenas temporária.

— Essa coisa toda?

Ela joga as mãos para o alto.

— O sexo, o acordo, eu estar aqui. Tudo isso. Eu nunca fui feita para ficar.

— Bem, estou lhe dizendo que você vai ficar, quer você goste ou não.

A umidade se acumula em suas pálpebras inferiores.

— Você... não entende.

— Eu faço, perfeitamente. Você está fugindo de novo, assim como fugiu da vida anterior, porque é isso que você faz de melhor, certo?

Saindo. Correndo. O tempo todo, porra.

Ela solta a sacola, deixando-a cair no chão, e surge na minha frente.

— Você não tem o direito de ficar aí e me julgar quando não tem ideia da minha vida.

— E de quem é a culpa? Você é quem está se escondendo usando a fuga como proteção.

— Isso não é da sua conta.

— Estou fazendo disso meu negócio, minha pequena mentirosa. Você realmente achou que eu ficaria parado e deixaria você correr como se eu nunca tivesse acontecido?

— Você deve.

— Pense novamente, linda. Você acha que eu sou do tipo que desiste?

Alguma vez?

Seus ombros se curvam quando ela mesma chega à mesma conclusão. Podemos estar juntos há apenas algumas semanas, mas ela me conhece melhor do que ninguém.

Ela sabe que eu não deixaria isso passar.

— Por que você não me conta o que está acontecendo em vez de escolher a rota da fuga?

— Não posso. — Ela parece tão magoada, tão derrotada, como se o peso do mundo tivesse caído sobre seus ombros esbeltos.

Então suavizo minha voz:

— Isso tem algo a ver com sua família?

— Você não precisa saber.

— É verdade. — Eu faço uma pausa. — É por isso que a fechadura estava bagunçada. Alguém estava aqui?

Ela enrijece.

— N-não.

— Você é uma péssima mentirosa. Quem estava aqui?

— Ninguém.

Minha mão dispara e envolve sua garganta. É para que eu possa me apegar a ela, para não liberar minha raiva, porque aquela filha da puta está prestes a queimar tudo em seu caminho enquanto conversamos.

Seus olhos se fixam nos meus e, embora sejam castanhos e falsos, as emoções por trás deles não são. Há uma infinidade deles, subindo e descendo em favor de outros. Não reconheço todos eles, mas reconheço o mais proeminente: o medo.

Não de mim–ou pelo menos, espero que não.

Mas está lá e está corroendo algo dentro dela. E dentro de mim.

Nunca pensei que algum dia estaria em sintonia com outro ser humano além de minha irmã gêmea. Nunca pensei que sentiria suas emoções antes mesmo que ela mesma tivesse consciência delas.

Mas neste momento, aqui mesmo, eu sei, só sei que faria qualquer coisa para que essas emoções desaparecessem.

— Anastasia, estou do seu lado aqui, então não me faça forçá-la a falar. Quem estava aqui?

— Ninguém... ninguém... — É um sussurro agora, um sussurro assombrado.

Meu domínio sobre ela aumenta, as pontas dos meus dedos cavando na carne sensível de sua garganta pálida. Quando falo, é em tom baixo de alerta.

— Anastasia…

— Apenas me deixe em paz, Knox. — Uma lágrima desliza por sua bochecha. — Me deixar ir.

— Não.

— Por que? Por que diabos você continua me segurando?

— Porque ainda não terminei com você. — E provavelmente nunca irei. Mas não expresso esse pensamento em voz alta, caso isso a assuste tão rápido quanto está criando raízes dentro de mim.

— E se eu terminar com você?

— Você terá que ser sincera primeiro e, mesmo que seja, vou conquistá-la novamente.

— Mesmo se eu machucar você?

— Mesmo se você me machucar.

— Você não deveria dizer isso. — Suas lágrimas encharcam suas bochechas sem controle.

— Então o que devo dizer?

— Que você não vai deixar que eu ou ninguém te machuque.

— Eu não vou.

Ela engole.

— Promete.

— Eu prometo. Eu também prometo que ninguém vai te machucar sob minha supervisão.

Seus lábios se abrem, então ela engole em seco.

— Eu nunca pedi sua proteção.

— Você vai conseguir de qualquer maneira. — Eu solto sua garganta. — Agora, continue fazendo as malas, porque você vem comigo.

— O quê?

— Eu não vou deixar você em um lugar que alguém invadiu, Anastasia. Você estará mais segura comigo.

— Mas…

— Sem desculpas. Isso não está em negociação.

— Você... não precisa fazer isso por mim.

— Quem disse que é só para você? Posso te foder sempre que quiser, então também tenho vantagens.

Ela sorri um pouco em meio às lágrimas, mesmo que seja triste, mesmo que o medo não tenha desaparecido completamente. Mas farei questão de fazer com que isso desapareça, mesmo que seja a última coisa que eu faça.

Porque Anastasia é minha e eu protejo o que é meu.

27



Anastasia

Quando Knox disse que eu estava indo com ele, eu sabia que ele me levaria para o apartamento dele. Muitas vezes ele sugere que eu o visite, mas sempre mudo de assunto.

Por que?

Porque é muito próximo, muito íntimo, e não serei capaz de manter a distância que venho tentando inutilmente manter entre nós.

E agora é pior. É perigoso.

Fatal.

Pela vida dele, não pela minha. Apesar de tudo, ainda sou filha do *Pakhan*, ainda tenho valor de uma forma ou de outra.

Eu sou um deles. Muitas vezes chamei os mafiosos de piratas porque, assim que entraram na minha vida, minha fantasia infantil de ser a fada da floresta acabou.

Knox é um estranho, antagônico, e Adrian não hesitaria em eliminá-lo de seu caminho. Ele o apagaria do mundo como se ele nunca tivesse existido. Ele também não seria rápido e ágil; ele o torturaria primeiro, até que ele desejasse a morte.

As imagens que passam pela minha mente me dão enjôo e tenho que colocar a mão sobre elas para não vomitar. Mas não importa o quanto eu implorei a Knox para me deixar ficar no meu apartamento, isso não fez diferença. Ele simplesmente me jogou por cima do ombro, pegou minha bolsa e a maleta do laptop e me carregou até o carro. O caminho até o apartamento dele foi

principalmente eu argumentando que estou bem e ele me ignorando. Estou começando a aprender que no momento em que ele tomar uma decisão, ninguém conseguirá convencê-lo do contrário.

Então, no segundo em que entramos em seu apartamento, ele me agarrou pela garganta e me fodeu contra a porta por trás. Foi rápido e sujo e ainda não consegui recuperar o fôlego. Mesmo agora, deitada no sofá, ainda estou tonta, um pouco desorientada.

O que acontece sempre depois do sexo com Knox.

Ele tem uma habilidade misteriosa de limpar minha mente. É como se fôssemos transportados para uma realidade alternativa onde só existimos ele e eu.

Mas eu não deveria deixar isso acontecer.

Não quando Aleksander provavelmente está me observando e pode interferir a qualquer segundo e destruir cada grama de felicidade que estou sentindo ou tentando absorver.

Mas irei embora em breve. Um dia, terei que fazer isso. No entanto, esse dia não é hoje.

Como não tive a oportunidade de conferir a casa dele antes por motivos óbvios, faço isso agora.

Meu olhar percorre o apartamento glamoroso – desculpe, cobertura. É claro que alguém como Knox viveria numa cobertura. Não só fica no andar mais alto de um prédio no coração da cidade, mas também tem uma vista dos sonhos de Nova York.

Os móveis e a decoração são elegantes e caros, mas gritam impessoais. Como se ele tivesse acabado de pagar alguém para colocar as coisas no lugar e acabar logo com isso.

Deve ser solitário viver uma vida tão glamorosa, sem toques pessoais. Quem sou para falar, considerando que toda a minha vida foi ditada.

Pelo menos Knox tem controle total sobre a dele.

— Está com frio? — Ele pergunta de sua posição na cadeira, olhando para mim enquanto seus dedos param em seu laptop.

Ele ainda tem trabalho a fazer, mas me disse para não me mexer nem vestir nada – depois de me despir na entrada enquanto permanecia totalmente vestido, como sempre.

Na verdade, posso contar quantas vezes o vi totalmente nu por um lado, e

isso principalmente no chuveiro. Ele tem um corpo magro, mas muito musculoso, e é uma pena esconder isso e aquelas lindas tatuagens.

Ele me disse para ficar nua no sofá em frente a ele e não fazer barulho enquanto ele trabalha.

— Terminarei isso em dez minutos, depois irei para a segunda rodada — foi o que ele disse.

Eu mudo e mordo meu lábio inferior quando sinto seu esperma saindo de mim e bagunçando minhas coxas.

— Não muito frio.

Ele desabotoa a camisa e meus olhos observam a perfeição de seu peito musculoso e abdômen cortado, então me concentro na tatuagem do samurai, o guerreiro sombrio que me fascinou desde a primeira vez que acordei ao lado dele.

É como se eu estivesse olhando para outra faceta de Knox, uma parte que ele não gosta de mostrar com frequência.

Ou nunca.

O desenho intrincado gira em torno de seu ombro e peito, e é como se houvesse fios enrolados em torno dele e do guerreiro.

Eu me pergunto se isso tem algum significado ou se ele fez isso apenas pela estética. Por alguma razão, não acredito que ele faria aquela tatuagem só porque parece boa.

— Quando você fez suas tatuagens? — pergunto, apoiando a cabeça na mão apoiada.

Ele continua desabotoando a camisa.

— Algumas na escola secundária, mas as maiores foram depois que saí de Londres ou eu teria arriscado ser assassinado pelo meu pai.

Eu sorrio um pouco com seu tom. Ele sempre soa tão diferente e despreocupado sempre que fala sobre sua família – o que não pode ser dito sobre mim.

— Existe uma razão para você escolher um samurai?

— Queria algo que representasse força e, pelos esboços que o artista fez, gostei mais disso. Provavelmente por causa dos olhos negros, no entanto. Eles insinuaram uma escuridão oculta.

— E os fios?

— Não importa o quão forte alguém seja, sempre há algo que os impede. —

Um olhar distante cobre seus olhos – dor ou memórias salpicadas de dor.

Quero perguntar mais, saber o que poderia impedir alguém como ele, mas não tenho chance antes que ele jogue a camisa do meu jeito.

— Isso significa que posso dormir? — Eu provoco.

— Porra, não. Estarei com você em um minuto.

— Achei que tinha que ficar nua para isso.

— Você precisa, mas eu também não quero você com frio, então você pode usar isso.

Sorrio, vestindo a camisa que me engole e cai até o meio das minhas coxas. Tenho que arregaçar as mangas para revelar minhas mãos.

Quando olho para cima novamente, os olhos de Knox escureceram enquanto eles me observam com foco intenso. Seus dedos ainda pairam sobre o teclado sem digitar e sua mandíbula está cerrada.

Eu me sento para o caso de ter feito algo errado, e isso faz com que mais porra cubra minhas coxas, porque ele não me deixou lavar totalmente.

— De agora em diante, você ficará nua ou usará minha camisa. Não há meio-termo. — Há uma possessividade crua em seu tom, uma qualidade inegociável que me tira o fôlego.

— Não posso simplesmente usar sua camisa o dia todo.

— Não, mas você pode ficar nua.

— Dentro de casa.

— Por agora.

— Por agora?

— Vou encontrar um lugar ao ar livre onde você possa ficar nua para mim e somente para mim.

— Pervertido.

Ele se levanta e, mesmo que não seja muito abrupto, meu coração vai até a garganta e não consigo evitar de esfregar as coxas. É tão raro vê-lo em sua glória seminua. Suas tatuagens não são para serem mostradas como são para muitas pessoas. Até os líderes da Bratva consideram uma honra mostrar suas tatuagens e explicar o que cada uma significa, principalmente se estiver relacionada à irmandade.

Esse não é o caso de Knox. Elas parecem existir apenas para ele.

Ele paira sobre mim, parecendo maior que a vida, mas isso não dura muito quando seu corpo desce lentamente até o meu.

Minhas palmas se apoiam em seus ombros e respiro profundamente ao ver como ele se sente bem, sem camisa, só para mim.

Mostrando suas tatuagens apenas para mim.

Nunca pensei que uma coisa tão trivial me deixaria tão exultante, tão etérea.

— Você não deveria estar trabalhando? — pergunto em voz baixa, acariciando sua pele com os dedos, como um viciado brincando com uma droga antes de inalá-la.

— Não quando você está me distraindo pra caramba. — Ele coloca a mão entre minhas pernas e um grunhido profundo sai dele quando seus dedos estão revestidos com a nossa excitação. — Porra, linda. Hum. Esta pode ser minha nova coisa favorita.

Antes que eu possa perguntar o que é isso, ele junta seu esperma com dois dedos e empurra dentro de mim. Um gemido sai de mim, embora não devesse.

Eu não deveria estar me sentindo excitada pelo ato dele espalhar sua semente dentro de mim, mas estou e os sons guturais que me deixam são estranhos aos meus ouvidos.

Ele faz isso sem pressa, fodendo os dedos dentro de mim com propósito. — Você está linda pra caralho com meu esperma nesta boceta apertada.

— Por favor…

— Você quer mais?

Meu aceno é quase invisível, mas ele percebe e está prestes a me virar de bruços. Isso é o que ele faz quando me fode, sempre por trás.

Estou acostumada depois de todo esse tempo, mas não quero isso agora. Eu não quero a distância.

Quero que ele me mostre o resto dele como fez com suas tatuagens.

Eu o quero. Ponto.

Então eu cravo minhas unhas curtas em sua pele, segurando uma esperança que não deveria ter.

Estou esperando e fervilhando de desejos que não têm lugar em qualquer relacionamento que tenhamos.

Sua mão encontra meu quadril, o que é uma deixa para me virar de bruços. Minhas unhas cravam em sua pele e eu balanço minha cabeça lentamente. O

movimento de seus dedos diminui até se tornar uma dor agonizante e torturante. Mas suas feições escurecem, seus olhos se tornam suaves com cor avelã é o mais estranho que já vi.

Ele segura meu quadril com tanta força quanto seu rosto, me incentivando a soltá-lo, mas não o faço.

Não posso.

Eu não quero.

— Solte. — Uma palavra. Uma palavra, mas que parece inegociável e dura.

Quando não o faço, ele remove sem esforço meus dedos de seu ombro e depois me vira facilmente. Meus seios ficam achatados contra o sofá e meu corpo esquenta tão rápido que parece que fui incendiada enquanto estava encharcado de gasolina.

Uma energia estranha corre através de mim, exigindo que eu chute e lute, que eu bata e arranhe.

Algo. Qualquer coisa. Enquanto eu não estiver nesta posição, seja perto dele, onde ele não quer olhar para mim.

Acho que devo ter me movido, porque quando ele fica atrás de mim, ele se sente rígido, quase duro, como se estivesse vendo meu tumulto interior.

— O que diabos há de errado com você? — Seu tom é entrecortado, que é o tom que ele só usa quando está bravo.

E ele não deveria estar agora.

Como se eu não devesse ter esses sentimentos estranhos.

— Eu não gosto disso — eu sussurro, enterrando meu rosto no travesseiro.

— Você não gosta do quê?

— Disso. — Há uma voz quebrada em minha voz, e eu gostaria que fosse por causa de Kirill e Adrian me encontrarem. Eu gostaria que tivesse algo a ver com eles ou com minha vida dupla, mas não tem.

Porque desde que entrei no apartamento de Knox, não pensei sobre isso ou sobre eles.

Eu só pensei nele.

O homem que agora está se afastando de mim. A ausência de seu peso e seu toque me fazem sentir vazia, até desolada.

Lentamente, muito lentamente, viro a cabeça para o lado e tenho um

vislumbre dele parado ali como um deus. Suas mãos estão cruzadas sobre o peito musculoso e ele estreita os olhos para mim.

— Qual é o problema? — Sua pergunta é calma, mas o tom não.

Há tanta tensão ali, tanto impacto por trás de suas palavras que isso aperta minha garganta.

— Eu só…

— O que? Você apenas o quê?

— Eu quero fazer sexo enquanto olho para você.

— E eu quero ver seus olhos, seus olhos reais, mas nenhum de nós está conseguindo o que quer.

— Por que você está tão obcecado em ver meus olhos verdadeiros?

— Porque eu veria quem você é de verdade por trás deles. Não a Anastasia daquela noite ou da Jane que você se tornou. Só você.

Meus lábios se abrem e um flash de emoções ataca minha barriga, precisando de uma liberação.

Então me levanto, decidida a ir até ele, a beijá-lo, a dizer que se ele quiser ver meus olhos, ele pode.

Ele é o único que pode.

Porque, diferentemente de todo mundo que me conhece, ele não me veria como Anastasia Sokolov, a única filha de Sergei Sokolov, o *Pakhan* da Bratva de Nova York.

Ele não me veria como uma princesa protegida para ser protegida ou usada. Ele simplesmente me veria. A Anastasia que escapou da prisão para ser livre, para viver.

Estar viva.

Mas meu momento impulsivo é interrompido quando a campainha toca.

Soa como um alarme no silêncio e eu estremeço.

Knox, no entanto, parece mais irritado do que surpreso.

— Vou me livrar de quem está aí e depois volto para ver isso até o fim. Não se mexa, porra.

Eu não faria isso, mesmo que ele não tivesse me ordenado, porque estou observando suas costas fortes enquanto ele marcha até a porta.

Meus dedos dos pés se curvam e não tenho certeza se é por causa dele ou do

que ele disse. Gosto de como ele nunca deixa mal-entendidos entre nós, de estar sempre ansiosa.

Nunca para trás. Nunca de lado. Sempre à frente.

E acho que isso está me afetando, porque também quero ser assim: uma pessoa voltada para o futuro que não se deixa acorrentar pelo passado.

Mas primeiro tenho que conversar sobre isso com ele, não?

Tenho que me despir e deixar que ele veja uma parte de mim que até eu tenho medo de mostrar para alguém.

— Boa noite, pivete. — Uma voz masculina mais velha diz da porta com um sotaque britânico muito distinto e adequado.

Antes que eu possa me perguntar quem é, a próxima palavra de Knox responde à minha pergunta não feita.

— Pai?

28



Anastasia

Ele acabou de dizer "Pai"?

Meu coração bate contra minhas costelas e minha garganta seca a cada segundo que passa. Eu rapidamente abotoo minha camisa – a camisa de Knox – e estou grata por ser grande o suficiente para cobrir minha nudez.

Antes que eu possa correr para me esconder no quarto ou até mesmo na cozinha, Knox reaparece na sala acompanhado por um homem muito mais velho, que provavelmente tem cinquenta e poucos anos. Ele está vestindo um terno elegante de três peças e tem uma barba loira clara cobrindo o queixo.

Duas mulheres estão de cada lado dele, ambas são mais baixas que ele e não se parecem em nada. Uma é magra, loira e alta como minha prima Rai, e a outra é pequena, usa cabelo preto curto e tem feições minúsculas.

Irmã gêmea de Knox.

Eu nem preciso adivinhar. Embora os olhos dela sejam de um castanho mais escuro e ela seja bem mais baixa que ele, a expressão nos olhos dela é semelhante à dele.

Um pouco assombrado. Um pouco estranho.

E apenas... profundo.

É como se ambos tivessem visto o mundo e não gostassem dele, mas não lhe dessem a satisfação de partir. Ambos têm a determinação de "estou aqui para ficar".

E por mais que isso me fascine, não posso me dar ao luxo de sentir isso agora, porque estou seminu. Na frente de quem presumo serem o pai e as irmãs

de Knox.

Suponha que eu os persegui nas redes sociais quando cheguei à W&S e encontrei Knox novamente.

O que? Eu tive que cuidar de mim mesma.

É tarde demais para realmente desaparecer? Porque sinto que estou prestes a pegar fogo pela maneira como três pares de olhos me observam atentamente.

— Chegamos em uma hora ruim? — Seu pai pergunta com um leve sorriso.

— Quem é você? — A loira pergunta com mais diversão do que julgamento.

Esfrego o pé na parte de trás da panturrilha.

— Eu... ah...

— Ninguém com quem você deva se preocupar. — Knox caminha para o meu lado e, embora não esteja me tocando, sua presença traz o conforto necessário.

— Bobagem — diz seu pai com a mesma inclinação de boca. — Meu nome é Ethan Steel. Eu sou o pai de Knox. Esta é Teal, sua irmã gêmea, e esta é Elsa, sua outra irmã. Qual o seu nome?

— Jane.

Mordo o lábio depois da gagueira. Por que diabos eu quis dizer "Anastasia" agora há pouco? Não faz sentido quando eu deveria manter minha outra identidade completamente em segredo.

— Prazer em conhecê-la, Jane. — Elsa sai do lado do pai e aperta minha mão. — Mal posso esperar para ouvir tudo sobre você.

— Ou... — Knox fica entre nós e a empurra de volta com muito tato. — Você pode pegar o próximo avião de volta para Londres. Leve papai e T com você enquanto estiver fazendo isso.

— Não vai acontecer. Não viemos até aqui só para ir embora. Certo, Teal?

A irmã gêmea de Knox concorda. — Sim. Afinal, estou aqui porque queria saber o que está tornando você tão diferente ultimamente.

— T!

— O que? Você não me contou.

— Não há nada para contar.

— Obviamente, existe. — Elsa sorri com clara malícia. — Estou tão feliz que decidimos ir junto na viagem de negócios do papai.

— Bem eu não estou. Então vocês três podem ir embora.

— Não — Teal anuncia à queima-roupa.

Elsa a abraça pelo ombro. — O que ela disse.

— Estou ligando para seus maridos. — Ele enfia a mão no bolso e pega o telefone e o coloca no viva-voz enquanto toca.

Fico inquieta quando leio o identificador de chamadas: Aiden. Ele atende com um profundo e entediado

— Ei, filho da puta.

— Olá para você também, idiota. Caso você não saiba, Elsa está aqui, em Nova York. Não vejo você perto dela, o que, se bem me lembro, não aconteceu nos últimos mil anos.

— E?

Knox faz uma pausa e sacode o telefone como se pudesse sacudir fisicamente a pessoa do outro lado da linha.

— Olá? Este é o telefone de Aiden King? Quem é você e o que diabos você fez com o filho da puta maluco?

— Cale a boca e cuide de Elsa por alguns dias. — Há um tom de aborrecimento na voz profunda de Aiden. Ele parece um pouco assassino também.

Eu só o ouvi ao telefone, mas isso é o suficiente para causar um arrepio na espinha. Não consigo imaginar como é conhecê-lo na vida real.

Meu olhar voa para Elsa, que parece indiferente. Ela é linda e parece descontraída–o que não pode ser dito sobre o marido. E me pergunto como eles estão juntos.

O aperto de Knox no telefone aumenta e isso desperta a minha atenção.

— Ou você pode vir aqui e buscá-la ou algo assim? Envie seu avião.

— Não até que as quarenta e oito horas acabem.

— Tem certeza de que não bateu a cabeça? Porque não há nenhuma maneira de você deixá-la ficar longe de você por tanto tempo.

Aiden faz uma pausa antes de dizer:

— Me prometeram coisas.

Elsa sorri e sussurra:

— Plural.

Aiden, que aparentemente não sabia que estava no viva-voz, solta um suspiro e depois abaixa a voz até um sussurro.

— Porra do plural, querida.

— Não acredito que você deixou ela manipular você, King — Knox provoca. — Você perdeu seu toque.

— Foda-se. Se ela voltar com um fio de cabelo machucado, considere-se morto, Van Doren.

E com isso ele desliga.

Knox pragueja e estreita os olhos para Elsa.

— O que você prometeu àquele maluco para que ele te perdesse de vista?

— É nosso segredo. — Ela pisca.

— Eca. Nojento. Mas isso não acabou. — Ele aponta o telefone para eles como se fosse uma arma e depois disca outro número. Desta vez, vejo o nome "Ronan" em sua tela.

Assim que ele atende, Knox diz:

— Venha buscar sua esposa, Ron. Ela é uma convidada indesejada no meu apartamento.

— Estou indo — diz ele com alegria.

— Não se atreva, Ronan — diz Teal.

— Mas ele disse que você é uma convidada indesejada, *ma belle*. Eu tenho que ir lá e dar uma surra nele por te chamar assim.

— Você prometeu — ela enuncia.

— Tudo bem, tanto faz. — Ele parece desanimado. — Remi e eu sentimos sua falta.

— Sinto sua falta, mamãe. — Uma vozinha vem do telefone.

— Sinto sua falta também, querido. — Ela sorri pela primeira vez desde que chegou. — Mamãe vai ficar com o tio Knox alguns dias, depois eu volto, ok?

— Ok! Eu e papai vamos esperar.

— Esse é meu menino.

— Rony. — Knox cerra os dentes, suas palavras soando entrecortadas. — Diga ou faça alguma coisa.

— Minhas mãos estão atadas, Van Doren. Perdi a porra de uma aposta, então não tenho nada a dizer sobre isso.

— Por que tenho que sofrer a queda?

— Não chame a minha Teal ou Ellie de "queda" ou eu vou foder com a sua cara, ok?

No final da ligação, Knox está respirando pesadamente, Teal e Elsa estão sorrindo e Ethan está obviamente divertido.

Estou prestes a cavar minha própria cova por me sentir tão deslocada.

Eles são uma família e eu sou apenas uma estranha. Alguém que nem deveria existir no meio do que parece ser sua forma habitual de interação.

Mas quando tento pensar numa desculpa para desaparecer da vizinhança imediata, Elsa agarra-me pelo ombro.

— Teal e eu precisamos falar com Jane. Pai, você e Knox podem cozinhar alguma coisa para nós?

— Por que diabos eu cozinharia? — Knox estreita os olhos para onde Elsa está me segurando. — E sobre o que você vai conversar com ela?

— Você não precisa saber. — Ela me puxa para o quarto e Teal fecha a porta, apesar dos protestos do outro lado.

Quando Elsa me senta na cama, sinto um formigamento na pele e aperto as mãos com tanta força que dói. Mas não tanto quanto o desconhecido ou a situação em que me encontro.

Eu nunca fui uma pessoa sociável, nunca. Estando protegida por inteiro

A vida e testemunhar inúmeras tentativas de assassinato contra meu pai e os líderes da Bratva me fizeram tomar cuidado com cada passo que dava. Cada respiração que inalei e cada palavra que pronunciei.

Não é apenas um traço de personalidade, é como aprendi a sobreviver. É assim que a filha do *Pakhan* deveria ser. Silenciosa, recatada e seguindo ordens.

Um lindo pássaro em uma gaiola dourada.

Embora eu pensasse que tinha escapado, talvez eu só tenha sido promovida para uma maior, onde supostamente tenho liberdade, mas ela poderia ser roubada a qualquer momento.

No entanto, esta situação, de estar na companhia de duas mulheres que nunca conheci, que por acaso também são irmãs de Knox, não é algo que pensei que iria experimentar.

Cresci cercada por homens, muitos deles, e eles eram duros e inflexíveis. A única presença feminina proeminente que tive comigo foi minha prima, Rai, que

é tão durona quanto eles.

Então, eu realmente não tenho ideia de como agir, além de deixar um ataque de pânico tomar conta de mim e me fazer de boba.

E isso é simplesmente absurdo. Elas não são assustadoras... eu não acho. Porque enquanto Elsa está sentada ao meu lado com um sorriso suave e ainda me observando com um brilho de curiosidade, Teal está bem na minha frente, batendo lentamente o pé no chão.

— Por que você está com meu irmão? Você gosta dele? — Ela pergunta do nada, sem qualquer apresentação.

— Eu... eu sou... — Como diabos eu deveria responder a essa pergunta quando meu cérebro ainda nem aceitou a presença deles?

Elsa toca meu ombro como se quisesse chamar minha atenção para ela.

— O que ela quis dizer é que não vemos Knox com a mesma garota há mais de alguns dias desde... bem, desde sempre. Então imagine nossa surpresa quando ela ouviu o telefonema de Daniel para Ronan, no qual ele disse que Knox nem o deixaria tocar em você.

— Você conhece Daniel? — Eu pergunto, quase sussurrando.

— Claro. Pertencemos ao mesmo grupo de amigos desde o ensino médio. O que é mais importante agora, já que podemos suborná-lo para obter informações sobre Knox. Aquele nosso irmão tende a ser um pouco reservado demais e sempre nos preocupamos com ele.

— Você não precisa. Ele está indo muito bem para alguém da idade dele.

— Em termos de trabalho, você quer dizer — diz Teal.

— Uh... sim.

— Vamos, Teal. Não está relacionado apenas ao trabalho. Ele também está com Jane agora, certo?

— Eu não acho que... esse é o caso... — tento argumentar. Como posso explicar que nosso acordo é puramente sexual quando não quero mais acreditar nisso?

— Ela está escondendo alguma coisa — Teal me interrompe em seu tom prático. Acho que ela normalmente fala como Knox quando ele não se preocupa em usar máscara.

— Todos nós escondemos segredos, Teal —, diz Elsa com uma voz suave.

— Não gosto dela. — Seus olhos escuros se fixam em mim. — Você é

perigosa.

Eu engulo em seco. Ela descobriu tudo isso apenas olhando para mim?

— Pare de ser paranoica. Além disso, não era você quem desejava que Knox se acalmasse para que você não tivesse que se preocupar com ele o tempo todo?

Teal limpa a garganta.

— Eu não disse isso.

— Não são exatamente essas palavras, mas você definitivamente fez isso. — Elsa sorri para mim. — Eu gosto de Jane.

Você não deveria, eu quero dizer.

Você realmente, realmente, realmente não deveria.

Porque Teal está certa. Eu sou perigosa. Tão perigosa que posso acabar machucando Knox.

E quando eu fizer isso, vou machucar essas mulheres também.

As irmãs que se preocupam com o irmão, que querem vê-lo bem, que fazem uma visita inesperada porque suspeitam que algo está errado.

Não mereço a confiança de Elsa.

Eu nem mereço os cuidados de Knox.

Porque eu sei, só sei que vou quebrar ambos em pedaços. Eu vou machucá-los.

Isso é o que acontece com as pessoas no meu entorno. Elas se machucam.

Seriamente.

Na maioria das vezes, elas morrem.

Como minha mãe.

29



Knox

— Eu não estou fazendo isso.

Jogo fora os legumes que deveria estar preparando, mas papai os pega antes que cheguem à pia e os empurra contra meu peito.

— Continue cortando se quiser comer essa noite.

— Podemos simplesmente pedir alguma coisa. — Não estou com vontade de cozinhar, porque não só fui emboscado pela minha família do nada, mas Elsa e Teal estão com Anastasia há exatos vinte e três minutos e cinquenta e quatro segundos, conversando sobre sabe-se lá o quê.

Talvez minha irmã gêmea esteja trazendo à tona o lado psicótico de nós dois e dizendo a ela que eu sou um idiota.

Talvez elas a estejam machucando.

Uma mão forte me agarra pelo ombro, direcionando minha atenção para o presente.

— Relaxe, está tudo bem.

Ele está sorrindo e tem a ousadia de estar todo relaxado. Embora este seja de fato seu humor habitual.

Ethan Steel pode ser dono de uma grande empresa, mas ele não mostra seu lado feral na nossa frente.

Não me lembro da última vez que o vi bravo e, quando fica, geralmente é por causa dos filhos.

— Você não tem o direito de dizer isso quando as trouxe aqui sem me avisar. Este é um golpe baixo e oficialmente não vou lhe dar um presente no Dia dos

Pais.

— Em primeiro lugar, não posso tomar partido de você. Essa é uma maneira segura de começar uma guerra. Em segundo lugar, se eu não receber meu presente, trarei as duas de volta aqui novamente.

Estreito os olhos e ele estreita as costas.

— Agora, vamos logo com isso.

Sem conclusões.

Suspirando, pego a batata e começo a picar. Não posso deixar de olhar para ele de vez em quando. Apesar de ter cinquenta e poucos anos, papai parece bem mais jovem do que isso. Seu cabelo ainda é loiro escuro, com quase nenhum fio branco e seus olhos são de um azul profundo, que foi a única coisa que ele passou para Elsa – sua filha biológica.

O olhar dele é sábio e controlado, como se ele tivesse visto o mundo inteiro e nada mais pudesse perturbá-lo.

Ele vem do dinheiro – velho, poderoso e influente. No entanto, ele não usou apenas o que herdou para chegar onde está hoje. Ele investiu e iniciou inúmeros empreendimentos comerciais que o tornaram dez vezes mais rico e intocável do que seu pai jamais foi.

Mas quando éramos crianças, ele não permitiu que fôssemos mimados por esse dinheiro, nunca nos deixou usá-lo como uma desculpa geral para as nossas ações ou como uma muleta à qual poderíamos recorrer quando as coisas não funcionassem.

Temos um lema em nossa família: cada um é responsável por suas próprias ações.

Até o próprio papai.

Às vezes, parece que ele reuniu pessoas que nunca caberiam no mesmo quebra-cabeça e, ainda assim, de alguma forma, conseguimos.

De alguma forma, somos a família mais coesa que conheço. Apesar do nosso passado sombrio e sangrento.

— Já que você trouxe Londres inteira, por que não terminou o trabalho e convidou Agnus para que ele pudesse cozinhar?

— Ele veio conosco, mas optou por terminar alguns trabalhos pendentes no hotel. — Ele sorri com a menção de seu amigo de infância/braço direito que virou marido. — E ele é o pai para você.

— De jeito nenhum vou chamá-lo de pai, depois de conhecê-lo como Agnus durante toda a minha vida.

— Teal faz isso muito bem. Ou você poderia chamá-lo de papai, como Elsa faz.

— Eca, de jeito nenhum, porra. E Elsa faz isso apenas para incentivá-lo. Ela ainda não gosta dele, caso você não tenha notado.

— Ela vai chegar lá.

— Esses são sonhos vazios e você sabe disso, pai.

Um olhar sombrio cobre suas feições e percebo que estraguei tudo ao lembrá-lo de fatos que ele não gosta de pensar. A vida pessoal do meu pai sempre foi uma bagunça de proporções épicas. Sua primeira esposa, a mãe de Elsa, era uma psicopata que capturou a mim e a Teal depois que fugimos de nossa mãe, porque ela queria que parecêssemos com seu filho perdido.

Como se não bastasse, ele levou um tiro dela e passou nove anos em coma, período durante o qual Agnus cuidou de nós. E quando ele acordou, foi como se tivesse se tornado uma pessoa diferente. Quando éramos jovens, ele era mais extrovertido, mas depois de dormir quase uma década, ele mudou.

A única pessoa que esteve com ele durante tudo isso foi Agnus. Esse homem pode ser confundido com um mudo e Elsa o chama de psicopata na cara e, honestamente, ele tem tendências antissociais, mas eu sabia desde cedo o quanto ele se importava com papai.

Na verdade, ele só cuidou de nós na sua ausência, por causa do papai.

O que me surpreendeu, porém, foi quando papai nos convidou três para um jantar em família e anunciou que ele e Agnus estavam namorando.

Embora eu sempre tenha pensado que Agnus tinha uma orientação fluida, papai é a pessoa mais heterossexual que conheço. E ele ainda é, eu acho.

Certa vez, ele me disse que Agnus é o único homem por quem ele se sente atraído.

Não é sobre seu gênero, é sobre ele.

Então, pela primeira vez na vida, ele tem estabilidade com a pessoa que mais o entende. O fato de haver rixa entre sua única filha biológica e seu marido sempre lhe pareceu errado.

E, pensando bem, eu não deveria ter mencionado a animosidade deles, então redireciono a conversa para um assunto de que papai gosta: elogiar o marido.

— A propósito, recebi o relatório anual do portfólio que Agnus tem gerenciado para mim, e o lucro triplicou.

Um raro sorriso aparece em seus lábios.

— Ele sabe o que o que ele está fazendo.

— Obviamente. Tenho mais dinheiro do que posso gastar.

— Você poderia abrir sua própria empresa.

— Ainda não. Preciso de mais alguns anos de experiência primeiro. — Ele me encara com um olhar.

Procuro ao redor e então me concentro nele.

— Você enviou a Agnus um presente de agradecimento por triplicar seu lucro?

— Ele não gosta disso. — Resisto à tentação de mencionar que Agnus é um pouco antissocial.

Ok, muito. Tenho um milhão de por cento de certeza de que ele teria se tornado um serial killer se não tivesse conhecido meu pai desde a infância.

— Envie isto.

— Tudo bem. Ele vem aqui mais tarde?

— Não, ele vai passar a noite no hotel.

— Por que?

— Eu te disse, para o trabalho.

Eu aperto os olhos.

— Desde quando Agnus prefere trabalhar em vez de ser sua sombra?

— É um tipo especial de trabalho. Deixe para lá.

— Hum.

Papai faz uma pausa na preparação da sopa e me encara.

— Estou curioso, só isso.

— E estou curioso sobre sua garota e os motivos pelos quais você não a apresentou para nós. Não é sério com ela?

Minha espinha se contrai com sua maneira rápida de mudar de assunto e me colocar no centro das atenções. Paro um momento para pensar e depois digo em voz baixa:

— Não é isso. É diferente.

— Diferente como, você não embrulha quando está com ela? — Um sorriso inclina seus lábios, diversão brilhando em seus olhos.

— Como você…? Eu vou matar Daniel, porra.

— Foi Ronan, na verdade. Ele contou a história animadamente para aproximadamente trinta pessoas em uma festa. Foi divertido.

Fecho os olhos e respiro fundo.

— Por favor, diga-me que Teal e Elsa não estavam lá.

— Elas foram as primeiras da fila.

— Porra.

— É por causa dessa informação que elas decidiram me acompanhar. — Ele continua misturando os ingredientes lentamente, demorando-se na tarefa.

Papai sempre foi o tipo de pessoa que não se precipita em nada. Seja nos negócios ou na vida pessoal. Ele é firme, quase nunca provocado, a ponto de às vezes ser assustador.

— Você vai definir "diferente", Knox?

— Não sei como explicar. Acho que me sinto mais em paz quando estou com ela, um pouco menos perturbado, talvez. Apenas... não preso na minha cabeça ou nas minhas sombras ou no passado.

— Interessante.

— Você acha que isso é normal?

— Depende dos seus motivos para se sentir assim.

— E se eu não souber esses motivos?

— Você faz. Você simplesmente não os reconhece ainda, o que é de se esperar, considerando que você se fechou durante décadas.

— Eu... não me fechei.

— Sim, você fez. — Sua voz assume um tom mais suave. — No primeiro dia em que te conheci, você era um garoto magrelo com ossos protuberantes e marcas por todo o corpo. Você estava obviamente ferido, com fome, sede e medo. Você estava com tanto medo que tremeu com isso, mas mesmo assim, aos oito anos, empurrou Teal para trás e saiu primeiro. Mesmo que parecesse que seu cérebro lhe disse para correr, você não o fez. Você ficou lá, com a cabeça erguida e os olhos nunca olhando para os lados. Era como se você estivesse mostrando ao mundo o dedo médio e dizendo que não iria mais fugir, que não iria se esconder. Você não saberia o que fazer. Desse ponto em diante, você lutaria. Para você e

sua irmã. Você tinha um fogo em seus olhos, que surgiu das cinzas de selar seu passado. Esse fogo é a razão pela qual decidi criar você, Knox, mas sempre soube que ele escondia uma camada mais profunda, uma camada que você se recusa a enfrentar, mesmo quando adulto.

Meu aperto na faca aumenta e respiro fundo para diminuir a porra da batida no meu peito.

— O que você quer que eu enfrente, pai? Minha mãe prostituta que nos vendeu por algumas drogas ou o pai cuja identidade ela nem sabia? Ambos se foram e é inútil pensar neles.

Ele me encara, uma curva aparecendo entre suas sobrancelhas.

— É aí que você está errado. Eles podem ter desaparecido, mas os danos que deixaram para trás não.

— Estou bem, pai. Sou advogado, o sócio mais jovem do escritório, na verdade, e brilhante no que faço. Não sou um criminoso, um canalha ou um manipulador. Eu. Estou. Bem.

— Isso foi o que Teal disse antes de desabar.

Faço uma pausa, deixando a faca cair na tábua de cortar porque fico tentado a enfiá-la nas minhas próprias veias só para ver sangue.

Esse foi um dos pensamentos recorrentes que tive quando adolescente, mas resisti, sabendo que isso deixaria papai e T tristes. Não havia nenhuma maneira de eu ser a causa da miséria para as pessoas com quem eu mais me importava.

Ele encontra meu olhar, sua voz baixando ainda mais, como se não quisesse perturbar minhas sombras.

— Teal só melhorou quando enfrentou isso, Knox.

— Eu não sou ela.

— Não, você não é. Você é pior. Pelo menos ela reconhece que algo está errado e não finge que tudo está perfeito. Você precisa começar a fazer o mesmo se quiser ficar com aquela garota. Nenhuma mulher gosta de um homem preso a demônios desde a infância.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, a porta do meu quarto se abre e meu foco imediatamente muda nessa direção. Teal sai primeiro, sozinha, com sua cara de pôquer, que é uma expressão típica dela.

Ela realmente só ri e sorri facilmente perto do marido e do filho. Longe vão os dias em que eu era o único ela sorriu. Posso ter odiado um pouco Ronan no

início por tê-la levado embora, mas não consegui guardar rancor por muito tempo, considerando o quanto ele significa para ela.

Como ela fica viva quando ele está por perto.

Elsa está de braços dados com Anastasia, que agora usa umas calças de treino minhas e, embora as tenha enrolado na barriga, ainda estão a roçar o chão.

Porra. Vê-la com minhas roupas é excitante.

Eu seria castigado e colocado na lista negra da próxima reunião de família de Natal se expulsasse todo mundo para poder transar com ela contra a porta?

Eu provavelmente correria esse risco.

No entanto, meu plano mestre é interrompido quando percebo que a atenção de Anastasia não está em mim.

Ela está concentrada em algo que Elsa lhe mostra no telefone e sorri. É suave, recatado e parece genuinamente feliz.

— Então esse é o seu filho? — Ela pergunta com aquela voz delicada dela.

— Sim, o nome dele é Eli.

— Ele... não se parece em nada com você.

— Eu sei. — Elsa franze a testa, parecendo desanimada. — Ele está parecendo com o pai e o avô, mas tenho um pouco de esperança de que a personalidade dele pelo menos se pareça com a minha.

— Não tenha muita esperança, princesa. — Papai interfere seu calor habitual, como se não estivéssemos tendo uma conversa pesada pra caralho agora há pouco. — Ele está se tornando um King cada vez mais.

— Pai! Você deveria estar do meu lado. Você não quer que seu neto siga você?

— Bem, ainda tenho Remi e a dúzia de filhos que Knox disse que planeja ter.

Os olhos de Anastasia se arregalam e suas bochechas ficam com um tom profundo de vermelho enquanto Elsa sorri.

— Eu nunca disse isso. — Tento ficar calmo, mas não consigo.

— Realmente agora? Tenho quase certeza de que ouvi você dizer antes como você se sente confortável perto... — Coloco a mão em sua boca, interrompendo-o no meio da frase, e balanço a cabeça.

Seus olhos brilham e Teal fica entre nós, olhando para nós, o que é, na

melhor das hipóteses, cômico, porque somos altos e ela é tão pequena que exige esforço da parte dela.

— O que vocês dois estão escondendo? Me deixe entrar.

— Não há nada com que você precise se preocupar, T. E talvez você precise parar de esticar o pescoço antes de torcê-lo. Não quero Ron na minha cola.

— Dane-se. — Ela dá uma cotovelada na minha lateral.

— Ah, você está fodida, T. — Eu solto papai para agarrar seu ponto delicado.

Ela começa a bufar e me implorar para parar, mas eu não paro.

Era como eu costumava animá-la quando ela estava deprimida, o que acontecia na maior parte do tempo, antes de ela conhecer o marido.

Pego Elsa dizendo a Anastasia:

— Eu sou a adulta nisso tudo. Desculpe o comportamento das crianças.

— Você está certa, Ellie — eu digo, então Teal e eu a trazemos para o meio de nós. Mesmo que ela tente lutar contra isso, ela fica indefesa quando nós dois atacamos seu lado sensível.

— Sinto muito, Jane — papai diz a ela com um sorriso. — Meus filhos geralmente não são tão imaturos.

Ela balança a cabeça, sorrindo, embora seus maneirismos ainda sejam reservados.

— Você tem uma família linda, Sr. Steel

— Ethan está bem. Afinal, você faz parte de nós agora.

Espero que Anastasia fique tímida, talvez chocada, mas seu sorriso desaparece e ela parece absolutamente horrorizada.

Como se um fantasma de seu passado tivesse aparecido na sua frente.

30



Anastasia

Quando Kirill disse que Aleksander ficaria de olho em mim, não achei que chegaria perto.

Tipo, em frente ao fechamento da empresa. Tipo, ele está em seu carro, me observando como um falcão enquanto passo pela porta da frente com café.

Normalmente, Gwen pega o café, ou Chris. Qualquer pessoa, menos eu, basicamente, já que procuro manter o contato humano o mínimo possível. Mas hoje os dois estavam ocupados e eu tive que ir. Tive que atravessar a distância até a cafeteria e fingir que não estava sendo perseguida por um homem assustador de terno preto.

Está assim há uma semana. Desde que fui emboscada em meu apartamento por Kirill e Adrian e me disseram que tinha um papel a desempenhar.

Que não importa o que eu faça, nunca deixarei de ser a princesa da Bratva.

Como prometido, Adrian não deve ter contado ao meu pai, ou ele teria enviado seus guardas para me buscar.

Kirill manteve sua palavra de não me deixar sem supervisão, o que é por isso que seu braço direito, Aleksander, tem me seguido discretamente. Para quem está de fora, isso não seria perceptível, pois ele muda o modelo dos carros, as placas e até a cor das roupas.

Afinal, ele é um profissional.

Embora esta seja uma rara ocasião em que ele não age como a sombra de Kirill.

E porque estou em sintonia com ele e com o perigo que ele representa, eu o

vi na primeira vez que Knox e eu saímos juntos de sua cobertura.

Tive que distraí-lo de olhar pelo espelho retrovisor para que ele não percebesse que estávamos sendo seguidos. A última coisa que quero é que ele entre em conflito com os outros homens da minha vida.

Principalmente depois que conheci sua família, acolhedora, com senso de humor e maneirismos distintos.

Naquela noite, eles ficaram lá. Jantamos juntos e jogamos jogos de tabuleiro. Ethan e Elsa me contaram todo tipo de histórias sobre a adolescência de Knox e como ele era competitivo–ainda é. Ouvi com grande interesse cada detalhe, cada informação sobre uma versão de Knox que nunca conheci.

Não sei por que segurei cada palavra, mas de certa forma parecia vital.

Como uma lembrança que eu precisava manter por perto.

Ou talvez eu me importe mais com Knox do que quero admitir. Teal não era uma participante muito disposta a contar histórias, mas adorei o relacionamento perfeito que ela tem com o irmão.

A maneira como eles se entendem sem precisar dizer uma palavra.

Antes de partirem, na manhã seguinte, ela ficou ali com as mãos cruzadas sobre o peito e me disse à queima-roupa:

— É melhor você não machucar meu irmão.

Essa frase ficou mais comigo depois da visita deles. É como se ela soubesse exatamente o que aconteceria.

Eu não a culpo por não gostar de mim. Na verdade, eu a respeito por cuidar de seu irmão. Isso é o que a família faz.

Ao contrário da minha.

Meu olhar voa para o carro de Aleksander. Mesmo que tenha vidros escuros, quase posso imaginá-lo olhando para trás com aquele olhar frio que só suaviza perto de Kirill.

Ele deve ter descoberto meu relacionamento com Knox, e se a ameaça de Adrian servir de indicação, eles não hesitariam em usá-lo contra mim.

Para machucá-lo por minha causa.

Porque é isso que eles fazem na irmandade. Eles usam pessoas, partem corações e quebram ossos.

E eu não sou exceção.

Na verdade, sou colocada em um pedestal alto por ser filha do *Pakhan*. Foi uma cruel reviravolta do destino minha mãe ter engravidado depois de um breve caso com meu pai – o homem número um da Bratva.

Ela se casou com meu padrasto depois e eu deveria ser uma cidadã normal. Mas aquele idiota estava abusando dela, tanto física quanto emocionalmente, e embora ela tentasse me proteger, ela sabia que não conseguiria.

É por isso que ela me levou ao parque naquele dia. Não vou esquecer isso, nunca. Não só porque mamãe estava tremendo, mas também porque parecia aliviada quando um homem alto e de feições severas apareceu.

E lembro-me de como a sombra dele bloqueava o sol enquanto ele estava ali, nos observando. Ou melhor, me observando.

Ela me disse que ele era meu pai e eu agarrei-a, pensando que ela me deixaria com ele, mas ela não o fez.

Eles apenas conversaram enquanto eu brincava de esconde-esconde com um dos outros homens altos que vieram com ele.

Antes de mamãe e eu sairmos, papai deu um tapinha no meu cabelo. Lembro-me de ter olhos tão grandes que quase alcançavam a linha do cabelo. Meu padrasto nunca fez isso, nunca me tratou mais do que uma praga em seu caminho.

Uma que ele chutava sempre que achava necessário.

Papai também me deu um pedaço de papel com seu número e me disse para ligar para ele se precisasse de alguma coisa.

Em retrospecto, eu nunca deveria ter feito isso.

É por isso que fiquei presa em seu mundo em primeiro lugar.

Mas não é como se eu tivesse outra opção naquela noite.

Agora que penso nisso, o momento em que liguei para ele, chorando ao telefone, foi quando selei meu destino.

Foi quando passei a fazer parte da Bratva.

Meu telefone vibra no meu bolso, me tirando do meu devaneio.

É uma mensagem de um número desconhecido.

Desconhecido: **Não vejo o advogado perdendo nenhum caso. Pelo contrário, ele está ainda mais forte. Aqui está um pequeno incentivo para você.**

Meu polegar treme quando clico no vídeo anexado. Foi tirada da câmera de vigilância de um estacionamento. O edifício em que o apartamento de Knox está.

Reconheço-o pelas linhas amarelas no chão e pela luz forte.

Porém, está mais escuro no vídeo, como se alguém tivesse cortado a energia de propósito.

Meu coração bate na garganta quando Knox sai do carro, carregando sua pasta e falando ao telefone. Ele está vestindo o terno preto que o ajudei a vestir ontem. Lembro-me claramente porque ele decidiu me foder no último segundo antes de irmos para o trabalho e ordenou que eu não bagunçasse nossas roupas.

Esta filmagem foi feita ontem à noite quando ele chegou em casa, mais tarde do que o normal, já que ele teve uma longa reunião com Lauren sobre o caso de Sandra. Exatamente naquele momento, quando ele estava chegando em casa, eu estava tentando preparar alguma coisa para o jantar. Elsa me ligou e eu queimei o macarrão mesmo assim, então continuei conversando com ela e pedi alguma coisa.

Tudo parece normal até que o ângulo muda para seguir Knox por trás enquanto ele caminha até o elevador.

Eu suspiro, quase derramando o café quando percebo o que está na parte de trás de sua cabeça.

Um ponto vermelho.

O ponto vermelho de um rifle de precisão.

E o segue até o elevador até o vídeo terminar.

Estou prestes a ter um colapso épico quando outra mensagem chega.

Desconhecido: **Se você não fizer o que lhe foi dito, a próxima filmagem mostrará uma bala na cabeça dele.**

Minhas pernas tremem, recusando-se a me manter em pé, e preciso de tudo para não desabar no meio da rua.

É Adrian.

Eu sabia que suas ameaças não seriam vazias e acabei de receber provas em primeira mão de que ele já tem alguém seguindo Knox, e não qualquer um. Um atirador de elite.

A umidade arde em meus olhos ao pensar que ele poderia ter morrido naquele instante enquanto eu estava completamente sem noção.

Não importa quem eu sou ou quem é meu pai. Quando chega a hora, não consigo fazer nada, exceto seguir as regras.

Meu foco recai sobre o carro de Aleksander do outro lado da rua e escondo meu telefone, depois acelero o passo para dentro do prédio, minha mente quase

explodindo com mil pensamentos.

Se eu suspeitava disso antes, agora tenho certeza. Sou um perigo para Knox.

Se eu não ficar longe dele, ele com certeza será morto. Meu coração aperta e depois bate forte em um ritmo esporádico.

A possibilidade de algo acontecer com ele revira o conteúdo do meu estômago até que sinto vontade de vomitar na calçada.

Coloco a mão no peito, tentando acalmar a náusea que sobe à minha garganta.

Mas só piora.

Eu não deveria ter dormido com ele naquele dia.

Eu não deveria ter sido egoísta e desejado algo que não posso ter.

Além do mais, eu deveria ter corrido o mais rápido que pudesse no dia em que o encontrei novamente. Por que diabos eu deixei isso ir tão longe?

Por que permiti que ele se tornasse uma parte tão vital da minha vida que me sinto fisicamente doente só de pensar em me separar dele?

— O que é?

Eu me assusto perto da recepção e quase derramo o café. Eu percebo que estou segurando o suporte com força e todo o meu corpo está tenso quando olho por cima do ombro.

Para onde deixei Aleksander do outro lado da rua.

Eu nem percebi Knox se aproximando de mim. Ele está parado na minha frente agora, vestindo um terno cinza elegante e segurando sua pasta de couro.

Lauren e Chris estão alguns passos atrás dele. Eles vão para uma audiência, eu me lembro. Da Sandra. Eu disse que não poderia comparecer hoje, porque tenho certeza que Adrian ou Kirill estarão lá. Ou pior, outra pessoa.

E se eu visse algum deles, teria um colapso de proporções épicas.

— Jane. — Há uma advertência em seu tom, uma exigência para que eu responda sua pergunta.

Por um lado, sou grata por ele respeitar minha escolha sobre minha personalidade pública e não me chamar de Anastasia. Mas, por outro lado, estou começando a odiar esse nome.

O falso. O errado.

— Não é nada.

Ele me agarra pelo cotovelo e me empurra para o corredor, longe dos bisbilhoteiros.

Então ele está se elevando sobre mim, sua altura e presença bloqueando qualquer interferência externa e fazendo meu estômago apertar. Sempre adorei tê-lo tão perto que não consigo ver ninguém além dele.

Quando essa posição se tornou minha favorita?

Ele me observa por um segundo, seus olhos letais se estreitando por um instante.

— Você vai me dizer o que há de errado?

— Não é realmente na...

— Não termine essa mentira. — Suas feições endurecem e um músculo trabalha em sua mandíbula. É quando sei que não vou gostar do que ele dirá a seguir. — Você acha que não percebi sua atitude nervosa e evasiva desde que peguei você fazendo as malas e pronta para fugir? Dei-lhe tempo suficiente para refletir sobre isso e preciso de uma resposta agora.

Meu foco muda de lado quando alguém passa por nós.

— Este não é o momento nem o lugar. Você não tem uma audiência?

— Não vou sair daqui até que você me dê alguma coisa. É sobre o carro que está seguindo você desde semana passada?

Eu estremeço, minhas costas batendo na parede atrás de mim.

— Nenhuma distração de sua parte irá dispersar meu foco do meu entorno, Anastasia. Então me diga, é sobre isso? Eles são pessoas do seu passado?

— Por que você tem tanta certeza de que eles estavam me seguindo? Talvez eles estivessem seguindo você.

— Eles não fizeram isso quando saí da empresa, mas simplesmente quando você saiu para tomar café.

Merda.

Foi uma ilusão acreditar que ele não notaria.

Afinal, este é Knox. Ele está tão atento aos detalhes que às vezes é perturbador. Mas nem ele percebeu o atirador de Adrian. Em vez de serem agressivos como Aleksander, Adrian e Kirill são mais discretos, mas altamente eficientes.

Se Adrian quiser, ele pode matá-lo num piscar de olhos.

Meus lábios tremem com isso e eu os forço a fechá-los porque Knox ainda está olhando para mim, esperando por uma resposta.

Engulo em seco, resistindo à vontade de colocar a mão no peito, já que ele sabe que é um hábito nervoso.

— Realmente não é nada. Juro.

Ele bate o punho na parede ao lado da minha cabeça e eu me assusto, mesmo que o movimento não seja forte ou surpreendente. Acho que é a expressão em seu rosto que lança fios de medo no fundo do meu estômago.

Knox não é do tipo que fica com raiva com frequência ou sem motivo, mas sua mandíbula está cerrada agora e um músculo salta nas veias de seu pescoço.

Sua raiva é crua, furiosa, mas ainda calma. E estou no meio disso agora. Pior, acho que vou ser arrebatada por isso.

— Se você repetir a palavra "nada" mais uma vez, eu juro que vou foder... — ele para, com as narinas dilatadas.

— Você não pode simplesmente deixar isso pra lá?

— Não.

— Knox...

— Por que você está construindo um muro entre nós, Anastasia? Hum?

— Eu estou?

— Eu sinto isso, e fica cada vez mais alto a cada segundo que passa.

— Talvez aquele muro devesse estar lá desde o início. É mais seguro. Para nós dois.

— Você quer dizer, para você.

Toda a ansiedade e medo do desconhecido vêm à tona, explodindo em uma miríade de temperamento ardente.

— Sim para mim! Você não tem ideia de quem eu sou ou no que você se meteu. No dia em que você fizer isso, você amaldiçoará o momento em que me conheceu. Estou com defeito, ok? Você sabe o que eu faço com as pessoas? Eu as destruo.

— Você não pode me destruir, linda. Isso foi feito muito antes de você aparecer, então que tal você me contar o que está te assombrando?

— Como você sabe que algo está me assombrando?

— Eu vi naquela noite. Em seus olhos azuis como o oceano. Eles estavam

um pouco assombrados, um pouco quebrados. Apenas como eu. Normalmente não me aproximo de pessoas que emitem vibrações parecidas com as minhas, mas você foi a exceção, minha pequena mentirosa. Você ainda é.

— Você não deveria ter me feito uma exceção. — Eu fungo. — Eu sou ruim para você.

— E eu sou ruim para você também. Você não me vê pedindo para você sair por causa disso. Na verdade, nunca o farei, já que sou egoísta. Quando cobiço alguma coisa, eu a mantenho. Eu não jogo fora e certamente não deixo escapar das minhas mãos. Então você está presa comigo, Anastasia.

— E se eu quiser ir embora?

— Não, você não quer. Você só está fugindo porque é nisso que você é boa, mas vai abandonar esse maldito hábito comigo. Você sabe por quê?

— Por que?

— Porque eu estou mantendo você. Goste você ou não. — Eu vejo isso então. A determinação.

A determinação teimosa e a possessividade crua.

E algo me diz que só vai piorar daqui em diante. Que ele não só exigirá saber mais, mas também me manterá. Quer eu goste ou não, como ele disse.

Na verdade, quanto mais eu luto, mais ele vai me acorrentar a ele. Porque ele decidiu que me cobiça. Me quer.

Ele não me permitirá fugir, fugir ou procurar uma solução alternativa.

E eu não posso ficar. Não se eu quiser manter Adrian e Kirill longe dele.

A dolorosa decisão bate contra minha caixa torácica com uma realidade esmagadora, deixando-me vazio.

Minhas palavras são quase inaudíveis quando eu sussurro:

— Eu quero terminar.

Um músculo trabalha em sua mandíbula e seu punho flexiona na parede. Eu acho que ele vai mexer a mão, seja para me sufocar ou me agarrar, não sei, mas ele não faz. Em vez disso, permanece ali, tão pétreo quanto a sua presença, como se ele ansiasse por paciência.

— Que porra você acabou de dizer?

— Eu... quero acabar com isso. Seja lá o que for.

Há uma luz maníaca em seus olhos que eu nunca vi antes.

— Hum. Eu não acho que você estava ouvindo, Anastasia, porque eu acabei de te dizer que isso não vai acontecer.

— Você não pode me dizer o que fazer. Eu estou terminando com você. — Meu coração sangra a cada palavra que sai da minha boca, mas estou muito grata pelo meu tom calmo e pela falsa compostura nele contida.

Meu cérebro percebe que esta é a única maneira de protegê-lo. A única maneira de mantê-lo fora do alcance do atirador.

Se ele estiver fora de cena, Adrian não terá nada com que me ameaçar.

Desta vez, a mão de Knox encontra minha garganta, o aperto é forte e inflexível, como se ele estivesse dirigindo suas palavras para casa.

— Você pode terminar comigo o quanto quiser, mas ainda é minha, porra.

31



Knox

Meu humor está uma merda desde ontem.

Desde que Anastasia disse que estávamos terminando.

Não a vejo–pelo menos direito–desde aquele encontro no corredor da firma. Ela não apenas saiu do trabalho depois de lançar aquela bomba, mas também ignorou minhas ligações.

Eu estava a poucos segundos de me transformar em um idiota furioso.

Mesmo assim, pelas palavras de Dan, eu já era um.

Ele convidou Sebastian e eu para jantar em um dos poucos restaurantes que ele aprova. Ele é chique assim, um comedor exigente e nunca come fora, a menos que seja absolutamente necessário.

Eu poderia ter ficado furioso durante todo o jantar, até que eles finalmente se fartaram e me expulsaram por estragar a refeição.

Quando fui ao apartamento dela, Anastasia já estava dormindo enrolada no sofá. Queria acordá-la e continuar de onde paramos, mas não consegui quando vi aquela delicada carranca em seu rosto.

Esta manhã, ela acordou mais cedo do que eu e foi trabalhar. Com toda a preparação que tive que fazer com Sandra, não consegui encontrá-la. E quando finalmente tive a oportunidade durante uma pequena pausa, ela não estava no departamento de TI. Chris mencionou que ela estava com Gwen. Então eu mandei uma mensagem para ela.

Eu: *Encontre-me depois do trabalho ou juro por Deus que isso vai ficar muito feio, muito rápido. Você não quer me irritar mais do que já fez, minha pequena mentirosa.*

Ela não respondeu.

Não que eu esperasse que ela fizesse isso.

O que significa que ela está seguindo o caminho difícil. Um erro estúpido pelo qual ela pagará quando eu terminar o julgamento hoje.

É onde estou agora, no tribunal, mal conseguindo manter a paciência, porque embora eu tenha preparado Sandra, ela está prestes a desmoronar novamente.

Pearce nem sequer sacou as armas grandes ainda, mas um simples olhar para o pai e ela começa a tremer.

— Se você continuar tendo essa reação, isso só vai jogar a favor dele — sussurro para ela. — Você não está aqui para ganhar o caso dele, você está aqui para fazê-lo pagar. Estamos entendidos?

Ela balança a cabeça, funga e lentamente recupera a compostura depois de trocar olhares com Lauren. Meu advogado associado é definitivamente melhor nas questões sentimentais do que eu.

Anastasia também é, mas ela escolheu não estar presente hoje, e isso está fodendo minha cabeça mais do que eu gostaria de admitir. Talvez, como eu, Sandra esteja acostumada com seu apoio silencioso, toques gentis e suavidade natural. Talvez, como eu, ela sinta que está perdendo o equilíbrio e que não vai tropeçar em lugar nenhum.

Balanço a cabeça internamente para me concentrar em Pearce, que estava questionando a esposa de Matt, e madrasta de Sandra, que basicamente tem chamado sua enteada de prostituta nos últimos dez minutos.

— Sua testemunha. — Pearce me dá um sorriso torto que faz seu rosto parecer maníaco.

Ele tem tanta certeza de que vencerá tanto o processo criminal quanto o civil, e ele tem todas as circunstâncias certas para recorrer. Não só o procurador responsável pelo caso criminal não é suficientemente agressivo, como a quantidade de subornos que acontecem nos bastidores é, no mínimo, surpreendente.

Aquele filho da puta do Matt, que está sentado em uma posição relaxada com um sorriso permanente no rosto, parece estar esperando que toda a farsa acabe. E quando isso acontecer, tenho certeza de que aquele bastardo barrigudo e com a cabeça ficando cada vez mais careca fará da vida de Sandra um inferno por simplesmente enfrentá-lo.

Isso é o que bastardos como ele fazem; quando você os enfrenta, ou você tem

que matá-los ou eles cortarão sua cabeça.

A primeira vez que tentei fugir com Teal e mamãe nos encontrou, fomos alvo de flagelações brutais que romperam nossa pele. Aí ela nos trancou em um armário por um dia inteiro, sem comida e sem acesso ao banheiro.

Ela só nos deixou sair quando um "cliente" nos pediu especificamente. Ela então nos deu banho, nos deixou bonitos para seus malditos pedófilos e nos disse que se fugíssemos de novo ela nos mataria e venderia nossos cadáveres. Depois desse incidente, Teal retirou-se ainda mais para dentro de sua concha e mal falou. Eu, entretanto? Eu sabia que se não fugíssemos, aquela vadia nos mataria de qualquer maneira ou nos viciaria em drogas, então nunca teríamos a chance de sair.

Então planejei bem nossa próxima tentativa. Esperei até que a porra da vadia estivesse meio desmaiada por causa das drogas, então dei a ela uma garrafa de água onde coloquei pó para dormir. O mesmo pó que ela colocou na minha bebida quando recebeu pedófilos, porque quando eu fiz oito anos, comecei a brigar, e os filhos da puta não gostaram disso.

— Você já nos amou? — Perguntei a ela quando ela estava meio atordoada, perto de desmaiar.

Nunca esquecerei o rosnado lunático em seu rosto quando ela me agarrou pelos cabelos com tanta força que arrancou alguns.

— Você é maluco? Como alguém pode amar sua galinha dos ovos de ouro?

Ela riu e eu a empurrei com tanta força que ela desmaiou. Foi a primeira vez que fiz isso e me encheu de ondas de adrenalina.

Tanto que agarrei a mão de Teal e saímos. De uma vez por todas, porra.

Então não, o caso da Sandra não é um mero caso. É a chance dela de finalmente se libertar.

Ignorando as tentativas óbvias de Pearce de me irritar, fico de pé, abotoando o paletó.

— Sra. Bell, você disse que conhecia Sandra muito antes de se casar com o Sr. Bell. Isso está certo?

Karen Bell, uma mulher na casa dos quarenta, com estrutura corporal ossuda e cabelos descoloridos, torce os lábios, mas responde:

— Sim.

— Por quanto tempo antes do casamento?

— Três anos, eu acho.

— Você se casou com o Sr. Bell quando Sandra tinha treze anos, então isso significa que você a conhece desde os dez anos, correto?

— Sim.

— Isso significa que você está com a família há um tempo considerável.

— Objeção. — Pearce se levanta. — O advogado não está fazendo perguntas.

— Eu vou.

— Então faça isso, Sr. Van Doren —, diz o juiz, um homem negro de meia-idade.

Concentro-me novamente em Karen.

— A Sra. Bell alguma vez mostrou sinais de abuso naquela época?

Karen torce os lábios novamente.

— Não.

— Nem mesmo quando ela pediu para você levá-la à clínica porque ela estava sangrando antes da menstruação?

— Objeção! Boato.

Continuo empurrando Karen até ela tremer um pouco.

— Nem quando ela implorou e chorou de joelhos na frente do seu escritório e pediu para você ajudá-la porque ela não conseguia andar sozinha? Porque ela tinha sangue na saia e nas pernas e tinha um hímen rompido? O que você fez então, Sra. Bell? Quando uma criança de dez anos estava sangrando porque foi estuprada pelo pai, o que você fez?

— Objeção, Meritíssimo. O advogado está recitando informações infundadas e sem provas.

— Mantido. — O juiz me encara. — A menos que você tenha evidências para apoiar sua reivindicação, vou retirar do registro tudo o que você disse.

— Eu tenho evidências. — Dou um passo para trás, pego o arquivo que Lauren preparou para mim e tento ignorar as lágrimas nos olhos de Sandra enquanto ela os fecha com os de Karen. — Eu gostaria de apresentar como prova o depoimento do Dr. Norman Schmidt, ex-companheiro da senhora Karen Bell, que agora reside na Suíça.

O juiz convoca Pearce e eu para o tribunal e eu lhe entrego o arquivo

enquanto falo em voz baixa, para que o júri não possa ouvir.

— Este é o prontuário médico que o Dr. Schmidt criou quando a Sra. Bell, então Srta. Rens, o chamou à casa do Sr Bell. Ela disse para ele não denunciar e que levar a menina ao hospital não era uma opção. Quando o Dr. Schmidt insistiu em levá-la com ele ao pronto-socorro, a Sra. Bell o expulsou. Incluí também uma cópia do depoimento que ele prestou na delegacia, que o delegado teria "perdido" no mesmo dia. Um dia depois, agentes da Imigração e Alfândega invadiram o escritório do Dr. Schmidt e informaram-lhe que ele estava sendo deportado por acusações acumuladas de negligência médica – que ele não tinha ideia de que existiam até que a Imigração lhe deu uma passagem só de ida para a Suíça.

Pearce faz uma careta enquanto o juiz lê os arquivos.

— O senhor Norman Schmidt é um médico que foi deportado e teve ações de negligência médica movidas contra ele por estuprar duas mulheres, Meritíssimo.

— Dr. Schmidt nunca foi condenado.

— Ele não pode ser interrogado porque está na Suíça, Meritíssimo —, diz Pearce.

— Os registros médicos certificados que ele enviou ainda podem ser usados em tribunal.

Sorrio e o rosto de Pearce escurece instantaneamente.

O juiz olha para nós dois e depois diz a todos os presentes:

— Faremos um recesso para analisar as provas recém-apresentadas.

Enquanto os participantes se levantam lentamente para sair, Matt compartilha uma expressão condescendente e olha para a esposa e ela imediatamente abaixa a cabeça, os dedos ainda tremendo.

Hum. Interessante.

Em vez de enfiar o rabo entre as pernas e pedir ajuda à sua amada máfia, ele caminha até Sandra, cujos olhos se arregalam enquanto seus ombros se curvam.

— Você está cometendo um erro grave, sua pequena e ingrata...

— Mais uma palavra e estou relatando isso, — eu o interrompo enquanto fico ao lado dela, em seguida, olho para Pearce. — Controle melhor seu cliente, certo? Ou isso também precisa ser feito para você, como acontece com todos os casos que você atendeu?

Seus lábios se curvam em um rosnado.

— Isso não acabou, Van Doren.

— Com certeza não. Porque seu cliente acabou de violar a ordem de restrição. — E com isso, Lauren e eu acompanhamos Sandra para fora do tribunal.

— Obrigada — ela sussurra timidamente.

— Não me agradeça ainda. Ainda não terminamos. — Faço contato visual com o promotor responsável, Gerard. Ele esteve presente durante o julgamento, pois está fortemente ligado ao processo criminal.

Suas sobrancelhas estão unidas e ele não parece divertido com as novas evidências que apresentei. Eu poderia ter dado a ele ou discutido com ele antes, mas ele está do lado de Pearce, não do meu.

É por isso que torci metaforicamente o braço dele para que ele olhasse mais a fundo e, pela primeira vez, fosse agressivamente contra Matt.

Ele estreita os olhos para mim e eu pisco.

Isso mesmo, filho da puta. Ou você faz a coisa certa ou a mídia irá se revoltar contra você. Muitas associações humanitárias e de mulheres apoiam Sandra nesta questão. Até o público mudou para o lado dela quando Lauren e eu vazamos com muito tato fotos que Sandra tirou secretamente de sua pele machucada no ano passado.

Ela não queria fazer isso no início, mas depois de uma conversa com Lauren, Sandra concordou.

Foi submetido como evidência e também, mas ainda não há relatório médico que comprove isso. Alguns filhos da puta nas redes sociais até sugeriram que ela poderia ter pago alguém para bater nela. Anastasia costumava invadir metodicamente várias plataformas e excluir esses comentários para que Sandra não os visse.

Ela não contou isso a ninguém, mas uma vez eu a peguei enquanto ela pensava que eu estava dormindo.

Passamos o dia todo no tribunal e é muito chato e exaustivo, ou talvez seja porque estou irritado e tudo que quero fazer é ir para casa.

Não, essa não é a parte que me interessa mais.

É a pessoa que vou encontrar em casa. A mulher que me tem observado a cada passo do caminho e decidiu me expulsar da vida dela.

Isso não vai acontecer.

Nunca.

Não quando ela não está me contando a verdadeira razão por trás disso.

Inferno, mesmo que ela o faça, vamos contornar isso. Não há nenhuma maneira de eu acabar com o que finalmente encontrei.

A luz para minhas sombras.

Claro, não é brilhante ou constante. Porra, também poderia ser confundido com escuridão. Está fraca, mas está lá, a luz que provavelmente tenho desejado desde a primeira vez que a vi.

Desde a primeira vez que coloquei os olhos nela. Eu simplesmente não percebi isso então.

Lauren, Chris e eu voltamos para a empresa para uma breve reunião, mas preciso vê-la primeiro, então digo a eles para começarem sem mim.

Depois de cada dia passado no tribunal pelo caso de Sandra, entro nesse clima sombrio e estranho que faz meu sangue ferver.

E Anastasia é a única que afasta isso.

Não me importa quantas vezes ela me diga que temos que terminar, vou simplesmente recusar até que ela recupere o juízo.

Porém, quando chego ao departamento de TI, ela não está lá. Encontro Gwen descansando em seu posto, bebendo um milk-shake e lendo uma pilha de arquivos que Nate provavelmente deu a ela.

Quando ela me nota, ela solta o canudo na boca.

— Ah, Knox. O que você está fazendo aqui?

— Você viu Jane? — Normalmente tento estar por aqui o menos possível, principalmente porque Anastasia gosta de manter tudo em segredo.

Mas foda-se, ela nunca foi meu segredinho sujo. Gwen estreita os olhos.

— Por que?

— Você não precisa saber.

— Claro que eu faço. Não pense que não notei você andando perto dela, tentando intimidá-la e outras coisas. — Ela se levanta e coloca a mão no quadril, segurando a bebida com força na outra mão. — Eu protejo meus amigos, você sabe.

— E você vai fazer isso com um milkshake? Suponho que este seja o

momento em que devo agir com medo?

— Não com um milkshake. Vou contar ao Nate e ele demitirá você.

— Ele não pode me demitir, Gwen. Sou sócio júnior, então ele terá que primeiro fazer com que o conselho concorde.

— Então ele simplesmente fará isso.

— Uh-huh.

— Você pode simplesmente não intimidar a única amiga que já tive? — Há desespero em seu tom que me faz pausar meus comentários idiotas. Gwen também poderia ser a única amiga de Anastasia.

Ela é tão solitária e acostumada a atuar sozinha.

— Eu não estou intimidando-a, Gwen. — Minha voz suaviza um pouco.

— Como posso ter certeza?

— Porque eu gosto dela.

Nós dois congelamos com isso, eu mais do que ela, porque que porra estou dizendo?

— Ahhh. — Ela sorri. — Essa espreitadela que Jane nunca me contou. Você deve ser o amigo com quem ela está hospedada atualmente.

Então eu me tornei um maldito amigo agora?

— Eu sou. Agora, você pode me dizer onde ela está?

— Ela pegou seu laptop e foi para o quarto andar. Aparentemente, há um lugar onde ela pode se concentrar. Eu não estive lá, mas Jane disse...

Estou saindo antes que ela possa terminar a frase.

— De nada! — Gwen grita atrás de mim.

Não me concentro nela, porque tenho a missão de chegar até Anastasia. Ela deve estar no almoxarifado.

Nosso quarto na empresa.

Não faço ideia por que isso me enche de um tipo estranho de energia.

Quando chego, entro e paro na porta. A luz suave banha o ambiente, o que é diferente de quando costumamos estar aqui.

E o motivo da mudança me dá um soco na cara quando encontro Anastasia sentada entre as pernas de alguém, desabotoando a camisa.

Alguém. Eu não. Alguém.

Tipo, outro maldito homem que está com a mão no braço dela. O homem é Daniel e ele está tocando o que é meu. Minha visão fica vermelha pura e sangrenta.

Vermelho como nunca experimentei. Vermelho como nunca vi antes.

Algo dentro de mim quebra, estilhaça e explode em um milhão de pedaços.

E no meio da dor cegante e lancinante, apenas um pensamento permanece.

A necessidade de machucar, porra.

32



Anastasia

— O que diabos está acontecendo?

Há uma qualidade cortada em sua voz. A voz que eu reconheceria em qualquer lugar. A voz que tem assombrado minha realidade e meus pesadelos.

Levanto a cabeça lentamente, minha garganta seca e minha pele de repente fica gelada. O ar fica mais denso com uma tensão sufocante e minha respiração fica mais profunda, porém mais curta, como se nada chegasse aos meus pulmões.

E não creio que seja apenas pela falta de ar ou pela sua voz áspera e selvagem. É toda a sua presença. A tensão nos ombros, o aperto na mandíbula, as veias salientes no pescoço.

Principalmente, é a luz que lenta mas seguramente está deixando seus olhos dourados. A luz em que sempre encontrei refúgio. A luz que me ancorou quando precisei de algo em que me apoiar.

Já se foi.

O que fica para trás é pior do que a raiva ou mesmo a ira.

Não é nada. Um buraco negro sem fundo que não tem fim à vista.

Daniel me empurra e eu me levanto enquanto ele se levanta, os primeiros botões da camisa ainda desabotoados.

Ele caminha cuidadosamente até Knox.

— Companheiro...

O que quer que ele fosse dizer é interrompido quando Knox enfia o punho em seu rosto com uma força que me faz ofegar.

Daniel cambaleia para trás, segurando o nariz com as duas mãos. Quando ele verifica as palmas das mãos, me inclino e me assusto ao ver gotas de sangue.

— Que porra, Knox? Não no rosto, seu maldito idiota! — Como se não ouvisse uma palavra do que ele disse, Knox avança, provavelmente prestes a terminar o que começou. Eu não sei como faço isso, como recebo coragem para avançar.

Normalmente, eu não me envolvo. Não sou pacificadora nem agitadora de merda. Eu apenas fico no fundo, observando de boca fechada.

Mas acho que essa parte foi eliminada de mim quando comecei a me tornar Jane. Quando minha vida deu um mergulho acentuado em uma direção que não reconheço.

A antiga Anastasia nunca teria se envolvido em brigas, mas a nova eu não pensa duas vezes enquanto deslizo na frente de Daniel, abrindo os braços.

Knox para no meio do soco, com o punho ainda erguido no ar, e ele está respirando com dificuldade pelas narinas, incontrolavelmente uniforme.

— Não — eu sussurro. — Afaste-se.

— Não! Daniel não tem nada a ver com isso. Fui eu quem pediu para ele se juntar a mim aqui. Fui eu quem deu em cima dele, então se você quiser dar um soco em alguém, dê um soco em mim.

— Ninguém deu em cima de ninguém... — Daniel começa.

— Eu fiz. Eu o queria — digo com firmeza na cara de Knox, apesar de sentir algo se partir em um milhão de pedaços dentro de mim.

Me sinto mal por usar Daniel e colocá-lo nesta posição sem perguntar a ele primeiro, mas esta é a única chance que tenho.

O punho de Knox se fecha até que as veias nas costas da mão estouram, e justamente quando penso que ele vai me dar um soco ou estrangular, ele deixa a mão cair para o lado.

Mesmo que ainda esteja bem fechada.

Nós dois estamos respirando pesadamente, sua adrenalina exorbitante passando pela minha, sua raiva arranhando minhas emoções frágeis.

Ele me agarra pelo braço, seus dedos deixando marcas de hematomas em minha pele enquanto ele me puxa para mais perto dele.

— Eu não quero lidar com você agora, então desapareça.

— Por que? Então você pode acabar com o Daniel?

— Isso não é da sua conta, e pare de ficar do lado dele na minha frente antes que eu enfie meu punho em sua traqueia e acabe com sua maldita vida.

— Ai — Daniel diz atrás de mim. — E eu ainda estou aqui, sangrando, muito obrigado a todos por perguntar.

— Você, cala a boca. Estarei com você em um segundo — Knox enuncia entre os dentes cerrados antes de estreitar os olhos para mim. — E você. Vá embora.

— Não. Você não tem o direito de fazer isso. Eu já terminei com você. — Ele range os dentes de trás e inspira longamente.

— Eu nunca concordei com isso.

— Isso não significa que não seja verdade.

— Isso é exatamente o que significa. — Ele me sacode pelo braço, sua voz se tornando gutural e asfixiante. — Você é minha e ninguém toca no que é meu. Não deixe ninguém colocar as mãos em você ou será a última vez que tocarão em alguma coisa.

Minha respiração falha e não é apenas devido à possessividade crua em seu tom, ou porque seu calor quase me derrete. É que sinto suas palavras em vez de apenas ouvi-las.

Eles se infiltram sob minha pele e fluem para minha corrente sanguínea mais rápido e mais espesso que o sangue. Estou sem palavras diante de sua intensidade.

Completa e totalmente indefesa.

Seus dedos cavam mais fundo na minha pele, como se quisessem deixar claro.

— Eu estou falando sério, então não me faça agir de acordo.

— Eu também quero dizer isso. Acabamos. — Pareço calma e serena, embora uma guerra esteja explodindo em meus membros, destruindo-me de dentro para fora.

— Anastasia... — A espessura em sua voz quase me faz desmoronar.

Sou tão fraca por ele, eu percebo. Tão indefesa diante desses olhos dourados que guardam o mundo em suas profundezas. Um mundo em que me reconheço. Um mundo do qual nunca quis sair.

Cada parte de mim me incentiva a explicar, a me jogar em seus braços e chorar.

Mas isso só vai machucá-lo. E a mim.

— Deixe-me ir — murmuro.

— Não nesta porra de vida.

— Deixe-me ir, Knox. Apenas me deixe ir! — Estou a dois segundos de chorar, de arruinar a fachada frágil que tenho usado desde que ele chegou.

— Não vai acontecer.

Daniel dá um passo para o meu lado, ainda limpando o sangue do nariz.

— Ela disse para deixá-la ir.

— Mantenha a boca fechada e envie qualquer mensagem de despedida antes que eu mate você.

— Knox... — Daniel agarra seu braço e balança a cabeça, falando devagar, embora com um tom firme que eu nunca ouvi dele antes: — Deixe-a ir. Você a está machucando.

Não sei como ele percebeu quando eu estava escondendo minha reação, mas suas palavras tiraram Knox de sua névoa. Ele se concentra em onde seus dedos estão cravados em meu braço e me solta com um puxão.

Estremeço, não por causa da dor, mas porque ele não está mais me tocando. Prefiro a dor a perder completamente o toque.

A dor significa que ele está ali, mas a sua ausência não é diferente de ser abandonada.

Daniel funga, o sangue ainda cobrindo seu nariz.

— Você precisa se acalmar, cara.

Knox levanta o punho e dá um soco no rosto dele e ele recua, xingando.

— Porra, Knox. O que diabos há de errado com você? Esse rosto é instrumento de trabalho!

Ele o ignora completamente, sua atenção apenas em mim. Seus olhos castanhos são escuros e ilegíveis, até um pouco assustadores.

— Isso não acabou.

A disputa de olhares continua por mais alguns segundos, ou talvez minutos, antes que ele se vire e vá embora.

Assim que ele sai pela porta, meus pés vacilam e quase caio no chão.

Oh Deus.

É suposto sentir-se tão miserável? Como se algo estivesse destruindo minhas entranhas e deixando-as expostas?

A porta que estou olhando desde que Knox saiu está bloqueada quando Daniel fica na minha frente.

— Você está bem?

Balanço a cabeça internamente e me concentro nele. No sangue que escorre pelo queixo e escorre pela camisa branca e pela lapela da jaqueta.

— Eu deveria ser a única a perguntar isso a você. Eu sinto muito.

— Ele será quem vai se arrepender quando eu o processar por agressão.

— Por favor, não faça isso.

— Você ainda está defendendo-o depois que ele fodeu minha cara? O mesmo rosto que vale milhões de dólares e está na capa de inúmeras revistas?

— Eu realmente sinto muito. Tenho certeza de que ele não quis fazer isso.

— Você deve realmente amá-lo se está se desculpando em nome dele depois de claramente ter partido seu coração.

Uma bola do tamanho do meu punho fica mais espessa na minha garganta.

— É complicado.

— Eu posso ver isso. Ele chamou você de Anastasia e presumo que não seja por causa de algum fetiche em *roleplay* que eu não sabia que ele tinha. Foi por isso que você me pediu para vir aqui? E o que há com essa besteira quando nós dois sabemos que não é verdade?

Mordo meu lábio inferior. Eu realmente não queria que Knox nos pegasse, não que houvesse alguma coisa acontecendo. Só derramei água no Daniel e estava tentando limpar quando Knox entrou.

Daniel passa as costas da mão no nariz antes que sua atenção minuciosa recaia sobre mim.

— Posso não parecer, mas não permito que ninguém me use, especialmente quando se trata de machucar meu melhor amigo.

— Não estou usando você… só queria pedir sua ajuda.

— A respeito do quê?

— A segurança de Knox. Se você se preocupa com ele, não explique essa situação para ele. Deixe-o acreditar que eu fui atrás de você.

— Então ele vai te odiar?

Meus lábios tremem.

— Sim.

— Isso significa que ele também vai me odiar, e não estou disposto a isso. Então você terá que me dar algo mais para continuar com este plano.

Respiro fundo.

— Estou indo embora.

Ele deixa a mão cair para o lado e inclina a cabeça como se eu finalmente tivesse toda a sua atenção.

— Por que?

— Porque sou um perigo para a vida dele e, se eu ficar, ele morrerá em pouco tempo.

Daniel não reage fortemente. Na verdade, ele não reage de forma alguma, o que é de se esperar de um advogado, eu acho. Ele se inclina contra a parede, cruzando os braços sobre o peito.

— Explique com mais detalhes.

— E você vai me ajudar?

— Se o seu objetivo é protegê-lo, eu o farei.

Ok. Eu posso fazer isso. Se há alguém que pode me ajudar a manter Knox afastado, é Daniel. Mesmo que isso signifique machucá-lo no processo.

No entanto, nenhuma dor emocional se compara ao que aconteceria com ele se insistisse em ficar comigo. Surpreendentemente, as palavras não parecem pesadas quando confesso a Daniel:

— Porque meu pai é o líder da máfia russa de Nova York e Knox está sob ameaça por causa disso.

33



Knox

A necessidade de violência não saiu do meu sistema.

Na verdade, está crescendo e se intensificando, apesar de estar no processo de assassinar o saco de pancadas da academia do meu prédio.

Continuo batendo sem parar, imaginando o rosto de Daniel como seu substituto. Ou o rosto de qualquer outro homem que já colocou as mãos nela.

Qualquer um. Todos.

Isso não é normal, não é? Estar à beira da destruição e sentir que vou explodir a qualquer segundo. Não é normal ter impulsos dos quais pensei ter me livrado há muito tempo.

É como ficar no topo de algo alto, abrir os braços e cair, só para poder matar as sombras que giram ao meu redor por todos os lados.

Ou talvez abrir minhas veias para que elas sangrem, para que eu possa impedi-las de sussurrar, murmurar e assobiar em meus ouvidos.

Não tenho esses pensamentos há... anos. Ou talvez eu tenha feito um trabalho fantástico fingindo que eles não estavam mais lá.

Que eu estava bem. Perfeito.

Completamente resolvido sobre o meu passado

Afinal, papai está certo. É impossível fingir que tudo está bem quando não está.

Um incidente, um momento no tempo, é capaz de me fazer recuar para a pior versão de mim mesmo.

A versão que resistiu à vontade de pular ou cortar minhas veias porque não podia deixar Teal. Porque eu era responsável pela minha irmã e abandoná-la era uma traição ao voto que fiz de protegê-la.

Mas ela não precisa da minha proteção agora. Ela não só tem marido e filho, mas posso finalmente admitir que ela está em uma posição melhor do que eu.

Sempre pensei que era sua rocha e âncora, que tinha que ser forte por ela, mas não parei para pensar no quanto aquela força falsa iria corroer as bordas e infiltrar-se por dentro.

É assim que me sinto agora – como se eu estivesse me dissolvendo de fora para dentro.

A cena de Anastasia agarrada a Daniel continua se repetindo no fundo da minha mente, apesar das minhas tentativas de pará-la. Está girando, repetindo e atrapalhando minha respiração.

A maneira como seus lábios se separaram quando ela olhou para ele e se ajoelhou entre suas pernas. Lábios que eram só meus para beijar. Lábios que apenas sorriram para mim.

Mas não mais.

Acabou.

Foi o que ela disse e quando eu não concordei, ela começou a provar isso.

Bato no saco com mais força até que meus dedos e músculos gritam de dor e esforço. Até que minha visão fique turva de suor e uma névoa vermelha.

— Você terminou de matar o saco de pancadas ou devo voltar daqui a pouco?

Minha cabeça vira para o lado e encontro o filho da puta do Daniel casualmente encostado na parede, com as pernas cruzadas na altura dos tornozelos.

Abandono a bolsa e caminho em direção a ele. Graças a Deus o ginásio está vazio, porque está prestes a virar cena de crime.

O suor escorre dos meus cílios e têmporas, e a exaustão de socar o saco diminui lentamente à medida que a adrenalina se move para o primeiro plano.

Daniel levanta as mãos e se afasta.

— Uau, acalme-se, cara. Você está cometendo um erro grave.

— Vou me preocupar com isso depois que acontecer.

Ele continua recuando e eu estou nele, meus passos são mais longos e com intenção.

— Acabei de autenticar um novo testamento que diz que se eu morrer em circunstâncias misteriosas, Knox terá me matado.

— É melhor fazer isso acontecer então.

— Você está sendo um idiota irracional agora.

— Eu sou o idiota irracional? Tem certeza de que não é você? Desde... eu não sei. Foi você quem colocou a porra das mãos nela. Na única pessoa que já chamei de minha. Vamos analisar a porra do motivo, certo? O que foi, exatamente? Ciúmes? Ou talvez seja a sua necessidade constante de sentir algo depois que a paixão do ensino médio partiu seu coração e pisoteou tudo como se fosse mero lixo? É porque a única pessoa que você quis nunca quis você de volta, e isso fez você desenvolver uma fobia de loiras com a qual você ainda luta mesmo quando adulto?

Ele para de recuar, seus ombros ficando tensos e suas feições gradualmente se fechando. A máscara agradável que ele usa para todos desaparece lentamente, permitindo que sua verdadeira imagem seja mostrada.

O filho da puta furioso e amargo que também se odeia. Essa é a única coisa que tínhamos em comum quando nos aproximamos, e não importa o quanto ele tenha escondido esse fato, ainda é uma grande parte de quem ele é.

— Cale a boca, Knox. — Há um aviso em seu tom cortante.

Fantástico. Agora, vamos direto ao assunto.

— Dói, não é? Ser atingido na cabeça pela verdade. Ser lembrado de que você pode ter qualquer mulher menos aquela que você realmente deseja, porque ela só usou você, certo? Você não era nada para ela e sempre será.

Seus punhos cerram ao lado do corpo e espero que ele me dê um soco. Estou esperando que ele dê o primeiro passo para que eu possa derrubá-lo no chão. No entanto, seus lábios se curvam e os buracos em suas bochechas parecem grotescos enquanto ele sorri.

— Assim como você não é nada para Anastasia, você quer dizer? Ela jogou você fora na primeira chance que teve. E adivinha quem ela escolheu? Eu.

Eu me atiro nele e ele está esperando com o punho erguido. Eu soco ele primeiro e ele devolve o soco com a mesma força. Pode ter sido eu quem estava malhando no saco, mas seus golpes são alimentados com tanta adrenalina quanto os meus.

É como se ele estivesse esperando este momento para liberar toda a energia reprimida que está crescendo dentro dele também.

Eu o derrubo no chão, mas antes que eu possa prendê-lo, ele nos rola e me chuta nas bolas.

— Filho da puta! — Amaldiçoo, agarrando a área latejante e olho para ele, porque ele está de pé, ofegante, com os olhos sombreados. — Isso é golpe baixo.

— Assim como trazê-la para essa situação. Faça isso de novo e seu pau vai ser o próximo.

— Não se eu matar você primeiro.

— Pode tentar. Não significa que você terá sucesso.

Eu rastejo até ficar sentado, estremecendo com a dor nas minhas bolas.

O maldito bastardo me pegou bem.

Por mais que eu queira reorganizar suas características e vendê-las em troca de peças, sei que ele quis dizer isso sobre meu pau. Ele pode ser um idiota furioso quando provocado e eu definitivamente fiz isso mencionando seu calcanhar de Aquiles.

Então, a menos que eu quebre o pau dele primeiro, ele virá atrás do meu.

Além disso, é como se toda a energia destrutiva que armazenei dentro de mim estivesse se esvaziando lentamente. Tudo o que me resta é um gosto amargo no fundo da minha maldita garganta.

Eu olho para ele – ou, mais precisamente, olho para ele.

— Apenas me diga por que, Daniel. Porque ela?

— Sem motivo.

— Ou você me conta ou eu juro que vou encontrar a loira do seu passado e transar com ela, depois te mando as fotos. — Eu não faria isso, porque isso significaria tocar outra mulher além de Anastasia, e por mais que eu queira estrangulá-la, não quero nenhuma outra mulher além dela.

No entanto, minhas palavras me deram a reação pretendida. Ele me agarra pela camisa e me levanta do chão.

— Não se atreva, porra.

— Por que? Achei que você tinha esquecido dela, ou isso é outra mentira?

— Vou acabar com a sua vida, Knox.

— Você faz isso enquanto estou ocupado transando com ela até o esquecimento.

— Cale a boca ou eu vou foder Anastasia de verdade.

Estou prestes a dar um soco nele até a morte quando suas palavras são registradas. Ele disse "de verdade", tipo, isso não aconteceu.

— Você não fez nada com ela, não é? — pergunto lentamente, a névoa se dissipando da minha visão.

— Farei isso em cerca de meia hora se você não parar de ser um idiota.

— Como você vai, porra. — Eu fico em pé e o afasto. — Por que você me fez acreditar que algo aconteceu?

— Eu não fiz você acreditar que algo aconteceu. Você mesmo pintou todo esse cenário. Eu lhe disse especificamente que não a procurei, mas você não estava ouvindo.

— Por que ela disse que veio até você?

— Olá? Ela obviamente percebeu que sou um bom partido.

— Daniel, — eu aviso.

— Por que você não pergunta a ela?

— Bem, estou perguntando a você.

— Mesmo se eu soubesse de alguma coisa, por que eu iria contar tudo? Você ganha menos pontos por ser um idiota. Você não apenas acreditou que eu faria tal coisa com você, mas também a mencionou. Nós concordamos em nunca fazer isso.

— O que você esperava que eu fizesse? Você estava mentindo para mim.

— Eu estava cooperando pelo seu maldito bem, mas vá se foder.

— Meu bem? O que isto quer dizer?

— Ela disse que está fazendo isso por você.

— Para mim?

— Isso é tudo que estou lhe dizendo. Você terá que descobrir todo o resto com ela.

Ainda parece errado que ela tenha ido até ele em vez de vir até mim e eu quero dar um soco nele até a morte só por esse motivo, mas respiro fundo para evocar alguma calma necessária.

Anastasia tem muito a responder e muito a aprender, como o fato de que ela não pode ficar do lado de nenhum outro homem além do meu. Ou me dizer que acabou.

Ela pode fazer o que quiser, mas apenas enquanto estiver comigo.

— Onde você a viu pela última vez? — pergunto a Daniel.
— Na empresa, mas eu não olharia lá ou no apartamento dela.
— Por que diabos não?
Ele suspira, longo e profundo.
— Porque ela disse que vai voltar para o lugar de onde veio.

34



Anastasia

Quando saí da casa do meu pai, há dois meses, nunca pensei que voltaria.

Pelo menos, não viva.

Mas aqui estou. Em frente ao portão de metal preto, esperando os guardas abri-lo. Não preciso me perguntar se eles me viram ou não, já que inúmeras câmeras e drones monitoram a mansão.

Se alguém for estúpido o suficiente para pensar em invadir a casa do Pakhan, terá metralhadoras nas têmporas antes que possa piscar.

Os guardas recrutados para proteger especificamente o Pakhan não dependem apenas da tecnologia. Eles possuem inúmeras armas, algumas contrabandeadas da Rússia e outras provenientes de mercadorias que adquiriram de traficantes de armas.

Acabei por ver o cofre de armas uma vez, e apenas porque estava passando por ali quando eles estavam carregando novas armas nele. Aquela coisa lembrava o arsenal de um exército esperando para travar a guerra.

Não será necessário dizer que nunca mais cheguei perto dele.

Assim como a Pequena Senhorita Avestruz, eu fingia que nada disso importava e que não tinha nada a ver com isso. Até que não consegui mais manter a fachada e tive que ir embora.

Mas agora estou de volta.

Agora estou sentada em frente ao enorme portão, olhando para as câmeras piscando. Os guardas já devem ter me visto e contado ao meu pai que a filha que roubou da Bratva e que ele encobriu está de volta.

Não tenho ideia do que está demorando tanto. Não pode ser porque eles não me reconhecem.

Mudei o cabelo e descolori-o de volta ao loiro platinado original e também removi os óculos e as lentes de contato. Eu até usei um vestido rosa suave florido e sapatos de salto alto elegantes–o estilo pelo qual todos me conhecem.

Só assim, Jane desapareceu. Eu a apaguei como se ela nunca tivesse existido.

Deixei minha carta de demissão com o RH e duas cartas diferentes para Gwen e Chris, pedindo desculpas por não ser sincero sobre quem eu realmente sou e dizendo-lhes que é melhor se esquecerem que me conheceram.

Nenhum deles deveria acontecer na minha nova vida, mas aconteceram e, pela primeira vez, percebo que sou capaz de ter amigos.

Doeu deixá-los, mas é para o bem deles. É o melhor.

Estou de volta ao lugar onde sempre pertenci e tolamente pensei que poderia ir embora.

E o pior é que não foi só por isso que fui tão tola.

Há também a crença de que eu poderia ter um relacionamento normal.

Meu peito dói ao lembrar dele, Knox, o homem que me mostrou o mundo, mas eu o deixei com uma amarga traição.

Já faz um dia desde que ele me pegou com Daniel e saiu com aquela carranca de raiva que eu gostaria de poder apagar. Apenas um dia, mas parece uma eternidade, como se eu não o visse há muito tempo.

O fato de ele pensar tão pouco de mim acrescenta insulto à injúria, mas espero que, com o tempo, quando ele perceber por que estou fazendo isso, ele entenderá.

A palavra-chave é esperança.

Dois guardas aparecem atrás do portão enquanto ele se abre lentamente. Eles estão vestidos com ternos pretos e carregam rifles de assalto pendurados nos ombros.

Então alguém passa por eles, mas não é um guarda. Ele é um homem alto e barbudo que sempre me protegeu desde que eu era criança.

Faz pouco tempo desde a última vez que o vi, mas ele parece diferente, até um pouco monstruoso. Não que ele já tenha sido um anjo, mas acho que só o considerei um irmão mais velho. Alguém que não hesitaria em quebrar o braço de alguém e esmagar o rosto de outra pessoa só porque me tocou, mesmo que

acidentalmente.

Mas isso foi antes de eu virar as costas para ele e para a irmandade.

— Oi, Vladimir — eu sussurro, insegura.

— Não me dê um oi. — Ele tem um forte sotaque russo e um olhar que pode servir como uma arma. — Onde você esteve?

Isso significa que Kirill e Adrian não contaram a ninguém sobre meu paradeiro. Isso me dá menos com que me preocupar.

— Por aí.

— Por aí não é um lugar.

— Não era nada importante. Agora, posso entrar ou você vai continuar me interrogando aqui?

Seus lábios se pressionam, e tenho certeza de que ele ainda tem um milhão de perguntas que deseja fazer, mas até ele deve perceber que este não é o lugar para fazê-lo.

— Siga-me — ele grunhe, depois se vira sem esperar para ver se farei o que ele diz.

Meus pés me levam para dentro e meu coração se contrai quando o eco do portão de metal reverbera atrás de mim.

Parece definitivo, como se eu tivesse assinado algum tipo de acordo com o diabo e nunca mais conseguirei escapar.

Os guardas ficam atrás de nós quando entramos no prédio principal. O encolhimento em meu peito piora quando meu olhar pousa na pintura gigante no hall de entrada.

Uma pintura que papai e meu falecido tio–o Pakhan anterior – colocaram aqui para todos os visitantes verem.

O confronto de anjos e demônios em uma batalha feroz é retratado em detalhes crus. Se você olhar de perto, poderá sentir o sangue cobrindo seus dedos e ouvir os uivos de dor no fundo de sua alma.

É uma mensagem indireta que permite que todos saibam o que os espera.

O objetivo é trazer segurança a todos os aliados da Bratva e ainda aterrorizá-los caso pensem em traição.

E me vejo no lado escuro da imagem, aquele que está sombreado pela cor mais clara e incapaz de vencer.

Eu sou o demônio risonho deitado no chão, apertando o peito e engasgando com sangue.

Meus pensamentos ameaçadores são interrompidos quando Vladimir para em frente às portas duplas douradas da sala de jantar, onde papai conduz suas reuniões com os líderes da irmandade.

Reuniões às quais nunca tive permissão de participar.

Minha pulsação dispara e qualquer aparência de calma se despedaça em um milhão de pedaços. Isso significa que papai vai me confrontar na frente de todos? Adrian e Kirill incluídos?

Merda. Eu esperava falar com Adrian primeiro, porque se ele descobrir que eu não cumpri suas ordens, ele não hesitará em tornar realidade sua ameaça sobre Knox.

Antes que eu tenha a chance de hiperventilar, Vladimir abre a porta e eu congelo.

Porque sou atacada por um abraço do nada.

Um abraço caloroso e suave que conheço desde os cinco anos, quando ela prometeu me proteger.

Minha prima, a neta do meu tio, Rai, se afasta para me observar como se eu fosse um soldado que voltou da guerra.

Ela está vestindo um terninho bege e seu cabelo está preso em um coque elegante. É loiro também, mas é um pouco mais escuro que o meu.

Tudo em Rai é mais sombrio do que eu. Quer seja sua infância ou o quão envolvida ela está neste mundo.

— Você está bem? Alguém te machucou? Basta me dar um nome e eu pessoalmente garantirei que eles conheçam seu lugar.

Resisto a sorrir diante de sua superproteção. Ela sempre agiu como meu escudo contra este mundo, mas infelizmente isso nunca foi suficiente.

— Ninguém me machucou, Rai.

Ela se concentra no meu rosto pela primeira vez, uma carranca se aprofundando entre suas sobrancelhas.

— Então onde você estava?

— Ela saiu de boa vontade, como mencionou naquele mísero bilhete que escreveu antes de desaparecer. — A apatia na voz masculina mais velha transforma meu sangue em gelo.

Olho por cima do ombro de Rai e meus olhos encontram aqueles que são idênticos aos meus.

Os mesmos olhos que considerei seguros quando o conheci. Serguei Sokolov.

Mesmo que eu tenha achado seus olhos seguros na primeira vez que o encontramos no parque, eu não queria ir embora com ele, porque isso significava abandonar minha mãe.

Naquele mesmo dia, porém, alguém contou ao meu padrasto que viu mamãe com um homem e ele bateu tanto nela que não consegui mais ficar escondida debaixo da cama.

Procurei no bolso o número dele e liguei para ele. Papai. Implorei-lhe ajuda e ele veio em meia hora.

Mas era tarde demais.

Porque meu padrasto finalmente conseguiu espancar minha mãe até a morte. Nunca esquecerei a cena em que entrei naquela noite.

A cabeça da mãe estava caída para o lado, o sangue respingava na mesa e seus olhos marejados olhavam para o nada.

Meu padrasto estava deitado de costas ao lado dela, com um buraco sangrento entre os olhos.

No meio da cena horrível estava Papai, com uma arma na mão.

Quando ele me viu, escondeu a arma e estendeu a mão para mim. Dessa vez, não hesitei em aceitar.

Porque eu não tinha ninguém além dele. O homem que acabou com o pesadelo que meu padrasto representava, mesmo sendo tarde demais.

Esse mesmo homem agora está olhando para mim com olhos gelados que rasgam minha alma. Ele é muito mais velho do que naquela época. Seu cabelo embranqueceu e surgiram rugas ao redor dos olhos.

Mas nenhuma idade pode tirar o assassino dele. Nenhuma quantidade de mudanças pode negar o quão poderoso ele é.

Os Sokolov nasceram para fazer grandes coisas, ele me disse quando eu era jovem, mas não creio que ele quisesse usar minhas habilidades para roubar da irmandade.

Ando lentamente até ele e pego sua mão para beijar as costas da forma como todos devem cumprimentar o Pakhan, mas ele vira o rosto para longe de mim em clara rejeição.

Minha mão trêmula cai ao meu lado e eu engulo em seco.

— Você tem algumas explicações a dar — diz ele sem mascarar a frieza em sua voz.

— Tio-avô... — Rai começa em um tom apaziguador. — Ela acabou de voltar.

— Quando ela não deveria ter ido embora em primeiro lugar.

Vladimir fecha a porta e a tranca, prendendo nós quatro lá dentro, então começa a inspecionar o quarto, em busca de escutas, presumo.

Todos permanecemos em silêncio até que ele termine seu exame completo e acene para que prossigamos.

É papai quem diz:

— Você tem um minuto para explicar por que roubou fundos da V Corp e desapareceu.

— Sinto muito — sussurro, abaixando a cabeça. — Eu não pensei que vocês três iriam me encobrir.

— Então o que você achou? Que eu pintaria minha própria filha como uma criminosa e correria o risco de perder a posição de líder? Eu disse ou não que você precisava pensar sobre quem você é antes de fazer um único movimento? Não se trata mais apenas de você. É sobre o nome Sokolov. Então por que você não nos conta o que o fez traí-lo?

— Eu não te traí…

— Você saiu com fundos e sem contar a nenhum de nós. — Vladimir cruza os braços. — Essa é a definição de traição.

— Não foi isso que eu pretendia.

— Então o que você pretendia? — É Rai quem fala, com a voz mais suave, mas não menos firme que a de Vladimir. — Conte-nos, Ana.

Soltei um suspiro.

— Eu queria proteger *Babushka*.

Rai franze a testa.

— Você não tem avó.

— Eu tenho. Ela não é minha avó verdadeira, mas me criou e me protegeu. Mas papai a expulsou de volta para a Rússia, onde ninguém pode ajudá-la, porque ele disse que ela é uma má influência. Ela tem demência e está sofrendo,

mas ele me proibiu de vê-la, então tive que bolar esse plano. — Não perco a maneira como falo sobre meu pai na terceira pessoa, na presença dele.

Não consigo nem olhar para ele, porque sei que sua ira não será fácil de controlar.

— Por que você não me contou? — Rai pergunta.

— Eu queria, mas você estava tão ocupada com seu casamento e a Bratva, e eu não pude acrescentar mais nada. Além disso, eu queria fazer algo sozinha pelo menos uma vez, em vez de sempre depender de você.

— Isso foi uma tolice, Anastasia. — Vladimir sai da porta, seu corpo ocupando metade do espaço. — Mesmo que tenhamos coberto você e devolvido os fundos de nossos próprios bolsos, Adrian descobriu o que você fez e isso quase custou a posição e a vida de seu pai. A nossa também. Ele conseguiu um grande favor do Pakhan em troca de não te machucar ou expor o que você fez.

Minha cabeça se agita.

— Eu... não pensei que chegaria a esse ponto. Eu sinto muito.

— Desculpas não consertam o que já está quebrado. — Papai ainda não está olhando para mim, com o rosto fechado e a expressão sombria. — Você não sairá de casa até receber mais instruções.

— Mas…

— Isso é definitivo.

— Por favor, não machuque Babushka. Por favor.

— Isso depende de como você agirá de agora em diante. — Papai olha para mim e eu gostaria que ele não tivesse feito isso. Ele parece muito mais velho, muito mais triste. — Você me desapontou, Anastasia.

Ele se levanta e sai, e eu finalmente solto as lágrimas.

Lar doce lar.

35



Anastasia

Já se passaram três dias desde que voltei para a casa do papai e parece que passaram dois meses.

Talvez dois anos.

Estar no desconhecido sobre o destino de Babushka e meu destino está me matando lentamente. Rai prometeu que não deixaria ninguém machucá-la, mas nem ela tem voz quando papai decidir como as coisas vão acontecer.

Não tenho acesso ao meu telefone, o que previ, e joguei fora aquele que usei como Jane, para que ninguém possa recuperá-lo. Além disso, como papai descobriu que consegui todos esses fundos através de hackear os sistemas, ele fez com que Vladimir confiscasse meu laptop também.

Então estou meio isolada do mundo, mas descobri uma forma de acompanhar o caso da Sandra, e é da forma mais tradicional possível. Televisão.

Não quero assistir no salão principal, já que qualquer um pode entrar, então entro nos aposentos dos funcionários.

Uma conversa distinta em russo chega até mim da cozinha, onde muitos guardas sentam-se para lanches ou refeições.

Entro na sala ao lado e deixo a porta entreaberta para poder continuar ouvindo o barulho de suas vozes. Quando eles pararem de falar, saberei que preciso ir embora. A última coisa que quero é que eles relatem minha fuga para Vladimir. Ou pior, papai.

Ele realmente me trancaria no meu quarto desta vez.

Ligo a TV e vou até o canal de notícias local, mantendo o som o mais baixo

possível.

Meu coração bate forte quando imagens do caso Bell preenchem a tela. Sandra é assediada por repórteres, mas Knox sozinho os afasta dela e diz que sua cliente não tem declarações a fazer. Isso foi durante a audiência de ontem. O repórter diz que eles estão encurralados e que o depoimento de uma testemunha importante da Suíça muito provavelmente será rejeitado.

Isso deixa o lado de Sandra com menos opções e sua missão começa a parecer impossível.

Meus pés tremem e preciso de todas as minhas forças para permanecer de pé. Eu sei, só sei que a Bratva tem algo a ver com isso.

Não importa que eu tenha saído, Kirill e principalmente Adrian não vão parar até conseguirem o que querem.

Aperto "pause" na foto que mostra Knox agarrando Sandra pelo cotovelo enquanto ele e Lauren a guiam para longe da multidão.

Está um pouco embaçado, mas posso ver cada linha de seu rosto e o corte de sua mandíbula. Posso até ver a carranca em sua testa e aquele olhar perturbado em seus olhos. Meus dedos trêmulos alcançam a tela e eu os passo por seu rosto, demorando-me em sua bochecha e boca.

Deus, eu sinto falta dele.

Sinto falta dele como nunca senti falta de ninguém antes, e saber que essa dor nunca vai desaparecer estilhaça os ossos da minha caixa torácica e os crava no meu coração.

Ao olhar mais de perto para ele, percebo que algo está errado. Não sei se é o quão escuros são seus olhos ou quão rígido ele parece, mas está lá e não consigo desviar o olhar.

A necessidade de descobrir o que está errado e melhorar as coisas me oprime. Mas o que posso fazer quando estou em prisão domiciliar?

— Então esta é a razão pela qual você voltou.

Meu corpo fica rígido com aquela voz familiar. A conversa dos guardas da sala ao lado ainda continua, então pensei que estava segura.

Mas nunca poderei estar a salvo de Adrian. Eu lentamente me viro para encará-lo e ele está encostado na parede, olhando para mim e para a tela da TV como se já estivesse aqui há algum tempo. Talvez desde que cheguei aqui.

Eu não o senti. Eu não conseguiria, mesmo que tentasse, porque ele se move

silenciosamente e age secretamente.

Mas, aparentemente, perdi toda a aparência de medo, porque ando em direção a ele.

— É você quem está por trás disso?

— Atrás do quê?

— Fazê-lo perder.

— E daí se eu estiver? Na verdade, da última vez que verifiquei, você deveria ter sido nossa espiã na Weaver & Shaw. Em vez disso, você decidiu voltar sem me informar. Isso não é muito ousado da sua parte?

— Eu não vou deixar você me usar contra ele. Nunca.

— Isso significa que você não se importaria se o resto da irmandade descobrisse o que você fez?

— Eu não ligo. Papai já está me punindo, então se houver outra punição que eu tenha que levar, eu o farei. Sim, roubei da V Corp, mas só para proteger a minha *babushka*. Ela me criou e me deu o carinho que ninguém mais deu, então eu não iria abandoná-la na velhice.

Algo brilha em seus olhos – um brilho, um reconhecimento, ou talvez seja uma compreensão. Agora que penso nisso, Vladimir uma vez me disse que Adrian tinha um relacionamento melhor com sua madrasta do que com sua mãe biológica quando ele era jovem.

Então ele deve saber como é ter esse tipo de vínculo com alguém que não é seu parente de sangue. Em vez de seguir o caminho agressivo, forço meu corpo a relaxar. — Adrian... por favor, não faça isso.

— Fazer o que?

— Deixar um predador sexual escapar impune de seus crimes. Mesmo que Matt tenha valor comercial, ele ainda cometeu um crime pelo qual precisa ser punido.

— Ainda não está provado.

— Pode e será. Tudo o que peço é que pare de interferir e verá a justiça seguir seu curso.

— Você ainda acredita nesse conceito vazio?

— Não é vazio.

— É sim. Você é uma sonhadora incurável, Anastasia, e tenho um conselho para você. Esmague esses sonhos vãos ou eles acabarão por esmagá-la. Não há

espaço para eles neste mundo.

— Você não acredita nisso, ou não teria se casado com Lia.

Um músculo se contrai em sua mandíbula ao ouvir a menção de sua esposa, mas não paro.

— Ela também é uma sonhadora, certo? E você gostou disso nela, ou não teria ido contra todos e escolhido ela.

— Pare — ele resmunga. — Trazer minha esposa para a conversa não lhe dará nenhum ponto extra. Na verdade, isso irá deduzi-los.

— Tudo bem. Tome isso como se eu estivesse implorando e pare de se intrometer, Adrian. Por favor.

— Digamos que eu concorde com isso. Você acha que seu pai vai deixar isso passar? Ele não acredita em justiça mais do que eu.

— Sim ele faz. Ele matou meu padrasto porque matou minha mãe.

— Isso não foi justiça. Foi uma vingança a sangue frio. — Ele faz uma pausa. — Mas o problema é o seguinte: se você convencer Sergei a interromper Matt, eu recuarei.

— Realmente?

— Sim. Também posso esquecer toda a bagunça que você fez ao roubar da V Corp se você fizer outra coisa por mim.

Minha garganta fica seca de repente, mas pergunto mesmo assim:

— Que tipo de coisa?

— Não tenho nada em mente agora, mas se eu precisar de seus serviços de *hacking* no futuro, você os fornecerá. Sem perguntas.

Isso pode variar de uma operação leve a algo absolutamente perigoso, mas não me importo. Pelo menos Adrian estaria ao meu lado, e ele é um dos melhores aliados que eu poderia ter. Ele pode muito bem ser o mais mortal por aqui e eu tenho que ser inteligente ao ficar do lado dele.

— De acordo. — Eu ofereço minha mão.

Ele sacode com uma leve contração nos lábios.

— Boa sorte em convencer Sergei.

— Achei que você não acreditasse em sorte.

— Eu não, mas se existe tal coisa, você vai precisar de muita. — Ele está certo, eu vou.

Mas em vez de apenas sentir intimidação, uma sensação de determinação toma conta de mim.

Posso não ser mais Jane, mas também não sou a fraca Anastasia que abaixou a cabeça e seguiu o fluxo.

Desta vez, farei uma mudança.

***

Decidir algo e realmente fazê-lo são completamente diferentes. Passo o dia inteiro andando de um lado para o outro e evitando o confronto com Papai.

Então, basicamente estou me escondendo para bolar um plano. Rai está trabalhando, então não posso nem pedir reforços a ela.

Vladimir está um pouco bravo comigo por ter desaparecido, não que eu o culpe. Mas mesmo que não fosse, ele é leal demais ao papai para tomar o lado de qualquer outra pessoa ou o meu em detrimento do dele.

Enquanto penso na melhor maneira de abordar o assunto, ouço uma batida na minha porta, me assustando. Fico surpresa ao encontrar o guarda sênior do papai parado ali como uma parede impenetrável.

— Você precisa de algo? — Eu pergunto em russo, já que esse é o único idioma permitido nesta casa.

— O Pakhan está perguntando por você.

Os nervos que eu achava que tinha sob controle vieram à tona. Limpo as mãos úmidas no vestido floral e sigo o guarda pelo corredor.

Por que ele está perguntando por mim quando me tratou como se eu fosse invisível nos últimos três dias? Ele até se recusou a fazer refeições comigo e eu fingi que isso não me machucou.

Rai me disse que eventualmente mudaria de ideia, mas não achei que ele faria isso tão rápido.

O guarda abre a porta do escritório do meu pai e se afasta para eu entrar.

É vasto e tem estantes altas que se estendem do chão ao teto. Sempre tive receio em relação a esse lugar. Sempre foi feito para negócios e para arruinar a vida das pessoas. Meus movimentos são cuidadosos quando entro, minhas mãos estão mais suadas do que antes. Antes que eu possa limpá-los no meu vestido, como sempre, sou pega de surpresa pelo homem sentado em frente ao papai.

Seu cabelo escuro está despenteado, como se ele não se importasse nem um

pouco em escová-lo quando saiu da cama esta manhã. Não só isso, mas os primeiros botões de sua camisa branca também estão desabotoados. Não me lembro da última vez que ele usou um terno completo ou um paletó. Ele é robusto, um rebelde absoluto e extremamente volátil.

Damien Orlov.

Um dos quatro reis que reinam sobre a Bratva, o mais jovem de todos e o mais violento.

Sem brincadeiras. Já ouvi histórias horríveis sobre ele desalojando a cabeça de um homem dos ombros com as próprias mãos. Também o testemunhei fazendo uma onda de assassinatos no casamento de Rai, como se estivesse em uma competição de "quem mata mais".

Aqueles com tendências violentas e uma sede de sangue potente como ele são um curinga. É por isso que Vladimir e Rai o monitoram para que ele não fique fora de controle.

Papai sempre desconfiou de seu potencial, apesar do que faz pela Bratva. Todos dentro e fora da organização o chamam de azarão e não são palavras vazias.

Encontrá-lo sozinho com papai é uma surpresa, para dizer o mínimo. Ele geralmente está brigando com Kirill ou flertando com Rai – pelo menos tentando, porque ela só tem olhos para o marido. Parando perto da entrada, pergunto:

— Você perguntou por mim, papai?

Ao ouvir minhas palavras, Damien me encara com uma carranca.

— Por que ninguém me disse que você estava de volta? Achei que você preferia a Rússia e a porra do frio a Nova York. Não é mais esse o caso, Nastyusha?

Eu engulo, limpando a garganta. Somente as pessoas próximas a mim me chamam pela versão carinhosa russa do meu nome. Ou seja, Babushka, Rai e Papa – quando ele não estava bravo comigo. Mesmo Vladimir nunca o usou.

Mas Damien me informou uma vez que ele vai me chamar do mesmo jeito que Rai e eu terei que lidar com isso.

— Ela voltou para onde ela pertence. — É meu pai quem responde antes de inclinar a cabeça para a cadeira em frente a Damien.

Aproximo-me deles com cuidado e sento-me, perguntando-me por que ele

nos tem aqui, se isso nunca aconteceu antes.

— Isso é bom e tudo, mas por que você perguntou por mim logo pela manhã, Pakhan? Eu meio que preciso do meu sono de beleza depois de matar cinco filhos da puta ontem à noite... ou eram dez? Perdi a conta com todos os gritos e súplicas.

— Já é quase tarde, não é manhã — diz papai.

— E daí? Já faz um tempo que você não entra em campo, mas deixe-me dizer, leva algum tempo para recarregar antes da próxima matança, Pakhan. Então me faça um pequeno favor e seja rápido.

Olho para papai, mas ele não parece zangado. Damien é provavelmente o único que consegue ser insolente com todos, incluindo seu próprio Pakhan.

Ok, todos menos Kirill. Eles estão sempre na garganta um do outro.

— Eu só preciso que você concorde com algo e então você poderá voltar a dormir, Orlov.

— Considere isso feito — Damien diz com firmeza.

— Bom. Então você se casará com minha filha daqui a um mês.

Um arrepio passa por mim e meu coração encolhe na caixa torácica.

Sempre soube que papai queria me casar dentro da Bratva. Rai assumiu a responsabilidade por mim uma vez e se casou com seu ex-inimigo, mas ela não conseguiria fazer isso todas as vezes. Mais cedo ou mais tarde, papai me casaria com quem ele achasse mais adequado, o que é parte do motivo pelo qual fui embora.

Só não queria ficar nesta vida para sempre, apanhada no meio da violência, dos tiroteios e das traições.

Mas enquanto olho para papai, sei que meu destino está selado, porque ele já tomou uma decisão sobre este casamento e não tenho nada a dizer sobre isso. Ao contrário de mim, porém, Damien não se intimida. Na verdade, ele parece entediado.

— O que há com todo mundo me casando? Eu não sou material de marido da última vez que verifiquei... Ou sou?

— Apenas faça.

— Não posso.

— Por que não? — Papai pergunta.

— Porque Rai me casou com alguma princesa da Yakuza e eu poderia ter

dado minha palavra ao pai dela de concordar com isso. Bem, eu bebia vodka demais naquela época, então não me lembro dos detalhes, mas Abe já está agindo como se eu fosse genro dele.

— Eu nunca concordei com esse casamento, então considero o acordo nulo e sem efeito. Você vai se casar com uma russa.

— Tudo bem, mas você vai tirar Abe do meu pé. Ele é um pouco pegajoso, então boa sorte com isso.

— Deixe para mim. Eu cuidarei disso.

— Espere um minuto. — Damien me encara, sua expressão ficando séria. — Tenho uma pergunta muito importante a fazer primeiro. Você bebe vodka?

— Um pouco.

— Melhor que nada. Agora, se você não precisar de mim, estou fora daqui. E, Pakhan, faça um favor a nós dois e só me ligue à noite de agora em diante. — Ele começa a sair, depois se inclina para sussurrar para que só eu possa ouvir: — Vou lhe dar uma chance de arruinar esse casamento antes que eu arruíne você, Nastyusha.

Então ele se levanta e me dá um sorriso sádico antes de sair pela porta tão preguiçosamente quanto um gato preto gigante.

— Comece a se preparar para o casamento — papai diz assim que a porta se fecha atrás de Damien.

— Papai, por favor. Sei que você está bravo comigo e que fiz algo imperdoável, mas você não precisa fazer isso.

— Pelo contrário, eu deveria ter feito isso há muito tempo. Se eu tivesse, você não teria tido a chance de ser uma ladra e uma traidora.

— Eu não apunhalei você pelas costas, papai. Eu só estava cuidando da mulher que cuidava de mim quando você não estava lá, quando você nem sabia que eu existia e eu tive que me esconder do meu padrasto para que ele não me batesse com o cinto.

— Então você está me culpando agora? Tenho culpa por tirar você dessa vida? Por lhe oferecer um melhor?

— Não está melhor, papai. Não posso... não posso viver em meio ao perigo o tempo todo. Não posso ficar alerta e evitar o mundo exterior porque posso ser atacada a qualquer momento. Posso sobreviver na primeira ou na segunda vez, mas e o resto da minha vida? E quando você partir e eu me tornar um alvo ainda

maior?

— Você não será um alvo se se casar com Damien. Todo mundo está com muito medo dele para sequer pensar em atacá-lo.

— Eu não quero, papai. Por favor.

— Então o que você quer? Um certo advogado que está contra nós no tribunal?

Meus lábios se separam.

— Como... como você sabe sobre ele?

— Adrian me contou tudo.

Claro, Adrian jogaria nos dois lados. Fui tola em acreditar que ele não faria isso.

— Eu também ouvi que você quer que ele ganhe. — Sua expressão fica fechada. — Contra nós.

— Ele está defendendo uma vítima de abuso físico e sexual, papai, assim como minha mãe fez. Se ela significou alguma coisa para você, se eu significo alguma coisa para você, por favor, pare de interferir. Você matou um agressor uma vez. Não deixe este andar livre.

— Então você quer que eu pense que você está fazendo isso pela garota, não tenho certeza... — ele para, olhando para um arquivo à sua frente. — Knox Van Doren.

Algo me corta por dentro ao pensar que papai já tem um arquivo sobre ele. Foi Adrian de novo? Ou talvez Kirill?

— Ele não tem nada a ver com isso — murmuro.

— É melhor que não ou será um dano colateral.

— Papai, não... por favor.

— Ele não é o que você pensa, Nastyusha.

— O que você quer dizer?

— Este caso é pessoal para ele.

— Como poderia ser pessoal? Ele não conhece Sandra nem Matt.

— Não, mas ele conhece bem as circunstâncias de Sandra, já que ele próprio passou por algo semelhante. Meu pessoal teve muito trabalho para me conseguir essa informação, já que seu pai adotivo praticamente a enterrou, mas ele não poderia ter escondido de mim.

— Do que você está falando, papai? — Percebo que estou tremendo, com os dedos entrelaçados e o suor se acumulando entre as sobrancelhas. — De que informação você está falando?

— A mãe dele era prostituta e viciada em drogas.

— Ele já me disse isso.

— Ele também te contou que quando o corpo dela não tinha mais valor, ela prostituiu os dois filhos para pedófilos?

Eu suspiro, minhas mãos cobrindo minha boca. A informação que papai acabou de revelar casualmente bate contra minha caixa torácica e a abre.

Apesar das minhas tentativas de rejeitá-lo, de dizer a ele que não é verdade, muitas peças do quebra-cabeça se encaixam. Por exemplo, como Knox não gosta de fazer sexo de frente, a superproteção de Teal e, especialmente, sua rigidez desde que conheceu Sandra.

Achei que fosse ele sendo um idiota, mas deve ter sido porque ela o desencadeou de alguma forma. Porque a história dela trouxe lembranças terríveis do passado dele.

Oh Deus. Eu não tinha noção. Tão sem saída.

— Ele não é para você, Anastasia.

Minha boca se abre enquanto olho meu pai bem nos olhos.

— E o homem que mata uma aldeia para jantar é? Que tipo de lógica é essa, papai?

— Damien irá proteger você.

— Ele não vai se importar comigo o suficiente para me proteger. No futuro, ele pode se tornar como do meu padrasto. O homem cujo arquivo você tem à sua frente, entretanto, o faz. Mesmo quando menti para ele e escondi minha identidade, tudo o que ele fez foi cuidar de mim.

— Um estranho está fora de questão.

— Rai se casou com Kyle e ele é britânico.

— Kyle pode ter sido criado na Inglaterra, mas ele não é um estranho. Seu pai é um dos nossos líderes.

— Mas…

— Minha decisão é final. Não me faça me livrar dele.

— Papai!

— Faça o que você disse, Anastasia. Case-se com Damien e corte qualquer relação com esse advogado e eu o pouparei. Vou até parar de apoiar Matt.

Uma lágrima desliza pelo meu rosto porque a decisão que terei que tomar vai me queimar viva.

36



Knox

Uma rodada de aplausos me cumprimenta assim que entro no escritório. Até Lauren e Chris se afastam e se juntam aos outros na saudação comemorativa.

Estão presentes todos os sócios seniores e juniores, além de todos os advogados assistentes e até mesmo os estagiários.

Nate e Aspen estão na frente de todos, com o que parecem ser expressões de orgulho. O sócio-gerente da W&S vem em minha direção e me agarra pelo ombro com um pequeno aperto.

— Você está dizendo isso como se eu tivesse uma chance de perder.

— Você fez. — É Aspen quem fala com uma leve elevação nas sobrancelhas. — Na verdade, você pode ter tido sorte no final.

— Virar a testemunha da defesa contra ele não é uma sorte, Aspen. É trabalho duro. — Embora a sorte possa ter desempenhado um pequeno papel nisso. Nossa evidência não foi rejeitada como pensávamos que seria. Além disso, Karen, a madrasta de Sandra, me visitou tarde da noite para me dizer que queria compensar seu erro.

A expressão no rosto de Matt foi impagável quando ela testemunhou a favor de Sandra por toda a merda que ela testemunhou ao longo dos anos.

Pearce nem estava tentando salvar nada no final e meio que deixou Matt cair sozinho. Exigi toda a sua fortuna como compensação, mas só consegui sessenta por cento, e Sandra acabou de anunciar à imprensa que doaria a maior parte para organizações de mulheres e crianças, na esperança de ajudar pessoas como ela. Agora, o promotor está pressionando mais pelos criminosos desse último caso.

Ele deu a Matt um acordo judicial para pegar 25 anos de prisão ou não apenas o acusará de um crime de Classe B, mas também arquivará cada caso de agressão física separadamente.

Exigi isso do promotor depois de me encontrar com ele ou o teria arrastado diante da mídia. Eles são meus fãs, Sandra e Lauren, e iniciaram um movimento chamado *#SaveSandra*, então se eu convocasse uma coletiva de imprensa e o acusasse de negligência, ele teria recebido uma grande reação negativa.

Então ele decidiu fazer a coisa certa. Pela primeira vez em sua maldita existência podre.

Ainda acho que vinte e cinco anos de prisão é pouco para tudo o que Sandra sofreu, mas é melhor do que a alternativa.

Embora ela ainda tenha um longo caminho pela frente, este é um bom começo.

Apesar do meu alívio com o resultado, a sensação de alegria que pensei que sentiria é inexistente. Está turvo por uma sombra que fica pairando sobre minha cabeça.

Uma sombra tão grande e espessa que não consigo ver através dela.

Eu não deixo nada aparecer no meu rosto, no entanto. Sorrio e recebo os parabéns dos outros com minha arrogância habitual, enquanto tudo que quero é desaparecer no ar.

Quando finalmente chego ao meu escritório, jogo meu peso no sofá e fecho os olhos. Minhas mãos se fecham na minha coxa em sincronia com meus batimentos cardíacos altos.

Posso ter vencido hoje, mas algo está errado. Ou melhor, algumas coisas.

Primeiro, a apatia de Pearce. Em segundo lugar, a atmosfera geral na sala do tribunal. E por último, mas não menos importante, a forma como tudo se encaixou sem qualquer interferência.

É quase como se Matt tivesse sido abandonado pela multidão, o que explica seu rosto pálido antes mesmo de perder. É como se ele tivesse uma premonição sobre o que iria acontecer e apenas esperasse que o outro sapato caísse.

Há uma batida na porta do meu escritório e abro os olhos quando Daniel entra.

Já se passou uma semana desde o dia em que quase bati nele até a morte, mas em vez de nos dar o espaço que ambos precisamos, ele está lá como um espinho

na minha lateral, um espinho que fico tentado a dar um soco toda vez que o vejo.

— Vejo que parabéns estão em ordem. — Ele sorri, sentando-se na cadeira à minha frente.

— Você, vai se foder.

— Tem certeza? Achei que você gostaria de ouvir o que Anastasia me contou naquele dia.

Eu me sento mais ereto, todos os ossos do meu corpo ficam atentos à menção do nome dela. É apenas o nome dela, mas ganhou uma presença, uma presença forte, e está cortando meu peito e fodendo meus órgãos.

Durante uma semana inteira, não consegui viver bem. Cada inspiração é preenchida com a sufocante falta de sua presença. E cada expiração é sufocada pelo vazio que ela deixou para trás.

Sempre que olho, não há sinal de seu sorriso suave e presença pacífica. É como se ela nunca tivesse estado lá.

Mas ela estava.

Cada centímetro de mim se lembra de seu doce perfume, de sua pele delicada e de como ela se sentia bem em meus braços. Cada centímetro de mim se lembra dela, seja como Anastasia ou Jane, não importa. Ela sempre foi apenas uma pessoa para mim.

E me acostumei com ela mais do que gostaria de admitir. Acostumei-me tanto com ela que minha vida parece disfuncional desde que ela se foi.

A situação ficou tão ruim que senti o cheiro do xampu com aroma de laranja que ela deixou para trás em uma tentativa infrutífera de recriar sua presença.

Escusado será dizer que foi inútil e, depois disso, quase perdi a cabeça tentando encontrá-la.

Procurei por ela em todos os lugares. Eu a persegui e até contratei um detetive particular para procurá-la.

Não só isso, mas eu estava no caso de Chris e Gwen, já que eles eram próximos dela, mas mesmo eles não tinham ideia de para onde ela foi. No entanto, ela deixou bilhetes para eles, onde ela se desculpou e disse que cuidou deles bem.

Não recebi tal nota.

E posso ter sido extremamente duro com Chris sem motivo aparente naquele dia.

Então, depois de sua deserção completa, esta é a primeira vez que posso ter uma pista, mesmo que venha do pequeno bastardo, Daniel.

— Desembucha — eu digo.

— Repita isso novamente e adicione um "por favor".

— Foda-se, Dan. Agora, fale.

— Você é um idiota e um idiota arrependido. Eu só quero divulgar isso.

— A qualquer momento.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Você também percebe que houve algo errado com sua vitória, não é?

— Como você sabe disso?

— Qualquer pessoa que tenha acompanhado o caso de perto saberia que Matt não é mais o garoto favorito da Bratva e se você acha que isso aconteceu por coincidência, você está errado. Na verdade, a última pessoa que você esperaria ajudou você.

— De quem você está falando?

— Anastasia.

— O que ela tem a ver com isso?

— Ela me pediu para não contar a você, já que você estava em perigo, mas não vejo por que deveria esconder isso de você agora.

— Manter o quê em segredo? E pare com a besteira de suspense.

— Ela é uma princesa da máfia. A filha do líder da máfia russa em Nova York, para ser mais específico.

A informação deveria me tirar do meu eixo, mas isso não acontece. Na verdade, as peças do quebra-cabeça se juntam lentamente.

Seja pela maneira como ela fugiu de seu passado e o evitou ou como ela não queria falar sobre sua família. Há também a transformação e a maneira como ela parecia inocente, mas perigosa naquele primeiro dia.

Tudo isso.

Ela era uma mulher com bagagem desde o início e eu sabia disso. Acho que realmente caí nessa em algum momento.

Portanto, descobrir que ela tem ligações com a máfia faz todo o sentido. O guarda que a seguiu também faz sentido. O fato de Daniel não ter conseguido encontrar nada sobre ela quando fez uma verificação de antecedentes também é

plausível. Ele deve ter feito uma busca superficial, mas mesmo que cavasse mais fundo, ela tinha as habilidades para esconder seus esqueletos.

Afinal, aquela mulher tinha uma vida dupla.

— O que você quer dizer com eu estava em perigo? — pergunto a Daniel.

— Você estava bisbilhotando os negócios da Bratva e machucando seu associado, então os superiores ameaçaram ela com sua vida. Eles até disseram para ela te trair, mas ela escolheu a terceira opção.

— Voltar para eles. — Não digo isso como uma pergunta, porque sei que foi isso que ela fez.

Ela me machucou de propósito com toda aquela coisa com Daniel para que eu a esquecesse e não procurasse por ela.

Bem, a porra da piada é dela porque eu nunca vou deixá-la ir. Nem mesmo se eu tiver que entrar de cabeça no mundo dela.

Daniel levanta o ombro.

— Ela não me contou isso, mas presumo que sim.

— O que mais ela te contou? Não deixe nada de fora.

— Que eu deveria ficar de olho em você, que não deveria ficar bravo quando você se tornar um idiota, e que você tem boas intenções. — Ele bufa. — Ela acreditava em você mais do que você mesmo e não parecia se importar com o próprio bem-estar, desde que você estivesse bem. Devo dizer que você é um sortudo filho da puta por ter encontrado alguém como ela.

Eu sou.

Eu sou, porra.

E agora, tenho que levá-la de volta para onde ela pertence.

Ao meu maldito lado.

37



Anastasia

Papai está me dizendo para me preparar para meu noivado, dizendo que isso acontecerá em breve.

Ele até me leva com ele para festas organizadas pela Bratva e seus aliados.

Como hoje. Ele deu uma festa do nada para comemorar o reavivamento da nossa relação com os italianos. Algo que Adrian, o lobo astuto, fez acontecer.

Nem será preciso dizer que a nossa casa está repleta de convidados de todas as diferentes facções e até mesmo de empresários que a Bratva considera amigos. A maioria deles são russos, mas aqui existem todos os tipos de nacionalidades. A irmandade acredita em fazer aliados globais, pois isso lhes dá o que desejam com mais rapidez.

A aglomeração de pessoas me faz doer a cabeça, principalmente porque só me veem como um item. Uma noiva para se casar com o padrinho.

Um prêmio.

Estive com Rai há algum tempo, mas ela tem acionistas para cumprimentar e rondas para fazer, e eu serei apenas um estorvo. Mesmo que sua barriga esteja crescendo visivelmente, ela não deixa que isso a impeça de ser uma empresária incrível. Kyle está ao seu lado em cada passo do caminho.

Enquanto estou no canto, segurando uma bebida, não posso deixar de observar como ele gentilmente, mas com firmeza, coloca a mão nas costas dela. Como ele acaricia suas roupas e lhe dá água para beber. Sinto um arrepio no local e um poço de solidão me apunhala no estômago. Meu coração dói e se estilhaça com a lembrança de Knox me segurando contra ele e acariciando minha pele

como se ele sentisse prazer com isso.

E o pensamento de que talvez eu nunca mais consiga isso entope minha garganta até que eu não consiga mais respirar.

Papai quis dizer o que disse naquele dia, há uma semana, em seu escritório e cumpriu sua parte no acordo.

Ele deixou Knox sozinho e agora tenho que fazer o mesmo ou a resposta do papai será escrita com sangue.

Eu sei o que ele está fazendo com essas festas e por me apresentar ao lado de Damien. Ele está fazendo com que todos me vejam com meu "futuro marido", como ele o chama.

Algo que Abe, o pai da suposta noiva de Damien, ficou extremamente ofendido. E pode haver uma briga nos bastidores entre ele e papai enquanto conversamos. Eu poderia dizer quando Vlad, Kirill e Adrian seguiram Papa, Abe e os superiores da Yakuza escada acima.

— Você não deveria estar aí também? — pergunto a Aleksander, que está parado não muito longe de mim, ao lado da janela da varanda.

Ele está com uma mão sobre a outra e, apesar de seu comportamento geralmente calmo, seu dedo indicador está se contorcendo, o que pode ser o único sinal de angústia que ele já demonstrou.

— O chefe me disse para ficar aqui — diz ele sem olhar para mim.

— Não vou fugir com tantos guardas aqui. Se você está tão preocupado com ele, vá até lá.

Ele pressiona os lábios em uma linha.

— Não vou desafiar sua ordem.

— Boa sorte com a culpa quando ele se machucar.

Aleksander me lança um olhar mortal, como se eu tivesse assassinado seus filhos e os comido no café da manhã.

— Ele não vai se machucar. Ele pode cuidar de si mesmo.

— Você não parece tão convincente. Você está pensando isso, não está? Essa coisa vai dar errado e não haverá ninguém para proteger seu precioso chefe.

— Senhorita... — Há um aviso em seu tom.

— O que?

— Você está gostando disso?

Tomo um gole da minha bebida e me deleito com o ardor da vodka.

— Talvez. Estou entediada porque vocês decidiram que era uma boa ideia me rastrear, então me perdoem se eu decidir aproveitar um pouco sua miséria.

— Seu pai também está lá em cima.

— Ele vai ficar bem. Se alguma coisa acontecer, todos levarão a bala por ele, começando por Kirill.

Posso ouvir o ranger dos dentes de Aleksander, mas antes que ele possa dizer qualquer coisa, Damien entra, carregando um copo de vodka e fingindo beber com calma.

— Se não é minha futura esposa. — Ele fala em um tom incomumente alegre. — E o lindo garoto Sasha. E aqui eu pensei que você fosse a sombra de Kirill.

— Ele decidiu não assistir quando Kirill realmente levar um tiro. — Quero dizer isso como uma piada, mas Aleksander fica rígido e depois corre na direção das escadas sem dizer uma palavra.

— O que há com aquele filho da puta maluco? — Damien o observa por um tempo antes de dispensá-lo e se concentrar em mim. — Você foi uma garota travessa ou uma boa garota com ele?

— Não vejo por que isso deveria preocupar você.

Um sorriso maníaco levanta seus lábios.

— Hmm... e aqui eu pensei que você fosse um cordeiro dócil, minha Nastyusha. Veja, eu prefiro a luta, a corrida e as garras, isso torna o processo de perseguir e quebrar emocionante.

Engulo em seco, meu coração martelando na garganta, mas me recuso a demonstrar. Me recuso a mostrar que ele me assusta pra caralho, que sempre que vejo seu rosto, não é sua aparência bonita que me cumprimenta, é um demônio disfarçado.

Então inspiro por mais alguns segundos.

— Você não deveria estar com eles? Toda essa luta é sobre você.

— Não. Não é uma luta real, então não estou interessado. Sergei começou essa bagunça e ele pode resolver isso sozinho.

— Achei que você queria se casar com a japonesa —, tento em um tom mais suave.

— Não, Rai e aquele filho da puta do Kirill arranjaram isso para alguma

merda diplomática da Yakuza-Bratva. Eu não poderia me importar menos.

— Ela não vai ficar triste por você estar terminando noivado?

— Por que diabos ela faria isso? Nós nem nos conhecemos.

Caramba.

Eu tolamente esperava que houvesse algum tipo de ligação entre eles, que eu pudesse entrar em contato com ela e bolar um plano para romper o noivado, mas se eles são estranhos, não tenho esperança nisso.

O que eu estava pensando, afinal? Esse bruto não é do tipo que se apega a alguém ou a alguma coisa.

— Além disso, sou alérgico a quem não bebe vodka. — Ele sorri, tilintando seu copo contra o meu. — Pelo menos você faz.

— Eu não amo você, Damien — murmuro lentamente. — Eu não quero me casar com você.

— Amor? — Ele parece genuinamente perplexo. — Que porra isso significa?

— O que Rai e Kyle têm. — Aponto para eles e depois para a esposa de Adrian, que está conversando com o guarda do marido, mas a atenção dela está firmemente voltada para onde ele desapareceu com papai e os outros. — O que Adrian e Lia têm.

— Você quer dizer casamento.

— Não. Amor e casamento são diferentes. Amor é quando você não consegue respirar quando o outro não está presente. É quando viver se torna uma tarefa árdua e acordar todos os dias é uma conquista. É quando você não consegue parar de pensar neles e precisa deles por perto para finalmente existir.

— Parece um maldito obstáculo.

— Não é. Damien... por favor... quero estar com o homem que amo.

— Tudo bem.

Faço uma pausa, meus lábios se separando.

— Sério?

— Eu te disse, Nastyusha, você tem tempo para arruinar esse casamento antes que aconteça.

— Mas se você disser ao papai que não quer se casar comigo...

— Não.

— Por que não?

— Não vou criticar o Pakhan por isso. É a sua bagunça. Limpe você mesmo.

— Você quer casar comigo?

— Não particularmente. Continuo dizendo que não sou adequado para marido, mas todos se recusam a acreditar em mim, então, se eu tiver que passar por isso, será com as bênçãos do Pakhan. E também…

Ele para, seu olhar se perde, e por um segundo, mesmo uma fração, vejo uma faísca em seus olhos geralmente mortos. É um fogo tão quente que quase me queima, e nem sequer é dirigido a mim.

Sigo seu campo de visão e vejo uma pequena garota asiática que provavelmente tem a minha idade ou menos.

Ela está usando um vestido preto simples e salto alto que combina com seu cabelo e olhos e contrasta com sua pele clara. Dois homens asiáticos de terno ficam um de cada lado dela enquanto ela carrega um prato de doces.

Quando seu olhar encontra o de Damien, ela congela, como se o fogo em seus olhos pudesse queimá-la àquela distância.

Então ela coloca o prato na mesa, se vira e sai com uma graça sem igual. Os homens a seguem, clicando nos fones de ouvido.

Eles são das tríades chinesas? Ou talvez a Yakuza?

Não tenho chance de pensar mais sobre isso, porque Damien coloca seu copo de vodka na minha mão livre. O fogo que acendeu em seus olhos há pouco agora está escuro como breu e parece mais escuro do que eu já vi.

Ainda mais do que quando ele mata pessoas.

— Segure isso para mim — diz ele em um tom calmo, mas carregado, e então caminha na direção para onde a garota asiática desapareceu.

Ah bem.

É errado esperar que ela seja filha de Abe e ele tenha mudado de ideia? Me sinto mal pela garota, mas também não posso me casar com Damien.

Eu sinto que posso morrer.

Optando por tomar um pouco de ar, abandono os dois copos de vodka na mesa mais próxima e saio para a varanda.

Deixei o ar frio da noite tomar conta de mim. Arrepios surgem em meus braços nus e eu saúdo a sensação.

Tentei evitar me arrumar hoje, mas tudo que tenho são vestidos de coquetel e lindos vestidos floridos, então isso não foi realmente possível. Optei por um na

altura do joelho que combina com os olhos com os quais sempre sonhei.

Soltando uma lufada de ar, retiro meu telefone do bolso do vestido. É um novo que papai comprou para mim, onde apenas os números dele, de Rai, de Vladimir e de Damien estão salvos.

Mas isso não importa, porque memorizei não apenas o número dele, mas também dois outros que provavelmente não deveria ter feito.

Eu digito um deles. Não tenho ideia se é o estresse do inevitável ou a saudade que senti pela semana e meia em que não vi Knox. Não diretamente, pelo menos, porque continuo perseguindo-o por toda a mídia.

Mas não penso nisso quando clico em "Ligar". Meu coração bate forte em meus ouvidos enquanto ouço tocar. É tarde demais para desligar e fingir que essa ligação nunca aconteceu?

Quando estou prestes a fazer isso, o som característico de alguém atendendo me cumprimenta, seguido por uma voz feminina séria:

— Alô?

— Oi. Sou eu, Teal. Jane.

Há um longo silêncio do outro lado da linha, tão longo que minha respiração fica mais pesada. Eu esperava essa reação, mas desde que papai expôs o passado dela e de Knox na minha frente, não pude deixar de sentir necessidade de falar com ela.

Talvez eu tenha percebido isso o tempo todo, e foi por isso que memorizei os números de telefone dela e de Elsa. Nós os trocamos naquela vez que nos encontramos, e Elsa pode ter forçado Teal a fazer isso. Antes de mudar de número de telefone, Elsa costumava me mandar mensagens de "bom dia" e "olá" e às vezes conversávamos, mas este é meu primeiro contato com Teal.

— Este não é o seu número — ela diz finalmente.

— Eu mudei isso.

— Ok.

Eu engulo novamente. Se há uma coisa que eu notei sobre Teal, é sua personalidade séria, então ela espera que eu vá direto ao ponto em breve.

— Escute, Teal... eu... sinto muito.

— Sobre o que?

— Tudo.

— Ele te contou? — Há uma pequena suavidade em sua voz.

— Não exatamente…

— Eu sabia que ele faria isso.

— Você sabia?

— Sim. Ele olha para você de forma diferente. Quase como o modo como Ronan olha para mim, e digamos que nunca esperei ver essa expressão no rosto do meu irmão sem rumo.

— Teal…

— E agora? Você sente pena de nós?

— Não. Claro... eu... entendo, ou espero entender. Minha infância também não foi colorida, já que fui criada por um pai abusivo. — Faço uma pausa e deixo escapar: — Isso não significa que estou subestimando o que você passou. Eu sei que é muito mais sério e vocês são muito mais fortes que eu. Liguei para meu pai biológico pedindo ajuda, mas você descobriu como sair da situação sozinha, e acho que o que estou tentando dizer é que respeito isso. Muito.

Há uma pausa antes que ela diga em um tom menos defensivo:

— Então você não tem pena de nós?

— Absolutamente não. Eu só... só quero abraçar ele e você... e não sou muito de abraçar. Além disso, tenho a sensação de que você também não. Mas sim, eu não tenho pena de você.

— Bom, porque eu não deixaria ninguém fazer meu irmão se sentir menos do que ele é. Ele merece coisa melhor. — A voz dela fica mais baixa, e acho que ela quebra quando ela diz: — Ele merece o mundo pela forma como defendeu a nós dois.

— Eu sei.

— Não, você não sabe. E mesmo que você tenha feito isso, é apenas o lado dele da história que ele deve ter feito seu papel parecer minúsculo.

— Há outro lado?

— Sim. O meu. O que aconteceu conosco naquela época foi... ruim. Foi tão ruim que nós dois consideramos isso o buraco negro de nossas vidas. Mas consegui escapar disso ainda mais jovem. Knox não. Ele enterrou-o dentro de si e pensou que iria curar magicamente, o que nunca é o caso. Na verdade, irá piorar e piorar com o passar dos anos. Mas você sabe quando foi a primeira vez que ele se permitiu ser aberto, mesmo que um pouco? Foi com você, e eu pude sentir isso, mesmo que ele não fale sobre isso, mesmo que ainda se considere meu

protetor e queira me proteger da dor. Eu sei que não tenho sido muito receptiva com você, mas levo algum tempo para ser receptiva às pessoas, então se você quiser, se puder, talvez possamos nos encontrar algumas vezes?

— Sinto muito, Teal. — Minha voz está frágil, errada.

— Por quê?

— Acho que não é mais possível. Ele e eu... pertencemos a mundos diferentes.

— Eu também pensei isso quando conheci meu marido, mas ele é o presente mais precioso que já recebi.

— Não é a mesma coisa... eu... meu pai é o líder da máfia russa — sussurro as palavras, e sinto tanta vergonha que aquece meus ouvidos.

— E daí? — Teal diz.

— Huh?

— Não vejo por que isso deveria ser um problema se vocês dois concordam com isso.

— Você ouviu uma palavra que eu disse? Minha vida é um desastre esperando para acontecer. Sempre há perigo em todos os lugares.

— Não pode ser pior do que o quão angustiado você parece agora, ou o quão deprimido Knox tem soado ao telefone ultimamente.

Meu coração dá um pulo com a menção de seu nome e aperto ainda mais o telefone.

— Ele está perfeitamente infeliz e finalmente descobri o porquê.

— Eu... não era minha intenção. Eu só queria protegê-lo.

— Você não precisa.

— Você não entende…

— É você quem não entende. Se ele quer você, realmente quer você, ele derramará sangue por isso, porque ele é assim. Um lutador. Ele definitivamente não é um covarde que corre para o outro lado no primeiro obstáculo. Então dê uma chance um ao outro, ok?

Suas palavras atraem as lágrimas que eu mantive sob controle e eu fungo.

— Mas é tarde demais. Estou noiva e prestes a me casar.

Teal diz alguma coisa, mas não a ouço, porque uma onda violenta percorre meus membros e arrepios cobrem minha pele.

E então eu ouço.
A voz que nunca esquecerei enquanto viver.
— No inferno que você vai.

38



Knox

O sangue em minhas veias ferve e ameaça transbordar.

Em parte porque estou vendo Anastasia depois de muito tempo convivendo com seu fantasma e imaginando-a em cada canto.

Portanto, vê-la bem na minha frente não é diferente de bater na parede criada pelas minhas sombras.

Desde que eu era jovem, eles tentaram de tudo para me confinar em prisões as quais ninguém tem acesso.

Mas então Anastasia apareceu e ela nem procurou pelas chaves. Ela foi até as próprias paredes, demolindo-as uma a uma.

Então ela teve a audácia de ir embora como se não tivesse causado tanto dano.

Como se ela não tivesse controle sobre a porra da minha alma.

Meu olhar percorre sua aparência, ficando preso em seu vestido elegante e na forma como ele se ajusta às suas curvas delicadas.

Ela não está se escondendo atrás de óculos ou de uma cor de cabelo diferente. Quase esqueci o quão loiro é o cabelo dela – gelado, beirando o branco, emoldurando seu rosto em uma auréola. Ela é como um anjo com seus traços suaves, pele clara e aqueles olhos azuis, muito azuis.

Naquela época, no bar, eles pareciam um céu brilhante da manhã, mas estão sombrios agora, cheios de umidade e uma ponta sombria que me apunhala o estômago.

É parte do motivo pelo qual não consigo conter minha raiva, por que ela está

no limite do meu controle, prestes a quebrá-la e causar estragos em tudo em seu caminho.

Mas a maior parte é o que acabei de ouvi-la dizer ao telefone.

Estou noiva prestes a me casar.

Tipo, outro filho da puta está chamando-a de "noiva" e ele vai colocar um anel no dedo dela e torná-la sua esposa.

Um peso pressiona em meu peito com o pensamento e é difícil respirar corretamente. É ainda mais difícil me manter sob controle e não destruir tudo no meu caminho.

Começando por ele.

O filho da puta que pensa que poderia tirar Anastasia de mim.

— K-Knox…? — ela gagueja, sua voz suave e insegura, como se ela não acreditasse que estou aqui.

Eu também não teria acreditado há uma semana. Mas desde que Daniel confirmou minhas dúvidas sobre ela e eu juntei todas as peças do quebra-cabeça, tive que encontrá-la novamente.

Eu tive que corrigir as coisas.

— Você estava esperando outra pessoa? — Não consigo controlar o veneno em meu tom. — Seu noivo, talvez?

— Oh meu Deus, você está realmente aqui... — Eu esperava qualquer coisa da reação dela – o choque inicial, vergonha, talvez até raiva, mas quando ela começa a tremer e seu aperto solta o telefone, deixando-o cair no chão, a última emoção que eu esperava se refugia em seus olhos.

Temor.

Profundo, cru e absolutamente devastador. É como se ela estivesse vendo seu pior pesadelo se tornar realidade.

Ou talvez o fantasma mais assustador dos seus pesadelos de infância. Ela se lança sobre mim, agarrando meu braço com seu braço instável.

— Você tem que ir. Você não pode estar aqui…

Eu me solto sem esforço.

— É exatamente aqui que eu deveria estar.

— Não... — Ela está balançando a cabeça, seu olhar frenético procurando algo ou alguém atrás de mim, não tenho certeza.

— Pelo contrário, é um sim, linda.

— Você não entende…

Eu a agarro pelos ombros magros, sacudindo-a.

— É você quem parece não entender a realidade das coisas. Você realmente achou que fazer aquela façanha com Daniel e desaparecer significaria que eu deixaria você ir? Você pode correr para o outro lado do mundo, inventar uma nova identidade, nome e vida, e eu ainda encontraria você. Você é minha, minha, porra, e isso significa que não há como escapar de mim. Não há como escapar de nós.

Uma lágrima desliza por sua bochecha e gruda em seu lábio superior. Eu não penso enquanto me inclino e lambo, minha língua grudada em sua pele enquanto sinto o sabor salgado. Então arrasto minha língua por sua bochecha, lambendo a lágrima, e quando chego aos seus olhos, beijo a pálpebra fechada. Beijo aqueles olhos etéreos azuis nos quais não parei de pensar desde a primeira vez que os vi.

Suas unhas afundam em meus antebraços e ela as crava profundamente, mas nada é profundo o suficiente para me afastar dela, então continuo beijando suas lágrimas e me deleitando com seu sabor.

— Eu menti para você — ela murmura, sua voz quase inaudível. Eu me afasto, mas não a deixo ir. — Sobre o que?

— Sobre quem eu sou. De onde eu venho. Minha família. Tudo isso.

— Você não mentiu. Você apenas escondeu. Eu sabia o tempo todo que havia mais no surgimento da identidade de Jane.

— É porque… eu sou… eu sou…

— A filha do *Pakhan* da Bratva de Nova York. Eu sei.

— E você ainda veio? — Ela olha incrédula, um pouco do medo anterior voltando aos seus olhos. — O que há de errado com você?

— Você. — Eu expiro a palavra, encostando minha testa na dela. — Você é tudo que há de errado comigo, linda. Você pegou algo meu e eu preciso de volta.

— Pare de dizer coisas assim... Knox... por favor, me escute, você tem que ir. Se papai ou qualquer um dos outros vir você...

— Não tenho medo deles.

Ela empurra meu peito com os punhos, mas não há energia por trás disso, como se ela não quisesse fazer isso.

— Qualquer pessoa em sã consciência teria. Eles matam num piscar de olhos

e sem nenhum remorso. Você será apenas mais uma pessoa sem nome na lista deles.

— Eu não estou no meu juízo perfeito, Anastasia. Eu te disse agora há pouco, você pegou algo meu. Minha maldita sanidade incluída.

Ela agarra minha mão, seu aperto úmido e ainda trêmulo, depois me guia pela varanda, seu olhar observando cada canto e recanto como um falcão.

— Para onde você está me levando, linda?

— Shhh. — Ela balança a cabeça para mim e me leva até algumas escadas que estão escondidas da escadaria principal.

Já estive em casas de líderes da máfia antes, quando estava investigando algo ou tratando de um caso. Mas o complexo da Bratva russa, também conhecido como mansão de Sergei Sokolov, é mais como a casa de um bilionário onde você poderia facilmente se perder.

Esse é o verdadeiro sobrenome de Anastasia. Sokolov. Finalmente tenho um perfil completo da garota misteriosa com olhos brilhantes e sorriso suave. Ela basicamente me arrasta escada acima, por um corredor e depois me empurra para uma sala. Quando ela fecha a porta, ela respira fundo, mas ela não relaxa o aperto na minha mão.

Dou uma rápida olhada no quarto e não demoro muito para perceber que é dela.

Há uma mesa gigante no canto com três monitores, mas o resto é feminino. Os lençóis têm motivos de borboletas e o papel de parede cremoso tem flores.

Ela sempre foi um enigma de coisas opostas, mas elas ainda combinam muito bem com sua personagem.

Eles ainda falam muito dela e de quem ela é. Uma mulher suave com um lado selvagem secreto.

— Então foi aqui que você morou todo esse tempo.

Ela me lança um olhar raivoso.

— Isso não é o que deveria ser importante agora.

— Então o que é? — Dou um passo até ela e ela engole visivelmente. — Acho que é quente ver onde você dorme todas as noites usando apenas shorts. Talvez até nua?

— P-pare com isso. — Sua voz está ofegante, mas a excitação a cobre.

Minha mão se estende para frente e a envolvo em sua garganta, apertando

um pouco as laterais. Ela fecha os olhos brevemente, soltando uma expiração entrecortada, e eu aperto mais. Preciso senti-la, poder respirar novamente, mas o fato de ela estar aliviada também? Que quando ela abre os olhos, eles estão cheios de uma onda de saudade tão forte quanto a minha? Esses fatos quase me deixam louco.

E tenho que agarrá-la com mais força, afundar meus dedos em sua carne e ter certeza de que ela está aqui.

Ela está bem aqui.

— Knox... eu...

— Shhh. — Coloco um dedo em sua boca e a empurro para trás, segurando sua garganta.

Um grito ecoa no ar quando ela tropeça na beira da cama e cai de costas. Sigo com ela, minha mão livre segurando seu quadril.

Ela bate as mãos no meu peito.

— N-não.

— Não?

— Não me vire de bruços. Quero olhar para você — ela sussurra, seu tom tão vulnerável quanto a expressão em seu rosto.

Meus dedos cavam seus quadris e estou prestes a recusar, estou prestes a fazer o que estou acostumado, mas algo me impede.

A súplica nos olhos dela, a vulnerabilidade neles.

Além disso, uma parte de mim também está lutando contra isso. É a mesma parte que não poderia sobreviver sem ela e que transformou minha vida em um inferno desde que ela se foi.

Suas palmas se apoiam no meu peito e ela suaviza a voz.

— Eu sei, Knox... eu sei sobre o seu passado e por que você acha difícil se aproximar e eu entendo, eu...

— Pare de falar. — A raiva de antes ressurge novamente e desta vez por razões totalmente diferentes.

As sombras giram em torno da minha cabeça em uma névoa espessa com a necessidade de machucá-la.

Para calar a boca da mulher que não deveria tê-los visto em primeiro lugar.

Mas reprimo essa necessidade, flexionando os dedos para não a machucar. —

Como diabos você sabe?

— P-Papa… ele pode descobrir tudo sobre qualquer pessoa.

— Porra. — Meu punho se fecha e percebo que está na garganta dela. Ela está ofegante, seu rosto fica vermelho por causa da falta de ar, e eu a solto com um puxão e começo a me sentar, mas ela agarra meu rosto, me puxando de volta para baixo.

Eu uso meus braços para não esmagá-la com meu peso, mas Anastasia não para por aí, ela não para quando seus dedos acariciam meu rosto ou quando seus seios estão a centímetros do meu peito arfante. Seus olhos prendem os meus e sua voz treme um pouco quando ela fala:

— Está tudo bem, você não precisa se esconder de mim. Você não tem olhar para o outro lado ou ter vergonha de quem você é.

— Mesmo eu sendo um prostituto?

— Você não era. — A certeza e o poder em sua voz me apunhalam na porra da parte do meu peito que pensei ter morrido há vinte anos. — Você foi uma criança abusada e não foi sua culpa. Era deles, da sua mãe e de quem ela trouxe. Assim como foi culpa do meu padrasto que minha mãe tenha sido abusada e espancada até a morte. Nunca é culpa da vítima, não importa o que digam.

Enxugo as lágrimas que escaparam de suas pálpebras com o polegar.

— Não chore, não por isso.

Ela balança a cabeça, apertando meu rosto com mais força.

— Você não entende? Desde que descobri sobre o seu passado, não consegui dormir à noite. Eu queria fugir de novo, encontrar você e apenas te abraçar. Se eu pudesse, pegaria tudo para mim, para que você não precisasse mais ficar algemado por isso. Sua dor é minha, Knox. Sinto isso no fundo do meu coração e não consigo parar de pensar nisso.

— Eu parei.

— Não, você não fez isso. Você apenas finge que sim, e eu sei que é um mecanismo de enfrentamento, mas eu só quero que você saiba que está tudo bem se você estiver cansado de segurar a máscara no lugar. Está tudo bem se você quiser abandonar isso e ser apenas você. Não vou olhar para o outro lado. Eu prometo.

Minha mão encontra sua garganta novamente, e eu me deleito com o movimento e o leve gemido que ela solta.

— Você é um incômodo, sabia disso? Você não deveria cavar nas partes mais sombrias de mim.

— Eles ainda são você e isso é tudo que me importa. — Bem, porra.

Justamente quando pensei que essa mulher não conseguiria se gravar mais profundamente em minha pele, ela foi em frente e cavou um recanto mais aconchegante de onde nunca poderei removê-la.

E eu quero sacudi-la por isso.

— Você não deveria gostar dessas partes de mim, não quando eu mesmo as odeio.

— Você não pode me dizer o que eu gosto em você.

— Você tem certeza disso, Anastasia? Porque há um monte de esqueletos no meu armário que você nem sabia que existiam. Estive na cama com meus demônios desde que vivi, desde que era uma criança sem noção que ainda não sabia o que era o mundo. Desde que homens estranhos me tocaram de maneira inadequada e eu estava fraco demais para detê-los e salvar a mim ou a minha irmã.

— Mas você fez. — A voz dela é baixa, mas determinada, como se ela estivesse se certificando de deixar claro. — Você fugiu. Você se salvou e a sua irmã. Quando ninguém se apresentou para ser seu herói, você mesmo se tornou um. Então não, Knox, você não vai me assustar. Esses esqueletos? Eu quero vê-los. E esses demônios? Eu eventualmente irei expulsá-los.

Minha mandíbula dói de tanto que estou apertando. Quero dizer a ela que não, que ela não tem permissão para se aproximar dos meus malditos demônios ou então eles vão engoli-la inteira, mas a julgar pela assertividade escrita em todas as suas feições delicadas, não há nenhuma maneira que eu mudaria de ideia.

E isso me deixa perplexo. O fato de que ela me quer, que ela não vai fugir de nenhuma parte de mim.

Inferno, ela até quer me ver. Tudo de mim.

Não só a bela fachada ou o personagem encantador, mas também todos os lados fodidos que varri para debaixo do tapete durante décadas.

Décadas sangrentas.

E ainda assim, ela consegue arrastar tudo em um piscar de olhos.

— Além disso... Aqueles que escolhem quais partes de você manter e o que

jogar fora deveriam apodrecer no abismo mais escuro do inferno. Porque essas partes? Foi isso que fez de você o homem que você é. Foi isso que trouxe você para Jersey no dia em que decidi ir contra a minha educação e fazer uma coisa por mim, não pela minha família ou pelo que se espera de mim. Você é essa coisa, Knox. Aquela noite pode ter sido sobre sexo, mas foi muito mais depois. Você me mostrou coisas que eu não sabia que existiam e abriu meus olhos para o mundo. Você me deu a segurança que eu não sabia que estava procurando.

— Então por que você foi embora?

— Eu te disse. Foi para proteger você.

Aperto meus dedos na lateral de seu pescoço, minha voz firme. — Você não consegue entender que o que você fez não é diferente de me esfaquear e me deixar sangrar até a morte? Acostumei-me tanto com sua presença animada e sua conversa nerd, e agora que você se foi, meu apartamento parece uma tumba. Eu costumava adormecer ouvindo você narrar aqueles longos livros de fantasia em tom de admiração, mas agora não consigo dormir mais. Então eu procuro o cheiro do seu xampu de laranja como um drogado para sentir seu cheiro e ainda assim não consigo preencher a porra da lacuna que você deixou para trás. Então, se me proteger significa que vou viver sem você, eu não quero isso, porra.

Uma lágrima solitária desliza por sua bochecha.

— Knox...

Eu a interrompo com meus lábios nos dela e a beijo com uma ferocidade que endurece meu pau e aperta minhas bolas. Eu a beijo enquanto seguro seu pescoço, e ela continua apertando minhas bochechas.

Eu a beijo até que ela esteja lutando para respirar e sua língua esteja tão emaranhada na minha que não sei onde ela começa e eu termino. Mas ela me beija de volta com o mesmo calor, minha Anastasia, como se ela tivesse esperado tanto quanto eu para provar, por um fragmento do que temos.

Ainda a beijando, coloco a mão entre nós e levanto o vestido até a cintura. Ela agarra meu cinto sem pensar e me ajuda a abrir o zíper da calça e libertar meu pau duro.

Tem estado em constante estado de excitação desde que ela saiu, e nenhuma quantidade de trabalhos manuais poderia substituir seu calor.

Movo sua calcinha para o lado, gemendo com o quão molhada ela está, então entro nela sem quebrar o beijo.

Seu corpo instantaneamente me acolhe, abrindo-se e arqueando-se em

convite. E como se ela estivesse esperando por mim tanto quanto eu esperei por ela. Suas costas se levantam da cama e ela estremece, sua boca se separando da minha enquanto ela geme.

— Porra, querida. — Enfio meus dedos em sua garganta. — Senti a sua falta.

— Eu... eu... senti sua falta também. Senti tanto a sua falta que doeu.

Perco o controle ao som de suas palavras carentes, não que eu tenha algum quando se trata dela.

Ela facilmente me transforma em um maldito animal que é incapaz de sobreviver sem ela.

Meu ritmo acelera e eu a beijo com tanta força quanto a fodo, até que ela desliza para fora da cama e meu aperto em seu pescoço é a única coisa que a mantém no lugar.

Uma coisa não muda mesmo quando eu a fodo com força e rude – o jeito que ela olha nos meus olhos enquanto segura meu rosto.

Estou aqui para ajudá-lo, ela diz com aquela imensidão azul expressiva. Eu quero você, não importa o que aconteça.

E isso me deixa louco. Olhar para ela enquanto estou dentro dela, olhar para ela enquanto seu canal aperta ao meu redor, me estrangulando, me deixa louco.

Mas em vez de aumentar meu ritmo, vou devagar pela primeira vez. Eu giro meus quadris e entro profundamente nela até que ela estremece novamente e suas paredes se fecham ao meu redor como um torno.

Meu beijo se torna mais apaixonado do que frenético, minha língua brinca com a dela enquanto meu pau bate em sua boceta apertada com impulsos medidos. Ela abre mais as pernas, levantando uma um pouco para me permitir mais acesso e eu aproveito, indo a extremos que nunca imaginei.

E quando ela começa a tremer, suas paredes se apertam ao meu redor, e ela geme alto, estou ali com ela. Minha espinha arrepia e eu atiro meu esperma dentro dela em longos jatos até que minhas bolas se esgotem.

Estou prestes a esmagá-la com meu peso, então manobro-nos para que ela fique em cima de mim, com seu cabelo loiro gelado no meu queixo. Mas eu permaneço profundamente dentro dela. Meu pau se contraiu, lenta mas seguramente me preparando para outra rodada.

Ficamos assim por um tempo, até que sua respiração se normaliza e eu acho

que ela adormeceu. É um hábito dela depois do sexo.

Ainda envolvendo suas costas com a mão, enfio a mão no bolso da calça e pego o pingente de borboleta. Guardo-o desde que ela o esqueceu no quarto do hotel naquele dia.

Cada vez que olhava para ele, lembrava-me de como as asas negras se achataram em suas costas pálidas quando a vi pela primeira vez naquela noite.

A memória parece distante, mas nunca poderei esquecê-la. Na verdade, eu poderia ter ficado obcecado por ela desde então.

Eu gentilmente prendo a corrente em volta de sua garganta. A outra estava arruinada, então comprei para ela uma corrente de ouro para acompanhá-lo.

Ela se mexe quando o peso do colar–ou sua frieza–repousa sobre sua pele. No início, seu olhar está confuso, mas quando ela olha para baixo, seus olhos se arregalam.

— Minha borboleta.

— Você mencionou que tem valor para você, então pensei em trazê-lo. Coloquei-o em uma corrente para que você possa tê-lo com você o tempo todo.

— Obrigada. — Um sorriso suave levanta seus lábios. — É a única coisa que me resta da mamãe e significa muito para mim.

— Estou feliz por ter sido quem o encontrou então.

— Eu também. — Ela passa os dedos pelas asas negras. — Sabe, naquela época eu costumava me considerar a fada da floresta e usava isso como minha varinha mágica para ordenar árvores e pequenos animais.

Um sorriso surge em meus lábios.

— Posso claramente imaginar você como uma fada travessa.

— Eu... não fui travessa.

— Uh-huh. Você também usou roupas minúsculas?

— Pare, seu pervertido!

— O que? Se você tiver um fetiche com *roleplay*, ficarei feliz em ajudar.

— Eu não tenho. — Ela limpa a garganta. — De qualquer forma, como você chegou aqui?

— Uma conhecida de Nate é aparentemente associada da Bratva e ela me trouxe aqui como seu acompanhante.

Ela levanta a cabeça, apoiando os cotovelos no meu peito para me olhar nos

olhos.

— Uma mulher?

— Sim.

Uma carranca aparece entre suas sobrancelhas.

— E você a conhece intimamente?

— Hum. Talvez.

— É uma pergunta para sim ou não.

— Ora, ora, linda, você está com ciúmes?

— Não. — Ela olha para o espaço.

— Você é tão adorável em pensar que eu olharia para qualquer outra mulher depois de estar com você.

Ela soluça e é obviamente involuntário, porque seu rosto e pescoço ficam com um tom profundo de vermelho.

— Eu… também não consigo olhar para outros homens.

Meus olhos se estreitam.

— É por isso que você tem um noivo?

— Papai o escolheu porque ele é russo e faz parte da Bratva. Eu não tive nenhuma palavra a dizer sobre isso.

— Isso vai mudar. — Eu lentamente saio dela e depois me levanto.

Mesmo que meu pau esteja desejando outra rodada, preciso cuidar do filho da puta que está entre nós.

O rosto de Anastasia, no entanto, perde o ar descontraído e volta àquele estágio assustado.

— O que você vai fazer?

Vou até o banheiro dela e limpo meu pau, depois volto com toalhas molhadas, mas ela já se limpou com lenços de papel e arrumou as roupas, e está me olhando com aquele olhar perturbado, que vou apagar dela cara, de uma vez por todas.

— Você precisa ir embora, Knox. Vou te mostrar uma entrada dos fundos onde não há muitas câmeras…

Pego a mão dela e entrelaço nossos dedos.

— Não vou a lugar nenhum. É hora de conhecer sua família.

Então a puxo para fora da sala em meio aos seus protestos contínuos. No momento em que saímos, ela engasga, sua mão tremendo na minha, e percebo que é porque estamos cara a cara com um homem mais velho, de cabelos brancos, que tem os olhos exatos de Anastasia, mas sem nenhuma inocência neles.

Sua relação com ele é confirmada quando ela sussurra em tom horrorizado:

— Papai.

39



Anastasia

Um tremor sacode meus membros e eu congelo.

Desde que vi Knox na varanda, sabia que isso iria acontecer.

Eu sabia que ele seria pego por alguém. Qualquer um. Só não pensei que seria o próprio papai.

Você não entra na casa do *Pakhan* enquanto ele está cercado por seus líderes e guardas e espera sair ileso.

Mas pensei que tínhamos mais tempo com a forma como todos eles estavam preocupados com as coisas da Yakuza. Pensei que poderia fazer Knox ir embora antes que o encontrassem.

Posso ter deixado minha vulnerabilidade tomar conta de mim por um tempo. Eu poderia ter sentido tanta falta dele que só queria tocá-lo, para ter certeza de que este não era um dos meus sonhos cruéis dos quais eu logo acordaria.

Eu não acordei assustada dessa vez. Tudo era real, fosse a maneira como ele me beijou, me segurou pela garganta ou me fodeu.

Não, não foi tudo uma merda. Em algum momento, ele estava fazendo amor comigo enquanto olhava nos meus olhos.

Em algum momento, ele derrubou suas barreiras e me permitiu vê-lo. Tudo dele. Não o advogado que pode cegar qualquer um com seu carisma, mas o garoto que ele já foi. O menino quebrado e ferido que ele se recusa a deixar alguém ver.

Mas ele me deixou. Só eu.

Juro que algo dentro de mim derreteu e se fundiu com ele naquele momento.

Não faço ideia do que é, mas ele está segurando a posição enquanto olhamos para papai, Vladimir e Adrian.

Os homens mais poderosos da Bratva.

Eles não estão olhando para mim, no entanto. A atenção deles como um falcão está em Knox e em seu aperto na minha mão. Tento soltá-lo, mas ele apenas aperta meus dedos com mais força, recusando-se a se mover.

— O que é isso? — Papai pergunta em seu tom firme que me sacode até os ossos.

Minha garganta está seca e as palavras estão presas, mas o olhar severo do meu pai me faz procurar as palavras.

— Eu... eu posso explicar, papai... ele... ele é...

— Eu sou o homem que ama sua filha e me recuso a partir sem ela.

— Knox! — Eu assobio baixo, meu olhar selvagem voando para o do meu pai.

— Então você não vai embora. Não vivo, pelo menos — diz ele, depois faz um gesto com dois dedos para seus guardas que avançam em direção a Knox.

O pior cenário se materializa na minha frente enquanto o guarda forte do papai se aproxima dele. Eu nem penso nisso enquanto pulo na frente de Knox, tentando afastar suas intenções maliciosas.

— Papai... por favor, não faça isso.

— Eu disse para você cortar todos os laços com ele, Anastasia, mas você não o fez. Então, estamos fazendo isso do meu jeito.

Os guardas me empurram para o lado e eu tropeço, mas Knox me segura pelo braço para me manter de pé.

Eu o agarro como se ele fosse uma tábua de salvação. Se ele vai machucar Knox, terá que machucar nós dois.

Knox, no entanto, fica na minha frente, protegendo-me parcialmente do meu pai. Seus ombros largos são a única coisa que vejo e encontro consolo nisso. Segurança em meio ao caos que gira ao meu redor.

— Não toquem nela — Knox diz aos guardas, sua postura ficando rígida e sua voz com um tom letal.

— Ou o que? — É Vlad quem pergunta com seu sotaque forte e assustador. — Você acha que pode fazer alguma coisa? Aqui, entre todos os lugares? Posso colocar uma bala na sua cabeça no próximo segundo, apenas por sua insolência.

Knox permanece em sua postura ereta, nem um pouco perturbado pelas ameaças de Vladimir.

— É assim que você trata possíveis parceiros de negócios?

— Parceiro de negócios? — Adrian pergunta com uma nota de curiosidade.

Knox olha para papai.

— Tenho uma oferta para você, mas não farei isso a menos que me dê sua palavra de que Anastasia estará segura e livre de qualquer compromisso que você forçou a ela.

— Você não faz exigências em minha própria casa. — A voz do papai endurece e sei que ele está ficando com raiva. Posso sentir o gosto de sua espessura no ar.

Então eu suavizo minha voz.

— Apenas... ouça-o, papai.

Não tenho ideia de que tipo de plano Knox criou, mas qualquer plano é melhor do que nada neste momento.

— Qual é a sua oferta? — Adrian pergunta.

— Não direi nada até receber sua palavra.

— Fale ou vou colocar essa bala entre seus olhos. — Vlad não alcança a cintura, mas não preciso ver para saber que há uma arma ali.

Solto um suspiro entrecortado e aperto minha mão suada na de Knox, depois sussurro:

— Apenas diga o que você veio dizer... por favor... Se ele não o fizer, papai não hesitará em dar a ordem para matá-lo.

E se eu testemunhar isso, não poderei sobreviver.

Posso dizer que Knox não quer ceder, mas ser impetuoso com os líderes da irmandade é a última coisa que ele quer fazer. São homens que estão habituados à violência e não hesitariam em usá-la contra ele.

Quando aperto sua mão mais uma vez, ele diz:

— Ouvi dizer que você está tentando legitimar mais sua renda por meio de sua frente jurídica, a V Corp, e posso ajudar com isso.

— Como? — Adrian pergunta.

— Sou dono de um terço de um império multibilionário que atualmente é administrado por meu pai e minha irmã. É assim que vai ser.

— Então você investirá na V Corp. — Não é uma pergunta. Adrian está lidando com detalhes e formando suas próprias teorias. — De quanto estamos falando?

— Cada centavo em meu nome.

Eu suspiro, colocando a mão na boca para esconder o som. Ele acabou de dizer que dará todo o seu dinheiro para minha família?

Para mim?

Papai observa Knox sem mudar de expressão e Vladimir ainda tem suspeita estampada em seu rosto.

É Adrian quem permanece calmo e continua o interrogatório.

— Seu pai não se oporia a tal medida? Acredito que um empresário de sucesso como ele não gostaria de ter laços conosco.

— Já falei com ele e ele não interferirá em nenhuma decisão que eu tome sobre minha herança.

Um breve silêncio cai no corredor e eu fico inquieta, minhas mãos ficando mais úmidas nas de Knox enquanto espero com a respiração suspensa. Em teoria, eles deveriam concordar. Adrian, entre todas as pessoas, faria isso porque o lucro é seu primeiro objetivo, mas Vlad e Papa são muito mais tradicionalistas e não olhariam para isso dessa perspectiva.

Ele ainda é um estranho e definitivamente não é russo.

— Vá embora — papai diz a Knox.

— Eu disse que não farei isso até que você me dê sua palavra...

— Vá embora — papai o interrompe, mas ele não o está ameaçando novamente.

Ele não está dizendo a ele que se ele não for embora, ele o matará.

O que significa que ele mudou de ideia sobre alguma coisa ou talvez esteja considerando outra opção.

Não consigo evitar a esperança que floresce sob minhas costelas e se espalha por todo o meu corpo.

Knox está prestes a dizer alguma coisa, mas agarro seu braço e balanço a cabeça. Fico na ponta dos pés e sussurro em seu ouvido:

— Esta é a coisa mais próxima de uma trégua que ele pode oferecer, então vá... eu ligo para você.

— Não.

— Knox, por favor... você não terá outra chance de sair desta casa vivo.

— Eu não quero isso se isso significar me separar de você.

Uma sombra cai sobre nós e é Vlad, olhando para nós dois.

— Você vai sair com a cabeça no lugar ou devo cortá-la primeiro?

— Ele vai — digo com firmeza e depois cutuco Knox, implorando com os olhos para que ele faça uma escolha inteligente.

Sua mandíbula aperta e aqueles lindos olhos dourados escurecem. Por um segundo, acho que ele vai dizer não e se meter em problemas, mas lentamente relaxa a mandíbula.

— Se ela não me ligar em um dia — ele diz ao meu pai — eu voltarei e, desta vez, você não poderá me expulsar.

Vlad dá um passo à frente, provavelmente para bater nele pela insolência de falar dessa maneira com o Pakhan, mas papai balança a cabeça.

Knox me puxa para ele, roça os lábios no topo da minha cabeça e diz:

— Já volto, linda.

E com isso, ele lentamente me solta e caminha entre papai e Adrian com certeza.

Solto um grande suspiro quando nenhum dos guardas o segue.

Ele deveria estar seguro. Por agora.

— Adrian, Vladimir... Esperem por mim no meu escritório.

Eles concordam com um aceno de cabeça, embora Vlad hesite. Adrian me lança um olhar astuto, que eu realmente não entendo, mas por algum motivo, quero acreditar que é um bom sinal.

Papai entra no meu quarto e eu aproveito a deixa para segui-lo, meu corpo pesado e exausto, o que não tem nada a ver com a forma como Knox me tratou impiedosamente e depois com delicadeza, adorando meu corpo de uma forma que nunca senti antes.

Por mais que eu queira pensar nele, me forço a afastar esses pensamentos. Eu realmente não deveria estar imaginando Knox e sexo quando os ombros de papai estão cheios de tensão. Ele fica ao lado da minha mesa e observa os monitores como se fosse a primeira vez que os vê.

Bem, ele raramente entra no meu quarto, mas foi ele quem me comprou meu

setup quando comecei a ficar viciada em codificação e computadores.

Foi ele também quem o levou embora quando voltei, cortando os cabos de energia do meu quarto.

— Talvez eu não devesse ter deixado você estudar engenharia da computação — diz ele sem animosidade, passando os dedos longos e carnudos pelo mouse pad.

Papai pode ter envelhecido, mas nada, absolutamente nada poderia apagar o poder que irradia dele. Meu tio era mais implacável, mais barulhento e um homem com quem não se devia mexer. Meu pai parecia o mais acessível, uma espécie de estrategista, mas todo mundo sabe que papai tem o tipo de poder que ferve abaixo da superfície e só aparece quando é necessário.

Não é por acaso que todos na Bratva respeitam ele. Homens como Adrian, Vlad, Kirill e até Damien o veem como seu Pakhan, e esses homens não dobram os joelhos para qualquer um. Até Kyle, o marido de Rai, um assassino impiedoso que não tem lealdade a ninguém além de si mesmo, considera Papai o líder. O amor e a adoração de Rai por meu pai desempenham um papel importante, mas ainda assim.

— Se não tivesse feito isso, talvez não tivesse ido embora — continua ele.

— Eu teria encontrado uma maneira de proteger *Babushka* depois que você a mandou de volta para a Rússia.

— Ela não é boa para você. Aquela mulher só enche a sua cabeça de sonhos floridos que não têm lugar no nosso mundo.

— Papai, por favor, não a machuque...

— Você acha que sou cruel o suficiente para machucar uma mulher moribunda?

— Não sei. Você realmente não vai machucá-la?

— Não.

— O-obrigado, papai.

— Se você realmente quer me agradecer, faça o que eu disse e esqueça o advogado britânico.

Meu peito desinfla.

— Não cabe a mim. Não posso. Ele me faz sentir especial, como se minha existência tivesse um significado. Ele não me vê como sua filha ou a princesa protegida da Bratva, ele me vê como eu. Apenas eu. E eu quero isso, papai.

Quero sair da sua sombra e da irmandade. Eu quero ser eu.

Eu engulo o ar depois de vomitar todas essas palavras. Eu não saberia dizer essas palavras se ele estivesse de frente para mim. Embora eu já esteja crescida, ele ainda é aquele homem divino que acabou com a vida do meu padrasto num piscar de olhos.

Papai se vira lentamente e espero raiva, mas sua expressão permanece imperturbável.

Espero que ele diga alguma coisa, mas a porta se abre e eu me assusto. Damien entra com aquela arrogância de gato preto dele.

— Sinto muito, chefe. — O guarda sênior do meu pai dá uma espiada. — Vou acompanhá-lo para fora.

Damien inclina a cabeça na direção do guarda.

— Em primeiro lugar, vá se foder. Em segundo lugar, vá se foder antes que eu te esfaqueie.

Papai faz um gesto para que seu guarda sênior saia e ele rosna para Damien.

— Espere no meu escritório com os outros, Orlov.

— Eu só quero dizer uma coisa e então sairei do seu alcance.

— O que? — Meu pai pergunta com uma nota de impaciência.

— Por mais que eu aprecie Nastyusha por ser uma amante de vodka, não posso me casar com ela.

Meus lábios se abrem e eu olho para Damien com os olhos arregalados. Nunca, em meus sonhos mais loucos, eu esperaria que ele recuasse. Não depois de ele ter dito que não iria criticar meu pai por algo que ele considera trivial: o casamento.

— Por que não? — A voz do papai endurece.

— Lembra daquela palavra que dei a Abe sobre se casar com a filha dele? Afinal, vou mantê-lo.

— Você estava bem em quebrá-lo não muito tempo atrás.

Um sorriso sombrio levanta os lábios de Damien e ele parece um anjo caído.

— Isso foi antes de eu saber quem é minha futura esposa.

— Isso não muda nada, Orlov.

— Sim, é verdade, Pakhan.

— Você está escolhendo um japonês em vez de um russo?

— Estou escolhendo os japoneses para nós. Acredite em mim, você vai gostar do que eu faço com essa porra toda. Além disso, Nastyusha adora aquele advogado e prefiro não matar um cidadão e fazer com que ela corte minha garganta enquanto durmo. — Ele sorri para mim. — Você me deve uma.

E com isso, ele se vira e sai, cantarolando uma música. Continuo olhando para as costas dele, mas isso só dura um segundo, até que o guarda do papai fecha a porta.

Antes que eu possa entender o que Damien disse, a voz entrecortada de papai chega até mim.

— Você vai se casar com Kirill ou Vladimir.

— Papai!

— Escolha um.

— Vlad é como meu irmão mais velho.

— Kirill então.

— Papai, por favor, não. Ele é ainda pior que Damien. Ele não é apenas astuto e manipulador, mas também me usará para se tornar o Pakhan.

— Que assim seja.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto.

— Isso é tudo que eu já fui para você? Um peão em um tabuleiro de xadrez? Um prêmio para o mais adequado?

Ele fica em silêncio por um momento antes de soltar um longo suspiro.

— Eu tenho câncer de pulmão, Nastyusha.

— O que?

— Estou em remissão, mas os médicos dizem que posso ter uma recaída a qualquer momento e talvez tenha de começar a contar os dias.

A sala balança, mas percebo que sou eu quando agarro a cadeira mais próxima e a uso como apoio. A informação que ele acabou de revelar arrepia minha pele repetidamente.

Papai tem câncer – ou costumava ter.

— Oh, Deus, é por isso que você queria me casar daquela vez, mas Rai se ofereceu para fazer isso? Você também queria escolher um novo Pakhan.

— Sim. Apenas Rai e Vladimir sabem da minha doença e mantivemos isso em segredo de todos os outros de propósito. Eu queria escolher alguém adequado

para você antes que meu tempo acabe.

Não penso nisso quando me aproximo dele até que estou tão perto que posso ver o quão pálida sua pele está. Agora que penso nisso, logo antes de sair, houve momentos em que ele se afastou de mim e até se recusou a me ver. E isso me doeu mais do que admiti. Doía ser apenas uma flor na casa dele.

— Por que você não me contou, papai?

— Porque eu não quero machucar você.

— Mas eu sou sua filha. Eu deveria cuidar de você.

— Você sempre me viu como forte e poderoso. Naquele dia em que atirei naquele canalha, você me olhou como se eu fosse um deus, e eu egoisticamente precisava que você continuasse me olhando dessa forma. Não quero que você me veja fraco e tossindo sangue.

— Eu não me importo... eu só quero estar ao seu lado como você esteve ao meu lado quando eu era jovem.

Ele me oferece a mão e eu a pego, fungando as lágrimas.

— Nastyusha… me escute. Você tem que se casar dentro da irmandade para permanecer protegida.

— Não, papai, não posso. Simplesmente não posso me casar com Kirill ou qualquer outra pessoa quando estou apaixonada por Knox. Isso vai me matar lentamente.

— Nastyusha…

— Por favor, dê uma chance a ele, papai. Por favor. Você ficaria surpreso ao ver até onde ele iria para me proteger e estar lá para mim.

— E se ele não tiver sucesso?

— Ele vai. — Eu não tenho dúvidas.

Porque percebi uma coisa hoje.

Knox e eu podemos pertencer a mundos diferentes, mas pertencemos um ao outro, e uma vez que ambos nos empenhemos nisso, nada poderá nos deter.

40



Knox

Eu quis dizer o que disse a Anastasia. Se ela não me ligar hoje, voltarei para lá, para os homens que ela teme e não quer desafiar.

O pai dela terá que devolvê-la para mim ou poderá muito bem atirar em mim. Essa é a única maneira de desistir dela.

Maldita morte.

Tento trabalhar normalmente, fingir que sou um ser humano funcional, embora cada neurônio esteja me incentivando a ir procurá-la.

Mais dez horas, digo a mim mesmo.

Só mais dez horas e irei procurá-la.

Minha mesa está lotada de casos desde que os julgamentos de Bell me tornaram famoso – mais do que antes – então tenho ainda mais pessoas querendo que eu os represente. Terei que analisar os detalhes e escolher quais irei assumir.

Tenho certeza de que serão casos para pessoas como eu–abusadas, quebradas e com sombras enchendo suas vidas vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Sempre pensei que esses casos não eram bons para mim; eles me desencadeariam, e foi por isso que recusei.

Eu costumava me colocar em primeiro lugar, sem me importar com o destino dos outros. Mas através do caso de Sandra, percebi o quão errado isso é. Sim, posso sentir dor, mas não à custa de ignorar a dor deles. Posso ter sombras, mas não devo ficar cego para as delas. Pode ter levado algum tempo para chegar a esta conclusão, mas antes tarde do que nunca.

E tudo isso por causa dela, a mulher que me disse que eu poderia ser a voz de

quem não tem voz. Um pouco como ela, um pouco como sua mãe.

Ela não desistiu, embora mal me conhecesse no início. Ela pressionou sem parar até que eu concedi.

Ela é resiliente desse jeito, minha Anastasia.

E agora voltei a pensar nela, em como ela me implorou para ir embora, como ela implorou e insistiu com aqueles olhos que não consigo parar de imaginar.

Não é a falta de trabalho que me mantém sentado na cadeira, com as mãos cruzadas atrás da cabeça e olhando para o teto.

Eu provavelmente deveria ter tirado o dia de folga e perseguido a casa dela, esperando que os guardas armados não cortassem minha cabeça.

E honestamente? Valeria a pena.

Quando contei a Daniel sobre meu plano para ontem à noite, ele me chamou de idiota maluco, então é melhor eu corresponder às expectativas.

A porta se abre e resisto à vontade de revirar os olhos. Falando da porra do diabo.

Ele fecha a porta com o pé e vem em minha direção, segurando o telefone e sorrindo como um idiota.

Ele remove seus AirPods e vem para o meu lado, depois segura o telefone. Na tela, estão todos de casa. Bem, não literalmente, mas a maioria deles.

Eles estão reunidos em uma enorme mesa de jantar na casa de Jonathan King. O sogro de Elsa e o pai de Aiden, que é ainda pior do que o desgraçado.

Jonathan está sentado com sua esposa muito mais jovem. Há Elsa e sua sombra–desculpe, marido–Aiden, e seu filho, Eli, que, infelizmente, está se tornando cada vez mais parecido com seu pai em vez de sua mãe. São aqueles genes King destrutivos, eu juro.

Ronan e Teal estão sorrindo para mim enquanto seguram Remi, que ri, e continua cantando:

— Nokth... Nokth...

Há também o resto do meu grupo de amigos da escola secundária, Xander e sua esposa Kim, e a filha deles, que esconde o rosto na camisa do pai.

O filho da puta silencioso com vibrações de serial killer, Cole, e a mulher que domesticou esse lado destrutivo dele, Silver.

E por último, mas não menos importante, o motivo desta ligação e quem está segurando o telefone, Astrid. Ela é a melhor amiga de Daniel e sempre o inclui

em tudo o que acontece em casa por meio de videochamadas ao vivo.

Seu marido, Levi, outro dos destrutivos Kings, continua observando-a enquanto segura simultaneamente seus filhos gêmeos. Percebo que é aniversário deles por causa do bolo enorme com "Landon" e "Brandon" escritos nele.

— Diga oi para meu *bug*, Knox! — Daniel diz em seu tom alegre.

— Você é meu *bug*, Dan! — Astrid protesta.

— Eu concordo com isso. Se alguém é um inseto, então é este. — Eu sorrio, acenando para T e Ron e eles acenam de volta. Meu cunhado está se exibindo como o bastardo atrevido que é e até mesmo fazendo seu filho participar.

— Esse é seu tio, Remi. E embora você possa amá-lo, você não pode ficar tão desesperado quanto ele, ok?

— Diz aquele que enviou mil mensagens pegajosas para sua esposa na escola secundária — brinca Xan.

Ron olha para ele.

— Ei! Você cala a boca antes que eu te exponha.

— Ainda tenho os *prints* de tela — continua Xan provocando.

— Eu também. — Aiden sorri, uma mão brincando com o cabelo do filho e a outra acariciando a mão de Elsa na mesa. Ele sempre tem que tocá-la de alguma forma.

— Comigo são três — Cole diz com uma cara perfeitamente séria, passando a mão em volta do ombro de Silver. — E eu poderia ter tirado uma foto de uma conversa recente e pegajosa também.

— Seu maldito...

— Linguagem na minha mesa, Astor — Jonathan diz em seu habitual tom severo.

— Apenas deixe-os em paz. — Aurora ri, entrelaçando os dedos nos dele. — É divertido.

— Querida Aurora — Ron começa em seu falso tom dramático. — Vou te mostrar o que é divertido quando eu queimar a próxima edição especial do livro de Cole.

— Não se você ainda precisa da sua vida — Cole diz tranquilamente.

— Ei. — Teal encara Cole. — Pare de se juntar a ele ou você terá que responder a mim.

— O que ela disse. Também irei processá-lo por sofrimento emocional, e meu querido cunhado vencerá o caso.

Levanto uma sobrancelha.

— O mesmo cunhado que você está dizendo ao seu filho para não ser igual quando crescer?

Ele ri, mas é um pouco forçado.

— Eu estava brincando… Escute, Remi, seu tio Knox é o melhor que existe. Você definitivamente pode se tornar como ele. — Então ele sussurra: — Não.

— Eu ouvi isso. — Eu olho. — E posso estar pensando em representar Cole neste caso.

— Nãooo — Ron diz dramaticamente. — Você também não, Knox.

A risada irrompe ao redor da mesa, e Dan e eu rimos também antes de ele gritar:

— Feliz aniversário, Lan e Bran. Seu tio favorito lhe envia os melhores votos.

Astrid desliga o telefone para ocupar a maior parte da foto.

— Você poderia estar aqui em vez disso.

— Eu tenho trabalho.

— É mais provável que ele não queira encontrar uma certa loira.

— Cale a boca. — Ele pega o telefone e continua conversando com Astrid na saída, mudando sutilmente de assunto.

Mas eu sigo atrás dele. O que? A melhor maneira de matar o tempo é irritar Dan.

Passo um braço em volta de seu ombro e entro na conversa.

— Ele está tão traumatizado que tem episódios de PTSD sempre que mando uma prostituta loira para a casa dele.

Há risadas do outro lado da linha, e Levi desliza para o lado de sua esposa, ainda segurando seus filhos.

— Eu disse que havia mais do que isso, princesa, mas você se recusou a acreditar em mim.

Uma carranca aparece em sua testa.

— É verdade, *bug*?

— Eles são todos pequenos filhos da puta que adoram instigar o caos. Não dê ouvidos a eles. — Ele tenta me empurrar para longe dele, mas eu aperto mais

enquanto Levi e eu o incentivamos enquanto Astrid tenta e não consegue ficar do lado dele.

Ele desliga assim que chegamos à porta e me lança um olhar feio.

— Você não pode parar?

— O que? — Eu sorrio. — Falando sobre seu trauma com uma certa loira?

— Se você não parar com esse comportamento de idiota, vou foder com você também.

— Por favor, diga, como você fará isso?

— Não tenho certeza, mas Anastasia e eu somos próximos. Vou descobrir alguma coisa.

— Como você vai, porra.

— Então pare de ser um idiota. — Ele me empurra. — E não mande mais prostitutas para minha casa.

— Eu decidirei isso de acordo com como você se comporta. — Abro a porta do meu escritório. — Agora, vamos irritar Sebastian ou Nate, porque estou entediado.

— Agora é disso que estou falando… — ele para, e todas as suas palavras e movimentos são interrompidos.

Sigo sua linha de visão e sorrio quando descubro o motivo de seu estado, depois aperto seu ombro.

— Meu Deus, Dan. Não foi aquela loira que fez você odiar todas as loiras?

Em vez da raiva que eu esperava, seus lábios formam um sorriso sombrio.

— A primeira e única.

***

Quando chego ao estacionamento da W&S, estou pronto para ir até a casa do Pakhan e sequestrar Anastasia, se for preciso.

Sim, ainda faltam algumas horas para o prazo, mas não houve notícias dela. Nem mesmo um pio.

E não tenho paciência para esperar mais.

Meus pés param quando me aproximo do meu carro. Dois homens altos e musculosos, de terno preto, estão parados na minha frente.

Um deles levanta a jaqueta, mostrando-me sutilmente sua arma enquanto

aponta para um carro preto com vidros escuros que está estacionado perto do meu.

Não preciso me perguntar quem é. Deve ser o pai de Anastasia ou alguém próximo a ele.

Um dos guardas me revista, confisca minha pasta, depois me empurra, não tão gentilmente, na direção do carro e abre a porta. Com certeza, o pai de Anastasia está sentado no banco de trás com uma postura ereta e sua visão focada no futuro.

— Se você tivesse me dito que viria, eu teria feito reservas em um bom restaurante — falo calmamente.

— Abandone o sarcasmo. Já tenho um bastardo inglês que é excelente nisso. Eu não preciso de outro.

Eu me endireito, olhando para ele. Isso significa que ele vai me aceitar como membro de sua família? Por alguma razão, pensei que teria que provar um pouco mais a ele.

— Por que você quer ficar com minha filha? Pense bem antes de responder.

— Eu não preciso. Sua filha é a mulher que acrescentou propósito à minha vida e não consigo mais imaginar isso sem ela...

— Essa é uma razão muito egoísta.

— Isso é porque você não me deixou terminar. Sua filha é a mulher que me torna um homem completo, com defeitos e tudo, e eu a protegerei com minha vida se for preciso.

— E se você não puder?

— Eu posso. — Não há dúvida em minha mente e em meu tom.

— Eu sou o *Pakhan* da Bratva Russa. Você sabe o que isso significa?

— Que você está tentando me intimidar.

— Que ela está sob constante ameaça por ser minha filha. É por isso que quero que ela se case com alguém da irmandade, alguém que não hesitaria em puxar um gatilho para mantê-la segura.

— E você acha que eu faria isso se a vida dela estivesse em perigo?

Ele levanta uma sobrancelha.

— Você está do lado da lei, não contra ela.

— Não se deixe enganar pelos estereótipos. A maioria de nós não poderia se

importar menos sobre a lei. Nós apenas a usamos.

— E se eu lhe disser que a única maneira de estar com ela é se você se tornar completamente um fora da lei.

— Eu adoraria, mas isso apenas manteria Anastasia na vida que ela odeia, então não posso fazer isso.

Ele faz uma pausa, levantando uma sobrancelha.

— Tem certeza que quer me dizer isso?

— Sim, e você também sente isso. No fundo, você sabe que ela precisa se afastar do seu mundo, mesmo que apenas parcialmente.

— E se eu recusar.

Levanto um ombro.

— Então continuarei convencendo você até que você concorde ou... concorde.

Seus lábios se contraem em um sorriso. É pequeno e quase imperceptível, mas sei que estou chegando a algum lugar com ele.

E eu quero dizer isso.

Ou ele me deixa ficar com ela ou vou sequestrá-la para fora deste país.

41



Anastasia

Papai não está cedendo.

Ele ainda me mantém em prisão domiciliar e se recusa a me deixar sair, exceto quando estou cercada por mil e um guardas. Vlad também está do lado dele, então ele está aumentando a segurança um entalhe.

Rai tentou colocar algum juízo neles, mas nenhum dos dois estava ouvindo. Ela me disse para ser paciente e disse palavras ambíguas sobre como as coisas não são o que eu penso.

Mas isso dificilmente me deu qualquer esperança. O único que me deu um pedaço foi Adrian, quando o ouvi dizer a Kirill que convenceria papai a aceitar a oferta de Knox pelo bem da Bratva e da V Corp.

Se há alguém que conheço que seria capaz de mudar a opinião de papai, é ele. No entanto, ele parece estar demorando muito com isso e não tenho certeza se vou conseguir aguentar mais.

Já se passou uma semana desde que Knox invadiu nossa casa, como se tivesse todo o direito de fazê-lo, como se não pudesse se importar menos com a pintura assustadora na entrada ou com as pessoas mais aterrorizantes dentro das paredes desta mansão.

Se eu fosse ele, teria corrido para o outro lado, como estou acostumado. Mas Knox nunca foi do tipo que foge. Ele pode ter se escondido por algum tempo, mas não fugiu. Na verdade.

No dia seguinte, como não entrei em contato com ele, esperava que ele entrasse pela porta novamente e exigisse coisas do papai.

Mas ele não o fez.

Foi aí que a dúvida começou a surgir. Talvez ele tenha caído em si e percebido que não deveria se envolver com alguém como eu.

Certamente, não vale a pena arriscar sua vida nas mãos da Bratva. Certamente, qualquer pessoa com lógica o convenceria de que ele não deveria estar comigo.

E embora isso seja tudo que eu sempre quis desde que parti, um peso pressiona meu peito com a ideia de perdê-lo. E às vezes, como agora, não consigo respirar. Não importa que desde que papai me devolveu o acesso ao meu laptop, eu tenho criado mais sistemas do que deveria ser saudável e espionado as contas de mídia social dele e de Dan.

Sei que a coisa certa a fazer é desistir, deixá-lo viver sua vida como um advogado famoso e não arrastá-lo para baixo com meus negócios obscuros de família. Eu deveria assistir de longe e obedecer aos desejos de papai, mas o simples pensamento de outro homem além de Knox me tocando traz náusea à minha garganta.

É ainda pior imaginá-lo com outra mulher. Isso me comeria vivo.

Ouve-se uma batida na porta e murmuro um "Entre" sem quebrar o contato visual com a tela.

— Ana! — A voz estranhamente alegre de Rai me faz olhar para ela.

Ela fica na porta com a mão na barriga crescente e sorri tanto que seria contagioso em qualquer outra circunstância.

— O que é isso, Rai?

— Tio-avô está perguntando por você na sala de jantar.

— Não… Rai… por favor, pare-o. Ele vai me fazer casar com Kirill e você sabe o quão manipulador ele é. Ele vai me engolir viva e eu não posso... não posso simplesmente me casar com ele quando tenho outra pessoa em meu coração...

— Ei. — Ela está ao meu lado em um segundo. — Não haverá nada disso de casar com aquela astuta raposa Kirill, não se eu tiver que revelar seu segredo para impedir isso.

— Que segredo?

— Você não precisa se preocupar com isso. Apenas saiba que isso não vai acontecer. Além disso, tenho certeza de que não é por isso que o tio-avô está

perguntando por você.

Eu franzo a testa.

— Então o que é?

— Você saberá quando chegar lá. — Ela gentilmente, mas com firmeza, me levanta e depois alisa meu cabelo que está preso em um coque.

Devo parecer uma merda de pijama e rosto sem maquiagem, mas minha aparência é a última coisa em que penso atualmente.

Rai entrelaça a mão dela com a minha e me leva para baixo. O guarda do papai me encara de forma estranha e eu atribuo isso à minha aparência nada lisonjeira.

Quando Rai abre a porta, porém, a razão por trás da reação de todos se materializa na minha frente.

À direita de papai, no lugar reservado para Vlad, está sentada a última pessoa que eu esperava ser convidada para nossa mesa de jantar.

Ele está vestindo um terno marrom elegante que realça a cor avelã intensa de seus olhos com aquele anel dourado com o qual tenho sonhado ultimamente.

Não faz muito tempo desde a última vez que o vi, mas ele parece um pouco diferente – mais largo, mais nítido e com um rosto que exala masculinidade e charme.

A maturidade também, eu percebo. No espaço de uma semana, ele parece ter envelhecido e se tornado mais sábio. Ou talvez seja eu quem tenha feito isso.

— Knox — eu sussurro, incapaz de acreditar no que vejo.

Seus lábios abrem aquele sorriso carismático que eu nunca pude resistir.

— Ei, linda.

Olho para ele e papai, depois para Rai, culpando-a secretamente por não me deixar um pouco mais apresentável quando ela sabia quem estava aqui.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto a Knox, mas olho para papai, com um pouco de medo de que ele ordene que seu guarda sênior, que fica atrás dele como uma parede, afaste Knox.

— Sergei me convidou.

Quase engasgo com minha própria saliva. Ele acabou de dizer que papai o convidou? Além disso, por favor, diga-me que ele não o chamou apenas pelo primeiro nome. Somente os líderes da Bratva estão autorizados a fazer isso e nunca na cara dele.

Caramba, até o marido de Rai, um rebelde completo, nunca fez isso.

Minha atenção voa para papai, esperando que ele atire em Knox, mas ele permanece em seu elemento, nem mesmo parecendo ofendido.

— Você o convidou? — Eu sussurro.

— Sim. Ele é um parceiro de negócios agora.

Não consigo processar isso, então apenas fico olhando, estupefato. Isso significa que papai o aceita?

— E? — Knox pergunta com um sorriso travesso.

— Um possível genro — diz papai.

— Ei, não é "possível". Definitivamente. Foi você quem disse que terei que me casar com alguém da sua família.

Papai limpa a garganta e Rai ri ao meu lado. Eles... não disseram apenas o que eu acho que disseram, certo?

Não tenho a chance de processar mais antes que papai se levante e venha em minha direção, com seu guarda atrás dele.

Quando ele está perto, ele estende a mão e dá um tapinha na minha cabeça. E por apenas um segundo, sinto-me novamente como aquela garotinha, aquela que saiu de debaixo da mesa quando matou meu padrasto. Ele deu um tapinha na minha cabeça também, antes de me oferecer a mão, e mesmo que estivesse ensanguentada, eu a peguei.

Porque ele é meu pai.

Não importa o quão monstruoso o mundo o veja, ele sempre será o deus que me salvou de uma vida de abusos.

— Você merece muito mais do que posso lhe oferecer, Nastyusha — ele me diz. — Mas se ele te machucar de alguma forma, vou fazer dele um exemplo.

— Papai... — Eu engasgo com as lágrimas, então pego sua mão livre e beijo suas costas. — Obrigada. Obrigada.

Ele acaricia meu cabelo por mais alguns segundos, depois me solta e sai com a guarda. Rai pisca para mim antes de correr atrás dele.

— Espere por mim.

Papai a agarra pelo braço.

— Não corra ou você machucará o bebê.

Ela sorri com isso e eu sorrio um pouco, mas logo desaparece quando sinto

uma respiração quente em meu pescoço.

Eu me viro abruptamente e meu ar fica preso na garganta quando estou cara a cara com aqueles olhos castanhos dourados.

Ele se aproxima de mim e fecha a porta. Juro que posso ouvir seu som retumbante em meu peito.

— Sentiu minha falta, linda?

— O que aconteceu? — É difícil respirar e muito menos falar quando seu corpo está a poucos centímetros do meu e seu calor está me inundando. — Como é que papai concordou?

— Eu tenho me encontrado com ele desde a primeira vez que ele me pegou saindo do seu quarto. Demorou muito para ser convencido, mas ele estava sendo difícil sobre algo que nós dois queríamos. Ele sabe que você está melhor longe do mundo dele e que sou eu quem pode lhe oferecer essa vida. Então ele sugeriu que nos casássemos.

— V-você não precisa fazer isso só pelo papai. Eu posso falar com ele...

— O que você está falando? Você acha que eu não gostaria de me casar com você?

Meus lábios se abrem e eu me atrapalho com as palavras.

— Você quer?

— Que tipo de pergunta é essa? Claro que eu quero. Podemos ter começado comigo fodendo você até a morte, mas com o tempo, você se tornou a mulher sem a qual não consigo imaginar minha vida. Você se tornou minha mulher, Anastasia, e pretendo mantê-la.

Eu fungo, o ataque de emoções ricocheteando em meu peito.

— Mesmo que eu tenha escondido minha identidade de você?

— Mesmo assim. Foi quando eu soube que você era minha, e não há como mudar isso.

— Mas minha família...

— Eu não poderia dar a mínima para sua família. Você é a única com quem me importo. Além disso, também tenho uma família grande e eles estão mais do que prontos para aceitá-la como membro. Podemos ser um pouco loucos, só para você estar avisada.

— Ah, Knox... eu te amo.

Ele faz uma pausa, um brilho brilhando profundamente em seus olhos.

— Você ama?

— Sim, acho que estou me apaixonando por você desde a primeira vez que te vi.

— Estou obcecado por você há tanto tempo. A princípio não percebi a natureza desses sentimentos crescendo dentro de mim, mas agora percebo. Eles são mais fortes que o amor, linda, são ainda mais poderosos do que qualquer coisa que já experimentei e seria um tolo se os ignorasse. Você me ensinou a não ignorar as partes feias de mim mesmo. Inferno, você até gostou delas e me tornou a melhor versão de mim mesmo.

— Você também me tornou a melhor versão de mim mesma. Você me ajudou a encontrar minha própria força e não consigo imaginar minha vida sem você.

— Você sempre foi forte. Só porque estava fervendo sob a superfície não significa que não estava lá.

— E só porque você teve um passado traumático, não significa que não possa superá-lo. — Eu acaricio seu rosto. — Estarei com você em cada passo do caminho.

— Eu com certeza vou.

— Você realmente vai me ter?

— A verdadeira questão deveria ser: você me aceita, linda?

— Para o resto da minha vida, Knox.

— Bom, porque eu não aceitaria um não como resposta. — Ele abre os braços e eu mergulho direto.

Mergulho no lugar que me faz sentir desejada, segura e viva. O lugar do qual nunca sairei.

EPÍLOGO



Knox

DOIS ANOS DEPOIS

— Estou lhe dizendo, Ana, costumávamos bater na bunda dele — Ron diz com sua dramatização exagerada de costume e T balança a cabeça.

Minha esposa, que está aconchegada em meu colo, ri. Ela adora sempre que Ron ou Dan contam histórias sobre o passado, e é por isso que ela se dá muito bem com eles e exige que visitemos o Reino Unido sempre que pudermos.

E sim, ela é minha esposa agora. Anastasia Van Doren. Casei-me com ela alguns meses depois que Sergei me deu luz verde. Eu teria feito isso antes, antes que ele mudasse de ideia, mas havia muita coisa acontecendo na Bratva, então tivemos que esperar.

Embora minha linda esposa mantenha contato com seu primo-avô e o idiota mal-humorado Vladimir, na verdade estamos isolados de suas guerras internas e externas.

Sergei fez questão de mantê-la longe de tudo, conforme sua vontade, mas ela ainda o visita o tempo todo, verificando sua saúde.

Anastasia não sabe disso, mas ela é uma princesa da máfia por completo. Sempre que surge a oportunidade, ela ainda ajuda os líderes quando eles precisam de alguma invasão e se preocupa se eles estão ou não em perigo.

Só porque ela estava fora de casa não significa que ela esqueceu de onde veio, e eu adoro isso nela.

Eu amo como ela é extremamente leal e defende seus amigos, ou seja, Gwen, Sandra e minha irmã.

Sim, a normalmente fechada T não passa um dia sem perguntar sobre Anastasia. Quando ela não atende o telefone, Teal me liga e me diz para passá-lo para Ana, sem perguntar sobre mim. A traidora.

Nem será preciso dizer que normalmente desligo, porque a minha mulher é uma mulher ocupada e não estou preparado para partilhar o seu tempo livre com mais ninguém. Ela abriu sua própria empresa de TI, que trabalha em estreita colaboração com diversas empresas, incluindo a V Corp. Ela é um gênio absoluto, então não tive dúvidas de que ela se sairia bem, mesmo que o começo tenha sido um pouco difícil.

Demorou algum tempo para me adaptar à nova rotina, principalmente com meu trabalho exigente e a quantidade de casos que recebia. Em algum momento, tive que limitar o número e encaminhar muitos para Lauren.

Ela é uma excelente advogada e uma ativista dedicada, então sei que qualquer vítima de abuso sexual ou doméstico estará em boas mãos com ela – se Sandra Bell servir de indicação.

A jovem assustada e com olhos assombrados também é agora uma mulher de negócios de sucesso e uma ativista. Ela se encontrou com Lauren alguns meses após o julgamento e elas mantêm um relacionamento feliz desde então.

Anastasia e eu ainda nos encontramos com elas sempre que possível. Elas são amigos íntimos e a empresa de Sandra foi o primeiro cliente da minha esposa quando ela estava começando.

Ela levou algum tempo para se levantar. Mas eu estava lá para ela em cada passo do caminho, como ela estava lá para mim quando eu precisei dela. Mas ela não precisava muito da minha ajuda, porque ela é brilhante nesse aspecto.

Mesmo que eu não seja fã da ideia de compartilhá-la, não posso deixar de acariciar sua barriga sempre que posso. Mesmo agora.

Anastasia está grávida de quatro meses e nunca a vi tão extasiada como quando me deu a notícia. Foi cerca de um ano depois que sua *babushka* morreu pacificamente enquanto dormia, logo depois que a visitamos juntos.

Anastasia disse que este bebê foi um presente, pois ela sempre quis ser uma mãe como ela e sua avó substituta.

Teal e Elsa voaram para Nova York no dia em que souberam da notícia, acompanhadas de seus maridos e filhos. Foi selvagem e irritante, já que eles roubaram toda a sua atenção e não queriam calar a boca.

Aiden, Ronan e eu poderíamos ter ficado de mau humor enquanto as

mulheres faziam suas próprias coisas, ao que Aiden me disse:

— Isso é tudo culpa sua, filho da puta. Você apenas teve que engravidá-la e anunciar.

— Como você fez com Elsa, você quer dizer.

— Eu não deixei ninguém visitar, deixei? — Ele tinha razão.

Agora é mais um daqueles momentos, mas estamos apenas com Ronan e T na casa deles. Aiden deixou seu filho com papai e Agnus, depois levou Elsa para algum lugar que nenhum de nós pode alcançar.

— Você vai calar a boca, Ron? — pergunto quando ele continua seu monólogo.

— O que? — Ele se recosta no sofá e toma um gole de cerveja. — Com medo de que ela descubra o quanto você é um perdedor?

— O único perdedor é alguém que enviou mensagens muito pegajosas para minha irmã e foi ignorado.

— Realmente? — Remi pergunta, com os olhos arregalados.

Ronan o levanta e o coloca em seu colo.

— Agora, campeão, não acreditamos em tudo que seu tio Knox diz, ok?

— Mas é verdade — diz Teal com uma expressão impassível.

— *Ma Belle*! Você deveria ficar do meu lado.

— Não quando você está errado, querido. — Ela sorri dessa vez e posso ver o momento exato em que a expressão dele se suaviza, e ele a puxa para o lado, abraçando-a e Remi.

Eu faço o mesmo, apertando ainda mais a cintura de Anastasia até que ela se contorce.

— Eu machuquei você? — Eu sussurro, imediatamente afrouxando meu aperto.

— Não. — Ela sorri daquele jeito brilhante que me apunhala direto no intestino.

Não faço ideia se são os hormônios ou o quê, mas ela ganhou um tipo de beleza irresistível desde que engravidou. Seus olhos azuis são mais brilhantes, seu cabelo loiro é mais brilhante e ela tem um brilho do qual não me canso.

— O que é isso? — Eu franzo a testa quando ela continua se contorcendo. Seus lábios encontram a concha da minha orelha e eu fico duro pra caralho

devido apenas aos seus movimentos.

— Eu preciso de você. — Bem, porra.

Adoro quando ela diz coisas assim. Anastasia pode ter sido tímida no começo, mas agora ela não hesita em me dizer o que quer de mim, e isso é o que mais me excita.

— Precisa de mim como? — Eu provoco.

— Knox!

— Que foi, linda?

— Foda-me — ela murmura, depois engole em seco, lançando um olhar para T e Ron, que estão ocupados brincando com seu filho.

— Oh, farei mais do que foder você. — Eu agarro um punhado de sua bunda e ela abafa um gemido.

Então eu a levanto em meus braços e a levo para longe de todos os outros.

É hora de reivindicar minha esposa de novo e de novo. Ela é minha e eu sou dela, até que a morte nos separe.

Siga as nossas redes sociais e fique por dentro dos próximos lançamentos:

✔ **TIKTOK:** https://www.tiktok.com/@allbookeditora

✔ **FACEBOOK:** https://www.facebook.com/AllBookEditora

✔ **INSTAGRAM:** https://www.instagram.com/allbookeditora/

✔ **TWITTER:** https://twitter.com/AllBookEditora

✔ **YOUTUBE:** https://www.youtube.com/@allbookeditora

Após a leitura, não deixe de avaliá-la.

E não esqueça de se cadastrar na nossa newsletter para não perder nenhuma novidade.
https://www.allbookeditora.com/newsletter